MICHEL BUSSI

Mais de 800 mil livros vendidos



O VOO DA LIBÉLULA

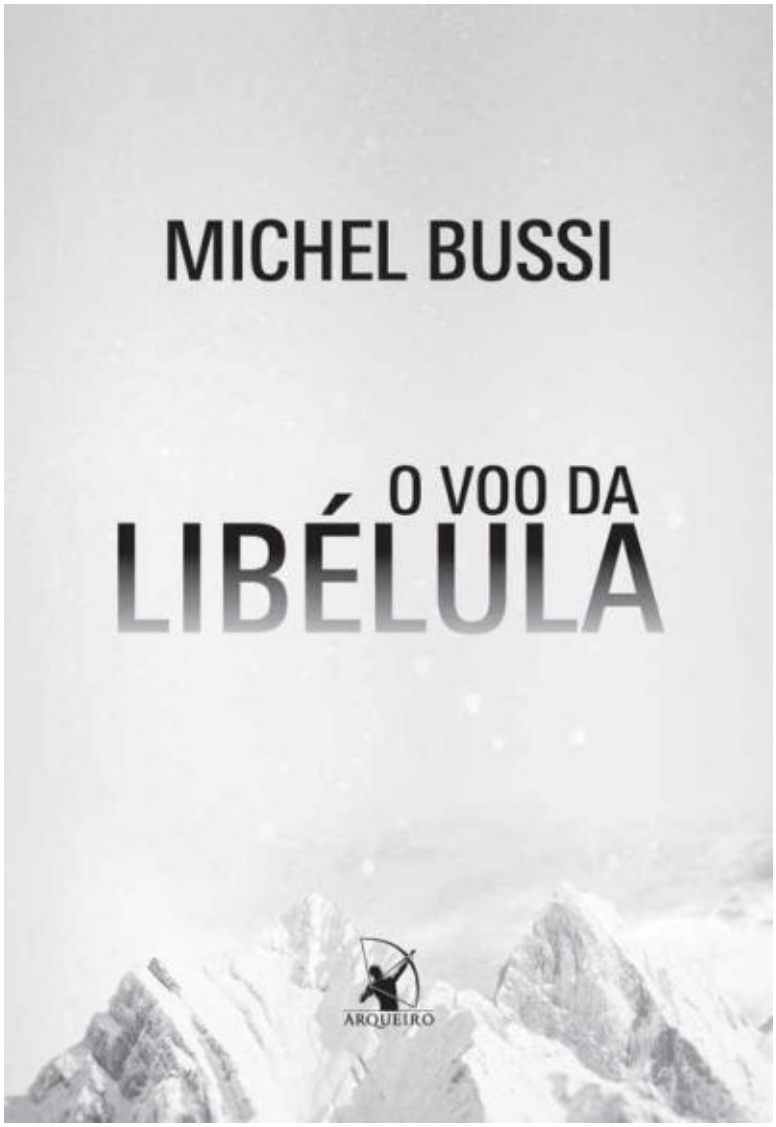
Duas bebês, um trágico acidente de avião,
só uma sobrevive. Qual delas?

ARQUEIRO

O VOO DA LIBÉLULA

MICHEL BUSSI

O VOO DA LIBÉLULA



ARQUEIRO

Título original: *Un Avion Sans Elle* Copyright © 2012 por Presses de Ia Cité, um selo de Place des Editeurs Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fernanda Abreu *preparo de originais:* Juliana Romeiro *revisão:* Gabriel Machado e Rachel Agavino *projeto gráfico e diagramação:* Valéria Teixeira *capa:* Retina78

eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
B988v

Bussi, Michel

O voo da libélula [recurso eletrônico] / Michel Bussi [tradução de Fernanda Abreu]; São Paulo: Arqueiro, 2014.

recurso digital

Tradução de: Un avion sans elle Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-8041-367-0 (recurso eletrônico) 1. Ficção francesa. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

CDD: 843

14-18303

CDU: 821.133.1-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 — conjuntos 52 e 54 — Vila Olímpia 04551-060 — São Paulo — SP

Tel.: (11) 3868-4492 — Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Para Malou, pequena libélula
nascida junto com esta história

23 DE DEZEMBRO DE 1980, 0H33

O Airbus 5403 que fazia a rota Istambul-Paris perdeu altitude. Mergulhou quase mil metros em menos de dez segundos, praticamente na vertical, antes de voltar a se estabilizar. A maioria dos passageiros dormia. Acordaram todos sobressaltados, com a aterrorizante sensação de terem cochilado no carrinho de uma montanha-russa.

O que interrompeu na hora o sono leve de Izel não foram os sobressaltos do avião, mas os gritos. Nos quase três anos desde que havia começado a percorrer o mundo trabalhando para a Turkish Airlines, já estava acostumada com tempestades e bolsões de ar. Era hora do seu intervalo. Fazia menos de vinte minutos que estava dormindo. Mal abriu os olhos, viu a colega de turno, Meliha, uma senhora, inclinar na sua direção o decote apertado.

— Izel? Izel! Acorda! A situação está complicada. Parece que tem um temporal lá fora. Visibilidade zero, segundo o comandante. Cuida do seu corredor?

Izel exibiu uma expressão cansada de aeromoça experiente, que não entra em pânico por tão pouco.

Levantando-se do assento, ajeitou o uniforme, puxou a saia um pouco mais para baixo, e admirou por um segundo o reflexo de seu belo corpo no monitor desligado à sua frente antes de partir em direção ao corredor da direita.

Apesar de já não gritarem, os passageiros acordados tinham os olhos arregalados, mais de surpresa do que de preocupação. O avião seguia instável. Izel começou a se inclinar calmamente junto a cada um.

— Está tudo bem. Não tem problema algum. Só estamos atravessando uma nevasca acima da cordilheira do Jura. Daqui a menos de uma hora estaremos em Paris.

Seu sorriso não era forçado. Na sua cabeça, já estava em Paris. Passaria três dias na cidade, até o Natal. Estava animada feito uma criança diante da perspectiva de bancar a istambulense liberada na capital francesa.

Concentrou-se em tranquilizar sucessivamente um menino de 10 anos agarrado à mão da avó; um jovem executivo de camisa amarrotada com quem teria gostado de esbarrar no dia seguinte, passeando pelos Champs-Élysées; uma turca cujo véu, decerto mal posicionado devido ao despertar brusco, lhe tapava metade dos olhos; e um velho todo encolhido, com as mãos unidas entre os joelhos, que a fitou com um olhar de súplica.

— Está tudo bem. Garanto ao senhor.

Izel avançava com calma pelo corredor quando o Airbus se inclinou novamente para um dos lados.

Ouviram-se alguns gritos. Um rapaz sentado à sua direita, segurando um walkman com as duas mãos, perguntou bem alto, em tom de ironia fingida: — E o looping, quando é?

Foi respondido por risadas tímidas, logo seguidas pelo choro de um bebê. A criança estava deitada em um moisés bem na frente de Izel. A apenas alguns metros. A aeromoça pousou os olhos na menina de poucos meses, usando um vestido branco estampado com florezinhas cor de laranja por baixo de um suéter de lã creme em ponto corrente.

— Minha senhora, não — interveio ela. — Não!

Sentada bem ao lado da menina, a mãe estava soltando o cinto de segurança para se curvar na direção da filha.

— Não — insistiu Izel. — É preciso ficar com o cinto afivelado. É obrigatório. É…

A mãe nem sequer se deu ao trabalho de se virar, quanto mais de responder à aeromoça. Seus longos cabelos soltos caíram dentro do moisés. A neném gritou mais alto ainda.

Sem saber ao certo o que fazer, Izel se aproximou.

O avião tornou a perder altitude. Três segundos, mais mil metros talvez.

Gritos breves soaram, mas a maioria dos passageiros permaneceu calada. Sabiam que o movimento do avião não estava mais sendo provocado apenas por uma simples ventania de inverno. Com o tranco, Izel caiu de lado, pressionando com o cotovelo o walkman contra o peito do rapaz à sua direita e o deixando sem ar. Sem tempo para pedir desculpas, levantou-se. Logo à sua frente, a neném de três meses continuava a chorar. A mãe tornou a se curvar na direção da filha e começou a soltar o cinto de segurança da menina…

— Não, minha senhora! Não…

Izel resmungou um palavrão. Com um gesto automático, puxou a saia que havia se levantado acima da meia-calça, agora com um fio puxado. Que situação! Seus três dias e duas noites de prazer em Paris seriam bem merecidos!

Depois disso, tudo aconteceu muito depressa.

Por um breve instante, em algum lugar da aeronave um pouco mais adiante à sua esquerda, Izel pensou ter ouvido outro choro de bebê, como um eco. A mão nervosa do rapaz do walkman roçou o náilon cinza que cobria as coxas da aeromoça. O velho turco havia passado um braço em volta dos ombros da mulher de véu e tinha a outra mão erguida para Izel, em súplica. Logo à sua frente, em pé, a mãe estendia os braços para envolver a filha, agora liberta do cinto do moisés.

Foram as últimas imagens antes da colisão, antes de o Airbus se chocar contra a montanha.

O choque projetou Izel 10 metros adiante, contra a saída de emergência. Suas lindas pernas cobertas pela meia cinza se torceram como os membros de uma boneca de plástico nas mãos de uma menina sádica; o busto magro foi esmagado contra a fuselagem; a têmpora esquerda explodiu na quina da porta.

Izel morreu na hora. Nisso teve mais sorte do que os outros.

Não viu as luzes se apagarem. Não viu o avião ser esmagado feito uma reles lata de refrigerante ao se chocar contra uma floresta de árvores que, uma a uma, pareciam se sacrificar para diminuir a velocidade insana do Airbus.

Quando tudo parou, enfim, ela não sentiu o cheiro de querosene se espalhar. Não sentiu dor alguma quando a explosão estraçalhou seu corpo, assim como os dos 23 passageiros mais próximos.

Nem gritou quando as chamas invadiram a cabine, encurralando lá dentro os 145 sobreviventes.

D E Z O I T O
A N O S
D E P O I S

1

29 DE SETEMBRO DE 1998, 23H40

Agora vocês sabem tudo.

Crédule Grand-Duc suspendeu a caneta e deixou o olhar se perder à sua frente, nas águas claras do imenso viveiro. Por alguns instantes, seus olhos acompanharam o voo desesperado da libélula-arlequim que havia lhe custado quase 2.500 francos menos de três semanas antes. Uma espécie rara, entre as maiores do mundo, réplica fiel de sua ancestral pré-histórica. O inseto comprido voava de um vidro a outro em meio a um frenético enxame de várias dezenas de outras libélulas. Todas presas. Encurraladas.

Todas sentiam estar morrendo.

A caneta tornou a tocar o papel. A mão de Crédule se agitou, nervosa.

Registrei neste caderno todos os indícios, todas as pistas, todas as hipóteses. Dezoito anos de investigação. Tudo anotado nestas cem páginas. Se vocês as tiverem lido com atenção, agora sabem tanto quanto eu. Talvez sejam mais perspicazes. Talvez sigam um caminho que negligenciei. Talvez encontrem a chave, se é que ela existe. Talvez …

Por que não?

Para mim, está acabado.

A caneta se ergueu e estremeceu alguns milímetros acima do papel. Os olhos azuis de Crédule Grand-Duc tornaram a se perder no vidro liso do viveiro, depois se deslocaram em direção à lareira, onde labaredas compridas devoravam um emaranhado de jornais, papéis e caixas-arquivo de papelão, antes de pousarem novamente no caderno. A caneta deslizou.

Dizer que não tenho arrependimentos nem remorsos seria um exagero, mas fiz o melhor que pude.

Crédule Grand-Duc passou vários segundos encarando essa última linha, em seguida fechou devagar o caderno verde-claro.

Fiz o melhor que pude, repetiu para si mesmo, enfim satisfeito com sua conclusão.

23H43

Guardou a caneta dentro de um pote à sua frente e pegou no lado direito da escrivaninha um *post-it* amarelo, que colou na capa do caderno. Esticou a mão outra vez em direção ao porta-lápis, pegou um marca-texto e escreveu no pedacinho de papel com uma caligrafia graúda: *Para Lylie*. Empurrou o caderno para junto da borda da escrivaninha e se levantou.

Seu olhar se demorou alguns instantes sobre a mesa: em cima dela reluzia uma plaquinha de cobre.

Com ironia, leu os dizeres: *Crédule Grand-Duc, detetive particular*. Abriu um sorriso desencantado.

Havia muito tempo que todo mundo só o chamava de Grand-Duc, e ninguém mais usava aquele nome de batismo ridículo. Ninguém, exceto talvez Émilie e Marc Vitral. E, mesmo assim, isso foi antes, quando todos eram mais jovens. Já fazia uma eternidade.

Andou até a cozinha. Deu uma última olhada na direção da pia de inox cinza, do piso de lajotas brancas octogonais, dos armários de madeira clara. Todos os elementos estavam em perfeita ordem, lustrados e arrumados; qualquer vestígio de uma vida anterior tinha sido meticulosamente removido, como uma casa alugada que é preciso devolver ao dono. Grand-Duc era minucioso até o fim, até o último suspiro. Sabia disso. O fato explicava muita coisa. Na verdade, explicava tudo.

Virou-se e andou em direção à lareira até quase sentir o calor lamber as mãos. Curvou-se e jogou duas caixas-arquivo dentro do fogo. Recuou para escapar do jorro de centelhas.

Um beco sem saída…

Havia dedicado milhares de horas a investigar cada mínimo detalhe daquele caso… Todos os indícios, as anotações e pesquisas agora estavam virando fumaça. Os rastros do caso desapareceriam em poucas horas.

Dezoito anos de investigação para nada.

Quanta ironia…

Toda a sua vida resumida àquele auto de fé do qual ele era a única testemunha.

23H49

Dali a onze minutos, Lylie faria 18 anos, pelo menos oficialmente… Quem era ela? Grand-Duc ainda não tinha certeza alguma em relação a isso. Assim como no primeiro dia, havia cinquenta por cento de chance. Cara ou coroa.

Lyse-Rose ou Émilie?

Ele havia fracassado. Mathilde de Carville havia desperdiçado uma fortuna, dezoito anos de salário, a troco de nada…

Andou até a escrivaninha e se serviu mais uma dose de vinho amarelo. Quinze anos de idade, a reserva especial de Monique Genevez, no final das contas talvez a única boa lembrança daquela investigação. Sorriu ao levar o copo à boca. Não tinha nada do clichê do velho detetive alcoólatra; pelo contrário, era mais do tipo a visitar a adega com parcimônia, só em ocasiões importantes. Aquela noite era uma dessas ocasiões: o aniversário de Lylie. E seus últimos minutos de vida.

O detetive bebeu o copo num gole só.

Aquela era realmente uma das raras sensações que lhe deixariam saudade, o gosto inimitável do vinho amarelo atravessando seu corpo, a queimação de uma dor deliciosa que o fazia esquecer, enquanto durasse o efeito, aquela obsessão, aquele enigma sem resposta ao qual tinha dedicado a vida.

Pousou o copo sobre a escrivaninha e mudou o caderno verde-claro de lugar, hesitando em abri-lo uma última vez. Observou o *post-it* amarelo: *Para Lylie*.

Sobraria aquele caderno, aquelas cem páginas redigidas ao longo dos últimos dias. Para Lylie, para Marc, para Mathilde de Carville, para Nicole Vitral, para a polícia, para os advogados, para quem quisesse mergulhar naquele abismo…

Uma leitura fascinante, sem dúvida. Uma verdadeira obra-prima, uma investigação policial de tirar o fôlego… Estava tudo ali.

Menos o fim.

Era como se houvesse escrito um livro policial e arrancado a última página, um thriller cujas cinco últimas linhas tivessem sido apagadas.

Um embuste…

Decerto os futuros leitores se julgariam mais espertos do que ele, insistiriam… pensariam ser capazes de encontrar a solução.

Afinal de contas, ele também pensara assim. Sempre tivera uma espécie de certeza de que havia uma prova, de que era possível solucionar a equação, de que deixara passar alguma coisa. Uma impressão, nada além de uma impressão, mas tão tenaz… Essa segurança lhe dera forças para aguentar até aquele dia,

quando Lylie faria 18 anos, dali a dez minutos. Talvez essa ilusão fosse apenas fruto de seu inconsciente, para impedi-lo de mergulhar no desespero total; teria sido muito cruel passar todos aqueles anos buscando a chave de um problema sem solução.

Fiz o melhor que pude, releu o detetive. O resto agora não lhe dizia mais respeito.

Deu uma última olhada no recinto. Conteve-se para não guardar a garrafa vazia e o copo usado, e novamente sorriu para si mesmo. Os policiais e os legistas que examinassem seu corpo dali a algumas horas não iriam se preocupar com um copo sujo. Seu sangue e seus miolos iriam se espalhar em uma poça grudenta sobre o tampo de mogno e o piso de tábua corrida encerado. Iriam emporcalhar tudo. Se o seu sumiço demorasse a ser notado, alternativa mais provável (quem, afinal, iria sentir sua falta?), seria o fedor do cadáver que chamaria a atenção dos vizinhos, um defunto em decomposição coberto com os excrementos dos insetos necrófagos que já teriam começado a se banquetear.

Mais motivo ainda, pensou Grand-Duc.

Abaixando-se, jogou na lareira um pedacinho de papelão que havia escapado das chamas.

Sua última nobreza.

Bem devagar, caminhou até a escrivaninha de mogno situada no canto da sala oposto à lareira. Abriu a gaveta do meio e tirou do estojo de couro um revólver Mateba praticamente novo, cujo metal cinza brilhou à luz do fogo. Enfiou a mão mais fundo na gaveta e pegou três balas. Calibre 38 milímetros.

Grand-Duc sorriu. Com um gesto experiente, puxou o tambor para trás e inseriu-as com delicadeza em seus orifícios.

Uma só bastava, ainda que ele estivesse razoavelmente embriagado, ainda que fosse com certeza tremer, hesitar. Mas sem dúvida alguma conseguiria encostar o cano na têmpora, segurá-lo com firmeza e apertar o gatilho.

Seria impossível errar, mesmo com 620 mililitros de vinho no sangue.

Pousou o revólver sobre a escrivaninha, abriu a gaveta da esquerda e pegou um jornal, uma edição muito antiga e amarelada do *L'Est Républicain*. Fazia muitos meses que vinha bolando aquela macabra encenação, aquele ritual simbólico que o ajudaria a acabar com tudo, a alçar voo para fora do labirinto de uma vez por todas.

23H54

Algumas últimas folhas se contorciam dentro da lareira, devoradas pelas chamas. O olhar do detetive se dirigiu para o viveiro e o zumbido fúnebre das libélulas. A energia elétrica havia sido desligada meia hora antes. Privadas de oxigênio, elas não sobreviveriam uma semana. No entanto, ele havia gastado uma fortuna para comprar as espécies mais raras, as mais antigas; ao longo de muitos anos, passara horas a fio cuidando daquele viveiro, fazendo questão de alimentar as libélulas com todo tipo de inseto minúsculo, de fortalecê-las, reproduzi-las, chegando até a deixá-las sob os cuidados de uma empresa especializada quando se ausentava em alguma missão.

Todo aquele esforço para deixá-las morrer. Elas também…

No final das contas, pensou, é agradável decidir assim a vida e a morte alheias, proteger para depois condenar, dar esperanças para depois sacrificar. Brincar com o destino como um deus astuto e imprevisível… Afinal, ele também tinha sido vítima de um deus sádico.

Crédule Grand-Duc se sentou na cadeira atrás da escrivaninha e, sem conseguir se conter, empurrou outra vez o caderno verde-claro mais para perto da borda, como se temesse que as gotas de sangue o sujassem.

Desdobrou o *L'Est Républicain* na mesa bem na sua frente. Era a edição do dia 23 de dezembro de 1980. Releu a manchete do jornal: *A milagrosa sobrevivente do Mont Terrible*.

A notícia ocupava toda a primeira página. Logo abaixo, uma foto um tanto embaçada revelava o contorno da carcaça de um avião acidentado, árvores arrancadas pela raiz e neve encardida com as pegadas dos socorristas. Algumas linhas de texto abaixo da imagem explicavam a tragédia: *Acidente dramático do Airbus 5403 Istambul-Paris na encosta do Mont Terrible, fronteira entre a França e a Suíça, na noite de 22 para 23 de dezembro de 1980. Dos 169 passageiros e tripulantes, 168 morreram na hora ou vítimas do incêndio que consumiu a aeronave. A única e milagrosa sobrevivente foi uma neném de três meses ejetada no momento do impacto, antes que a fuselagem pegasse fogo*.

Grand-Duc ergueu os olhos. Morreria um pouco curvado para a frente, com um tiro na própria cabeça. Cairia em cima daquela manchete. Seu sangue iria colorir a foto do drama de dezoito anos atrás e se misturar ao das 168 vítimas. E assim ele seria encontrado dali a alguns dias, dali a algumas semanas. Ninguém choraria a sua morte. Sobretudo não a família Carville. Os Vitral talvez tivessem um pouco de pena… Émilie, Marc, Nicole principalmente.

Era o cúmulo, a ironia suprema.

Iriam encontrá-lo e entregar aquele caderno a Lylie, o livro de sua breve vida. Seu testamento.

Grand-Duc fitou pela última vez o próprio reflexo na plaquinha de cobre; sentiu-se quase orgulhoso.

Pensando bem, aquele era um belo fim, muito melhor do que o resto.

O mínimo que se podia dizer era que tivera sua chance: dezoito anos de investigação…

23H57

Estava na hora.

Ele posicionou com delicadeza o *L’Est Républicain* bem na sua frente, avançou a cadeira e empunhou com firmeza a coronha do revólver com a mão suada.

Ergueu o braço devagar.

O contato do metal frio contra a têmpora lhe causou um calafrio involuntário. Mas ele estava pronto.

O álcool iria ajudá-lo.

Tentou esvaziar a mente e não pensar naquela bala a poucos centímetros de seu cérebro, que iria lhe atravessar o crânio…

Tentou não pensar em mais nada, concentrar-se no vazio.

Seu indicador se curvou junto ao gatilho. Bastava apertá-lo e tudo estaria acabado.

De olhos fechados ou abertos?

Uma gota de suor escorreu por sua testa e molhou o jornal.

De olhos abertos. Precisava acabar logo com aquilo.

Curvou o corpo e encarou a matéria 20 centímetros à sua frente. Olhou uma última vez para a foto da fuselagem carbonizada, para a do bombeiro em frente ao hospital de Montbéliard segurando delicadamente um corpinho um pouco azul demais. A milagrosa sobrevivente.

Seu indicador se fez mais firme no gatilho.

23H58

Os olhos do detetive desceram mais um pouco, agora vazios, e se perderam na tinta negra da primeira página do velho jornal. A bala iria perfurar sua têmpora sem qualquer resistência. Só lhe restava dobrar o dedo um pouco mais, alguns milímetros. Seu olhar se fixou para todo o sempre; a tinta ficou mais nítida, como a lente de uma câmera que se ajusta, como uma derradeira janela para o mundo antes de tudo mergulhar na névoa.

O dedo indicador. O gatilho.

Os olhos bem abertos.

O impensável atingiu Grand-Duc como se uma descarga elétrica intensa e repentina houvesse varado seu corpo.

O que seus olhos estavam vendo era impossível. Ele sabia que era!

O dedo relaxou ligeiramente a pressão.

No início, pensou que fosse uma ilusão, uma alucinação provocada pela iminência da morte, um mecanismo de defesa inventado por seu cérebro.

Não!

O que estava vendo, o que estava lendo naquele jornal era muito real. Amarelado pelos anos, um pouco desbotado, mas ainda assim não dava para ter qualquer dúvida.

Estava tudo ali.

O detetive começou a raciocinar; ao longo dos anos, havia criado muitas hipóteses, centenas delas, mas agora tinha o ponto de partida, e bastava puxar o fio para tudo se desenrolar com uma simplicidade desconcertante.

Era tudo claro, evidente…

Baixou o revólver e, sem querer, deixou escapar uma risada ensandecida.

Olhou para o relógio de parede.

23H59

Ainda não conseguia acreditar no que estava vendo. Suas mãos tremiam. Um forte calafrio o percorreu, da nuca à base das costas.

Tinha conseguido!

A solução estava ali, desde o princípio, naquele jornal, na primeira página, depois da chamada principal. À espera, sem pressa: era impossível encontrá-la na época, dezoito anos antes. Todo mundo tinha lido aquele jornal, todo mundo o tinha esmiuçado e analisado mil vezes, mas ninguém poderia ter adivinhado, nem em 1980 nem durante todos os anos que haviam se seguido.

A solução saltava aos olhos… com uma condição.

Uma única condição, totalmente absurda.

Abrir aquele jornal dezoito anos depois!

2

2 DE OUTUBRO DE 1998, 8H27

Aqueles dois eram namorados ou irmãos?

Havia quase um mês que a dúvida irritava Mariam, a dona do bar Lénine, situado na esquina da Avenue de Stalingrad com a Rue de la Liberté, a alguns metros do campus da universidade de Paris VIII, Vincennes-Saint-Denis. Como era bem cedo, o local estava praticamente vazio e ela aproveitava para arrumar com esmero as mesas e cadeiras.

O casal em questão estava sentado no mesmo lugar de sempre, no fundo, junto à janela, diante de uma minúscula mesa de dois lugares. De mãos dadas, encaravam os olhos azuis um do outro.

Namorados?

Amigos?

Irmãos?

Mariam deu um suspiro. Aquela incerteza a incomodava. Em geral, seu juízo sobre as histórias de amor dos universitários era bastante exata. Ela se apressou, pois ainda precisava passar uma esponja nas mesas e quem sabe dar uma varrida no bar; dali a alguns minutos, a última estação da linha 13 do metrô, Saint-Denis — Université, iria despejar os milhares de estudantes apressados, estressados, assoberbados desde cedo. Fazia só quatro meses que ela abrira, mas a sua inauguração já havia modificado o bairro. A faculdade de Saint-Denis estava agora diretamente ligada ao coração de Paris.

Mariam dispôs as cadeiras em volta das mesas sem parcimônia, consciente de que, dentre os alunos dedicados e ansiosos, uma proporção não desprezível daria uma passada mais ou menos longa no Lénine para tomar um café, fumar um último cigarro com calma e adiar o instante de se trancafiar numa sala de conferência, de chegar atrasado à faculdade… ou acabar decidindo matar aula. Mariam conhecia bem o rush das 8h45. Tinha testemunhado a lenta transformação da rebelde universidade de Paris VIII, a grande academia das Ciências Humanas, da Cultura, em uma bem-comportada e banal universidade de subúrbio. Agora, a maioria dos professores ficava chateada quando era obrigada a lecionar ali; todos queriam ir para a Sorbonne ou, no pior dos casos, para Jussieu. Antes da abertura da estação, tinham de atravessar a Plaine Saint-Denis e desbravar um pouco a área barra-pesada à sua volta. Agora, isso também fazia parte do passado. Os docentes só precisavam se enfiar na linha 13 do metrô

para chegar às mecas da cultura parisiense: bibliotecas, laboratórios, ministérios, instituições de prestígio.

Mariam se virou em direção ao balcão para pegar uma esponja e deu uma discreta olhada de esguelha para o casal que ainda a intrigava, aquela loura bonita e aquele rapaz alto completamente fascinado por ela.

Eles estavam lhe dando nos nervos. Aquele enigma a assombrava.

Quem eram?

Mariam jamais tinha entendido o funcionamento do ensino superior, as provas semestrais, as disciplinas, as greves, mas ninguém vigiava o recreio melhor do que ela. Apesar de nunca ter lido Robert Castel, Gilles Deleuze, Michel Foucault nem Jacques Lacan, os famosos professores de Paris VIII — no máximo, cruzara com eles uma ou duas vezes em seu bar ou na esplanada –, ainda assim, considerava-se uma especialista na psicanálise, sociologia e filosofia das tristezas e dos amores estudantis. Bancava a mãe coruja com os clientes assíduos do café e cuidava do seu lado sentimental com uma competência inteiramente profissional.

Mais uma vez, virou a cabeça na direção do casal junto à janela. Apesar de toda a sua experiência e intuição, a relação entre aqueles dois não fazia sentido para ela.

Émilie e Marc.

Essa incerteza a deixava muitíssimo irritada.

Seriam dois tímidos namorados ou um casal de irmãos?

Mistério. Mariam não conseguia chegar a uma conclusão clara. Algo não fazia sentido. Eles eram ao mesmo tempo muito parecidos e extremamente diferentes. Mariam sabia os nomes; decorava o de todos os frequentadores assíduos.

Marc estudava em Paris VIII havia dois anos e era cliente fiel do Lénine. Alto, bastante atraente, mas com uma aparência um tiquinho educada demais, tipo “Pequeno Príncipe” descabelado, algo sonhador, com um quê de falta de classe: o perfil do estudante que ainda não conhece os códigos, que acabou de chegar, com um certo viés provinciano, além da falta de dinheiro para comprar um guarda-roupa moderno e na moda. Do ponto de vista dos estudos, Marc não parecia ser muito aguerrido. Até onde ela pudera depreender, estudava direito europeu sem muito afinco. Durante aqueles dois anos, mostrara-se calmo e contemplativo. Mariam tinha entendido por quê.

Ele estava esperando. Esperando sua Émilie.

Ela chegara naquele ano, em setembro. Portanto, devia ser dois ou três anos mais nova do que ele.

Sim, os dois tinham traços em comum. O sotaque meio popular cuja

procedência Mariam não conseguia definir, mas que era incontestavelmente o mesmo de Marc, apesar de se encaixar mal com ela, com sua personalidade. Assim como aquele nome banal, corriqueiro: *Émilie* … Era loura como Marc, tinha olhos azuis como Marc. Os dois eram mais ou menos parecidos. No entanto, ao passo que os gestos dele eram desajeitados e simples, um pouco forçados, ela exibia um sabe-se lá o quê de diferente no modo de se mover, uma espécie de nobreza no porte, uma elegância refinada nos mais ínfimos movimentos, uma graça que parecia prover de uma linhagem rara, de uma educação privilegiada. Talvez aquela fosse uma aura frequente em outras universidades, no seio das grandes famílias, das grandes instituições e das escolas de prestígio, mas ali, entre os estudantes da Plaine Saint-Denis, parecia quase incongruente.

Outro mistério: do ponto de vista financeiro, o nível de vida de Émilie parecia oposto ao de Marc.

Mariam sabia avaliar à primeira vista a origem, a qualidade e o preço das roupas usadas pelos seus clientes, de H&M a Zara, passando por Jennyfer ou Yves Saint-Laurent.

Émilie não vestia Yves Saint-Laurent… mas quase. O que estava usando naquele dia — blusa de seda laranja e saia preta de corte assimétrico — havia custado sem dúvida uma pequena fortuna. Não, ainda que viessem do mesmo lugar, Émilie e Marc não pertenciam ao mesmo mundo.

Ainda assim, eram inseparáveis.

Havia entre eles uma cumplicidade impossível de se inventar, que não podia ser fabricada em alguns meses de convívio na faculdade; era como se os dois tivessem vivido juntos sempre. Dava para perceber isso nas mil pequenas gentilezas protetoras do rapaz com a moça, discretas, sistemáticas: a mão sobre o ombro, uma cadeira puxada, uma porta segurada, o copo sempre cheio.

Mariam sabia interpretar esses gestos: eram o comportamento de um irmão mais velho com a irmã menor.

Sem parar de pensar no casal, ela limpou uma cadeira e recolocou o móvel no chão com um gesto enérgico.

Émilie havia chegado a Paris VIII em setembro, como se Marc tivesse lhe preparado o terreno e passado dois anos guardando para ela um lugar na sala de conferências e a mesa junto à janela no Lénine. Mariam sentia que a moça era uma aluna brilhante, ambiciosa, rápida e decidida. Artista.

Literária. Percebia essa determinação toda vez que ela pegava um livro, uma apostila, toda vez que fazia uma leitura diagonal das anotações que Marc penava durante horas para reler.

Irmãos, portanto, apesar da diferença social?

Só que Marc estava apaixonado por Émilie!

Isso também era óbvio.

E não era como irmão, mas sim como um namorado fascinado. Para Mariam, era algo evidente em cada olhar do rapaz. Seus olhos tinham uma febre, uma paixão inconfundíveis.

Ela não estava entendendo mais nada.

Fazia um mês que espionava o casal; ninguém mudava a própria índole. Tinha dado uma espiada furtiva nos nomes escritos em uma pasta e em uma prova velha disposta sobre a mesa. E sabia o sobrenome deles.

Marc Vitral.

Émilie Vitral.

No fim das contas, isso em nada lhe ajudava. A hipótese mais lógica era que fossem irmãos… Mas então o que significavam aqueles gestos incestuosos? A mão de Marc na base das costas de Émilie?

Talvez fossem simplesmente casados. Aos 18, 20 anos? Incomum para dois universitários, mas possível.

Restava a chance de ser uma homonímia, mas Mariam não acreditava nesse tipo de coincidência, a menos que se tratasse de um parentesco mais afastado: primos, filhos de casamentos distintos, uma família recomposta, complicada…

As cadeiras se sucediam sob o pano furioso de Mariam e batiam no piso de cerâmica do bar.

Émilie parecia gostar muito de Marc. No entanto, seu olhar era mais complexo, mais difícil de interpretar e muitas vezes se perdia, sobretudo quando a moça estava sozinha, como para disfarçar uma ferida, uma tristeza profunda… Essa melancolia dava a Émilie um charme remoto, uma distância em relação ao mundo que a diferenciava das outras meninas bonitas e sem nada na cabeça do campus.

Nenhum estudante universitário frequentador do Lénine tinha o menor pudor de devorar com os olhos a bela Émilie, mas, decerto por causa daquela distância, daquela introspecção, nenhum galanteador ousara abordá-la.

Exceto Marc!

Émilie lhe pertencia, ele estava ali para isso. Não por causa dos estudos. Não por causa da faculdade.

Apenas para estar com ela, para protegê-la.

Um guarda-costas.

Essa parte Mariam tinha entendido.

Mas e o resto? E o laço que os unia? Muitas vezes havia tentado conversar com Émilie e Marc sobre vários assuntos, mas não conseguira descobrir nada íntimo.

Paciência; por enquanto, iria desistir. Um dia acabaria sabendo.

Estava limpando as últimas mesas quando Marc levantou a mão.

— Mariam, pode trazer dois cafés? E um copo d'água para Émilie.

Mariam sorriu consigo mesma. Marc nunca tomava café quando estava sozinho, e sempre pedia um quando estava com Émilie. Um café longo.

— Claro, pombinhos — respondeu a dona do café.

Para testá-los.

Marc exibiu um sorriso encabulado. Émilie, não. Manteve a cabeça levemente abaixada. Só então Mariam reparou nesse detalhe: ela estava com uma cara horrível naquela manhã, o semblante deformado de alguém que não havia pregado o olho, ainda que ostentasse um sorriso de cortesia, pois sua elegância lhe permitia passar uma falsa impressão. Seria a angústia de uma prova, de uma noite em claro estudando, de um trabalho urgente a entregar?

Não, era outra coisa.

Mariam jogou o pó de café usado na lixeira, passou uma água no filtro e preparou dois *espressos*.

Alguma coisa grave.

Como se Émilie precisasse dar a Marc uma notícia triste. Mariam já tinha visto inúmeros encontros de despedida, inúmeras conversas íntimas infelizes e rapazes corajosos que se viam sozinhos diante de seu café enquanto a moça ia embora um pouco constrangida, mas, acima de tudo, livre. Émilie estava com a cara de quem tinha passado a noite pensando e, de manhã cedo, finalmente tomara uma decisão e estava pronta para encarar as consequências que ela acarretava.

Levando sobre a bandeja os dois cafés e um copo d'água, Mariam caminhou a passos lentos até os fundos da loja.

Pobre Marc. Será que desconfiava já estar condenado?

Mariam também sabia ser discreta. Serviu os cafés e virou as costas sem escutar nada.

3

2 DE OUTUBRO DE 1998, 8H41

Marc Vitral aguardou alguns segundos até Mariam se afastar. Curvou-se em direção à mochila Eastpack largada no chão junto à cadeira e tirou um pequeno cubo de alguns centímetros envolto em papel prateado.

— Parabéns, Émilie — falou com uma voz bem-humorada.

Ele estendeu o embrulho.

Émilie revirou os olhos com uma raiva fingida.

— Marc! — ralhou ela. — É a terceira vez em uma semana que você me dá parabéns. Você sabe muito bem que não preciso de nada disso…

— Shh… Abra.

Ela franziu o cenho e desembrulhou o presente. Era uma joia de prata, uma cruz de formato complexo com um pequeno losango em cada extremidade, menos na de cima, perfurada com um grande círculo e encimada por uma coroa. Émilie segurou o pingente com as duas mãos.

— Marc, você é doido…

— É uma cruz tuaregue. Parece que existem 21 tipos diferentes. Um formato original para cada cidade do Saara. Essa é a de Agadez. Gostou?

— Claro que gostei. Mas…

— Dizem que os losangos representam os quatro pontos cardeais. Quem dá de presente uma cruz tuaregue, dá de presente o mundo inteiro.

— Eu conheço a lenda… — murmurou ela com uma voz branda. — “Vou lhe dar os quatro cantos do mundo porque não posso saber onde você vai morrer.”

Marc não conseguiu conter um sorriso encabulado. É claro que Lylie já sabia tudo sobre as cruzes tuaregues, assim como sobre todo o resto. Eles passaram alguns instantes em silêncio. Émilie esticou a mão para a xícara de café. Por instinto, ele fez o mesmo. Seus dedos deslizaram, torcendo para encostar nos dela. De repente, sua mão se imobilizou sobre a mesa como se estivesse pregada no tampo. Lylie estava usando um anel no dedo anular! Um anel de ouro muito trabalhado, cravejado com uma safira clara; uma linda joia antiga que devia valer uma fortuna. Era a primeira vez que ele o via. Seu olhar se turvou por vários segundos com aquela névoa de ciúme que o dominava sempre que algum detalhe fora de sua compreensão criava uma distância entre Lylie e ele.

— Esse… esse anel… — ele conseguiu gaguejar. — É seu?

— Não… roubei hoje de manhã na Place Vendôme!

Ele não prestou atenção. Sua pálpebra estremeceu de leve. Mesmo que a cruz tuaregue de prata que ele acabara de lhe dar tivesse custado um fim de semana e três noites trabalhando no atendimento telefônico da France Telecom, seu emprego de estudante, comparada àquele anel parecia uma bijuteria vagabunda. Além do mais, Lylie já tinha recolocado o pingente africano dentro do saquinho de lona. Ao passo que o anel de colecionador…

Ele se forçou a tomar um gole de café e balbuciou: — Esse… esse seu anel. Foi um presente? De aniversário?

Émilie baixou os olhos devagar.

— De certa forma… É meio complicado. É lindo, não é?

Ela fez uma pausa como quem escolhe as palavras.

— Depois eu explico, mas não se preocupe, não por isso. Pelo menos não por causa deste anel…

Émilie pôs a mão por cima da de Marc.

“Não se preocupe, não por isso. Pelo menos não por causa deste anel…”

As palavras ecoaram dentro da cabeça do rapaz. O que ela queria dizer? Lylie estava com uma cara horrível naquela manhã, como se houvesse passado a noite em claro, mesmo que tentasse lhe sorrir enquanto diluía o café com um pouco d’água, como era o seu costume. De repente, como se tivesse tomado uma decisão importante, seu olhar se iluminou, ela sorveu algumas gotas da bebida e se curvou, por sua vez, acima da bolsa de faculdade. Sacou um caderno de capa verde-clara e o fez deslizar na direção de Marc.

— Agora é a minha vez. Toma, para você, Marc!

Uma preocupação muda tornou a dominar o rapaz.

— O que é isso?

— O caderno de Grand-Duc — respondeu ela sem lhe dar tempo de respirar. — Ele me levou anteontem, no dia seguinte ao meu aniversário. Enfim, na verdade pôs na minha caixa de correio ou mandou alguém pôr; encontrei-o lá de manhã.

Marc tocou o caderno com a ponta dos dedos, precavido. Sua pálpebra estava tremendo outra vez.

Aquele caderno. As anotações de Grand-Duc… Agora ele entendia. Émilie tinha passado os dois dias e as duas noites anteriores lendo e relendo-o. Dezoito anos da investigação daquele velho detetive particular maluco. Uma vida inteira. A vida de Émilie. Exatamente o tempo de sua vida.

Que porra de presente de aniversário!

Marc vasculhou o olhar de Émilie à procura de indícios. O que ela teria descoberto naquele caderno?

Que verdade? Uma nova identidade? Serenidade, enfim? Ou nada? Apenas perguntas sem resposta…

Ela não deixou transparecer nada. Era muito boa nisso. Despejou lentamente um pouco de água no café, um ritual, e pôs-se a sorvê-lo em pequenos goles.

— Ele enfim me deu o caderno, Marc. Entendeu? Como vivia prometendo. A verdade, para comemorar minha entrada no mundo adulto.

Ela soltou uma gargalhada mais nervosa do que espontânea. Marc hesitava em pegar o caderno.

— E…? — conseguiu balbuciar. — Ele diz alguma coisa nesse caderno? Alguma coisa importante? Você agora… sabe?

Émilie se esquivou novamente e virou os olhos para o vidro e a esplanada de Paris VIII atravessada por ondas espaçadas de estudantes.

— Sei o quê?

Marc sentiu uma irritação crescer dentro de si. As palavras tornaram a martelar dentro de sua cabeça, mas não saíram: “Para que essa porra de detetive particular foi pago durante todos esses anos! Quem você é, Lylie. Quem você é!”

Distraída, ela alisava com a mão esquerda o anel. Um misto de cansaço e frieza parecia torná-la indiferente à irritação crescente de Marc.

— É a sua vez, Marc. Sua vez de ler esse caderno.

A cabeça de Marc era uma confusão só, e ele nem sequer tinha forças para pensar no estranho anel que Émilie estava usando. Quem teria lhe dado aquela joia? Quando? Por quê? Pegou-se puxando o caderno para si e ouviu a própria voz dizer: — Está bem, minha libélula… Vou ler a porra do caderno. — Após um breve silêncio, ele tornou a falar: — Mas e você, tudo bem?

— Tudo… Não se preocupe. Está tudo bem.

Émilie molhou os lábios no café e tomou um gole minúsculo, como se estivesse se forçando a beber.

Não! Não estava tudo bem.

Ela escondia alguma coisa. Algo que Grand-Duc tinha descoberto e anotado no caderno.

Sua identidade?

— Grand-Duc deixou algum recado com o caderno?

— Não, nada, mas está tudo escrito aí dentro…

— E aí?

— Você vai ler. É melhor ler você mesmo.

— E Grand-Duc, onde ele está agora?

A expressão de Émilie se obscureceu como se ela soubesse alguma informação terrível que não quisesse revelar. Olhou ostensivamente para o relógio de pulso. Marc se sobressaltou.

— Você tem que ir? Já?

— É… Não tenho aula hoje de manhã. Mas você, sim! Às dez. Direito constitucional europeu. Grupo de estudo com o jovem e arrebatador professor Grandin! Tenho que ir, Marc.

Ele nem sequer disfarçou a cara feia.

— Aonde você vai?

Émilie despejou uma derradeira gota d'água no café, bebeu lentamente o que restava na xícara e tornou a olhar para Marc com uma expressão cansada. Curvou-se em direção à bolsa e se levantou quase na mesma hora.

— Trouxe… trouxe outro presente para você.

Émilie lhe estendeu um pequeno embrulho um pouco maior do que uma caixa de fósforos.

Marc gelou.

Sentiu-se invadido por um sinistro pressentimento. Tudo na atitude de Émilie parecia falso. Seu ar bem-humorado, os gestos forçados para transmitir naturalidade.

— Mas não é para abrir agora — disse ela depressa. — Só depois que eu for embora. Uma hora depois!

Promete? Posso confiar em você? É feito um esconde-esconde: você precisa dar tempo para eu me esconder, precisa fechar os olhos e contar até, sei lá, mil…

Ela pareceu ter posto toda a energia que lhe restava naquela tentativa de disfarçar sua recomendação em uma fútil brincadeira de amor. Só que Marc não se deixou enganar.

— Promete? — insistiu.

Ele aquiesceu, resignado. Os dois se encararam demoradamente. Émilie foi a primeira a piscar.

— Não, você não vai esperar. Você é um cabeça-dura, Marc, eu o conheço, vai abrir o presente assim que eu virar as costas…

Ele não a desmentiu. Émilie ergueu uma das mãos em um gesto gracioso.

Aquele maldito anel.

— Mariam?

Como se estivesse de olho em cada um de seus gestos, a dona do bar demorou apenas uma fração de segundo para reagir, e logo apareceu diante da mesa.

— Mariam, tenho uma missão para você. Vou lhe deixar este embrulho para você entregar ao Marc daqui a uma hora, não antes disso. Mesmo que ele implore, pague ou chantageie… Aliás, daqui a uma hora, aproveite e o mande para a aula, sala B318, sem falta!

A mulher se viu com o pacotinho nas mãos.

— Confio em você, Mariam.

Ela não teve escolha. Émilie se levantou com um movimento ágil, guardou o embrulho com a cruz tuaregue na bolsa e deu um beijo casto no rosto de Marc. Meio na bochecha, meio no canto da boca.

Um beijo ambíguo, como para provocar Mariam…

Então, empurrou a porta do Lénine, saiu para a esplanada feito um fantasma e foi tragada pela multidão de estudantes.

A porta se fechou.

Mariam apertou o embrulho na palma da mão. Faria o que Émilie lhe pedira, claro, mas não gostava daquele joguinho. Tinha experiência em matéria de casais que terminavam; nessas horas as mulheres tinham uma determinação e uma imaginação impressionantes.

Émilie era uma dessas mulheres.

Aquele teatro todo lhe cheirava a mentira. Émilie estava fugindo o mais depressa possível, e o embrulho em sua mão era uma bomba-relógio. Marc jamais deveria tê-la deixado ir embora daquele jeito. Aquele rapaz era ingênuo demais, confiante demais… Mariam ainda não havia concluído se a moça era sua irmã, mulher, namorada ou amiga, não conseguia entender o vínculo que os unia, mas estava certa de que Émilie tinha um único objetivo em mente.

Romper esse vínculo.

4

2 DE OUTUBRO DE 1998, 9H02

Marc encarava Mariam atrás do balcão. Entre um pedido e outro, a dona do bar tinha guardado o pequeno embrulho deixado por Émilie dentro da caixa registradora ao mesmo tempo que lhe lançava um olhar inequívoco. Nada a esperar antes da hora determinada pela moça. Solidariedade feminina.

Desesperançado, Marc pousou os olhos sobre o caderno verde de Crédule Grand-Duc. Émilie sabia o que fazia. Uma hora esperando ali no café, uma hora antes de sua primeira aula, um grupo de estudos chatíssimo sobre direito constitucional europeu ministrado por um jovem professor que passava quase metade do tempo atendendo ao celular. Ela o havia encurralado. Ele estava preso em uma armadilha.

Tinha uma hora para matar.

O Lénine agora estava lotado. Um sujeito alto lhe perguntou se podia pegar a outra cadeira da mesa, e ele assentiu, distraído. O relógio de parede vermelho e branco da Martini marcava 9h03. Marc não tinha escolha, mas, mesmo assim, hesitou antes de abrir o caderno. Deslizou a mão lentamente pelo papelão encerado da capa. Aguardou, tornou a erguer os olhos. Os ponteiros pretos do relógio pareciam pregados no mesmo lugar.

9H04.

Suspirou.

Ainda não havia tocado no café, e não era agora que iria bebê-lo; na verdade, nunca fora muito chegado na bebida. Em pé junto ao balcão diante de um chope e curvado acima do *Le Parisien*, um velho professor cobiçava o seu lugar. E ele estava certo: Marc não tinha outra vontade agora que não se levantar e fugir dali, sair correndo atrás de Émilie, jogar aquele caderno fora.

Olhou pela janela como se procurasse na multidão cada vez mais compacta a conhecida silhueta de Émilie, como se aquela massa pudesse deter sua corrida, abrir-se e formar um caminho humano entre ela e ele. Seus olhos embaçaram. O ritmo de seu coração se acelerou, e ele sentiu uma espécie de pressão no pescoço. Conhecia bem os primeiros sintomas, a taquicardia, as dificuldades respiratórias…

Prudente, desviou os olhos da esplanada da universidade.

Na mesma hora, conseguiu respirar melhor.

Tornou a pousar os dedos sobre o caderno verde-claro.

Como sempre, Émilie iria vencer. Ele também teria de enfrentar seu passado.

Marc respirou fundo e abriu o caderno. Grand-Duc tinha uma caligrafia miúda e comprimida, bem regular e um pouco nervosa. Perfeitamente legível.

O rapaz se curvou e mergulhou nas ondas azuis daquelas letras, palavras e linhas como quem mergulha em apneia num oceano de dúvidas.

Diário de Crédule Grand-Duc

Tudo começou com uma catástrofe. Antes de 23 de dezembro de 1980, acho que ninguém, ou quase ninguém, tinha ouvido falar no Mont Terrible. Muito menos eu. Trata-se de um dos pequenos picos da cordilheira do Jura, na fronteira entre a Suíça e a França, um monte preso no meio de um meandro do rio Doubs, onde só existem vacas, longe de tudo, tanto de Montbéliard, no lado francês, quanto de Porrentruy, no lado suíço. Um cume não muito alto, 804 metros para ser exato, mas, mesmo assim, nem sempre acessível, sobretudo no inverno, quando a neve recobre tudo. O Mont Terrible é conhecido por alguns historiadores devido ao fato de ter constituído, durante a Revolução, uma divisão territorial franco-suíça. Desde então, foi esquecido por todos, exceto talvez pela centena de moradores da região, onde é chamado de “Mont Terri”. Naturalmente, quando o Airbus 5403 que fazia a rota entre Istambul e Paris trombou com sua face sudoeste, do lado francês, na noite de 22 para 23 de dezembro, os jornalistas preferiram a denominação Mont Terrible a Mont Terri. É preciso se pôr no lugar deles: para os títulos em fonte graúda, “a tragédia do Mont Terrible” de fato soava bem melhor do que “a tragédia do Mont Terri”.

Talvez as pessoas ainda se lembrem. Talvez não. Os acidentes se sucedem e se parecem. Alguns meses antes, um Boeing 747 tinha caído perto de Tenerife, nas ilhas Canárias, deixando 146 mortos. No ano seguinte ao acidente do Mont Terrible, em 1o de dezembro de 1981, o DC 9 Liubliana-Ajaccio se chocou contra o Mont San Pietro: 180 mortos. O único acidente da história da aviação ocorrido na Córsega. Depois, todos o esqueceram. Menos os corsos, e olhe lá. Hoje, enquanto não aparece nenhum outro para assumir seu lugar, o desastre de que todos se lembram é o do Mont Sainte Odile.

Na época, em 1981, as pessoas falaram em onda de azar.

Que bobagem! As estatísticas falam por si. Podem acreditar em mim, passei horas navegando em sites sobre acidentes de avião, como o 1001crash.com para mencionar apenas um. Podem consultá-lo: é de uma precisão impressionante, citando o número de vítimas e uma profusão de detalhes sobre os últimos

instantes antes do mergulho final… Por incrível que pareça, nos últimos quarenta anos os responsáveis pelo site catalogaram mais de 1.500 acidentes de avião e mais de 25 mil vítimas… Se fizerem as contas, vocês vão ver que isso representa quase quarenta por ano, quase um por semana, em algum lugar do mundo, e não apenas na China ou nos confins da Sibéria.

Então imaginem: um acidente ocorrido em 1980, a tragédia do Mont Terrible, todo mundo já esqueceu. Cento e sessenta e oito mortos: uma poeira. Poeira de estrelas.

Na época, eu também não estava nem aí para o acidente. Naquela manhã, quase não prestei atenção na notícia. Estava de tocaia lá para os lados de Hendaye, investigando um caso de desvio de dinheiro em um cassino com possíveis ligações com o terrorismo basco. Bem empolgante. Naquele tempo, preferia as investigações perigosas, que eram a minha especialidade. Fazia menos de cinco anos que trabalhava por conta própria como detetive particular, depois de passar quase vinte brincando de mercenário nos quatro cantos do mundo. Estava perto dos 50. Tinha de me virar com um quadril desconjuntado e uma coluna tão torta quanto um caduceu; engordava quase um quilo por semana de emboscada que depois, na melhor das hipóteses, levava um mês para perder. Enfim, mesmo quando os casos eram meio duvidosos, gostava bastante de ser detetive particular.

Devo ter recebido a notícia sobre o acidente de manhã, como todo mundo, pelo rádio, enquanto estava à espreita no estacionamento em frente ao cassino, e não prestei muita atenção no fato, sem saber que, alguns meses depois, aquele iria se transformar no único sentido da minha vida. Quanta ironia! Se eu soubesse…

O Airbus 5403 Istambul-Paris bateu no Mont Terrible no meio da noite de 23 de dezembro, mais exatamente às 0h37. Ninguém nunca soube ao certo o que aconteceu naquela noite. Até então, o inverno tinha sido bastante clemente, mas, desde aquela manhã, a neve começara a cair sem parar. À noite, a tempestade tinha se tornado ainda mais violenta. O Mont Terrible se apresenta mais ou menos como um degrau entre o Jura suíço e o Jura francês. O piloto não deve tê-lo visto, e isso bastou. Foi o que se disse na época, e era simples assim: pôr a culpa toda nas costas do pobre coitado, carbonizado com os outros dentro da fuselagem. Mas e a caixa-preta?, perguntarão vocês. Ela nada revelou, a não ser que o avião estava voando baixo demais e que o piloto acabara perdendo o controle. A associação das vítimas e a família do piloto tentaram obter mais informações, sem sucesso. Portanto, acusou-se o piloto, a neve, o mau tempo, a montanha, a fatalidade, a famosa Lei de Murphy, a má sorte. Houve um julgamento, claro.

Os familiares das vítimas queriam entender. Só que ninguém estava preocupado com isso. O julgamento que impressionou o público não foi esse.

O avião se acidentou à 0h37. Quem calculou o horário da colisão foram os especialistas, uma vez que não houve testemunha alguma, exceto os passageiros, mas deles nada foi encontrado, nem mesmo um relógio de pulso quebrado que pudesse indicar a hora do acidente. Antes do Natal, ecologistas lutavam por cada um dos pequenos pinheiros do Jura. Em alguns segundos, o Airbus abateu mais árvores do que um século de comemorações natalinas. Os que não foram arrancados queimaram, mesmo com a neve. O avião abriu uma autoestrada de várias centenas de metros na floresta antes de desmoronar, exausto.

Alguns segundos depois, explodiu, e passou a noite inteira pegando fogo.

Os primeiros socorros só encontraram a fuselagem incandescente mais de uma hora depois do acidente. Houve muito atraso na comunicação sobre o desastre. Não havia ninguém em um raio de 5 quilômetros. O que chamou a atenção dos moradores do vale foi o incêndio. A neve também atrasou os socorristas, os helicópteros não puderam decolar e os primeiros bombeiros chegaram à clareira ardente a pé depois de seguirem a duras penas a trincheira incendiada. A nevasca cedeu no início da madrugada, e durante algumas horas o Mont Terrible se transformou no centro do mundo. Chegou a haver um processo, ou pelo menos um inquérito, acho eu, para tentar determinar por que o socorro tinha chegado tão tarde, mas nesse caso também não houve muita gente interessada. Tampouco foi esse o julgamento que arrebatou o público.

De toda forma, devem ter pensado os socorristas, de que adiantava se apressar? Era óbvio que não haveria sobreviventes. Foi o que puderam constatar diante da labareda de metal dilacerado. Bombeiros, no entanto, são homens meticulosos, mesmo à 1h30 da manhã, no coração do Jura e sob uma forte nevasca. Portanto, puseram-se a procurar, ainda que não soubessem muito bem o quê, decerto para fazer valer a pena o deslocamento, para não terem ido até lá simplesmente se aquecer alguns minutos junto àquela enorme fogueira que havia devorado tudo na encosta da montanha, aquela fogueira que se aliara à neve para transformar em cinzas e vapor os corpos de 168 viajantes aterrorizados.

Sentindo os olhos arderem por causa da fumaça e da aflição, eles começaram a procurar. Quem encontrou foi um bombeiro muito jovem chamado Thierry Mouchot, do quartel de Sochaux. Essa quantidade de minúcias deve deixá-los surpresos tantos anos mais tarde, mas, acreditem, é tudo verdade. Passei muitas horas a sós com ele para fazê-lo prolongar ao infinito aqueles poucos segundos de pânico e voltar vezes sem conta a cada detalhe até torná-lo absurdo. Naquela noite, na hora, ele não se deu conta. No início, pensou que tivesse achado apenas um cadáver, o corpinho de um bebê. No entanto, aquele era afinal o único corpo

de um passageiro do Airbus a não ter queimado com os outros.

Era quase um recém-nascido, ou pelo menos uma criança de menos de três meses. Fora ejetado na hora do acidente pela porta dianteira esquerda da cabine do Airbus, que ficara parcialmente deformada devido ao impacto. Tudo isso foi reconstituído e provado de forma bastante precisa pelos especialistas durante o julgamento, quando eles tentaram determinar o assento que o bebê e seus pais ocupavam no avião. Fiquem tranquilos: vou voltar a essa questão mais tarde. Tenham paciência…

Mouchot estava convencido de ter encontrado apenas um corpinho sem vida: o recém-nascido tinha passado mais de uma hora na neve. No entanto, ao se abaixar, percebeu que a criança, seu rosto, suas mãos e dedos quase não estavam azuis. O corpo estava caído a uns 30 metros do incêndio. O calor protetor da aeronave em chamas o envolvia. O jovem bombeiro de Sochaux executou, então, bem depressa, exatamente como havia aprendido, a respiração boca a boca seguida por uma massagem cardíaca, ambas com muito cuidado. Nunca teria pensado que um dia poderia resgatar um bebê, ainda mais naquelas condições…

O bebê ainda respirava com dificuldade. Nos minutos seguintes ao resgate, os serviços de emergência se encarregaram do resto. Mais tarde, os médicos confirmaram que foram o incêndio na clareira e o calor emitido pelo metal fundido da fuselagem que haviam salvado a criança, uma menininha de olhos azuis, muito azuis para sua pouca idade, e provavelmente francesa, a julgar pela pele clara. Ela havia sido ejetada a uma distância suficiente para não morrer queimada, mas para poder mesmo assim gozar da proteção das chamas no frio daquela noite. Que terrível ironia: fora o holocausto dos passageiros e de seus próprios pais que lhe salvara a vida. Assim disseram os médicos para explicar o milagre.

Pois aquilo era de fato um milagre!

A maioria dos jornais da França fechou tarde da noite com uma edição extraordinária sobre a catástrofe, mas não puderam aguardar a sentença dos socorristas. Um único diário, *L’Est Républicain*, arriscou-se a esperar um pouco mais, a segurar as rotativas, a manter todos os funcionários acordados e criar um dispositivo de alerta excepcional. Sem dúvida devido ao faro de um chefe de redação. O periódico dispunha de um exército de freelancers em cada recanto do Jura, todos de plantão atrás dos giroscópios e em frente aos hospitais. A notícia do milagre chegou por volta das duas da manhã. E o *L’Est Républicain* pôde dar na manchete de sua edição de 23 de dezembro de 1980: “A milagrosa sobrevivente do Mont Terrible”. A expressão pegou. Os jornalistas ainda ampliaram o feito a ponto de publicar, junto a uma imagem da fuselagem calcinada na clareira, uma foto em cores da bebê carregada por um bombeiro em

frente ao hospital de Belfort-Montbéliard, na qual o azul do rosto, dos membros e dos olhos havia sido um pouco reforçado artificialmente. A breve notícia era explícita: “Acidente dramático do Airbus 5403 Istambul-Paris na encosta do Mont Terrible, fronteira entre a França e a Suíça, na noite de 22 para 23 de dezembro de 1980. Dos 169 passageiros e tripulantes, 168 morreram na hora ou foram vítimas do incêndio que consumiu a aeronave. A única e milagrosa sobrevivente foi uma neném de 3 meses ejetada no momento do impacto, antes que a fuselagem pegasse fogo.”

A França acordou com a repercussão da tragédia. A órfã das neves arrancou lágrimas em todos os domicílios. Durante a manhã, o furo do *L’Est Républicain* repercutiu em todas as estações de rádio e canais de TV. Talvez vocês agora se lembrem dessa torrente de lágrimas mornas que submergiu a nação em um luto invernal…

Restava um detalhe. O diário do leste francês conseguira publicar a foto da sobrevivente, mas não seu nome. Às duas da manhã, isso era complicado: precisava-se entrar em contato com a Turkish Airlines em Istambul. Foi o que deve ter pensado o chefe de redação. O nome da sobrevivente, afinal de contas, não era tão importante assim. É claro que publicar o nome da órfã de olhos azuis abaixo da foto na manchete do jornal teria permitido ampliar o impacto emocional da notícia; mas “a milagrosa sobrevivente do Mont Terrible” também não era nada mal. Assim, mantinha-se um pouco de mistério até a identificação do bebê, prevista para a manhã seguinte.

No máximo…

Imaginem.

Passei dezoito anos atrás desse nome e desse sobrenome!

5

2 DE OUTUBRO DE 1998, 9H10

A gargalhada histérica vinda de um grupo de cinco estudantes acomodados em volta de uma mesa redonda a 10 metros de onde ele estava desconcentrou Marc. Os rapazes pareciam passar de mão em mão algumas fotos, sem dúvida as de sua última festa universitária, o tipo de imagem que iriam conservar durante a vida inteira, quase em segredo, divididos entre a glória e a vergonha. Marc os conhecia de vista: os cinco faziam parte de uma das principais associações que regiam a vida estudantil.

Cooperativas, gabaritos de provas antigas e cópias xerox de apostilas para financiar festas e saídas.

Ele ergueu os olhos.

Segundo o relógio da Martini, eram 9h11.

Sem um olhar sequer na sua direção, Mariam conversava ao balcão com uma menina vestida de preto da cabeça aos pés, inclusive a calcinha fio-dental que aparecia por cima do cós da saia escura e molenga de Morticia Addams.

Marc deu um suspiro e tornou a mergulhar na leitura. Resignado.

Diário de Crédule Grand-Duc

Pronto. É nesse instante que começa o enigma do Mont Terrible. Talvez agora alguns fragmentos de recordação estejam lhes voltando à mente. Porém, tudo parecia se desenrolar com normalidade. A recém-nascida órfã encontrada pelo jovem bombeiro foi acolhida pela ala de pediatria do centro hospitalar de Belfort-Montbéliard e confiada aos cuidados de um exército de médicos.

Reconstituí os acontecimentos subsequentes com uma precisão digna de um metrônomo, mas vou lhes poupar as horas de entrevistas gravadas com as testemunhas. Bastará um resumo que considero suficientemente edificante.

Léonce de Carville recebeu a dupla notícia do acidente e da neném sobrevivente pelo plantão do rádio às seis da manhã. Ele sempre acordava cedo. Com um único telefonema, cancelou os compromissos do dia — apesar da

agenda lotada — e partiu na mesma hora de jatinho particular para Montbéliard. Na época com 55 anos, pertencia ao seleto grupo dos grandes empresários mais notórios da França. Formado em engenharia, fizera fortuna construindo dutos de petróleo em todos os continentes. A empresa de Carville prestava serviços para as maiores multinacionais do setor de petróleo e gás. O que valera seu sucesso não fora exatamente a inovação tecnológica dos oleodutos ou gasodutos, mas sua capacidade de fazer as tubulações passarem pelo cantos mais perigosos e mais complicados do planeta, debaixo d'água, sob as montanhas, em zonas sísmicas. A empresa decolou de fato na década de 1960, quando inventou uma tecnologia revolucionária para estabilizar os oleodutos nas áreas de permafrost, solos que passavam quase o ano inteiro congelados, e começou a exportá-la, em plena Guerra Fria, tanto para a Sibéria quanto para o Alasca.

No labirinto branco do hospital de Belfort-Montbéliard, Léonce de Carville manteve estampada no rosto uma máscara de dignidade que impressionou todo o pessoal médico atarefado e atormentado pelos jornalistas.

— Queira nos acompanhar — disse uma enfermeira apressada.

— Onde ela está?

— No berçário. Fique tranquilo. Ela está bem.

— Quem está cuidando dela?

Um pouco espantada, a enfermeira hesitou. Gaguejou ao responder: — O Dr… o Dr. Morange. Era ele quem estava de plantão na noite passada.

O olhar de Léonce se tornou perscrutador, e ele não precisou pronunciar nenhuma palavra para que a enfermeira explicasse: — O senhor teve sorte. O Dr. Morange é um de nossos especialistas mais renomados. Ele ainda está no hospital. O senhor vai poder lhe fazer todas as perguntas que quiser.

Léonce esboçou um débil esgar que podia significar tanto satisfação quanto desconfiança. Seguiu caminhando a passos decididos, sem hesitar. Todos lhe abriam caminho pelos corredores abarrotados.

Na noite anterior, o empresário havia perdido o filho único e a nora na tragédia do Mont Terrible. Fora ele, industrial experiente, que dois anos antes tinha incentivado o filho a assumir a direção da filial turca do império dos Carville. Ainda que fingissem o contrário, todos sabiam que o jovem Alexandre assumiria o comando da multinacional depois do pai. A sucessão ocorreria aos poucos. Alexandre vinha ganhando experiência com louvor na Turquia, onde, além da sólida formação na escola politécnica, tirava bom proveito do diploma obtido no Instituto de Ciências Políticas. Conforme as mudanças de regime, era obrigado a negociar alternadamente com a Turquia militar e a Turquia democrática. O

objetivo final era a transação mais importante de todo o império dos Carville,

o contrato decisivo para as futuras décadas: Alexandre havia se exilado com a família na Turquia para negociar pessoalmente a construção do oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan, o segundo mais extenso do mundo, quase 2 mil quilômetros do mar Cáspio ao Mediterrâneo, dos quais mais de mil na Turquia até o pequeno porto de Ceyhan, no sudeste do litoral mediterrâneo turco e quase na fronteira com a Síria, onde a família de Alexandre havia montado sua residência de verão. Era uma negociação longa, que se arrastava havia dois anos. Ele passava a maior parte do ano na Turquia com a mulher, Véronique, e a filha Malvina, na época com 6 anos, sendo dois vividos em solo turco. A esposa não voltava à França desde que engravidara: sua saúde frágil tornava a gestação complicada, os deslocamentos eram desaconselhados e as viagens de avião, terminantemente proibidas. Mesmo assim, o parto correra de forma perfeita em Bakirkoy, a maior maternidade particular de Istambul, e a pequena Malvina pudera abraçar com devoção sua irmãzinha, Lyse-Rose. Léonce de Carville e a esposa, Mathilde, receberam na França um belo aviso de nascimento e uma foto um pouco embaçada de sua nova neta. Não havia motivo algum para ter pressa. O reencontro familiar estava planejado para o Natal de 1980. Como todos os anos, Malvina embarcou para a França no início das férias natalinas, uma semana antes dos pais. O restante da família — Alexandre, Véronique e a pequena Lyse-Rose — iria se juntar aos outros alguns dias mais tarde e pegaria o voo Istambul-Paris em 23 de dezembro à noite. A festa já estava marcada na casa dos Carville, a imensa residência familiar em Coupvray, às margens do rio Marne. Em homenagem à irmã bebê, Malvina — adorável moreninha, travessa e irresistível, que tanto na Turquia quanto na França comandava um exército de empregados domésticos — mandara decorar, com pompons cor-de-rosa e brancos, todo o caminho do hall de entrada até o quarto de Lyse-Rose, inclusive a grande escadaria de cerejeira-brava.

Malvina de Carville…

Permitam que eu me afaste por algumas linhas da longa marcha de Léonce pelos corredores do hospital de Montbéliard para lhes apresentar a menina. É importante. Vocês vão entender.

Malvina de Carville, pois.

Aí está uma que nunca gostou de mim, acho. É o mínimo que se pode dizer. Curiosamente, o sentimento é mútuo. Por mais que tente me convencer que não é responsável pela própria loucura, que sem toda essa tragédia teria se tornado uma mulher inteligente e desejável, uma grande burguesa bem-nascida e depois bem-casada… Mesmo assim, ao longo dos anos, essa garota sempre me meteu um medo danado com suas obsessões cada vez maiores. Ao contrário da avó, jamais confiou em mim; na verdade, devia sentir que eu a considerava uma

espécie de monstro. Sim, um monstro! Foi nisso mesmo que essa adorável menininha de 6 anos se transformou com o tempo. Uma criatura feia, amargurada e incontrolável. Mas deixemos isso de lado. Nesse caso também, não é hora de falar a respeito. Basta um pouco de má sorte para este caderno de anotações cair nas mãos dessa fúria, e então quem poderá saber que reação a leitura destas linhas poderia provocar?!

Voltemos, isso sim, ao motivo que causou sua loucura. O milagre. O simulacro do milagre, para ser mais exato.

No centro hospitalar de Belfort-Montbéliard, Léonce manteve uma espécie de distância que, pela primeira vez, ninguém à sua volta interpretou como frieza, mas, sim, como pudor. Permaneceu estoico mesmo quando lhe apresentaram a neta por trás de um vidro que o impedia de ouvir seu choro.

— É aquela ali — disse a enfermeira. — No primeiro berço, bem na sua frente.

— Obrigado.

Seu tom foi sóbrio, calmo e contido. A enfermeira se afastou uns três passos. Já fora informada de que Lyse-Rose era tudo o que restava a Léonce de Carville.

Nesse instante, a fé do brilhante industrial deve mesmo ter sido abalada. Ou pelo menos ter enfraquecido. Léonce, é claro, não era um católico tão fervoroso quanto a mulher. Só era religioso por convenção, por sociabilidade, para que o cientista racional não criasse uma desordem excessiva na família da esposa ou na influente comunidade das obras beneficentes da Igreja em Coupvray. Em instantes como aquele, porém, devia ser difícil, mesmo para o mais racional dos homens, não pensar no que poderia existir depois da morte. Não ficar dividido entre a raiva contra Deus, que lhe tira o filho único, e o agradecimento, o perdão a um Deus mesquinho que, por remorso, por compensação talvez, aceita salvar sua neta. Somente ela.

Lyse-Rose chorava em silêncio dentro de sua gaiola de vidro.

— É um milagre — disse às suas costas o Dr. Morange, um médico de jaleco branco e sorriso de padre.

Esse sorriso se mantinha o mesmo anos mais tarde, quando o conheci, e ele me contou tudo.

— Ela está milagrosamente bem. Não tem sequela alguma, zero. Só a estamos mantendo um pouco em observação por segurança, mas já se recuperou por completo. Garanto ao senhor, é um prodígio…

Obrigado a você aí em cima, deve ter pensado Léonce.

Foi nesse momento que uma enfermeira chegou à procura do responsável pelo plantão. Telefone para ele. Sim, era urgente. Urgente e muito estranho. O Dr. Morange deixou Léonce em frente à incubadora onde sua neta se remexia.

Sozinho, ele poderia enfim derramar sua lágrima, pensou o médico, que, assim como todo mundo, gostava de tragédias que terminam com final feliz, ou pelo menos que terminam melhor do que começaram. Ainda emocionado, pegou o fone que a enfermeira lhe estendia.

A voz que saiu do aparelho pareceu vir dos confins do mundo, um misto de gravidade e pressa.

— Bom dia, doutor. Sou o avô da nenenzinha do avião. O do acidente no Jura hoje à noite. Foi a telefonista quem me passou para o senhor… Como ela está?

— Bem… Muito bem, pode ficar tranquilo, está tudo correndo da melhor forma possível. Acho até que ela vai poder ter alta daqui a poucos dias. Aliás, o avô paterno já chegou. Se o senhor quiser falar com ele…

Fez-se um silêncio. O médico sentiu naquele mesmo instante que algo não estava certo.

— Doutor… Sinto muito, o senhor deve estar enganado… O avô paterno do bebê *sou eu*. E minha neta não tem avô materno, minha nora era órfã…

Um formigamento nervoso agitou os dedos do Dr. Morange. Dentro de seu cérebro em ebulição, o médico imaginou possíveis explicações. Um trote? O truque de um jornalista ávido por informações?

Precisava de mais detalhes.

— O senhor está se referindo ao acidente com o voo Istambul-Paris ocorrido na noite passada? À

neném que sobreviveu por milagre? À pequena Lyse-Rose?

— Não, doutor…

Pela voz de seu interlocutor, o médico sentiu que este acabara de dar um enorme suspiro de alívio.

— Não, doutor — prosseguiu a voz, agora mais segura. — Está havendo um mal-entendido. A neném que sobreviveu não se chama Lyse-Rose… O nome dela é Émilie.

Gotas de suor brotaram na testa do médico, coisa que nunca lhe acontecia, nem mesmo no centro cirúrgico.

— Meu senhor, sinto muito, mas isso é impossível. O avô da menina, Léonce de Carville, já está aqui no hospital. Está olhando para ela, reconheceu a neta e afirma que o nome dela é Lyse-Rose…

Seguiu-se um silêncio constrangido de ambos os lados da ligação.

— O senhor… o senhor mora longe de Montbéliard? — retomou o médico.

— Em Dieppe. Na Alta-Normandia.

— Ah… Bem… Acho que o melhor a fazer, senhor… Como é o seu nome?

O Dr. Morange tentava desajeitadamente ganhar tempo.

— Vitral. Pierre Vitral.

— Bem, Sr. Vitral, talvez o mais simples seja ligar para a delegacia de Montbéliard. Acho que eles estão verificando a identidade dos passageiros. Não posso lhe dizer mais nada… Eles devem saber lhe informar. Vão lhe dar todas as respostas.

Na mesma hora, o médico se arrependeu de ter bancado o funcionário público e mandado um pobre coitado em uma situação difícil para o guichê ao lado. Sentia muito bem que, do outro lado da ligação, em Dieppe, logo que o fone fosse posto no gancho, o outro homem iria desabar como se houvessem matado sua neta pela segunda vez. Tranquilizou-se rapidamente. Afinal de contas, não tinha culpa nenhuma. Aquela história era ridícula. O senhor da Normandia devia estar equivocado.

Ambos desligaram.

O médico ponderou, então, se deveria comentar com Léonce de Carville sobre a estranha ligação.

Pierre Vitral pôs o fone no gancho devagar. Sua mulher, Nicole, estava em pé ao lado, preocupada: — Então, Émilie está bem? O que eles disseram?

Seu marido a encarou com uma ternura infinita, do jeito que ainda sabia fazer tão bem. Falou baixinho, como se fosse ele o culpado: — Eles disseram que o bebê que sobreviveu se chama Lyse-Rose, não Émilie…

Nicole e Pierre Vitral passaram vários instantes calados. A vida não tinha sido generosa com nenhum dos dois. A soma dos infortúnios às vezes resulta em uma equação positiva, assim como dois números negativos. Juntos, eles haviam enfrentado falta de dinheiro, reveses da sorte, doenças, o dia a dia. Sem jamais reclamar. Era sempre a mesma coisa: quem não grita não consegue nada. Como os Vitral nunca haviam protestado contra a vida, ela não hesitara em exagerar na dose de desventuras. Pierre e Nicole tinham arruinado a saúde — ele, as costas; ela, os pulmões — durante mais de duas décadas em um Citroën H laranja e vermelho especialmente adaptado para vender batatas fritas, linguiças e outros grelhados à beira-mar, em Dieppe e em todas as outras praias do norte francês, ao sabor dos eventos, dos festivais e da meteorologia quase nunca piedosa. Haviam se dado ao trabalho de ter dois filhos, tentando dar uma banana para a vida, e ela lhes tomara um de volta, Nicolas, em um acidente de mobilete em Criel-sur-Mer durante uma noite chuvosa.

O azar não os largava. Apesar disso, apenas dois meses antes, pela primeira vez eles tinham ganhado alguma coisa: uma estadia de duas semanas em Bodrum-Gumbet.

Bodrum-Gumbet? Onde fica isso?

Na Turquia. É uma península que adentra o Mediterrâneo, coalhada de hotéis

quatro estrelas, tipo resort, onde se pode mergulhar os pés no mar deitado em uma espreguiçadeira. Com tudo pago. Um verdadeiro palácio! Tinham ganhado a viagem por acaso, em um concurso, graças a um simples cupom depositado em uma urna de vidro na galeria do Carrefour durante a quinzena de promoções. O sorteado tinha sido seu filho, Pascal. Uma única condição: era preciso viajar antes da virada do ano de 1980. Só que a data não lhes convinha. Fazia apenas dois meses que Pascal e sua mulher, Stéphanie, tinham se tornado pais da adorável Émilie. Para Marc, o primogênito do casal, não havia problema: aos 2 anos de idade, poderia ficar na casa dos avós durante a viagem. Mas, para a pequena Émilie, era mais complicado, pois Stéphanie ainda estava amamentando, e de todo modo não tinha a menor vontade de passar duas semanas longe da filha. As passagens eram nominativas e não podiam ser trocadas. Das duas, uma: ou eles perdiam a viagem, ou levavam a neném.

Decidiram fazer a viagem. Nunca tinham andado de avião na vida. Stéphanie era uma moça cuja imaginação transparecia nos olhos risonhos, para quem o mundo era uma grande maçã a ser mordida.

Um fruto que ela julgava proibido em seu pequeno paraíso.

O casal tinha pensado que não se podia dar as costas à sorte quando ela enfim lhes sorria. Deveriam ter desconfiado; sempre se deve desconfiar dos sorrisos. Pascal, Stéphanie e Émilie pousariam em Roissy no dia 23 de dezembro e passariam um dia em Paris, admirando as vitrines de Natal. Mais uma fantasia da encantadora Stéphanie. Órfã, ela era adorada por toda a família Vitral e retribuía generosamente esse afeto. No fundo, não precisava de viagem nenhuma à Turquia para ser feliz. Seu conto de fadas eram Marc e Émilie, seus dois pimpolhos, com o papai e os avós para mimá-los.

Pierre e Nicole ficaram sabendo sobre o drama ao mesmo tempo, enquanto escutavam na rádio France Inter o plantão de notícias das sete da manhã.

Como todos os dias.

Estavam sentados um de frente para o outro à pequena mesa abarrotada na cozinha. Durante muito tempo, as duas canecas de cerâmica — com café, no caso de Pierre e chá, no de Nicole — ficaram abandonadas, esfriando, quase intocadas, congeladas naquele segundo que empalhou a vida dentro da casinha de pescadores da Rue Pocholle, no Pollet, antigo bairro pesqueiro que parecia uma ilha no meio do porto de Dieppe.

— Por que Lyse-Rose? — berrou Nicole, de repente.

Todas as casas da rua eram geminadas. A rua sem saída se resumia a uma dezena de fachadas idênticas. Todo mundo escutava tudo. O grito de Nicole atravessou as paredes.

— Ela se chama Lyse-Rose? Hein? Quem falou isso? A neném, por acaso?

Ela disse aos bombeiros?!

Uma bebê de 3 meses no avião, uma menininha de olhos azuis… É a nossa Émilie! Ela está viva. Quem vai dizer que não? Como eles podem afirmar que não? Estão inventando histórias porque ela é a única ainda viva, querem nos roubar a menina porque ela foi a única que sobreviveu…

Nicole tinha os olhos marejados de lágrimas. Apesar do frio, vizinhos começaram a sair à rua. Ela se jogou nos braços do marido.

— Não, meu Pierre. Prometa para mim… Não, meu Pierre, eles não vão levar nossa neta, ela não escapou do avião para ser roubada. Prometa.

No quartinho contíguo à sala, acordado de repente pelo grito da avó, o pequeno Marc Vitral também se pôs a berrar do alto de seus 2 anos. Mas ele não podia entender o que estava acontecendo, e não conservaria lembrança alguma daquela manhã infeliz.

2 DE OUTUBRO DE 1998, 9H24

Marc ergueu os olhos do caderno de Grand-Duc. De tão emocionado, estava chorando.

Não, é claro que não tinha conservado lembrança alguma daquela manhã infeliz. Não até ler o relato que tinha em mãos.

Descobrir daquela forma cada detalhe do drama de sua infância tinha algo de estranho, irreal.

À sua volta, o movimento do Lénine o deixava tonto. Os cinco rapazes do grêmio estudantil tinham ido embora, sem parar de rir, e batido a porta de vidro. Marc passou a mão pelo rosto e enxugou com discrição as lágrimas no canto dos olhos. Respirou lentamente e tentou se acalmar. Afinal, já conhecia quase todos os elementos daquela história. Da sua história.

Quase todos…

O relógio da Martini marcava 9h25.

E ele mal havia começado.

6

2 DE OUTUBRO DE 1998, 9H17

Malvina de Carville bateu no vidro com o cano do Mauser L100. As libélulas mal reagiram. Somente a maior delas, a do corpo grande com reflexos vermelhos e asas gigantescas, tentou se levantar alguns centímetros antes de tornar a cair no fundo do viveiro, imobilizada entre os cadáveres dos outros insetos, dezenas deles. Nem por um instante Malvina teve vontade de tornar a ligar a oxigenação do local ou de erguer a tampa de vidro para libertar os sobreviventes. Preferiu observar a agonia dos bichos. Afinal de contas, não tinha nada a ver com aquela hecatombe.

Tornou a bater no vidro com o cano do revólver, dessa vez com mais força. Estava fascinada com os esforços desesperados daqueles insetos para agitar as pesadas asas no ar sem oxigênio a cada vez que as paredes do viveiro se sacudiam.

Passou vários minutos assim. Aquelas libélulas podiam morrer, todas elas! Pouco ligava. Não era por sua causa que ela estava ali. Estava ali por causa de Lyse-Rose. A sua libélula. Sua primeira e única.

Malvina avançou sala adentro. O espelho a pegou de surpresa ao lhe exibir sua imagem. Não pôde evitar observar o próprio reflexo. Um calafrio de desgosto a atravessou. Detestava aquela linha branca que dividia em duas partes, bem no meio, os cabelos lisos e compridos; detestava aquele suéter de lã azul-celeste com gola rendada; detestava o tronco sem seios, os braços magros, o corpo de 40 quilos.

Na rua, os transeuntes a tomavam por uma menina de 15 anos. Ao menos de costas. Ela estava acostumada com o olhar estupefato de todos quando se viam diante de uma menina-velha de 24 anos vestida como nos anos 1950.

Pouco importava.

Não estava nem aí para eles, todos aqueles que lhe diziam a mesma coisa havia dezoito anos, dezenas de psicólogos, sempre os melhores, que ela tinha exaurido sucessivamente, os psiquiatras infantis, nutricionistas, especialistas de sei lá o quê… Também não estava nem aí para a avó. Já sabia de cor a lenga-lenga. Ela se recusava a crescer… Recusava-se a engordar. Recusava-se a envelhecer. Recusava-se a vivenciar o luto. A esquecer Lyse-Rose.

Lyse-Rose.

Vivenciar o luto, esquecer…

Ou seja: matá-la.

Virou-se e andou até a lareira. Teve de passar por cima do cadáver. Por nada no mundo teria largado o Mauser que segurava na mão direita. Nunca se sabe. Mesmo não sendo provável que o imbecil do Grand-Duc se levantasse. Um tiro no coração. A cabeça dentro da lareira.

Ela pegou o atiçador com a mão esquerda e vasculhou atabalhoadamente os restos do fogo.

Nada!

Aquele filho da puta não tinha deixado nada!

Cada vez mais irritada, Malvina agitou a barra de ferro, esbarrou no rosto de Grand-Duc e fez subir uma nuvem de fumaça preta. Devia ter sobrado algum vestígio, um pedaço de papel não esturricado, algum indício…

Teve de aceitar a realidade: estava remexendo apenas minúsculos confetes enegrecidos.

As caixas-arquivo estavam espalhadas pelo chão. Com datas escritas em pilot vermelho na lombada: 1980, 1981, 1982-1983, 1984-1985, 1986-1989, 1990-1995, 1996…

Todas vazias, desesperadamente vazias.

Uma raiva surda, incontrolável, de um tipo que ela sabia ser capaz, pôs-se a gritar dentro de Malvina.

Então Crédule Grand-Duc, aquele filho da mãe, os tinha feito de bobos! Fora para isso que seus avós o haviam pagado durante dezoito anos, que haviam reembolsado cada despesa, cada viagem, cada custo, ano após ano?

Tudo em troca de um monte de cinzas!

Malvina largou o atiçador no chão encerado, abrindo um talho negro na madeira. Era com o dinheiro deles que aquele desgraçado tinha comprado aquela casa, uma casa de burguês bem no coração da Butte-aux-Cailles… Com o dinheiro deles! E para quê, no fim das contas? Para queimar todas as provas antes de se calar. De se calar para sempre!

Ela apertou os dedos em volta do Mauser.

Malvina de Carville sentia por Grand-Duc tanta compaixão quanto pelas libélulas mortas dentro do viveiro.

Na verdade, menos.

Aquele filho da mãe tivera o fim que merecia: abatido na própria casa, com o nariz, os olhos e a boca no meio das brasas ainda quentes após queimar as próprias mentiras. Tinha assumido riscos, tentado disputar um jogo duplo. Tinha perdido. Ela não iria se lamentar por causa dele. A única coisa que lamentava, no fim das contas, era que ele agora não poderia mais falar… Mas ela não iria desistir, muito menos agora. Não iria abandonar a irmãzinha. Estava ali por

causa dela, como sempre. Por causa de sua Lyse-Rose, de sua libélula. Precisava continuar buscando. Precisava encontrá-la.

Por exemplo, as anotações feitas por Crédule Grand-Duc durante todos aqueles anos, dia após dia.

Em um caderno de capa verde-clara, pelo que ela ficara sabendo. Onde ele poderia tê-lo enfiado? A quem o teria entregado?

Malvina andou até a cozinha. Olhou em volta. Tudo parecia limpo e arrumado. Um pano de prato azul pendia de um prego. De todo modo, ela já tinha procurado em todos os cantos, sem sucesso. Estava tudo em ordem, tanto ali quanto nos outros cômodos. Grand-Duc era um homem meticuloso.

Que merda!

Não havia nada de útil naquela casa. Ela precisava raciocinar.

Tornou a pensar no telefonema de Grand-Duc recebido por sua avó na véspera. Ele dizia ter descoberto alguma coisa. Enfim! Depois de tantos anos, na noite do aniversário de 18 anos de Lyse-Rose. Melhor ainda: poucos minutos antes da meia-noite. Tinha mencionado um jornal antigo, o *L'Est Républicain*, e uma revelação que tivera dezoito anos depois com o simples fato de abri-lo.

Até parece!

O imbecil estava blefando!

Sua avó poderia até cair na esparrela mais uma vez, se ainda gostasse de acreditar nas mentiras daquele detetive. Mas ela não… *L'Est Républicain*, exatos dezoito anos depois? À meia-noite em ponto, por pura coincidência…

Era ridículo.

Grand-Duc só estava tentando ganhar tempo. Seu contrato acabava exatamente no dia em que Lyse-Rose completasse 18 anos; o dinheiro pararia de entrar. Ele quisera apenas deixar a torneira aberta um pouco mais e, para isso, tinha inventado uma história qualquer. Com sua carolice, a avó se mostrava disposta a ouvir qualquer coisa, confiava demais em Grand-Duc, que a havia controlado durante todos aqueles anos. Malvina observou a placa de cobre sobre a escrivaninha: *Crédule Grand-Duc, detetive particular*.

Que nome mais idiota!

Sim, ele achava que podia controlar seus avós.

Mas ela não!

Ela era livre. Lúcida. Soubera desmascarar o jogo duplo do detetive. Grand-Duc sempre havia preferido os Vitral. Estava do lado deles! Sempre a olhara atravessado, como se ela fosse um animal de feira. Não confiava nela.

Não o suficiente!

Correu um último olhar pela escrivaninha, saiu a contragosto da sala e voltou para o pequeno hall de entrada do apartamento. Examinou com argúcia os

guarda-chuvas arrumados em um vaso grande, os compridos sobretudos presos em ganchos. Ali também não havia nada fora do lugar.

Não pôde evitar se demorar fitando as fotografias presas com ímãs em um quadro de avisos, logo acima da janela da entrada. Uma imagem do casamento de Nazim Ozan, o cúmplice de Grand-Duc, com aquela vaca gorda turca; outra de Nicole Vitral, claro, com os peitos pulando para fora do vestido feio de vendedora de batatas fritas. Grand-Duc não devia se cansar de admirar todos os dias de manhã os peitos dela antes de sair de casa, enquanto vestia o sobretudo e pegava seu pequeno guarda-chuva.

Malvina espiou distraidamente as outras fotografias expostas no hall. Paisagens de montanha, decerto do Jura. O Mont Terrible. Montbéliard.

Ela se lembrava. Reconhecera o bebê, sua irmã, no hospital de lá. Tinha 6 anos na época. Era a única testemunha viva.

Lyse-Rose sobrevivera. Haviam lhe roubado sua irmãzinha.

Eles podiam dizer o que quisessem. Que ela se recusava a vivenciar o luto e todo o resto.

Nunca, nunca na vida iria desistir.

Malvina se forçou a espantar o torpor: precisava agir. Voltou para a sala, passou por cima do cadáver de Grand-Duc novamente, em seguida encarou uma última vez a lareira, o viveiro de insetos, a escrivaninha. Tinha arrombado a janela do quarto para entrar no apartamento; os cacos da vidraça estavam caídos entre as malvas-rosas. Deixara impressões digitais por toda parte; alguma hora a polícia acabaria chegando, chamada por um vizinho. Precisava ter cuidado. Não por si própria, isso não tinha importância. Mas por causa de Lyse-Rose. Precisava ficar livre e apagar os indícios de sua presença naquele apartamento, todos eles. Com sorte, encontraria algum detalhe que deixara passar. E por que não aquela droga de caderno verde?

O que aquele filho da mãe do Grand-Duc poderia ter escrito no tal caderno? Teria de fato descoberto alguma coisa no jornal, a verdade, no dia em que Lyse-Rose fazia 18 anos?

Que verdade?

Será que ele estava blefando?

Será que ela podia correr um risco assim?

Tinha de encontrar aquele caderno.

Muito provavelmente o entregara aos Vitral… antes de levar um tiro no coração. Seria a sua cara.

Como uma espécie de presente de aniversário. Talvez quem estivesse com ele nas mãos fosse Marc Vitral, aquele perverso. Talvez o estivesse até lendo.

7

2 DE OUTUBRO DE 1998, 9H28

Marc Vitral não desgrudava os olhos do relógio da Martini.

À mesa mais próxima, na sua frente, uma belíssima universitária morena de cabelos bem curtos o encarava com uns olhos cor de oceano nos quais qualquer homem teria mergulhado sem hesitar.

Marc, insensível, desviou o olhar.

Isso deve ter deixado a garota ainda mais interessada. Aquele rapaz louro perdido em pensamentos, na própria tristeza, com lágrimas a brilhar nos olhos que a atravessavam como se ela fosse invisível.

Eram raros os homens indiferentes à sua beleza. E ela, naturalmente, só se sentia atraída pelos indisponíveis, pelos fantasmas inacessíveis.

Marc refletia sobre a descrição feita por Grand-Duc de seus pais, Pascal e Stéphanie, de quem sua única lembrança eram fotos antigas. Ergueu a mão na direção de Mariam. Pensando que ele quisesse pedir o presente antes da hora e, assim, ganhar alguns minutos, a dona do bar observou o relógio de parede com um ar reprovador.

— Pode me trazer um croissant, Mariam? Não comi nada hoje de manhã. Não estou acostumado com Lylie pedindo para me encontrar tão cedo!

Mariam abriu um largo sorriso tranquilizado.

Alguns segundos depois, serviu-lhe o croissant em um prato. O barulho no Lénine estava ficando ensurdecedor. A universitária de olhos abissais continuava a encarar Marc, desesperada, implorando por um olhar.

Em vão.

Marc arrancou metade do croissant com os dentes e engoliu de uma vez só.

Eram 9h33.

Tornou a mergulhar nas anotações de Grand-Duc.

Diário de Crédule Grand-Duc

Acho que vocês concordarão comigo se eu disser que, para os Vitral e para

os Carville, a vida de fato se mostrou uma tremenda de uma bosta. Primeiro lhes anunciou a queda de um Airbus, sem sobreviventes, tirando-lhes de um só golpe as duas gerações sobre as quais haviam construído seu futuro: os filhos e as netas. Em seguida, uma hora mais tarde, radiante, anunciou-lhes um milagre: o menor, o mais frágil de todos os seres fora poupado. E é até possível se alegrar, agradecer aos céus, esquecer a perda de pessoas tão queridas… mas a vida só retira a faca para enfiá-la ainda mais fundo da segunda vez. E se o pequeno ser que sobreviveu por milagre não fosse a carne da sua carne, fruto do fruto de suas entranhas?

Desde o raiar do dia de 23 de dezembro de 1980, o movimento foi grande na delegacia de Montbéliard.

O próprio delegado havia assumido o caso: Vatelier, policial experiente e dinâmico que ostentava uma barba escura mal cuidada, mas cuja cor combinava com a da jaqueta de couro que ele usava. A Turkish Airlines tinha enviado a lista de passageiros por fax bem cedo, às sete da manhã. Curiosa coincidência, que deve ter feito a tripulação na pista do aeroporto de Ataturk, em Istambul, achar graça: havia dois bebês no voo, duas francesinhas nascidas quase no mesmo dia.

Lyse-Rose de Carville, nascida em 27 de setembro de 1980.

Émilie Vitral, nascida em 30 de setembro de 1980.

Coincidência engraçada, vocês devem estar pensando. Pude verificar posteriormente que a presença de bebês em aviões está longe de ser um acaso excepcional. Pelo contrário, é frequente, sobretudo nos voos longos durante os períodos de férias. Em plena globalização da economia, as famílias precisam se reunir em volta de uma árvore de Natal, de um bolo de aniversário, um casamento, um enterro ou qualquer outra ocasião especial. Ninguém nota, mas hoje em dia os aviões vivem lotados de bebês!

No início, confessou-me Vatelier, sua equipe achou o fato bastante divertido. Duas nenéns… como saber qual delas tinha sobrevivido? Na realidade, a polícia deve ter pensado que o inquérito seria rápido.

Não é difícil tirar informações de um bebê. Os olhos, a pele, o sangue, o conteúdo de seu estômago, as roupas, os objetos pessoais, os parentes próximos: são muitos indícios, decerto mais do que suficientes.

Só que era preciso agir depressa. A polícia estava sendo perseguida por uma horda de jornalistas, pois o caso era um prato cheio para a mídia. Imaginem só, uma única órfã para duas famílias! Além disso, afinal, o que estava em jogo era o futuro de uma criança, e não se podia deixá-la passar vários meses no berçário do hospital de Belfort-Montbéliard; era necessário urgentemente instruir o inquérito, deliberar, decidir, devolvê-la à família. Já às duas da tarde do dia 23 de dezembro, Léonce de Carville despachou para Montbéliard um batalhão de

advogados de Paris, todos remunerados a peso de ouro e encarregados de grudar nos investigadores de Vatelier para verificar cada detalhe.

Do ponto de vista jurídico, era um caso complexo. O Ministério da Justiça, porém, resolveu em poucas horas: a delegacia de Montbéliard continuava encarregada do inquérito, mas a decisão final seria tomada por um juiz de infância após os depoimentos de todas as partes e testemunhas. Em sigilo, claro.

E deveria sair ao mais tardar no final de abril de 1981, de modo a não perturbar a segurança afetiva da criança, que, enquanto isso, permaneceria no berçário do centro hospitalar de Belfort-Montbéliard. Para conduzir a instrução, o ministério nomeou rapidamente e sem surpresas o juiz Jean-Louis Le Drian, um dos medalhões do tribunal de grande instância de Paris, autor de uma dezena de livros sobre crianças nascidas de partos anônimos, buscas de identidade e adoções. Não poderia ter sido outra pessoa.

Desde o dia seguinte, 24 de dezembro, ainda que com alguma dificuldade, o juiz Le Drian conseguiu reunir um grupo de trabalho improvisado e bem pouco entusiasmado com a perspectiva de passar parte do feriado cuidando daquele caso: Vatelier, delegado de Montbéliard; Morange, o médico que vinha cuidando da pequena sobrevivente desde a véspera; e Saint-Simon, policial lotado na embaixada francesa em Istambul, que se comunicava com os demais por telefone.

Todos me relataram posteriormente a reunião surreal ocorrida em um grande escritório parisiense na Avenue de Suffren, com vista indevassável para a torre Eiffel iluminada no céu branco invernal. A promessa de uma véspera de Natal sem guirlandas nem presentes. De filhos aguardando ao pé da árvore enquanto eles avaliavam, com precisão e profissionalismo, o futuro de uma menina de 3 meses.

O juiz Le Drian estava chateado, pois conhecia vagamente os Carville. Havia cruzado com o casal em uma ou duas festas parisienses, daquelas em que algumas centenas de convidados se espremem nos salões de gala de edifícios da era Haussmann. Posso entendê-lo. Bem lá no fundo, uma vozinha devia dizer na sua cabeça: tomara que essa menina seja mesmo neta dos Carville, senão estou ferrado.

A chance era de cinquenta por cento. Cara ou coroa.

Só que, à primeira vista, a moeda não parecia querer cair do lado certo.

Anos mais tarde, quando conheci Le Drian, ele ainda tinha o mesmo aspecto da época do caso: anguloso, preciso, impecável, com um cachecol lilás um pouco mais claro do que a gravata roxa. Era de se perguntar como, apertado naquele terno, podia inspirar confiança a crianças traumatizadas e arrancar suas confidências. O juiz havia filmado todas as reuniões. Confiou-me as gravações;

não recusava nada aos Carville. Assim, posso ser preciso, e vocês terão direito a som e imagem. Quanto à sentença, porém, deixarei que julguem por si mesmos.

— Tentarei ser o mais breve possível — começou Le Drian. — Estamos todos com pressa, não é mesmo?

Começarei com as informações relacionadas a Lyse-Rose de Carville. A menina nasceu em Istambul pouco menos de três meses atrás. Somente os pais a conheciam de fato, mas Alexandre e Véronique de Carville levaram consigo dentro do Airbus Istambul-Paris tudo o que dizia respeito a ela. Seus brinquedos, roupas, fotografias, remédios, sua carteirinha de vacinação. Tudo desapareceu no incêndio do avião. Saint-Simon, você conseguiu algum outro depoimento aí na Turquia?

A voz nasalada do policial da embaixada em Istambul chiou no alto-falante do telefone posicionado em cima da mesa.

— Para falar a verdade, não. Tirando alguns empregados turcos da casa que viram Lyse-Rose através do véu opaco de um mosquiteiro, a única testemunha ocular é Malvina, a irmã de 6 anos. Vocês entendem que…

Le Drian já podia sentir que o caso começava a se complicar. Nessas ocasiões, quando os acontecimentos fugiam ao seu controle, ele se levantava e puxava a ponta do cachecol para que as duas extremidades penduradas em frente ao paletó ficassem exatamente do mesmo tamanho. Um cacoete como qualquer outro. É claro que, devido ao mistério insondável da fricção dos tecidos, o maldito cachecol lilás não parava de escorregar, ora para a esquerda, ora para a direita, mesmo sem que o juiz parecesse esboçar o menor movimento do pescoço. O delegado Vatelier observava essa mania com um sorriso mal disfarçado no meio da barba. Então, tomou a palavra: — Conversei bastante com os avós Carville. Principalmente com Léonce de Carville. Eles só conhecem a neta por algumas descrições telefônicas vagas. Têm também uma fotografia de Lyse-Rose, tirada no dia em que a menina nasceu e remetida pelo correio com o aviso de nascimento.

— E o que essa fotografia mostra?

Vatelier fez uma careta.

— Quase nada. A mãe está amamentando a menina. Lyse-Rose está de costas. Dá para ver um pescoço, uma orelha, mas nada além disso…

Nervoso, Le Drian puxou o cachecol para a direita. Decididamente, o caso não estava com uma cara nada boa para os Carville.

Se permitirem que eu me adiante um pouco, saibam que, nas semanas subsequentes, Léonce de Carville convocou especialistas muito sérios; segundo eles, a orelha do bebê sobrevivente era idêntica à de Lyse-Rose no retrato do nascimento. Desde então, examinei com minúcia as fotos e análises: era preciso

realmente uma boa dose de má-fé para tirar deles qualquer certeza, em qualquer direção que fosse. Mas o juiz Le Drian ainda não havia chegado a esse ponto, e continuava a explorar a genealogia da menina sobrevivente.

— E os avós maternos de Lyse-Rose? — indagou.

Vatelier observou com tristeza a torre Eiffel que brilhava feito uma imensa árvore de Natal, em seguida consultou as próprias anotações.

— Véronique, mãe de Lyse-Rose, é a quarta dos sete filhos de uma família do Québec chamada Bernier, que tem também onze netos. Já havia se distanciado bastante da família quando conheceu Alexandre, em Toronto, durante um seminário de química molecular. Os Bernier parecem apoiar os Carville. Timidamente.

— Certo. Vamos tentar investigar essa parte — disse Le Drian. — Falemos agora sobre Émilie Vitral. Ela parece ter deixado mais indícios…

— Humm, sim — concordou Vatelier com um suspiro. — Ainda que a carteira de vacinação dela, sua mala, suas mamadeiras e babadores também tenham virado fumaça junto com o avião. Vou ser mais exato. Desde o seu nascimento até os 2 meses de vida, os avós viram a neta cinco vezes, das quais duas na clínica de Dieppe, na semana em que ela nasceu, e uma no dia da viagem de avião, quando Pascal e Stéphanie foram deixar Marc na casa deles. Só que nesse dia a neném estava dormindo profundamente.

O delegado se virou para o Dr. Morange, que pela primeira vez se manifestou.

— Eu estava presente quando o casal viu o bebê no hospital de Belfort-Montbéliard. Os Vitral reconheceram a neta na hora…

— É claro — interveio Le Drian. — É claro que reconheceram. Eles não iriam dizer outra coisa…

O juiz expirou de cansaço e deu um puxão na ponta esquerda do cachecol. Vatelier falou mais alto: — Não podíamos enfileirar quatro bebês numerados e mandar os avós reconhecerem o certo através de um espelho bidirecional!

— Talvez tivesse sido melhor — insistiu Le Drian sem rir. — Teríamos ganhado tempo.

O delegado deu de ombros e prosseguiu: — Para coroar, os avós Vitral não têm nenhuma fotografia. Segundo eles, Stéphanie carregava de um lado para outro um álbum da filha com doze fotos. Podemos supor que ele também tenha se perdido no incêndio.

— E os negativos das fotos? — indagou o juiz.

— A delegacia de Dieppe vasculhou tudo no apartamento do casal Vitral, do carpete ao teto, atrás desses malditos negativos. Por enquanto, ninguém achou nada. Stéphanie deve ter levado também, talvez no estojo da câmera…

Podia ser.

Também os procurei depois, os malditos negativos. Uma foto do bebê, imaginem! Inútil manter o suspense, pelo menos quanto a isso. Posso lhes dizer desde já que eles nunca foram encontrados. Sem levar em conta um sumiço no avião ou uma invencionice dos Vitral, sempre pensei na hipótese de Léonce de Carville ter intervindo e visitado o apartamento de Pascal e Stéphanie Vitral antes da polícia para sumir com qualquer prova comprometedora. Ele era bem capaz disso. O que lhes dá uma ideia da gama de possibilidades.

O juiz Le Drian sentiu a nuca ficar úmida e o cachecol escorregar de forma incontrolável, feito uma cobra sobre seu ombro. Aquele caso estava começando a ganhar ares de quebra-cabeça judiciário.

— Bem — falou. — Já dissemos quase tudo. E o restante da família de Émilie Vitral… outro beco sem saída?

— Pode-se dizer que sim — respondeu o delegado Vatelier. — A mãe, Stéphanie, era órfã, fruto de um parto anônimo, e foi criada em um orfanato da Fondation d'Auteuil, em Rouen. Apaixonou-se por Pascal Vitral na varanda de um café antes mesmo de completar 16 anos. Resumindo: a pequena Émilie, se for ela a sobrevivente, agora só tem no mundo os avós, Pierre e Nicole Vitral, e o irmão mais velho, Marc.

O olhar de Le Drian se perdeu, além das vidraças e acima das luzes que formavam a constelação da torre Eiffel, em busca de um rumo, de uma estrela de Belém qualquer que pudesse seguir às cegas nessa noite da Natividade.

Eu poderia continuar assim por muito tempo, descrevendo as horas de conversas, os argumentos e os contra-argumentos. Fora os vídeos das reuniões, há também as quase três mil páginas do inquérito acumuladas na sala do juiz Le Drian durante as semanas subsequentes e que também examinei, isso sem falar nos meus arquivos pessoais. Não temam: abordarei esse assunto mais tarde, ou pelo menos os detalhes que me pareceram importantes. Mas acho que vocês já devem ter começado a entender a dificuldade, o dilema dos investigadores. Nada fácil saber o que pensar, não é mesmo?

Para que lado se deve fazer a moeda cair? Eu próprio, no fim das contas, não consegui saber.

Deixo-lhes como herança todos esses indícios. A decisão é sua…

Mas já posso imaginar o que vocês vão dizer.

E a ciência? As roupas? O sangue? Os olhos? E todo o resto?

Estou chegando lá.

Vocês não vão se decepcionar.

8

2 DE OUTUBRO DE 1998, 9H35

Marc devorou o resto do croissant sem nem ao menos erguer os olhos para o relógio de parede que não andava, para a bela universitária de olhos azul-turquesa sentada na sua frente, ou para Mariam, a dona do bar que o torturava psicologicamente. À sua volta, o Lénine se agitava. Através da janela do café, a esplanada da universidade também. Ainda que de forma alguma as revelações de Grand-Duc pudessem fazê-lo duvidar, ele ainda precisava ler, armazenar todas aquelas informações, a maioria das quais estava descobrindo pela primeira vez.

Já que Lylie queria assim…

Diário de Crédule Grand-Duc

Uns quinze dias mais tarde, em 11 de janeiro de 1981, Le Drian convocou outra reunião. Mesmos investigadores, mesmo lugar, mesma sala na Avenue de Suffren, só que dessa vez pela manhã. A torre Eiffel tremeluzia sob a névoa, e mal se podiam distinguir seus alicerces úmidos nas poças que uma fina garoa ia aumentando devagar. As filas de turistas se alongavam sob um corredor de guarda-chuvas.

Nenhum lugar fora pensado, nem mesmo um telhado de vidro, para que as pessoas aguardassem em frente ao monumento mais visitado no mundo.

Um absurdo. Entre tantos outros.

Le Drian estava cada vez mais contrariado. Seus superiores hierárquicos haviam lhe explicado toda a simpatia que pessoas muito influentes tinham pelos Carville.

O juiz, que não era estúpido, havia entendido o recado. Mas estava fazendo o que podia com os elementos que tinha em mãos. Não iria chegar ao ponto de fabricar provas!

O Dr. Morange terminou sua preleção sobre a questão do tipo sanguíneo. Tinha distribuído fotocópias de análises médicas complexas.

— Resumindo, portanto, nossa pequena sobrevivente tem o tipo sanguíneo mais comum, A+, assim como mais de quarenta por cento da população

francesa. Os arquivos das clínicas de Dieppe e Istambul nos informaram que Émilie Vitral e Lyse-Rose de Carville pertenciam ambas, sem qualquer dúvida possível… ao tipo sanguíneo mais comum, A+, como os senhores já devem ter adivinhado.

É claro, pensou Le Drian.

— E não temos como tirar outras informações dessas análises médicas? — reclamou ele.

Morange explicou, pedante:

— É preciso entender que as amostras sanguíneas permitem apenas eliminar paternidades ou fraternidades, não afirmá-las. Só poderíamos afirmar que existe algum vínculo familiar caso se tratasse de um tipo sanguíneo infrequente, ou então no caso de uma doença genética rara. Mas nem de longe trata-se de uma dessas situações. A ciência não vai nos revelar nada sobre a família dessa menina.

Falando em ciência, já sei o que vão dizer; vocês se acham mesmo muito espertos. E a genética, o DNA, o teste de paternidade e essas coisas todas? Mas imaginem o contexto: estávamos em 1980! Na época, os exames de DNA ainda eram ficção científica. O primeiro caso judicial do mundo a ser elucidado a partir de um foi em 1987… Estão entendendo? Eu lhes garanto que tornaremos a falar nesse assunto; é uma questão que não tinha como não surgir algum dia. Só que nessa época a pequena sobrevivente já terá crescido bastante, e os dados do problema terão se modificado radicalmente. A ciência não explica tudo; longe disso, vocês vão ver.

Voltando a 1980, os especialistas da Avenue de Suffren encaixavam as peças como podiam. O Dr.

Morange fez deslizar por cima da mesa um conjunto de fotografias.

— São simulações feitas pelo laboratório de Meudon. Foram usadas técnicas digitais de envelhecimento artificial do rosto da pequena sobrevivente para ver que cara a menina terá daqui a cinco, dez, vinte anos…

O juiz deu uma olhada nas fotos e forçou uma exclamação irritada: — Vocês não querem que eu tome a minha decisão com base em uma loucura dessas, querem?

Quanto a isso ele tinha razão, pelo menos em parte. Objetivamente, a sobrevivente envelhecida por simulação se parecia mais com um membro da família Vitral do que da família Carville, mas não era nada flagrante. Os advogados dos Carville também se deliciaram ridicularizando o procedimento.

Dezoito anos mais tarde, depois de observar, ano após ano, a milagrosa sobrevivente crescer, posso afirmar que essas técnicas de envelhecimento artificial não passavam de pura idiotice.

— Resta a cor dos olhos — insistiu o médico. — A única característica de fato marcante dessa neném que sobreviveu por milagre. A menina tem olhos espantosamente azuis para sua idade. A cor ainda pode mudar e ficar mais escura, porém, de toda forma, estamos diante de uma particularidade genética.

O delegado Vatelier continuou: — A pequena Émilie Vitral tinha olhos claros que já estavam ficando azuis; todas as testemunhas que chegaram perto dela, avós, alguns amigos, as enfermeiras da maternidade, todos confirmaram isso.

Olhos claros como os do pai e da mãe, como dos avós, como praticamente de todos os membros da família Vitral. Já entre os Carville, pais e avós são morenos de olhos escuros e castanhos. É quase a mesma coisa do lado dos Bernier, eu já verifiquei.

Le Drian parecia à beira de uma crise nervosa. Aquilo não era bom, nada bom para os Carville.

Aquele policial o estava irritando. Lá fora, a garoa se transformava em toró e os estoicos visitantes continuavam aguardando aos pés da torre Eiffel, escondidos sob uma coluna de guarda-chuvas que parecia uma versão moderna da formação romana da tartaruga. O juiz se levantou para acionar um interruptor e aumentar um pouco a iluminação da sala. Seu cachecol caiu para a direita. Ele não o ajeitou.

— Humm, sim — ponderou. — Isso é só mais uma pressuposição, ainda não é uma prova. Todo mundo sabe que dois pais de olhos castanhos podem ter um filho com toda a gama possível de cor dos olhos…

— Sim — concordou o Dr. Morange. — A partir daí, é simplesmente uma questão de probabilidade.

Para ser bem sincero, a probabilidade não favorecia em nada os Carville. Lembro-me que, algumas semanas mais tarde, a revista *Science et Vie* usou o exemplo da “milagrosa sobrevivente do Mont Terrible” para explicar por que a genética era incapaz de prever de maneira sistemática as características físicas de um indivíduo com base na sua ascendência familiar. Desde então, sempre desconfiei que, direta ou indiretamente, Léonce de Carville estivesse por trás daquela matéria um tanto oportuna demais.

Em seguida, pelo alto-falante, o juiz interrogou Saint-Simon, o investigador turco.

— E as roupas da menina, pelo amor de Deus? Será que é tão difícil assim tirar conclusões que se sustentem a partir das roupas que ela estava usando no dia do acidente?

Saint-Simon respondeu com uma voz calma: — Senhores, vou lembrar a vocês a natureza das roupas encontradas no bebê sobrevivente. Um macaquinho de algodão, um vestido branco estampado com flores cor de laranja, um suéter

de jacquard em lã crua. Podemos afirmar com certeza que essas peças foram compradas no Grande Bazar de Istambul, o maior mercado coberto do mundo.

Le Drian não deixou passar a oportunidade: — Os Vitral passaram só quinze dias de férias na Turquia, e apenas dois em Istambul! A pequena Émilie Vitral devia logicamente estar usando roupas francesas levadas na bagagem. É muito pouco provável que os pais tenham tido o reflexo de vesti-la com peças compradas em Istambul poucas horas antes de pegar o avião de volta para a França! Se a neném sobrevivente estava usando um macaquinho, um vestido e um suéter turcos, parece-me evidente que seja Lyse-Rose de Carville. A menina nasceu em Istambul…

Saint-Simon se encarregou de rebater o argumento no mesmo segundo: — Com a ressalva, excelência, se me permite, de que as roupas turcas usadas pela recém-nascida eram peças baratas. Já verifiquei, e elas nada têm a ver com o restante do guarda-roupa de Lyse-Rose guardado nos armários da residência de Ceyhan. Vou lhes mandar uma descrição precisa. Lyse-Rose só usava roupas de marca compradas no bairro ocidental de Istambul, em Galatasaray. Não no Grande Bazar!

Le Drian cortou Saint-Simon com rispidez antes que ele pudesse iniciar uma análise das diferenças sociológicas entre os bairros de Istambul: — Certo, vou olhar a descrição. Vatelier, pode nos informar o que dizem os peritos em balística?

O delegado cofiou a barba e olhou para o juiz, com ar desconfiado. Então, respondeu: — Os especialistas tentaram reconstituir de que maneira e em que momento exato o bebê foi ejetado do avião. Nós sabemos em que lugar estava sentado cada passageiro. Os Carville estavam na fila 10, junto à janela, um pouco mais para a frente da cabine; já os Vitral estavam no centro do Airbus, mais ou menos na altura das asas. Os dois bebês se encontravam, portanto, à mesma distância da porta que cedeu com a explosão, depois do impacto da colisão, e pela qual a sobrevivente foi ejetada. Quanto a esse detalhe, todas as opiniões convergem. Trouxe aqui o relatório. Os especialistas conseguiram reconstituir com precisão o impacto, a torção da porta, e todos são da mesma opinião: somente um ser vivo com menos de 10 quilos poderia ter escapado com vida de uma armadilha assim.

— Certo, certo, delegado — interrompeu Le Drian, nesse dia ostentando um cachecol amarelo-mostarda que combinava mais ou menos com o paletó verde-garrafa. — Mas, depois disso, houve a teoria de Le Tallandier… Se não me engano, o professor de física Serge Le Tallandier demonstrou ser pouco provável que a ejeção tenha ocorrido por um movimento lateral, portanto, em outras palavras, que o bebê ejetado tenha sido Émilie Vitral, pois seu lugar ficava no

centro da aeronave. O que acha, delegado?

— Para ser bem franco, os cálculos do professor Le Tallandier são tão complicados que nenhum policial da França, nem mesmo da criminalística, ousaria contradizê-lo. Mas, mesmo assim, devo assinalar que ele estudou na Escola Politécnica, no mesmo ano de Léonce de Carville e orientou a dissertação de conclusão de curso de Alexandre de Carville na Escola de Minas Paris-Tech.

O juiz encarou o delegado como se ele houvesse acabado de dizer uma heresia. Agitou os braços e puxou o cachecol amarelo-mostarda com um gesto demasiado nervoso para conseguir equilibrar o pedaço de tecido.

— Se eu for obrigado a recusar até o parecer de especialistas que dirigem laboratórios na Escola Politécnica…

Vatelier respondeu, com um sorriso: — Ah, não estou questionando parecer nenhum. Não tenho competência para isso. Tudo o que posso lhe dizer é que, na Politécnica, a teoria de Le Tallandier fez rir bastante os colegas dele que encontrei…

Le Drian deu um suspiro. Lá fora, a torre Eiffel tinha desaparecido inteiramente na névoa, e centenas de turistas decerto haviam esperado horas debaixo de chuva para nada.

Eu ainda poderia lhes despejar páginas e mais páginas de detalhes técnicos. Horas de reuniões gravadas. Não vou cansá-los com isso, pelo menos não agora.

As semanas foram passando, e o caso se empantanou em um marasmo judiciário e científico que aos poucos deixou de interessar qualquer um, a não ser as duas famílias envolvidas.

A polícia insistia.

Os jornalistas, por sua vez, se entediavam.

O público, que nos dias subsequentes ao “milagre” havia caído de amores pelo caso, cansou-se rapidamente por causa da falta de certezas. As brigas entre especialistas não interessavam a ninguém. O

enigma parecia insolúvel. Assim que a poeira baixou, a polícia passou a tentar trabalhar da maneira mais discreta possível. Os advogados de Léonce, por sua vez, fizeram toda a pressão de que foram capazes para evitar que o inquérito fosse divulgado além da conta. Se aquele caso ficasse apenas sob a responsabilidade de funcionários de alto coturno, não restava dúvida de que acabaria se resolvendo a favor dos Carville. O juiz Le Drian era um homem sensato.

L’Est Républicain, o jornal que estava na origem do caso, foi o último a manter um acompanhamento diário dos avanços do “caso da milagrosa sobrevivente do Mont Terrible”; as matérias eram cada vez mais curtas. Lucile Moraud, jornalista responsável por cobrir a investigação e que já acompanhava

havia muitas décadas os casos mais sórdidos do leste da França — que não eram poucos — logo se deparou com um dilema: como se referir à milagrosa sobrevivente? Impossível chamá-la de Émilie ou Lyse-Rose e manter a neutralidade. Perífrases do tipo “a milagrosa sobrevivente do Mont Terrible”, “órfã das neves”, “bebê salvo da fogueira” tornavam o texto muito pesado, e ela queria um estilo simples e direto que cativasse os leitores das classes populares. Encontrou a inspiração no final de janeiro de 1981. Na época, como vocês devem lembrar, as rádios não paravam de tocar uma canção de Charlélie Couture sinistramente adequada à situação, chamada “Como um avião sem asas”.

Irritada com a lentidão do processo e com a suscetibilidade do juiz Le Drian, Lucile Moraud mandou publicar em 29 de janeiro, na manchete do *L’Est Républicain*, uma foto de página inteira da “milagrosa sobrevivente” dentro de sua gaiola de vidro na ala de pediatria do hospital onde aguardava havia mais de um mês, em meio à indiferença de todos, e escolheu como subtítulo, em negrito, três estrofes da canção: *Ah, libélula*,

Você tem as asas frágeis, E eu, a fuselagem amassada…

A experiente jornalista acertou na mosca. Ninguém mais conseguiu escutar o sucesso de Charlélie Couture sem pensar na menina, em suas asas frágeis e na fuselagem amassada do avião. Para a França inteira, a órfã das neves passou a ser “Libélula”. O apelido colou. Foi adotado até mesmo por seus parentes. Até mesmo por mim.

Que idiota!

Libélula!

Cheguei ao ponto de me interessar por esses insetos disformes, e a gastar uma fortuna para colecioná-

los. Quando penso nisso hoje… Todo esse circo por causa de uma jornalista espertinha que soube se aproveitar do sentimentalismo popular.

A polícia, por sua vez, mostrou-se menos dramática. Como não queria citar explicitamente nenhuma das duas famílias, inventou um acrônimo neutro para se referir ao bebê misturando o início do primeiro nome e o final do segundo. A cruza de Lyse-Rose com Émilie virou Lylie.

Lylie…

O delegado Vatelier foi o primeiro a mencionar o nome diante dos jornalistas.

Ninguém pode negar que foi um belo achado. No final das contas, os policiais bem que sabiam ser românticos. Assim como o apelido Libélula, o nome Lylie pegou. Como uma espécie de diminutivo carinhoso.

Nem Lyse-Rose, nem Émilie.

Lylie.

Uma quimera, um ser estranho formado de dois corpos.

Um monstro.

Falando em monstros, chegou a hora: preciso lhes falar sobre o papel desempenhado por Malvina de Carville. Eu sei, ela não teria gostado dessa transição. Mas vocês haverão de me perdoar. Entenderão que ela faz parte dos danos colaterais do drama. Por assim dizer.

Léonce de Carville era um homem ativo, decidido, acostumado a conseguir o que queria. No entanto, nenhuma das provas, nenhuma das peças do caso tendia claramente a seu favor. Ele, então, cometeu dois erros. Dois erros muito graves. Por querer apressar as coisas.

O primeiro foi em relação à própria neta, Malvina. Com apenas 6 anos, ela era uma menina cheia de vida, criada como uma rainha dentro de um casulo de privilégios. Naturalmente, seria difícil superar a morte acidental dos pais e da irmãzinha. No entanto, cercada por um exército de psicólogos e parentes, ela teria superado, teria se reconstruído.

Como todo mundo.

Só que Malvina era a única testemunha ocular. O único ser ainda vivo a ter convivido com Lyse-Rose na Turquia durante os dois primeiros, talvez os dois únicos meses de sua vida.

Uma criança de 6 anos é capaz de reconhecer um recém-nascido? De reconhecê-lo com certeza? De diferenciá-lo de outro?

São perguntas pertinentes.

Diante das declarações dos avós Vitral, Malvina era o único trunfo a favor dos Carville, a única pessoa capaz de identificar Lyse-Rose. Léonce deveria ter resguardado a neta, impedido que ela testemunhasse, expulsado a polícia de sua casa; tinha recursos para isso. Deveria não ter perguntado nada à garota, despachado-a para um lugar tranquilo, mandado a pequena para longe do furacão e para um colégio interno de meninas ricas repleto de pedagogas atenciosas, outras crianças alegres, um grande jardim com animais de todo tipo. Em vez disso, o avô expôs Malvina e a obrigou a testemunhar dez, cem vezes, diante de dezenas de juízes, advogados, policiais, peritos… Durante semanas a fio, a menina foi de escritórios a auditórios, de salas de espera a salas de audiência, sempre acompanhada por indivíduos sinistros de terno e gravata e por guarda-costas, que a protegiam dos jornalistas.

Sistematicamente, diante de todos os adultos que lhe eram apresentados, Malvina repetia a mesma coisa: “Sim, a neném é minha irmãzinha.”

“Eu reconheço a neném, é Lyse-Rose, sim.”

O avô nem precisava mais forçá-la. Malvina tinha certeza, não tinha mais qualquer dúvida, não podia estar enganada.

As roupas que lhe mostravam eram as de sua irmã, era o rosto da irmã que ela reconhecia, era da irmã o choro que escutava. Malvina estava disposta a jurar diante do juiz, sobre a Bíblia, pela sua boneca. Do alto de seus 6 anos, poderia até enfrentar os avós Vitral!

Desde então, vi Malvina crescer; ou melhor, crescer é um exagero… digamos que a vi envelhecer até se tornar adolescente e adulta. E aos poucos percebi que surgia dentro dela uma loucura furiosa.

É bem verdade que Malvina me dá medo; acho que o lugar certo para ela seria um hospital psiquiátrico, vigiada bem de perto. Mas sou obrigado a reconhecer uma coisa: ela não tem culpa do que lhe aconteceu. O único responsável por isso é seu avô. Ele sabia o que estava fazendo. Usou a neta de propósito. Sacrificou conscientemente sua saúde mental, contrariando todos os conselhos dos médicos e as súplicas da própria mulher.

E o pior é que isso não adiantou absolutamente nada.

Pois Léonce de Carville cometeu um segundo erro, talvez ainda mais grosseiro do que o primeiro.

9

2 DE OUTUBRO DE 1998, 9H43

Fazia meia hora que Lylie não se mexia. Estava sentada na mureta de mármore da esplanada dos Invalides. O frio da pedra lhe subia pelas pernas, mas isso nem a incomodava tanto assim. O tempo estava seco. Diante dela, a cúpula dos Invalides mal se destacava no céu branco, quase monocromático.

Indiferentes ao ar gelado, uma dezena de rapazes de patins treinava bem na sua frente. Exibia-se, até.

Embora conhecido pelos moradores da área, esse canto dos Invalides não é o mais popular de Paris.

Os turistas preferem se aglomerar no Trocadéro, em frente ao Palais-Royal, na praça do Hôtel de Ville ou da Bastille. O público ali era mais escasso. E não era todo dia que uma moça tão linda quanto Lylie aparecia entre os espectadores. Uma moça tão linda e que passava tanto tempo a admirá-los. Sem ligar para o clima ou para o frio do mármore em que estava sentada.

O que ela estaria procurando? Alguém para transar?

Na dúvida, os patinadores davam o melhor de si. A esplanada dos Invalides é frequentada sobretudo para treinos de velocidade, *slalom* e salto com patins. Eles haviam posicionado pequenos balizadores de plástico laranja para formar duas linhas e faziam sucessivos duelos de 100 metros. Como em uma versão moderna dos torneios medievais na qual o mais rápido, o último a se manter em pé, ganharia como troféu o coração da bela.

Lylie gostava da velocidade dos patins, dos gritos e das risadas. A agitação a ajudava a manter a calma.

Não estava fácil. Sua mente era um verdadeiro turbilhão. Tornou a pensar no caderno de Grand-Duc.

Será que fizera bem em confiá-lo a Marc? Será que ele o leria? Sim, é claro que leria. Mas será que iria entender? Marc tinha uma relação complicada com Crédule Grand-Duc, não como um pai postiço, não, longe disso, mas o detetive, mesmo assim, tinha sido uma das raras presenças masculinas na vida do rapaz durante todos aqueles anos. Marc também tinha as suas certezas, seu instinto, como dizia. Suas convicções. Será que estaria pronto para aceitar uma verdade… diferente?

Fazia vários minutos que ela refletia sobre essas questões. Não havia saída.

Na sua frente, um praticante de *slalom* mais velho do que os outros, talvez

quarentão e já quase grisalho, não tirava os olhos dela. Tinha ganhado sistematicamente e com facilidade todas as disputas com os outros adversários. Havia tirado a jaqueta de couro, e não perdia uma única oportunidade de flexionar os músculos do tórax por baixo da camiseta. Corria um olhar negro e penetrante por toda a esplanada, qual uma ave de rapina, e sempre acabava por pousá-lo nos olhos azuis de Lylie. Tudo naquele homem lembrava uma águia, da elegância com que dançava em volta dos balizadores de plástico ao rosto fino e anguloso.

Lylie nem sequer havia reparado nele ou o distinguido dos outros patinadores. Pensava agora no presente que tinha deixado para Marc, naquela encenação macabra.

Será que iria servir para alguma coisa?

As lágrimas começaram a brotar do canto de seus olhos. Não tinha escolha: custasse o que custasse, era preciso afastar Marc por algumas horas, por alguns dias, deixá-lo de fora daquilo tudo, protegê-lo.

Mais tarde, quando tudo houvesse terminado, talvez tivesse coragem de lhe confessar. Marc gostava tanto dela. Dela… de quem, exatamente?

Lylie sorriu.

Sua Lylie, sua libélula. Meu Deus, ela teria dado qualquer coisa para ter um nome normal, banal. Um nome só.

O patinador grisalho passou raspando por Lylie. Ela se sobressaltou e despertou bruscamente do torpor.

Não pôde reprimir um sorriso. Apesar do frio — devia estar fazendo menos de 10 graus –, o homem-ave de rapina tinha tirado a camiseta. Dançava na sua frente sobre as pernas compridas demais, apertado na calça jeans justa. De peito nu.

Tinha um corpo perfeito. Depilado. Musculoso.

Ele agora encarava sem qualquer pudor o corpo de Lylie, como quem avalia qualidades e defeitos.

Parecia definitivamente ter se transformado em pássaro. Sua perfeita dança do acasalamento era executada sem qualquer ambiguidade. Quantas vezes ele a teria praticado? Quantas moças teriam caído em suas garras?

Todas?

Lylie sustentou o olhar dele por alguns instantes, e avaliou ela também a anatomia do sedutor. De maneira quase indiferente. Estava acostumada: seu belo corpo flexível não passava despercebido aos homens. Mesmo assim, espantou-se que alguém pudesse olhar para ela, desejá-la. Sentia-se transparente.

Tornou a mergulhar nos próprios pensamentos. Não deveria sentir pena de si mesma. No momento, o importante não era seu nome ou sobrenome. Era preciso

agir, depressa e sozinha.

Estava decidida. Agora que sabia a verdade, a terrível verdade, não tinha outra escolha: precisava assumi-la.

Era tão recente… Um dia apenas. Sua vida tinha se transformado na véspera. Tudo havia se acelerado, mas isso fora antes de ela cometer o ato irreparável. Desde então, estava presa em uma engrenagem e não tinha mais escolha: ou seguia em frente, ou seria estraçalhada.

O predador não desistia. Com o compasso que lhe fazia as vezes de membros inferiores, traçava grandes círculos sem mover um só centímetro a cabeça, posicionada em cheio na direção de Lylie.

Os olhos dela estavam perdidos no vazio. Tornou a pensar em Marc. Preso naquele bar.

Preso por ela. Mais quinze minutinhos. Depois disso, ele com certeza tentaria lhe telefonar. Ela pegou a bolsa e desligou o celular. Precisava se manter invisível, impossível de ser encontrada, pelo menos por enquanto. Marc seria contra o seu projeto. Tentaria protegê-la, só veria os riscos, o perigo.

Ela o conhecia bem: ele chamaria aquilo de assassinato.

Assassinato.

Como uma revoada de andorinhas no segundo que se segue a uma explosão, os patinadores se afastaram de repente em direção aos Invalides, obedecendo às ordens do líder de têmporas grisalhas, cansado ou ofendido com o fracasso de sua dança. Os balizadores de plástico laranja, as jaquetas, as camisetas, tudo sumiu em um pé de vento, e sobrou apenas o asfalto cinza e imaculado.

Um assassinato.

Lylie deu um sorriso nervoso.

Pensando bem, sim, era possível dizer aquilo. Assassinato.

Um crime de sangue indispensável.

Matar.

Matar um monstro para poder seguir vivendo.

Ou sobrevivendo, pelo menos.

10

2 DE OUTUBRO DE 1998, 9H45

Marc ergueu os olhos.

Relógio da Martini: 9h45.

Pelo amor de Deus, aquele relógio não andava. Uma sensação estranha começava a ganhar força dentro dele. Aquele presente de Lylie que Mariam tinha guardado dentro da caixa registradora, aquela caixinha de fósforos… aquilo era uma armadilha. Um pretexto. Uma farsa. O único objetivo daquela hora de espera interminável era permitir que Lylie partisse, desse o fora, se escondesse.

Por quê?

Não estava gostando daquilo. Era como se cada minuto o afastasse mais um pouco dela. Mesmo assim, baixou os olhos para o caderno. Podia adivinhar o que viria em seguida, qual seria o segundo erro de Léonce de Carville. Nesse caso, também tinha sido uma testemunha direta, uma testemunha chorona, segundo haviam lhe contado; se a versão de Grand-Duc fosse fiel à da lenda da Rue Pocholle, ele iria gostar do que estava prestes a ler. Já era alguma coisa.

Diário de Crédule Grand-Duc Léonce de Carville achava que dinheiro resolvia tudo.

O caso estava parado, ainda que o Ministério da Justiça houvesse exigido, e o juiz Le Drian concordado, que tudo devesse estar resolvido antes de a milagrosa sobrevivente completar 6 meses de idade.

Seis meses.

Era tempo demais para Léonce.

No entanto, todos os seus advogados diziam que bastava aguardar; a dúvida acabaria por favorecê-

los, eles conseguiriam controlar os contatos certos, todos acabariam passando para o seu lado, inclusive a mídia, a polícia e até Vatelier. Sem provas, o caso se transformaria em uma disputa de peritos. A decisão final de Le Drian estava garantida. Os Vitral não tinham influência, experiência ou apoio. Mas Léonce de Carville era sem dúvida menos sereno, menos digno, menos indiferente do que deixava transparecer. Decidiu resolver a questão sozinho, de uma vez por todas, da mesma forma que sempre havia administrado a própria empresa.

Como um líder. Pelo instinto.

No dia 17 de fevereiro de 1981, ele apenas tirou seu telefone do gancho — teve ao menos o reflexo de não pedir à secretária que o fizesse — e marcou um encontro com o casal Vitral para a manhã do dia seguinte. Quer dizer, não exatamente com eles, mas com Pierre Vitral. Outro grave erro seu. Nicole me contou tudo depois, nos mínimos detalhes. Com júbilo.

Na manhã seguinte, em Dieppe, os vizinhos da Rue Pocholle viram, assombrados, um Mercedes tão comprido quanto a fachada da casa estacionar em frente ao portão dos Vitral. Carville entrou disfarçado de sorte grande como nos filmes, segurando uma maleta preta.

Uma caricatura.

— Sr. Vitral, podemos conversar a sós?

Pierre hesitou. Sua mulher, não. Na realidade, a pergunta era para ela. Nicole não se constrangeu em respondê-la: — Não, Sr. de Carville, não vai ser possível.

Ela segurava no colo o pequeno Marc. Não largou o menino, e apertou-o mais ainda contra si.

— Mesmo se eu for para a cozinha, vou continuar escutando tudo, entendeu, Sr. de Carville? — continuou ela. — A nossa casa é pequena. Mesmo se eu for para a dos vizinhos, vou continuar escutando.

Aqui se escuta tudo. É assim. As paredes não são grossas. Ninguém pode ter segredos. Talvez seja por isso que não queremos ter segredos.

Em seu colo, Marc choramingava. Ela se sentou em uma cadeira e o pôs sobre os joelhos, dando também a entender com isso que não sairia dali.

Léonce de Carville não pareceu muito impressionado com a fala de Nicole.

— Como quiser — disse ele, com seu sorriso típico. — Não vou demorar. O que tenho a propor a vocês se resume a poucas palavras.

Ele avançou um pouco pela sala e olhou furtivamente para a pequena televisão ligada em um canto, que transmitia um seriado americano qualquer. A sala era diminuta, 12 metros quadrados no máximo, e a mobília ainda toda de fórmica laranja, como nos anos 1970. Carville chegou a menos de 2 metros do casal Vitral.

— Sr. Vitral, vamos ser francos: ninguém jamais vai saber quem sobreviveu àquele desastre de avião.

Quem está viva? Lyse-Rose ou Émilie? Jamais vai haver uma prova definitiva; vocês vão continuar convencidos de que se trata de Émilie, assim como eu vou continuar convencido de que a sobrevivente é Lyse-Rose. Aconteça o que acontecer, vamos seguir com nossas crenças. É humano.

Até aí, os Vitral concordaram.

— Nem mesmo um juiz, nem mesmo um júri poderá saber a verdade — prosseguiu Carville. — Ele vai ser obrigado a tomar uma decisão, mas nós nunca

saberemos se foi a decisão certa. Vai ser como cara ou coroa. O senhor acha mesmo que se deve brincar de cara ou coroa com o futuro de uma criança?

Não houve resposta; os Vitral aguardaram a continuação. Risos estúpidos saíam da TV. Nicole andou até o aparelho, tirou o som e voltou a se sentar.

— Vou lhe falar francamente, Sr. Vitral, com a senhora também, Sra. Vitral. Eu me informei a seu respeito. Vocês decerto fizeram o mesmo em relação a mim.

Nicole estava gostando cada vez menos daquele sorriso satisfeito.

— Vocês criaram seus filhos com dignidade. Todo mundo afirma isso. Nem sempre foi fácil. Fiquei sabendo o que aconteceu com o seu mais velho, Nicolas, o acidente de mobilete quatro anos atrás.

Também fiquei sabendo sobre as suas costas, Pierre, e os seus pulmões, Nicole. É claro que, com um trabalho como o seu… Enfim, o que quero dizer é que vocês já deveriam ter arrumado outra coisa há muito tempo. Para o seu bem. Para o bem do seu neto.

Pronto. Nicole apertou Marc com força excessiva, e o menino choramingou.

— Aonde o senhor está querendo chegar? — perguntou Pierre, de repente.

— Tenho certeza de que vocês já me entenderam. Não somos inimigos. Muito pelo contrário. Para o bem da nossa Libélula, temos que unir forças.

Nicole se levantou de chofre. Entretido com o próprio raciocínio, Carville nem sequer notou.

— Sejamos francos — prosseguiu ele. — Tenho certeza de que vocês sonharam em proporcionar aos seus filhos e netos estudos de verdade… férias de verdade. Tudo o que eles desejam. Tudo o que merecem. Uma chance de verdade na vida. Mas isso tem um preço. Tudo tem um preço.

Carville estava se afundando, e não conseguia perceber isso. Os Vitral, consternados, permaneciam calados.

— Pierre, Nicole… Não sei se a nossa Libélula é minha neta ou sua, mas me comprometo a lhe dar tudo o que ela possa querer, a satisfazer todos os seus desejos. Eu me comprometo, juro fazer dela a menina mais feliz do mundo. E farei mais ainda: como já disse, tenho a sua família em alta conta, e me comprometo também a ajudá-los financeiramente, a ajudá-los a criar seu neto Marc. Tenho consciência de que é bem mais difícil para vocês do que para mim suportar esse drama, que ele vai obrigá-los a trabalhar por muitos anos ainda para poder alimentar uma boca a mais…

Nicole se aproximou do marido. Sua raiva estava aumentando. Léonce fez uma pausa, ou melhor, hesitou por um breve instante, então disse: — Pierre, Nicole, aceitem renunciar aos seus direitos em relação à criança, Lylie. Reconheçam que ela se chama Lyse-Rose, Lyse-Rose de Carville. E eu me

comprometo solenemente a cuidar de vocês, de Marc… Vocês poderão ver Lylie o quanto quiserem, nada vai mudar, continuarão sendo avós dela…

O olhar de Carville se fez suplicante, quase humano.

— Aceitem, imploro a vocês. Pensem no futuro dela. No futuro de Lylie…

Nicole quase interveio, mas quem respondeu primeiro foi Pierre, surpreendentemente calmo: — Sr. de Carville, prefiro não lhe responder. Émilie não está à venda, nem Marc, nem ninguém aqui.

Nem tudo se pode comprar, Sr. de Carville. O acidente do seu filho não o fez entender nem isso?

Espantado, Léonce elevou a voz de repente. Tinha uma regra: nunca ficar na defensiva. Marc berrou no colo da avó. Toda a Rue Pocholle deve ter escutado.

— Ah, não, Sr. Vitral! Não venha ainda por cima me dar lição de moral. Por acaso o senhor acha que não é humilhante para mim vir aqui fazer essa proposta? Acabo de lhes oferecer uma oportunidade única de se salvar, e o senhor não é sequer capaz de aproveitá-la. O orgulho é uma coisa muito bonita…

— Saia daqui!

Carville não se mexeu.

— Saia daqui agora! E não esqueça a sua maleta. Quanto tem aí dentro? Em quanto o senhor calculou o valor de Émilie? Cem mil francos? Um belo carro. Trezentos mil, um chalé com vista para o mar do Norte para passar nossa velhice?

— Quinhentos mil francos, Sr. Vitral. E mais ainda depois da decisão do juiz, se o senhor desejar.

— Ponha-se daqui para fora!

— O senhor está errado… Está perdendo tudo. Perdendo tudo por causa do orgulho. Sabe tão bem quanto eu que não tem chance alguma na decisão que vai ser tomada. Estou pagando dezenas de advogados que têm uma relação íntima com os peritos e os policiais encarregados do inquérito.

Conheço pessoalmente metade dos juízes do tribunal de grande instância de Paris. Esse mundo não é o seu. As cartas estão marcadas e o senhor sabe muito bem disso. Sempre soube. O bebê que sobreviveu por milagre ao acidente vai se chamar Lyse-Rose, mesmo que descobríssemos fatos incontestáveis que provassem o contrário. Quem está viva é Lyse-Rose, isso já está escrito, é assim. Não vim aqui como inimigo, Sr. Vitral, nem tinha obrigação de vir. Só vim redistribuir as chances como podia.

No colo de Nicole, Marc se esgoelava.

— Dê o fora daqui!

Carville pegou a maleta e andou em direção à porta.

— Obrigado, Sr. Vitral. Pelo menos aliviei minha consciência… e isso não

me custou nem um centavo!

Ele saiu.

Nicole abraçou com força o pequeno Marc. Estava chorando, com o rosto afundado nos cabelos do menino. Chorava porque sabia que Carville não estava mentindo. Tudo o que tinha dito era verdade, os Vitral estavam cientes dessa fatalidade tantas vezes enfrentada. Com orgulho. Mas ela sabia que eles não tinham a menor chance de ganhar. Pierre correu os olhos pela sala. Passou um tempão olhando para a TV muda. Pensou que, naquela hora, suas costas não estavam doendo, o que estava doendo era outra coisa, e que o fato de as dores não se somarem, mas se sobreporem, era uma grande sorte.

Pierre observou uma última vez a telinha da TV. Por fim, um brilho de resistência surgiu em seu olhar. E ele resmungou, quase consigo mesmo: — Não, o senhor não vai ganhar.

Se me permitem dar minha opinião sobre os fatos, de cabeça fria, anos mais tarde, penso que Carville cometeu um erro crasso naquela manhã: despertou a raiva dos Vitral. Sem isso, talvez pudesse ter ganhado o julgamento com total discrição. Os Vitral teriam denunciado aos gritos o escândalo em meio à indiferença generalizada.

Antes mesmo de o Mercedes sair da ilha do Pollet, Pierre pegou um jornal na prateleira abarrotada do armário.

— O que vamos fazer? — perguntou sua mulher.

— Brigar… Arrastá-lo na lama.

— Mas como? Você ouviu o que ele disse? Ele tem razão…

— Não… Não tem, não, Nicole. Émilie ainda tem uma chance. Ele esqueceu um detalhe. Todo o seu discurso era verdade antes, antes de a Libélula, antes de Pascal e Stéphanie voarem para o céu. Só que não é mais! Se nós quisermos, também podemos ser importantes, Nicole! As pessoas se interessam por nós. Estão falando de nós nos jornais, no rádio…

Ele se virou para o canto da sala.

— Na TV também estão falando de nós. Carville não deve assistir televisão, ele não sabe. A televisão e os jornais hoje em dia são tão importantes quanto o dinheiro…

— O que… o que você vai fazer?

Pierre sublinhou um número de telefone no jornal.

— Vou começar pelo *L'Est Républicain*. São eles quem conhecem melhor o caso. Nicole, você se lembra daquela jornalista que assina as matérias?

— Até parece, mal saíram cinco linhas semana passada!

— Justamente. Mais motivo ainda. Pode achar o nome dela para mim?

Nicole pôs Marc em cima de uma cadeira, bem em frente à televisão. Pegou

uma pasta guardada sob a mesa da sala, dentro da qual conservava meticulosamente todas as matérias de jornal sobre a catástrofe do Mont Terrible. Demorou alguns segundos para encontrar.

— Lucile Moraud.

— Certo. Não temos nada a perder. Vamos ver.

Pierre pegou o telefone e discou o número geral do jornal.

— É do *L'Est Républicain*? Bom dia, meu nome é Pierre Vitral, sou avô da bebê que sobreviveu ao desastre do Mont Terrible. Isso, a "Libélula". Queria falar com a jornalista Lucile Moraud; tenho algumas coisas importantes a dizer sobre o caso.

Ele sentiu na hora que a pessoa do outro lado se agitava. Dali a menos de um minuto, uma voz surpreendemente grave para ser feminina, um pouco ofegante, lhe causou um calafrio: — Pierre Vitral? Aqui é Lucile Moraud. O senhor tem informações novas? É sério?

— Léonce de Carville acaba de sair da minha casa. Ele me ofereceu 500 mil francos para desistirmos do caso.

Os três segundos de silêncio que se seguiram pareceram intermináveis para Pierre. A voz rouca de fumante da jornalista tornou a quebrar o silêncio e o fez se sobressaltar: — O senhor tem alguma testemunha?

— O bairro inteiro.

— Meu Deus do céu… Não saia de casa, não fale com mais ninguém; vamos nos virar e mandar alguém até aí!

11

2 DE OUTUBRO DE 1998, 10H00

Dez da manhã, informou o relógio de parede da Martini. Dez em ponto!

Marc havia adaptado o ritmo de sua leitura ao dos minutos que passavam; mantinha um olho no diário, outro nos ponteiros.

Fechou o caderno verde e o guardou dentro da mochila com seus outros fichários. Foi até o balcão do Lénine ostentando um sorriso satisfeito. Ocupada enxaguando copos, Mariam estava de costas para ele.

Marc pressionou o dedo contra a superfície de zinco do balcão como quem toca uma campainha.

— Triiim! — falou, com uma voz estridente. — Está na hora!

Mariam se virou, demorou-se o tempo necessário para enxugar as mãos em um pano de prato, que tornou a pousar, bem dobradinho.

— Está na hora! — insistiu Marc.

— Calma…

Mariam ergueu os olhos para o relógio de parede.

— Ora, você não perde tempo. Não devia ser o tipo de menino que dormia durante a noite de Natal.

— Não, não era mesmo. Ande logo, Mariam. Você ouviu o que Lylie disse mais cedo. Tenho aula.

A pupila da mulher se acendeu.

— Os outros você pode até enganar, mas a mim, não. Bem, tome aqui seu presente!

Ela abriu uma gaveta, pegou o minúsculo embrulho e o estendeu para Marc, que o pegou com um gesto ávido e começou a se virar para a porta do Lénine.

— Não vai abrir agora?

— Não. Imagine se for alguma coisa íntima: um sex toy, uma calcinha…

— Não estou brincando, Marc.

— Por que quer que eu abra o presente na sua frente?

— Porque posso adivinhar o que tem dentro desse embrulho, espertinho. Para poder ampará-lo quando você cair!

Marc a encarou, petrificado.

— Você sabe o que tem dentro do embrulho?!

— Sei. De modo geral, sim. Tem sempre a mesma coisa. Sempre que…

— Sempre que o quê?

Um cliente obviamente apressado bufou atrás de Marc enquanto fitava com impaciência a prateleira cheia de maços de Marlboro.

— Sempre que o quê?

Mariam suspirou.

— Sempre que uma garota vai embora uma hora antes, seu bobão. Uma hora antes do cara que deixa sozinho em uma cadeira do meu bar!

Marc não disse nada. Pensou por um breve instante no anel de safira que Lylie estava usando no dedo. Na cruz tuaregue que ela não tinha posto no pescoço. Conseguiu dar de ombros com um ar *blasé*.

— Até amanhã, Mariam. Mesma hora, mesma mesa. Perto da janela. Dois lugares, ok?

Segurando o embrulho com a mão que se esforçava para impedir de tremer, ele saiu do bar.

Enquanto estendia três maços de cigarro para seu cliente, Mariam observou Marc se afastar. Havia falado demais dessa vez. Não tinha tanta certeza assim… Ele e Émilie formavam um casal curioso, estranho, diferente de qualquer outro, mas de uma coisa ela estava convencida: nas próximas horas, o destino de Marc dependeria de muito pouca coisa, de uma decisão boa ou ruim.

Ele desapareceu na esplanada de Paris VIII, como se o seu sobretudo cinza tivesse derretido e se fundido ao asfalto. Mariam se deixou distrair um instante pela onda ininterrupta de transeuntes.

Era óbvio que Marc estava fugindo, engessado nas próprias certezas. No entanto, pensou Mariam, um único detalhe, um grãozinho de areia poderia mudar tudo, abalar suas mais íntimas convicções — abalar sua vida inteira.

Como o bater das asas de uma libélula.

Marc se afastou depressa do Lénine e foi subindo a Avenue de Stalingrad um pouco a esmo em direção ao estádio Delaune. O fluxo matinal de trabalhadores apressados já diminuía. Agora, cruzavam-se na calçada mais idosos e mães de família cercadas por crianças e sacos plásticos presos aos carrinhos de bebê. Ele ainda avançou mais uns 50 metros pela avenida, até ficar quase sozinho. Com as mãos trêmulas, rasgou o papel de presente prateado e o enfiou descuidadamente no bolso da calça jeans.

Tinha agora na mão uma caixinha de cartolina que se abriu sob seus dedos nervosos.

O objeto que havia lá dentro caiu na palma da sua mão.

Marc titubeou.

Por alguns instantes, suas pernas se recusaram a sustentá-lo. Feito uma marionete sem fios, ele recuou 2 metros. Bateu com as costas no metal frio de um poste de rua. Expirou devagar para recuperar o equilíbrio e o fôlego.

Não entrar em pânico, não ter pressa, reassumir o controle.

Aquele trecho da rua estava deserto, mas bastaria gritar que alguém escutaria e viria acudi-lo. Não.

Precisava se controlar.

Sem poder fazer nada, sentiu a respiração se acelerar e a garganta apertar. Eram sempre os mesmos sintomas desde que tinha 2 anos: agorafobia.

Respirar devagar, recuperar a calma.

Ao contrário do que se costuma pensar, a agorafobia não é o medo de espaços grandes ou multidões.

É apenas o medo de não poder ser socorrido; de certa forma, o medo de ter medo. É claro que esse tipo de pânico se manifesta em lugares onde nos sentimos isolados: um deserto, uma floresta, uma montanha, um oceano. Mas também no meio de uma multidão, de uma sala de conferências, de um estádio — tanto em uma rua coalhada de gente quanto em uma rua deserta.

Marc estava acostumado; tinha aquilo havia tanto tempo que sabia enfrentar a crise, contanto que não fosse forte demais. Atualmente, os ataques eram raros. Ele conseguia assistir a aulas em salas apinhadas, andar de metrô, ir a shows.

Soltou o ar.

Aos poucos, a respiração foi recuperando um ritmo normal. Mesmo que o tubo de aço estivesse machucando suas costas, ele continuou apoiado no poste.

Baixou os olhos para a palma da mão.

Estava segurando um brinquedo em miniatura.

Um avião.

Era um modelo em escala reduzida. A réplica fiel de um Airbus A300 feita de ferro, bem pesada, pintada de um branco leitoso, a não ser pela cauda, listrada de azul, branco e vermelho. Um brinquedo da marca Majorette igual aos milhares que se pode encontrar nas prateleiras dos quartos de meninos.

Marc fechou a mão trêmula em volta da fuselagem fria.

O que significava aquilo?

Uma brincadeira?

Um presente mórbido para acompanhar a leitura do caderno de Grand-Duc?

Que ridículo…

Precisava pensar. Será que não havia mais nada a não ser aquele brinquedo?

Levou a mão ao bolso da calça jeans e desamassou o embrulho do aviãozinho. Soltou um palavrão: embolada com o papel rasgado apressadamente, descobriu uma pequena folha de papel branco escrita à mão. Reconheceu na hora a caligrafia de Lylie. Apoiou as costas com mais força ainda no poste e leu: *Marc, Preciso ir embora. Não fique com raiva, sempre prometi isso a mim mesma. Ir embora quando fizesse 18 anos. Para longe, para outro lugar… Índia,*

África, cordilheira dos Andes… ou Turquia, por que não? Não precisa se preocupar nem ficar com medo, estou acostumada com aviões, não é? Sou forte.

Vou sobreviver. De novo.

Se eu tivesse falado, você não teria concordado. Mas, se refletir com calma, aí sim, como eu, vai concordar. A gente não pode continuar assim, nessa dúvida. É por isso que preciso me afastar, Marc. De você. Preciso organizar as ideias. E podar alguns galhos mortos também…

Não tente me encontrar, nem me ligar, nada. Preciso de distância e de tempo.

Acredito nisso.

Um dia vamos saber quem somos, tanto eu quanto você: o que somos um para o outro.

Cuide-se.

Émilie

Marc sentiu a respiração se acelerar novamente. Esforçou-se para afastar os pensamentos que se entrechocavam dentro de sua cabeça.

Fazer. Agir.

Deu um passo para a frente, abriu a mochila, enfiou lá dentro o avião em miniatura, o bilhete e o papel de embrulho. Passou alguns instantes apenas respirando, em seguida pegou o celular. O trabalho na France Telecom lhe permitira conseguir para ele e Lylie dois aparelhos potentes, de última geração, com agenda telefônica.

Sem pensar, foi percorrendo os nomes, parou no de Lylie e pressionou a tecla verde. A tela se iluminou e os toques lhe pareceram intermináveis.

Era muito frequente ele ligar para Lylie e ela não atender. A ligação caiu na caixa postal depois de sete toques. Embora ele já houvesse perdido a esperança no quarto.

“Alô, aqui é Émilie. Deixe seu recado que eu ligo assim que puder. Até logo. Um beijo.”

Marc engoliu em seco. A voz de Lylie lhe trouxe lágrimas aos olhos.

— Lylie, é o Marc. Me ligue, por favor. Onde quer que você esteja. Por favor, me ligue. Um beijo.

Você é importante para mim. Mais do que tudo. Me ligue. Volte para mim.

Ele desligou. Foi caminhando devagar pela calçada da Avenue de Stalingrad enquanto repensava as palavras escritas por Lylie.

“Ir embora para longe.”

“Organizar as ideias.”

“Podar alguns galhos mortos.”

O que significava aquilo tudo?

Marc não era burro: os 18 anos de Lylie eram apenas um pretexto, e toda

aquela encenação estava ligada ao caderno de Grand-Duc, que Lylie passara a noite inteira lendo. O que ela teria encontrado lá dentro? O que teria descoberto?

“Saber quem somos, tanto eu quanto você: o que somos um para o outro.”

Não! Ele não iria compartilhar as dúvidas de Lylie. Nada no mundo poderia abalar sua convicção mais íntima.

Chegou à Place du Général Leclerc. Os ônibus se cruzavam em rápida sucessão dos dois lados da Rue Gabriel Péri e da Avenue du Colonel Fabien.

O que ele poderia fazer? Como encontrar Lylie? Seguir o mesmo caminho que ela? Ler o caderno de Grand-Duc até a última página para adivinhar o que ela havia adivinhado?

Marc resmungou consigo mesmo. Ficou parado diante do vaivém de ônibus na praça. Parecia-lhe impossível permanecer sentado lendo aquelas cem páginas na esperança de encontrar alguma pista.

Tornou a pegar o celular, percorreu os nomes da lista e parou no “T”.

Trabalho.

Afastou-se um pouco da praça, onde o barulho do tráfego era ensurdecedor.

— Alô, Jennifer? Que bom, é o Marc. Desculpe, estou morrendo de pressa. Preciso de uma informação pessoal, o telefone e o endereço de um cara em Paris. Pode anotar o nome? Grand-Duc. Crédule Grand-Duc. É, eu sei, o nome não é nada banal. Não deve haver mais de um.

Colega de trabalho de Marc na France Telecom, Jennifer tinha a mesma idade que ele, estudava línguas estrangeiras aplicadas, e Marc tinha a sensação de que, sem muito esforço, ela teria se apaixonado por ele. Ainda com o celular grudado na orelha, ergueu os olhos e observou por alguns instantes os três sinos do alto da basílica de Saint-Denis destacados contra o céu branco, acima dos prédios, algumas ruas mais adiante.

— Oi? Conseguiu, jura? Que bom!

Marc rabiscou o telefone e o endereço de Grand-Duc. Disse um “obrigado” apressado para Jennifer antes de desligar, e digitou imediatamente o número do detetive particular. O telefone do outro lado tocou várias vezes até a ligação cair por fim em outra caixa postal. Marc resmungou de novo. Paciência, tinha de ser sincero, não podia perder tempo: — Grand-Duc? Aqui é o Marc Vitral. Preciso falar com você urgentemente, ou melhor, encontrá-lo. O quanto antes. É sobre a Lylie. Sobre o seu caderno também, o tal que você escreveu para ela. Estou com ele aqui, ela me deu, estou lendo. Escute, se ouvir este recado, ligue para o meu celular. Estou indo para a sua casa, chego no máximo em 45 minutos.

Marc guardou o telefone no bolso; agora estava decidido. Virou as costas e tornou a subir a passos largos a Avenue de Stalingrad em direção à estação final da linha 13 do metrô. Grand-Duc morava no número 21 da Rue de la Butte-aux-

Cailles. Marc foi repassando de cabeça as principais linhas do metrô parisiense. Nos dois anos desde que começara a percorrer sozinho as ruas da capital, havia aprendido a se situar, e agora nem precisava consultar os mapas nas estações. A linha 13 em direção a Châtillon-Montrouge o levaria para o centro via Saint-Lazare, Champs-Élysées, Invalides e Montparnasse. A Butte-aux-Cailles devia ficar na linha 6 em direção a Nation, entre as estações Glacière e Place d'Italie.

Normalmente, seria preciso trocar de linha em Montparnasse. Umas vinte estações ao todo, talvez um pouco mais.

Alguns minutos mais tarde, Marc se viu outra vez em frente à Universidade de Paris VIII, na Rue Lénine. Deu uma olhada de longe na direção do bar de Mariam, em seguida mergulhou na estação. No corredor, logo após a primeira curva e parcialmente protegido do vento, um sujeito dormia sobre um lençol sujo junto a seu cachorro, um vira-lata magro e amarelo. O homem nem sequer estava pedindo esmolas. Quase sem diminuir o passo, Marc largou 2 francos em cima do lençol. O cachorro virou a cabeça e o espiou com um ar de espanto. Desde que começara a usar o metrô de Paris, dois anos antes, Marc continuava a dar uma moeda quase sempre que cruzava com um mendigo; tinha conservado esse hábito da vida em Dieppe, onde sua avó sempre dava esmolas às pessoas na rua. Nicole havia lhe ensinado e explicado, ao longo dos anos, a importância dos valores, da solidariedade, de superar o medo dos pobres, o medo de dar; isso agora fazia parte de sua moral, tanto em Dieppe quanto em Paris ou em qualquer outra cidade do mundo que visitasse. Custava uma fortuna! Lylie zombava dele com carinho: parisiense nenhum fazia isso! Então devia ser porque ele não era parisiense.

Não havia quase ninguém na plataforma dos trens em direção a Paris. Uma sorte, pensou Marc.

Quarenta e cinco minutos de metrô, vinte estações… teria tempo de prosseguir a leitura do caderno de Grand-Duc, e de tentar entender também.

De refazer os passos de Lylie.

Quatro palavras o assombravam.

"Podar alguns galhos mortos."

O que ela quisera dizer com aquilo?

Podar alguns galhos mortos?

O trem entrou na estação. Marc embarcou e tirou da mochila o caderno verde.

Um pensamento louco e insistente brotava em sua mente. E se aquele avião fosse apenas um engodo, uma encenação para deixá-lo impressionado? Lylie não tinha lhe dito tudo. Sobre o anel, por exemplo.

De onde tinha saído aquela safira que estava usando no dedo? Havia muitas

partes obscuras ainda.

E se Lylie nunca houvesse tido oportunidade de ir embora para longe, para outro lugar? E se tivesse ficado ali, bem perto, e seu objetivo fosse totalmente diferente…

Afastá-lo.

Afastá-lo porque o que ela queria fazer era arriscado, perigoso.

Afastá-lo porque ele não teria concordado.

Podar alguns galhos mortos…

E se Lylie tivesse descoberto a verdade e simplesmente tentasse se vingar?

12

Diário de Crédule Grand-Duc

A vantagem dos jornalistas da imprensa regional era que raramente conseguiam dar furos antes de Paris.

Mesmo quando as notícias acontecem bem debaixo do seu nariz, no seu próprio jardim, a mídia parisiense é sempre avisada antes deles, chega sempre primeiro, e consegue entrevistas com os principais personagens do caso a tempo do noticiário da noite. Portanto, quando a imprensa regional tem uma informação com potencial para interessar a França inteira, ela mobiliza toda sua engenhosidade para fazê-la render, para espremê-la até o bagaço, até a última gota.

Quinze minutos depois da ligação de Pierre Vitral, um jornalista do *Informations Dieppoises* apareceu na sua casa na Rue Pocholle. Lucile Moraud tinha agido o mais depressa possível. O *L'Est Républicain* pertencia ao mesmo grupo do *Informations Dieppoises*, semanário da região. O freelancer de Dieppe tinha como missão apurar as primeiras informações, tirar as primeiras fotos e em seguida transmitir o resto por fax para a sede do jornal em Nancy. Lucile negociou seu furo com as emissoras de TV regionais, FR3 Franche-Comté e FR3 Haute-Normandie. A estratégia foi calculada com precisão para vender o máximo possível de jornais no dia seguinte: era preciso sensibilizar a opinião pública dando alguns detalhes na televisão na noite da véspera, para que todos tivessem vontade de ler na íntegra a entrevista exclusiva com os Vitral na página dois do *L'Est Républicain*. As matérias curtas dos canais regionais foram replicadas na mesma noite pelas redes nacionais. Uma equipe da TF1 chegou a encurralar Léonce em frente à sua casa, em Coupvray, antes de os advogados do empresário terem tempo de intervir e instruí-lo a ficar calado. O próprio Carville se encarregou de botar lenha na fogueira da mídia.

Não, ele não negava.

Sim, tinha oferecido dinheiro aos Vitral.

Sim, no fundo estava convencido de que a sobrevivente era sua neta Lyse-Rose, e agira movido pela simples generosidade para com o casal Vitral, ou então por pena; para ele, os dois sentimentos pareciam se confundir. Naturalmente, Deus havia poupado sua família. Não poderia ser de outra forma.

No dia seguinte, 18 de fevereiro de 1981, Carville chegou a acrescentar ao

vivo na estação de rádio RTL, durante o noticiário das dez: — Em caso de dúvida, se não temos certeza em relação à verdade, então o juiz deve pensar no bem da criança, somente no bem da criança. Se fosse possível, quem deveria escolher seria a bebê. Se ela pudesse fazer isso, quem duvida que essa recém-nascida escolheria o futuro que eu lhe ofereço, e não o dos Vitral?

Aprendi uma coisa trabalhando neste caso: a engrenagem midiática funciona como uma gigantesca bola de neve lançada em uma encosta e que ninguém mais consegue controlar. Se vocês hoje ainda se lembram do caso da "Libélula", sem dúvida é essa fase que devem recordar, as poucas semanas que antecederam ao julgamento. Entre fevereiro e março de 1981, com exceção, é claro, da campanha presidencial, não se falava em outra coisa. A França se dividiu. Em linhas gerais, caricaturando um pouco a situação, eram os ricos contra os pobres. Dois campos nada igualitários, portanto. Se cortarmos o país ao meio de acordo com a média de riqueza, há muito mais gente embaixo do que em cima.

Assim, a grande maioria dos franceses abraçou a causa da família Vitral, que apareceu inúmeras vezes na TV, no rádio e nos jornais. Imaginem só: uma novela cujo fim ninguém sabia!

Carville, a contragosto, teve de assumir o papel do vilão. *Dallas* começava a ser televisionado na França. Fisicamente, Léonce não se parecia em nada com J.R. Ewing, mas mesmo assim ninguém se constrangeu ao comparar os dois. A oportunidade era imperdível. Além disso, assim como no seriado, J.R. de Carville tinha chances de ganhar.

Suspense. Emoção.

Talvez vocês também tenham escolhido um lado, na ocasião.

Eu, não. Nessa época, não estava nem aí para o caso da "Libélula". Só passei a conhecer todos os detalhes depois, durante minha longa e minuciosa investigação. Em fevereiro de 1981, ainda estava cuidando dos casos ligados ao cassino; do litoral basco, tinha me deslocado para a Côte d'Azur e para a Riviera, no lado italiano. Sempre vigiando suspeitos. Um trabalho chatíssimo, que me rendia cada vez menos dinheiro. Lembro-me, no entanto, quando estava no quarto de hotel sem fazer nada, de ter assistido certa noite, bem tarde, a um pedaço de programa de TV, uma espécie de reality show primitivo. A convidada era Nicole Vitral. Era ela quem havia progressivamente assumido a responsabilidade da relação com a mídia. Seu marido já fora derrotado muito antes pela máquina que ele mesmo pusera em movimento. Agora fugia das câmeras. Se ele pudesse, talvez tivesse parado com tudo e deixado a justiça seguir seu curso, ainda que corresse o risco de perder.

Na época, Nicole devia ter 47 anos. Era uma avó jovem. Não chegava a ser bonita no sentido clássico, mas incontestavelmente — como aprendi desde então

ser a expressão usual na mídia — rendia muito bem no vídeo. Ela irradiava uma espécie de energia comunicativa; aquela causa era uma cruzada, e ela era a sua santa, a sua mártir, e pregava com uma sinceridade e um sotaque inimitáveis. Uma mulher autêntica, simples, comovente, engraçada, e isso tudo ficava incrível no vídeo. O rosto marcado, castigado por anos de ventos e maresia do canal da Mancha, não se prestava bem aos closes. E, aos 47 anos, Nicole já era uma mulher bem corpulenta… nem de longe uma top model.

Só que nessa noite, sozinho em frente à TV, sem conhecimento algum do caso nem de sua cruzada, fui afetado por aquela mulher baixinha que eu nunca tinha visto. Fisicamente falando.

Não devo ter sido o único. Havia os olhos azuis reluzentes, do tipo que desafiam a vida e todos os seus dissabores, claro… mas havia sobretudo o belo par de peitos. Nicole sempre teve um jeito muito natural de apertar o busto generoso em vestidos decotados ou blusas de botão aberto. Isso sem dúvida devia turbinar as vendas à beira-mar em Dieppe. Para apimentar ainda mais o visual, ela também quase sempre usava um cardigã ou um blazer que não parava de fechar para dissimular as curvas expostas.

Observei-a muitas vezes desde então, e isso havia se tornado um tique nervoso, um reflexo: você estava falando com ela, e invariavelmente alguma hora seu olhar se desviava, ainda que por um instante muito breve; então, de forma quase instantânea, sem interromper a conversa, sem se mostrar constrangida ou sequer perceber, Nicole erguia as mãos e fechava o cardigã, que tornaria a se abrir poucos segundos mais tarde.

Um joguinho estranho e perturbador que sempre achei irresistível.

E o jogo era mais perverso ainda na televisão. A cortina do blazer abria e fechava diante daqueles seios ao ritmo do olhar do apresentador, que ia ficando cada vez mais incomodado. No entanto, quando ele se virava para fazer uma pergunta a outro convidado do programa, o telespectador dispunha de uma perspectiva quase divina: podia admirar a cortina aberta diante do farto busto no qual, cheio de pudor e com grande talento para a sugestão, o câmera dava um close sem que o detector inconsciente de Nicole fosse acionado e o blazer, então, surgisse para tapá-lo.

Com seu charme atípico, e talvez até sem perceber, Nicole Vitral afetou a França inteira nesse fevereiro de 1981. E, naquela noite, afetou a mim também, eu que não a conhecia, que só viria a encontrá-la dois meses depois. Afetou-me durante todos esses dezoito anos. E me afeta ainda hoje, com quase 65 anos. Ou seja, a mesma idade que eu, com poucos meses de diferença.

Vocês já devem ter entendido que a causa dos Vitral e da pequena Émilie não demorou a se tornar mais do que defensável. Os melhores advogados da França

— pelo menos os que já não tinham sido contratados por Carville — ofereceram seus serviços à família de Dieppe. *Pro bono*, claro. A exposição do caso era a maior possível, a opinião pública estava do seu lado… A situação ideal! Os profissionais envolvidos eram agora igualmente competentes de ambos os lados.

O primeiro trabalho dos advogados do casal Vitral — jovens, influentes, midiáticos — foi, de fevereiro a março de 1981, conduzir uma verdadeira guerrilha conta Le Drian. Desconfiados de sua parcialidade, estavam convencidos de que, no final, o juiz acabaria dando razão aos Carville, já que ele e essa família pertenciam ao mesmo mundo. Lions Clubes, Rotarys, maçonaria, jantares na casa do embaixador, tudo foi citado, e as insinuações nem sempre foram das mais nobres. O Ministério da Justiça acabou cedendo. No dia 1o de abril, uma piada e tanto, Le Drian entregou sua carta de demissão e outro juiz foi nomeado em seu lugar, um bambambã do tribunal de Estrasburgo chamado Weber, um baixote honesto de óculos, espécie de cruza entre Eliot Ness e Woody Allen. Um homem cuja probidade jamais foi questionada, nem mesmo pelos Carville.

As primeiras testemunhas começaram a ser ouvidas no dia 4 de abril. Fosse qual fosse o desfecho, seria conhecido dali a um mês. A decisão caberia ao juiz. As duas partes concordavam que era preferível evitar qualquer solução intermediária, qualquer sentença que insinuasse uma dupla identidade ou recomendasse um arranjo do tipo guarda compartilhada, uma semana com uma das famílias, férias escolares com a outra. Evitar a eclosão de um monstro de dois nomes, Lylie pelo resto da vida.

Não, o juiz Weber tinha que escolher. Tomar uma decisão de vida ou morte. Resolver quem havia sobrevivido e quem havia morrido. Lyse-Rose de Carville ou Émilie Vitral? Desde então, venho me fazendo a mesma pergunta. Algum dia um juiz teve esse poder, de matar uma criança para outra poder viver? De ser ao mesmo tempo salvador e carrasco? Uma família saía ganhando, a outra perdia tudo.

Todo mundo concordava que era melhor assim.

Escolher.

Com certeza. Mas com base em quê?

Desde então, reli dezenas de vezes os autos do inquérito, as centenas de páginas que o juiz Weber teve nas mãos; escutei repetidamente dezenas de horas de depoimentos dados durante o julgamento, às quais fui autorizado a ter acesso anos depois, graças aos Carville.

Quanta bobagem! Perícias e contraperícias às quais se podia imputar qualquer significado. As audiências se resumiam a picuinhas entre especialistas convocados pelas duas partes, todos eles parciais. Os imparciais não tinham nada

a dizer! Após dois dias, as coisas continuavam no mesmo pé: a menina tinha olhos azuis. Como os Vitral. Eles venciam por pontos, e mesmo assim a margem era ínfima, pois os advogados dos Carville conseguiram desencavar na última hora uma prima distante de olhos claros. Ora, vejam só!

O juiz Weber devia ter no bolso uma moeda que manuseava em segredo durante as intermináveis audiências.

Os advogados dos Carville dedicaram toda a sua energia a fazer com que as desastrosas aparições de seu cliente na mídia fossem esquecidas, a mudar sua imagem, a reverter a opinião pública. Uma tarefa nada fácil, mas, ainda assim, eles conseguiram, pelo menos em parte. Atacaram publicamente o que chamaram de "clã dos Vitral", expressão na qual "clã" designava ao mesmo tempo a família, o bairro e a região.

Diante do clã, diante da opinião pública desfavorável, Léonce de Carville acabou ficando sozinho com sua dignidade, seus princípios, sua moral. Os advogados conseguiram, a duras penas, obrigá-lo a vestir a fantasia da vítima sacrificada, do pobre coitado fustigado pela ira coletiva; fizeram-no desempenhar o papel de homem duro, porém honesto, que havia lutado a vida inteira pelo próprio sucesso e, mesmo assim, via recusado o direito ao repouso. O direito de ser vovô. Ou de ser *papet*, como o personagem de *Jean de Florette*, de Pagnol, que comete os piores erros durante toda a vida, mas, no fim, quando o curso dos acontecimentos se volta contra ele, em vez de gritar "bem feito!", o leitor chora de tão comovido.

Era esse o papel que Léonce devia representar frente aos jornalistas durante as audiências: o de carvalho fendido! É óbvio que uma dúvida começou a se insinuar no público e na imprensa: e se, no final das contas, fosse Carville quem estivesse dizendo a verdade? E se todos houvessem se deixado manipular pelas acrobacias midiáticas dos Vitral, por sua miséria exposta com tamanho despudor? Pelos seios de Nicole Vitral?

Os advogados de Carville eram de fato experientes.

A ação toda, portanto, apontava para um empate; apesar da urgência, todos se preparavam para jogar uma prorrogação. Previa-se uma quantidade interminável de pênaltis.

Foi então, no último dia de audiência, que entrou em cena o jovem advogado dos Vitral, Dr.

Leguerne. Desde então, posso atestar que ele goza de grande reputação na praça parisiense, e tem um escritório de três andares na Rue Saint-Honoré. Na época, porém, em 1981, era um total desconhecido, um dos advogados que haviam decidido defender de graça a causa dos Vitral. Moral da história, portanto: defender viúvas e órfãos também pode render muito dinheiro.

Leguerne havia preparado seu material meticulosamente. Ele perguntou ao juiz Weber se poderia falar por último, como se fosse sacar da manga, no minuto derradeiro, uma prova decisiva…

13

2 DE OUTUBRO DE 1998, 10H47

SAINT-LAZARE

Um burburinho repentino obrigou Marc a virar a cabeça. As portas se abriram, e a multidão já compacta na plataforma esforçou-se para se espremer para dentro do vagão até então quase vazio. Não era o rush matinal nem o vespertino, mas, ainda assim, a densidade dos corpos em pé obrigou Marc a se levantar. O banco retrátil se fechou com um estalo contra a divisória de ferro. Ele recuou até o canto e foi se colar à janela. Não havia largado o caderno. Apoiou-se com firmeza, os pés ligeiramente afastados para manter o equilíbrio. A mão de um sujeito passava logo abaixo do seu nariz para agarrar a barra de aço enquanto a outra segurava um romance policial que devorava com avidez. Marc se virou de leve para poder ele também continuar sua leitura. Com os sacolejos, a caligrafia miúda de Grand-Duc dançava em frente a seus olhos, mas ainda assim continuava legível.

Diário de Crédule Grand-Duc O Dr. Leguerne subiu ao palanque. No dia 22 de abril de 1981, havia pouco mais de trinta pessoas na sala: as duas famílias, amigos próximos, os advogados, testemunhas diversas, policiais. Leguerne se dirigiu primeiro aos policiais presentes: — Senhores, a milagrosa sobrevivente estava usando alguma joia quando foi encontrada? Um colar, por exemplo? Um pingente? Uma pulseira, talvez?

Os investigadores o fitaram, estarrecidos. Sentado na primeira fila, o delegado Vatelier tossiu. Não, é claro que não! Como se a neném encontrada estivesse usando uma pulseira com o nome *Lyse-Rose* ou *Émilie*! Aonde aquele jovem e pretensioso advogado estava querendo chegar?

— Bem — prosseguiu Leguerne. — Sra. Vitral, a pequena Émilie usava alguma joia, alguma correntinha ou pulseira?

— Não, nada — respondeu Nicole.

— Tem certeza?

— Tenho.

Nicole reprimiu um soluço e continuou: — Nós íamos dar a pulseirinha de presente para Émilie no dia do seu batismo, quando eles voltassem da Turquia.

Já tínhamos encomendado a joia na loja Lecerf, em Offranville, mas ela nunca chegou a usar.

Dessa vez, ela concluiu a frase sem conter as lágrimas. Curvou-se, vasculhou o interior da bolsa por alguns instantes e pegou um estojo vermelho de formato alongado que estendeu para Weber. Então, o abriu e depositou na mão do juiz uma minúscula pulseirinha de prata.

Tão frágil quanto inútil.

A emoção varreu o público, inclusive entre os defensores de Carville.

O nome *Émilie* estava gravado em itálico com uma caligrafia cursiva e infantil, quase alegre, junto à data de nascimento: 30 de setembro de 1980.

Como descobri depois, como Nicole me confessou, aquilo foi uma encenação. O batismo estava marcado de fato para o mês seguinte, mas nenhuma pulseira tinha sido encomendada. Aquilo era apenas um teatro, arriscado, mas eficaz. Uma preparação. Antes da estocada.

O jovem advogado se virou, então, para Léonce.

— Sr. de Carville, Lyse-Rose tinha alguma joia, como, por exemplo, uma pulseira?

Nervoso, Léonce encarou seus advogados. O juiz insistiu: — Por favor, Sr. de Carville, queira responder ao Dr. Leguerne.

Léonce estava prestes a falar, porém Leguerne, mais ágil, não lhe deu tempo. Com um gesto triunfante, tirou da grossa pasta vermelha a fotocópia de uma nota fiscal, mas não uma qualquer: um recibo de Philippe Tournaire, joalheiro na Place Vendôme.

O juiz Weber confirmou. O papel mencionava explicitamente a entrega de uma pulseira de ouro maciço. Informava que o nome “Lyse-Rose” e a data de nascimento, “27 de setembro de 1980”, tinham sido gravados à mão, usando moldes. A data era 2 de outubro de 1980, ou seja, menos de uma semana após o nascimento de Lyse-Rose.

Aquilo não provava nada, nada mesmo, mas, pela primeira vez desde o início das audiências, Léonce estava na defensiva, sem nenhum contra-argumento meticulosamente preparado por seus advogados.

— Sr. de Carville, Lyse-Rose costumava usar essa pulseira? — continuou Leguerne.

— Como o senhor espera que eu saiba? Mandei a pulseira para meu filho, na Turquia, logo depois do nascimento. Mas ele raramente devia pôr a pulseira na filha, imagino… Talvez em ocasiões especiais.

Era uma joia valiosa.

— O senhor imagina? Ou o senhor sabe?

— Imagino.

— Muito bem, obrigado.

O Dr. Leguerne tirou outra fotocópia de sua pasta vermelha, a de um cartão-postal com carimbo de Ceyhan, na Turquia.

— Sr. de Carville, o senhor recebeu este postal de seu filho, enviado da Turquia cerca de um mês após o nascimento de Lyse-Rose?

— De onde o senhor tirou isso?! — urrou Léonce.

— O senhor recebeu este postal? — repetiu o advogado, impassível.

Carville cedeu; não teve escolha. Os galhos do carvalho começavam a se vergar.

— Sim, claro.

— "Querido papai" — começou a ler Leguerne. — Vou pular os detalhes; eis a parte que nos interessa: "Obrigado pela pulseira. O senhor deve ter pagado uma fortuna por ela, é lindíssima. Lyse-Rose não a tira nunca. É a única coisa que faz dela uma francesinha por aqui."

O advogado se calou, triunfante, em meio ao estupor generalizado.

Nunca soube quem havia traído os Carville; sem dúvida algum empregado. Leguerne deve ter comprado aquele postal a preço de ouro. Enfim, preço de ouro, tudo é relativo… quando comparado a um prédio de três andares na Rue Saint-Honoré!

— Isso não prova nada! — vociferou um dos advogados de Carville. — Que absurdo! A pulseira pode ter sido guardada antes da viagem de avião, pode ter sido arrancada durante o acidente…

Leguerne exultava.

— Foi encontrada alguma pulseira ou joia semelhante perto do Airbus, no perímetro que teve cada centímetro quadrado vasculhado a pente-fino?

Silêncio na sala de audiência. Até Vatelier se manteve calado, com as mãos nos bolsos da jaqueta de couro, aterrorizado por ter sido derrotado em seu próprio inquérito por um jovem ambicioso de beca preta.

— Não, é claro que não… não é mesmo, delegado? Por acaso foram encontradas no pulso da neném sobrevivente as marcas de uma pulseira que possa ter sido arrancada? Uma reles marquinha vermelha sequer?

Ele fez uma pausa cuidadosamente dosada.

— Não, lógico; os médicos não observaram nada desse tipo. Vamos um pouco mais além. Alguém observou no pulso da menina uma marca um pouco

mais clara do que o restante do braço, um pouco menos bronzeada, o tipo de marca deixada por uma joia que se usa o tempo todo?

O tempo parecia ter parado.

— Não, é claro. Obrigado, é só isso.

O Dr. Leguerne se acomodou em sua cadeira. Os advogados de Carville tornaram a gritar que aquele teatro todo era uma farsa, que aquela maldita pulseira nada significava. Leguerne não respondeu. Sabia que, quanto mais a oposição se defendesse, mais peso daria àquele simples fato.

Se aquele detalhe não tinha importância, por que Carville nunca o havia mencionado para a justiça?

Em retrospecto, a tal história da pulseira não era nem mais nem menos importante do que o restante. Era apenas uma dúvida, uma dúvida a mais. Na época, porém, naquele instante do processo, ela se transformou em prova acusadora contra os Carville. Um elemento novo do caso, que todos esperavam desde o início do inquérito. Assim, mesmo exagerado, mesmo pouco relevante, bastou para fazer a balança pender.

O juiz Weber encarou demoradamente Léonce de Carville. O empresário havia mentido, por omissão, é bem verdade, mas mentira mesmo assim. Tinha sido desmascarado em flagrante delito! Só por isso, a despeito de coisa melhor, o direito não deveria favorecer a parte oponente?

Na dúvida…

A pulseira de Carville vai assombrar minha vida durante muitos anos. Quando penso na energia que gastei para encontrá-la, para seguir seu périplo. Quando penso que quase a tive entre os dedos, que foi por muito pouco. Mas, me perdoem, estou me antecipando outra vez.

A decisão do juiz Weber saiu algumas horas mais tarde. A milagrosa sobrevivente do Mont Terrible se chamava Émilie Vitral. Seus avós, Pierre e Nicole, seriam dali em diante responsáveis legais pela menina, assim como por seu irmão mais velho, Marc.

Lyse-Rose de Carville morrera queimada com os pais na fuselagem do Airbus 5403 Istambul-Paris.

Os advogados dos Carville quiseram recorrer, fazer valer todos os recursos possíveis. Foi Léonce quem recusou. Seu papel de carvalho fendido, de *papet*, não era mais uma representação circunstancial.

Os dois enfartes que teve no ano seguinte, a poucos meses de intervalo, e que o obrigariam a passar o resto da vida numa cadeira de rodas, em um estado semivegetativo, pareceram perfeitamente condizentes com a lógica das coisas.

14

2 DE OUTUBRO DE 1998, 10H52

— Esconda o cadáver de Grand-Duc!

O tom de Mathilde de Carville não admitia qualquer contestação.

— Mas, vovó…

— Esconda o cadáver de Grand-Duc, estou dizendo! Pode ser em qualquer lugar, dentro de um armário, debaixo de um móvel. É preciso ganhar tempo. Qualquer um pode aparecer na casa dele. A vizinha, a faxineira, a amante… Mais cedo ou mais tarde a polícia vai chegar. Você deve ter deixado impressões digitais pela casa toda, sua tonta! Apague tudo, estou dizendo!

Malvina mordeu os próprios lábios; a avó tinha razão, ela havia se comportado como uma idiota.

Dava voltas em torno de si mesma na sala, bem entre o cadáver de Crédule Grand-Duc e o viveiro dentro do qual os insetos agonizavam. Era preciso agir, mas ela não podia ficar ali por muito tempo, e tinha de mencionar isso para a avó.

Ele iria chegar.

— Tem mais uma coisa, vovó…

Do outro lado da linha, Mathilde fez uma pausa curta. Com uma das mãos, segurava o fone; com a outra, continuava a podar a comprida fila de roseiras. O tom de voz da neta a fez entender na hora que era algo importante.

— O quê, Malvina?

— Marc Vitral ligou para a casa do Grand-Duc. Tem cinco minutos, no máximo. Deixou um recado na secretária eletrônica.

Mathilde se conteve para não interromper a neta. Cortou um galho com um movimento preciso do podão.

— Ele disse que está procurando Grand-Duc. Vai chegar daqui a meia hora. Está vindo de metrô. Tem a ver com Lyse-Rose. E… e… falou que está com o caderno de anotações do Grand-Duc. Lyse-Rose o leu ontem. E entregou para ele hoje de manhã.

Outro galho da roseira caiu, cortado na base. Uma chuva de pétalas murchas se espalhou sobre o vestido preto de Mathilde.

— Mais motivo ainda para você se apressar, Malvina. Faça o que estou dizendo: apague todos os vestígios e saia dessa casa.

— E… e depois, vovó?

Pela primeira vez, Mathilde hesitou. As lâminas do podão ficaram abertas em volta do galho. Até onde ela podia usar Malvina? Até onde podia mantê-la sob controle? Sem correr o risco de a situação degringolar outra vez.

— Você… fique aí por perto, Malvina. Marc Vitral não a conhece. Esconda-se na rua. Fique observando, siga-o. Não faça mais nada. Ligue para mim assim que o tiver localizado. Não faça mais nada, entendeu? E, principalmente, esconda o corpo!

— En… entendi, vovó.

As duas desligaram.

As lâminas de aço se fecharam em volta do caule.

Mathilde conhecia o ódio de Malvina pelos Vitral. Também estava ciente de que a neta andava por aí com um Mauser L110. Carregado. E em perfeito funcionamento, como ela agora tinha a terrível confirmação. Seria sensato não tentar evitar a qualquer custo o encontro entre a neta e Marc Vitral na Rue de la Butte-aux-Cailles, em frente à casa de Grand-Duc?

Sensato!

Havia muito tempo que Mathilde de Carville tinha banido essa palavra.

O mais simples era deixar as coisas na mão do destino, a critério de Deus. Como sempre.

Mathilde sorriu para si mesma e continuou a podar as roseiras com espantosa destreza. Seus dedos compridos tinham o estranho dom de segurar os caules entre os espinhos sem nunca se espetar, de torcê-

los com um gesto firme até as lâminas afiadas do podão. Mathilde continuou a trabalhar, rápida e mecanicamente, quase sem baixar os olhos para as mãos, como uma costureira que manipula a agulha sem sequer a olhar.

Seu elegante vestido preto foi ficando sujo de terra, pedacinhos de grama e pétalas. Ela não ligou.

Virou-se na direção do imenso jardim da propriedade chamada La Roseraie, o Roseiral. Léonce estava sentado em sua cadeira de rodas no meio do gramado, à sombra do grande bordo. A cabeça pendia de lado. Estava a mais de 30 metros dela, e mesmo assim Mathilde podia escutar os roncos. Hesitou em chamar Linda, a enfermeira, para que ela viesse suspender a cabeça do marido, pôr uma almofada debaixo de seu queixo e levá-lo para dentro, pois não fazia mais tanto calor assim.

Mas deu de ombros. De que iria adiantar?

Fazia agora quase dezessete anos que Leónce havia mergulhado naquele estado vegetativo.

Conseguira, a duras penas, resistir ao primeiro enfarte, recuperar-se durante algumas semanas, mas nada pudera fazer contra o segundo, ocorrido em plena

assembleia geral no sétimo andar da sede de sua empresa, logo atrás de Bercy. Os socorristas tinham conseguido salvar sua vida, mas o cérebro passara tempo demais sem irrigação.

Mathilde continuou a examinar suas plantas enquanto acompanhava com os olhos a sombra da cruz que trazia no pescoço sobre a terra escura.

O juízo de Deus. Mais uma vez.

Depois da catástrofe do Mont Terrible, seu marido quisera cuidar de tudo, como sempre. Ela havia aceitado. Não fizera nada para impedir. Era ele quem tinha o poder, a força, os contatos…

Como estava errada! Depois da morte do filho único, Alexandre, Léonce havia perdido qualquer lucidez e cometera um erro após o outro! A maleta cheia de dinheiro oferecida aos Vitral; a pulseira que deixara de mencionar; aquela pobre Malvina, que havia arrastado por toda parte durante semanas a fio de modo a fazê-la testemunhar para quem quisesse ouvir.

Sem falar no restante, inconfessável.

Sim, Mathilde só sentia desprezo por aquele homem doente. Depois de todos aqueles anos, a única coisa pela qual não podia responsabilizar o marido era o acidente com o Airbus.

Seus dedos voavam de caule em caule. Os espinhos das rosas, armas irrisórias, não apresentavam resistência alguma. Os galhos iam caindo uns sobre os outros.

Mas veja só… O famoso oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan tinha sido ideia de Léonce. Mandar o filho único morar na Turquia durante meses com a nora grávida, obrigar a neta a nascer no exterior! Tudo em nome de uma quimera! Em 1998, nenhum cano ainda havia sido instalado na maldita linha.

Léonce de Carville tinha errado em tudo.

Com nojo, Mathilde observou as folhas do bordo caírem em cima do marido às dezenas, sobre os cabelos, ombros e braços, até se acumularem entre as pernas.

Cortou um último galho e recuou para admirar o próprio trabalho.

As cerca de dez roseiras estavam podadas ao máximo. Mathilde ainda recordava os conselhos da avó: “É impossível podar uma roseira além da conta; é preciso cortar o máximo, sempre mais, lutar contra a própria vontade de subir o podão, abaixá-lo, isso sim, cortar sempre 10 centímetros mais abaixo.”

A chácara da Roseraie fora construída em 1857; a data ainda estava gravada no granito acima da entrada. Mathilde sabia que as roseiras tinham sido plantadas no mesmo ano, e que, desde então, quem cuidava delas era a família Carville. Tinham dezenas de empregados para fazer a faxina, cozinhar, podar as outras plantas, polir metais, limpar vidraças, vigiar o terreno… Mas quem

cuidava da manutenção do roseiral havia muitas gerações eram os próprios Carville. Mathilde fora iniciada na jardinagem desde que aprendera a andar. Além das roseiras, havia plantado ela própria um jardim de inverno um pouco afastado da casa. Admirou uma última vez o resultado da poda e, sem um olhar sequer para o marido, pôs-se a andar na direção da estufa.

Tornou a pensar nas últimas palavras de Malvina. Então o caderno de anotações de Crédule Grand-Duc, seu testamento, toda a sua investigação, estava nas mãos de Marc Vitral…

Quanta ironia!

Será que deveria usar a neta mais uma vez para conseguir o caderno de volta? Será que deveria continuar a mentir para ela, a manter viva sua ilusão? Todas as provas que havia conseguido depois, fornecidas por Grand-Duc, nunca tinham sido reveladas a Malvina.

A neta teria morrido de desgosto!

Entrou na estufa e ficou parada por muito tempo, como todas as manhãs, respirando a incrível mistura de aromas. Aquele era seu refúgio de paz. Sua obra. Era ali que se sentia mais próxima de Deus e de sua criação, e era ali que rezava melhor, muito melhor do que nas igrejas.

Malvina…

A loucura da neta!

Aquilo também era culpa do marido. Ela ainda se lembrava da menininha encantadora que Malvina era aos 6 anos, de seus risos na escadaria de cerejeira-brava, dos ótimos esconderijos no jardim, do olhar maravilhado diante dos catálogos de plantas que folheava com a avó. Agora, porém, o que Mathilde podia fazer exceto mentir para a neta? Trancafiá-la em um hospital psiquiátrico? A obsessão de Malvina era a única coisa que ainda a fazia se levantar da cama, vestir-se, alimentar-se: Lyse-Rose estava viva, tinha sobrevivido, apesar da sentença do juiz, dezoito anos antes; somente ela, a irmã mais velha, poderia trazê-la de volta à vida, mesmo depois de tantos anos.

Trazê-la de volta à vida com um Mauser L110 nas mãos.

Mathilde se curvou junto a um buquê de lírios-d’água, uma das últimas plantas a florir no outono.

Todos os anos, conseguia fazê-la durar dentro da estufa até dezembro; aquele era o seu orgulho: o buquê sobre a mesa na véspera do Natal com lírios cor-de-rosa e impecáveis lírios-d’água vermelhos e brancos. Ela controlava minuciosamente o nível de irrigação, pois as plantas gostavam de umidade — era esse o segredo de suas cores vivas e de sua longevidade.

Seus pensamentos tornaram a se fixar em Malvina, o braço armado de sua vingança. Afinal, era preciso alguém para defender os interesses dos Carville. E

por que não Malvina?

As coisas iriam mudar nos dias, nas horas que estavam por vir. Agora que Lylie tinha lido o caderno de Grand-Duc, Malvina não era mais a única bomba-relógio solta por aí. O detetive tinha lhe dado um presente de aniversário envenenado. O filme de sua vida. Todos os segredos familiares anotados em cem páginas.

Duas famílias. Tristeza em dobro.

O suficiente para deixar Lylie louca também. De raiva.

Mathilde avançou pela estufa. Os ásteres da variedade Setembro Vermelho estavam perdendo as últimas pétalas, alguns filamentos roxos conectados a um miolo dourado, como se uma namorada indecisa houvesse entrado no jardim de inverno e despetalado uma a uma aquelas margaridas gigantes.

Uma imagem curiosa surgiu em sua mente. Quase um sonho, como uma premonição. Viu Lylie entrar ali, no jardim da Roseraie, armada com um revólver, um Mauser L110, com o dedo no gatilho. A moça caminhava devagar pelo gramado.

Sim, se Grand-Duc houvesse revelado tudo em seu caderno, Lylie tinha motivos de sobra para se vingar. Mathilde sorriu para si mesma. Uma pergunta a atormentava. Aquele dedo no gatilho, aquele indicador, será que estaria usando o anel? A safira azul-clara? Será que o dedo vingador estaria enfeitado com as incrustações de diamante?

Aos poucos, a imagem se apagou. O áster alaranjado tornou a surgir, nu exceto pelas três últimas pétalas. Mathilde murmurou baixinho, só para si: — Parabéns, Lylie.

Se tivesse sabido, na época, jamais teria contratado Crédule Grand-Duc para aquela contagem regressiva idiota.

Andou mais um pouco e virou a cabeça por cima do ombro para se certificar de que estava sozinha.

Ninguém a observava pelos vidros da estufa. Inclinou-se para junto de seu jardim secreto, afastou as íris e revelou alguns discretos caules de florezinhas amarelo-douradas, uns poucos pés de celidônia.

Gostava de contemplar aquelas quatro pétalas, um pouco inclinadas para baixo — a “ervadas-verrugas”, como era chamada antigamente. Mas ela preferia sua outra face: a cruz de pétalas escondia uma planta mortal, talvez a mais tóxica de todas, que continha em sua seiva uma concentração única de alcaloides.

Seu pequeno pecado.

Que Deus a perdoasse.

Deu meia-volta e saiu da estufa. Léonce continuava na cadeira de rodas, todo desconjuntado, sacudido apenas por um tremor regular que agitava as folhas

vermelhas.

Um tronco morto. Deformado.

Os olhos de Mathilde contemplaram o conjunto de sua propriedade, o roseiral, a casa, o jardim.

Não, talvez nem tudo estivesse perdido. O sobrenome. A raça. A honra.

Lyse-Rose.

Estava começando a raciocinar como Malvina.

Restava uma derradeira esperança: o telefonema de Crédule Grand-Duc, na véspera, o último antes de sua morte. Ele afirmava ter encontrado um novo elemento que punha em xeque todas as suas certezas anteriores. Dizia ter tido a revelação três dias antes, nos últimos minutos de vigência de seu contrato, supostamente enquanto lia uma edição do *L'Est Républicain*. Às cinco para meia-noite!

Mathilde seria ingênua o bastante para acreditar nele? Burra o bastante para engolir um blefe tão grosseiro do detetive?

Grand-Duc não quisera dizer nada além disso, e tinha especificado que desejava verificar alguns últimos detalhes. Mathilde tornou a pensar em Malvina e seu Mauser. O detetive tinha se comportado como uma daquelas testemunhas de romance policial, que tenta subir o lance e acaba com uma bala no peito antes de conseguir pronunciar qualquer quantia.

Mathilde passou diante dos galhos cortados das roseiras. Abaixou-se e os recolheu sem franzir o semblante, sem aparentar qualquer dor.

Mesmo contra a própria vontade, não podia evitar acreditar nas últimas palavras de Grand-Duc.

Uma saída. Uma derradeira esperança.

E, como desde o início daquela história, a balança do destino. Para que uma família tivesse esperança, a outra precisava perder tudo.

15

2 DE OUTUBRO DE 1998, 11H01

MIROMESNIL. CHAMPS-ÉLYSÉES — CLEMENCEAU

As estações iam passando. A cada parada do trem, o vagão esvaziava mais um pouco. O metrô acelerava bruscamente para logo em seguida diminuir a velocidade, como um corredor cego incansável.

Uma garota bonita subiu no vagão em Invalides. Por um instante, Marc Vitral pensou reconhecer Lylie na silhueta esbelta e nos cabelos louros penteados de forma bem-comportada. Mas foi só por um instante. O metrô estava coalhado de louras bonitas, e o que faria seu caminho cruzar de novo o de Lylie não seria o acaso nem os recados desesperados deixados em sua caixa postal, mas a leitura atenta daquele caderno; seria Grand-Duc, que ele precisava encontrar a todo custo.

VARENNE

Marc estava agora quase sozinho dentro do vagão. A loura já havia saltado. Teve o estranho pensamento de que, das onze pessoas que viajavam naquele compartimento, sete eram negras. Como se uma lei ainda proibisse os africanos de andar ao ar livre pelas calçadas das ruas ricas logo acima de suas cabeças, Rue de Grenelle, Rue de Varenne, Rue de Babylone. Marc não se acostumava mesmo com Paris, com sua miséria, sua indiferença, com a solidão de cada um. Sentia saudades de Dieppe, o porto comunista de sua infância. Suspirou. Não tinha escolha. A urgência era outra. Resignado, tornou a se sentar e retomou a leitura.

Diário de Crédule Grand-Duc A sentença do juiz Weber chegou por correspondência oficial na caixa de correio dos Vitral, na Rue Pocholle, no dia 11 de maio de 1981 pela manhã. Como um símbolo.

Durante toda a noite anterior, o imenso passeio à beira-mar de Dieppe havia se transformado no palco improvisado de uma gigantesca festa popular. Todos

haviam cantado, bebido, rido e dançado descalços a noite inteira sobre a grama da esplanada. Dieppe, a cidade vermelha, o porto operário traumatizado pelo desaparecimento sucessivo de suas fábricas, havia festejado como no auge de um 14 de julho a eleição de François Mitterrand para presidente da República, a subida histórica da esquerda ao poder, os comunistas no governo. Mudança! Todos repetiam o mesmo slogan. A mais antiga das estações balneárias da França tinha usado por uma noite o vestido de seu primeiro baile. E a roupa ainda servia!

A seu modo, Pierre e Nicole também participaram da festa. Fazia uma geração que esperavam por isso, que lutavam, faziam passeatas, distribuíam panfletos nos mercados. No passeio à beira-mar, seu furgão tinha passado quase a noite inteira aberto, e crepes, waffles e bolinhos fritos haviam se misturado ao champanhe e à cidra em uma alegre confusão. Todas as gerações estavam presentes. Mas os Vitral não tinham conseguido se liberar por completo. Estavam aguardando a carta do juiz com a decisão final; ainda temiam algum recurso dos Carville, uma última reviravolta. Não queriam comemorar uma vitória daquelas antes de ter em mãos o documento oficial, antes de poder pegar no colo Émilie, que continuava aos cuidados do berçário em Montbéliard.

Não conseguiam acreditar.

Mas, pensando bem, antes daquele 10 de maio de 1981, mesmo em Dieppe, quem conseguia acreditar na vitória da esquerda?

Pierre abriu a carta do juiz por volta das oito da manhã. Estava tremendo. Só tinha dormido duas horas.

A correspondência do juiz Weber não deixava dúvida. A sobrevivente do desastre no Mont Terrible se chamava Émilie Vitral. Os avós paternos se tornavam os responsáveis legais pela criança. Podiam ir buscá-la em Montbéliard naquele mesmo dia.

No bairro do Pollet, as *flûtes*, o champanhe, o óleo da fritura e as carnes do churrasco ainda não tinham sido guardados. Todos enterraram juntos os ossos, e a festa prosseguiu durante os dias 10 e 11 de maio inteiros.

Os dois dias mais bonitos da vida dos Vitral.

Mathilde de Carville esperou a noite cair para se aproximar do furgão dos Vitral; já estava quase escuro.

Paciente, havia esperado os últimos clientes se afastarem. Também tomara cuidado para que Nicole estivesse sozinha; como em toda quarta-feira à noite, nesse 13 de maio de 1981, Pierre estava no Pollet para a reunião do bairro. Cogitava seriamente se candidatar às eleições municipais de 1983. Fazia um tempo bom típico do mês de maio, só que com muito vento, como sempre.

Chegou a hora de lhes apresentar Mathilde de Carville. Ela entrou no jogo

exatos dois dias depois da euforia. Não é fácil para mim pintar um retrato imparcial dessa mulher, como vocês haverão de entender daqui a algumas páginas. Assumo a descrição que vou lhes fazer, tanto na forma quanto no conteúdo. Se eu não parecer objetivo, pelo menos acreditem em minha sinceridade. Durante todo o tempo que durou o inquérito, Mathilde confiou no marido e em Deus. Até então, nunca na vida tivera motivos para se queixar de Deus — nem do marido, aliás. Nascida nobre em uma linhagem angevina transferida para os subúrbios chiques de Paris, razoavelmente graciosa, inteligente, humanista, sempre com os cabelos penteados em um coque alto e um quê de malícia à la Romy Schneider, desde os 20 anos Mathilde foi admirada, invejada, cortejada. Mas não por muito tempo. Confiava em Deus. Apaixonou-se pelo primeiro homem que o céu pôs no seu caminho e jurou-lhe fidelidade eterna. Era Léonce, jovem engenheiro brilhante, ambicioso e pobre. Ele destruiu aos poucos tudo o que havia de gracioso e humanista em Mathilde. Se era isso que Deus queria…

Mathilde levou para o casamento um dote de valor incalculável: seu sobrenome. Mathilde de Carville. Descendência privilegiada, sangue nobre, raça, hereditariedade… Léonce adotou o nome da esposa. Acho que vocês vão concordar comigo: um homem adotar o nome da esposa não é algo banal!

Para isso é preciso, no mínimo, ser de família nobre e ter uma árvore genealógica que remonte a São Luís. Mathilde proporcionou ao marido um sobrenome e, não se pode esquecer, alguns milhões em títulos do Tesouro necessários para fundar a empresa dos Carville. O talento empresarial de Léonce cuidou do restante: transformou os primeiros milhões em dezenas de milhões, garantiu o sucesso comercial, as patentes rentáveis, filiais nos cinco continentes. Até essa época, Mathilde deve ter pensado que o sobrenome havia sido muitíssimo bem-investido.

Quando Deus lhe tirou o filho Alexandre no acidente de avião, Mathilde não duvidou. Pode lhes parecer estranho, mas, depois de todos esses anos, aprendi que as provações exigidas pela religião fortalecem a fé mais do que a fragilizam. Por mais curioso que pareça, a injustiça divina conduz mais à submissão do que à revolta. Da mesma forma, punição gera obediência. Sobretudo uma punição injusta, a que ocorre de forma aleatória, só para dar o exemplo. Mathilde se recolheu e expiou só Deus sabe que erro cometido. Confiava tanto na justiça divina quanto na humana, uma vez que a clarividência de Deus ilumina a dos mortais.

Quando o juiz Weber decretou a morte de sua neta, porém, pela primeira vez Mathilde duvidou. Ah, não de Deus, mas dos homens. E também do marido.

Sua fé se metamorfoseou.

Não enfraqueceu, muito pelo contrário; decerto se tornou ainda mais forte do que antes. Mas ficou diferente. Já não era mais apenas uma fé contemplativa, passiva, submissa. Mathilde estava agora consciente de ser a intermediária na Terra entre Deus e os homens, e de que a fé era sua força, sua arma.

De que sua fé lhe dava direção e de que tinha uma missão divina. De que precisava agir.

Bem sei a que fanatismos esse tipo de raciocínio pode conduzir; nos quatro cantos do mundo, homens se matam em nome de deuses que nada pediram. Vi isso de perto em uma vida anterior, antes de sossegar e virar detetive particular.

Para o bem de Mathilde a transição foi suave. Pelo menos acredito que tenha sido. Em 1981, ela avaliou que determinados homens simplesmente não sabiam escutar as ordens divinas e que, se Deus tinha lhe dado tanto dinheiro, usá-lo para modificar a ordem das coisas sem dúvida não seria contrariar a Sua decisão.

Assim, fortalecida por essas novas convicções, ela tomou duas decisões bem ponderadas. A segunda delas me diz respeito. A primeira foi procurar Nicole naquela noite de maio, no passeio à beira-mar de Dieppe; encontro esse do qual cada palavra e mesmo o menor dos silêncios continuavam vivos na memória de Nicole Vitral vinte meses mais tarde, quando a conheci.

Extremamente desconfiada, Nicole observou a chegada de Mathilde. Com um gesto automático, fechou o cardigã para cobrir o alto dos seios. As duas haviam se cruzado e avaliado uma à outra durante as audiências do julgamento. Mas agora a situação era diferente: Nicole conhecia seus direitos. Émilie era sua neta. Ninguém, nenhum Carville podia mais fazer nada em relação a isso. Por esse único motivo, aceitou ouvir o que Mathilde tinha a dizer.

Mathilde se postou diante do furgão da Citroën. Sentada no banco, Nicole ficava uns 20 centímetros mais alta do que ela. Sua voz saiu desprovida de emoção: — Sra. Vitral, vou direto ao assunto. Existem lutos mais fáceis de vivenciar do que outros. A decisão do juiz Weber, como a senhora sabe, é uma sentença de morte. Para restituir a vida a uma criança, ele teve de matar outra.

Nicole esboçou um gesto de irritação, como se desejasse fechar a cortina de ferro do furgão e encerrar a conversa ali. Mathilde elevou um pouco a voz: — Não, não me interrompa, por favor. Ah, hoje, menos de um mês depois de tudo, ninguém entende direito. A senhora tem uma neném para cuidar. Lyse-Rose continua viva na nossa lembrança. Mas e daqui a cinco, dez, vinte anos? Lyse-Rose jamais terá existido, jamais terá brincado, frequentado a escola… Émilie, por sua vez, vai existir, vai viver. Todo mundo vai esquecer a tragédia, a terrível dúvida. Ela será para sempre Émilie Vitral e, mesmo que antes não fosse, terá se transformado nela.

Ninguém ligará a mínima para esse incidente da época de seu nascimento.

Um forte vento frio fazia estalar o toldo de lona vermelho e laranja. Apesar de constrangida e pouco à vontade, Nicole não conseguiu interromper Mathilde.

— Nicole, você… Posso chamá-la de você? Sim, há lutos difíceis de aceitar. Nunca terei um túmulo para encher de flores, uma lápide para mandar gravar. Se eu fizesse isso, Nicole, se chorasse Lyse-Rose como se ela tivesse morrido, se mandasse rezar missas, eu não seria o pior dos monstros? Porque eu a estaria enterrando, e pode ser que ela esteja viva.

— Pronto, chegamos ao que interessa — interrompeu Nicole, seca.

O forte vento do oeste parecia incapaz de soltar nem que fosse um só fio de cabelo do severo coque de Mathilde.

— Não, Nicole! Você não está entendendo. Não vou tirar Émilie de vocês. Para vocês é tudo simples: se ela for mesmo sua neta, então está tudo bem. Se não for, terão criado a menina como se fosse adotada. Para vocês, a dúvida não tem mais importância alguma. Não mais do que a do pai que nunca sabe ao certo se um filho é seu. Mas, para mim, a dúvida…

— O que a senhora quer, afinal? — perguntou Nicole, quase gritando.

O vento abriu seu cardigã e seu busto de madona inflou. Desde o início daquela história toda, Nicole havia se tornado mais segura graças à mídia, aos advogados, à polícia. Continuou falando com o mesmo tom de voz: — Quer que a menina a chame de “vovó”? Que ligue para a senhora de vez em quando? Quer convidá-

la no primeiro domingo de cada mês para comer biscoitos?

Nenhum cílio, nenhuma ruga de Mathilde se moveu.

— Não precisa ser má, Nicole. Não precisa mesmo. Lyse-Rose morreu. Você deve estar sentindo a mesma coisa que eu… Vai chamá-la de Émilie, essa menininha que você tanto ama, mas, no fundo, nunca vai saber. Nem você, nem eu. A vida nos encurralou.

Nicole deu um suspiro.

— Está bem, vamos lá. O que a senhora quer?

— Quero apenas ajudar a criança. Se ela for Lyse-Rose, ficarei com a consciência tranquila. Se for Émilie, bem… sorte a dela.

Nicole se debruçou o quanto pôde em seu balcão; seus olhos chispavam.

— Ajudar como? A senhora quer ver a menina?

— Não… acho melhor que ela não me conheça. Não sei se vocês vão querer falar sobre tudo isso com Émilie. Mais tarde, digo. Não sei se já pensaram no assunto. Mas acho que será melhor para ela ignorar o quanto possível tudo o que aconteceu. Não tenho vontade alguma de vigiá-la de longe na saída da escola. De vê-la crescer através do para-brisa de um carro. De ficar torcendo para detectar alguma semelhança com meu filho. Não, isso não faz o meu estilo,

ultrapassa o meu limite de tolerância do sofrimento.

Mathilde foi sacudida por uma risadinha que não era do seu feitio.

— Não, Nicole, os ricos têm modos mais radicais de aliviar a própria consciência.

— Dinheiro?

— Isso, dinheiro. Não precisa brandir o seu orgulho, Nicole; não vim aqui comprar a menina como o meu marido fez. Não se trata de chantagem nem de negociação, nada disso. Só de uma doação para ela.

Não vou pedir nada em troca.

Nicole ia responder. A raiva brotou dentro dela como aquele vento marítimo que penetrava o furgão.

Mathilde não lhe deu tempo:

— Não diga não, Nicole… Você tem Émilie, você ganhou. Pense um pouco: por que privar a menina desse dinheiro que está sendo oferecido, que está caindo do céu…

— Eu não disse que não — retrucou Nicole, seca. — Também não disse que sim. — O tom de sua voz baixou de repente: — É complicado isso que a senhora está me propondo…

Como em contraponto, o tom de voz de Mathilde se fez mais alta: — Abra uma conta no banco em nome de Émilie, é só isso que precisa fazer…

Os lábios de Nicole tremeram.

— E depois?

— Émilie vai receber 100 mil francos anualmente nessa conta. Até completar 18 anos. O dinheiro só deverá ser usado para ela, para sua educação, seu lazer, para que tenha oportunidades melhores. É claro que, durante esses anos, quem vai administrar o dinheiro é você. Faça o que achar melhor. Eu lhe dou os recursos e deixo a seu critério a forma de usá-lo. Você não vai ter do que reclamar.

Durante um tempo bem longo, Nicole deixou o vento fazer esvoaçar seu cardigã e acariciar o alto de seu peito nu até lhe provocar calafrios. Deixou-se ninar pelo barulho dos seixos chacoalhados incessantemente pelo ir e vir das ondas.

Pesando os prós e contras.

Por fim, tornou a falar:

— Vou abrir a conta, Sra. de Carville. Por Émilie. Porque, se eu não o fizesse, poderia me arrepender.

Ou melhor, ela poderia me recriminar. Deposite essa fortuna na conta se quiser…

— Obrigada.

— Mas nós não vamos mexer no dinheiro! — Nicole praticamente berrou. — Émilie vai ser criada exatamente da mesma forma que o irmão, e nós vamos dar um jeito. Faremos os sacrifícios necessários, mas vamos dar um jeito. Aos 18 anos, quando chegar à maioridade, Émilie fará o que quiser com o dinheiro. Será seu se ela desejar, mas não nosso. A senhora entende isso?

Um leve sorriso apareceu nos cantos da boca de Mathilde.

— Você é cruel, Nicole. Mas, mesmo assim, lhe agradeço. — Hesitou menos de um segundo, então tornou a falar: — Posso lhe pedir um segundo favor?

— Não sei. Só se for rápido. Estou fechando.

Mathilde tirou do bolso do sobretudo comprido um estojo azul-marinho. Abriu-o, estendeu-o e depositou sobre o balcão do furgão. Nicole não conseguiu desviar os olhos da safira clara do anel.

— É uma tradição antiga — disse Mathilde, com a voz calma. — Quando completam 18 anos, as moças da família recebem um anel cravejado com uma pedra da mesma cor de seus olhos. É assim há muitas gerações. Tenho um anel que minha mãe me deu há mais de trinta anos. Infelizmente, não terei oportunidade de repetir o gesto com Lyse-Rose.

Por fim, Nicole ergueu os olhos.

— Devo ser burra mesmo, mas não estou entendendo…

— Vou deixar o anel com você. Cuide bem dele. Daqui a três anos, daqui a dez, de tanto conviver com Émilie, talvez você descubra se ela é mesmo sua neta ou não. É possível que surja uma certeza assim.

Se isso acontecer, e se no fundo você ficar convencida de que a menina que está criando não é do mesmo sangue que o seu, acho que vai guardar esse segredo… — Ela expirou, emocionada, antes de prosseguir: — E sem dúvida vai ser melhor assim, pelo menos para a menina. Mas, se isso acontecer, se você ao longo dos anos tiver provas, se tiver a convicção de que ela não é sua neta, então dê este anel de presente a ela no dia de seus 18 anos. Ninguém além de nós duas saberá o que isso significa, nem mesmo a menina. Mas, dessa forma, para você e para mim, a justiça estará feita.

Nicole ia recusar, afastar o anel, gritar que achava aquela ideia ridícula e doentia, mas Mathilde não lhe deu tempo para isso. Já tinha se virado sem nem ao menos esperar a resposta. Seu longo sobretudo escuro já começava a se fundir ao dia que ia morrendo.

O estojo azul-marinho ficou ali, sobre o balcão de fórmica.

16

2 DE OUTUBRO DE 1998, 11H08

Com a mão envolta em um pano, Malvina empurrou a janela atrás de si. Então, enfiou-o no bolso da jaqueta; tinha limpado tudo com ele, e quem iria dar por falta de um pano de prato na pilha da gaveta da cozinha de Grand-Duc?

Orgulhosa de si mesma, esgueirou-se devagar pelo pequeno jardim para não ser notada por ninguém na rua. Escondida atrás da quina da casa, deixou passar dois carros. Quando o caminho ficou livre, passou a perna por cima da mureta de pedra que mal chegava a um metro de altura. Chegou à rua.

Ninguém a tinha visto. Ninguém jamais poderia saber que ela havia entrado na casa de Grand-Duc.

Apesar do que todos achavam, não era tão burra assim! Virou-se. Um último detalhe a incomodava. Da calçada, olhando bem, era possível detectar a vidraça da janela que ela havia quebrado, embaixo, à direita, o que lhe permitira abri-la enfiando o braço lá dentro. Deu de ombros. Não era muito importante.

Avançou a passos rápidos pela Rue de la Butte-aux-Cailles. Não devia ficar ali, exposta. Vitral poderia chegar a qualquer momento.

Tinha uma ideia para esperar e encurralar aquele filho da mãe. Avançou mais um pouco, em seguida tirou do bolso uma chave de carro e apertou o botão de abertura automática. Fez seus 40 quilos escorregarem para dentro do veículo. Aquele automóvel lhe permitia encontrar vaga em quase qualquer ponto de Paris, inclusive a algumas dezenas de metros da casa de Grand-Duc. Não era muito discreto, mas Vitral não tinha como reconhecê-lo.

Espremeu-se como pôde entre o banco da frente e os pedais do Rover Mini. Apesar do espaço limitado, se ela se abaixasse, os pedestres na calçada poderiam pensar que o carro estava vazio. E ela, por sua vez, tanto pela frente quanto pelo retrovisor, poderia controlar a rua inteira sem mudar de posição. O esconderijo ideal! Se Vitral chegasse pela estação de Corvisart, subiria pelo final da rua, sem passar em frente ao Mini; ela, no entanto, o veria de longe. Perfeito.

Malvina se contorceu e segurou o Mauser L110. Colocou-o ao alcance da mão, logo abaixo do banco do motorista.

Apenas uma coisa ainda a incomodava: a Rue de la Butte-aux-Cailles, por enquanto, ainda estava demasiado movimentada, sobretudo por causa da padaria 50 metros mais adiante, cheia de clientes que não paravam de entrar e sair; um número excessivo de testemunhas, mas que não estavam muito perto: ela teria

tempo de agir. Tornou a pensar nas ordens da avó: “Marc Vitral não a conhece. Esconda-se na rua. Fique observando, siga-o. Não faça mais nada. Ligue para mim assim que o tiver localizado.” Não pôde impedir a própria mão de escorregar até debaixo do banco e tocar o Mauser, como se para verificar que o revólver continuava ali. O contato do metal frio lhe deu segurança. Pensando bem, aos 24 anos, será que ainda era obrigada a obedecer à avó?

Marc percorreu quase às cegas os intermináveis corredores da estação Montparnasse, tentando não perder de vista o caminho até a linha 6.

Lylie estava usando o anel de safira clara, da mesma cor de seus olhos.

Portanto, sua avó o dera de presente nos seus 18 anos, três dias antes. Nicole havia respeitado o combinado. Não contara a ninguém. Nunca. Nem mesmo a Lylie.

Mas tinha lhe dado o anel de presente!

Marc agora sabia o que isso significava, que terrível confissão representava para a avó.

Tinha de ligar para Nicole, falar com ela. E iria fazê-lo, um pouco mais tarde. Por ora, o mais urgente era Lylie. Sem parar de andar, digitou no celular, com a mão livre, uma curta mensagem de texto: *Lylie, me liga, porra*.

Prometeu a si mesmo mandar outra mensagem dali a uma hora, importuná-la enquanto ela não respondesse.

Onde ela poderia estar? Pensou no avião em miniatura dentro de sua mochila. Aquela conversa de viajar até o outro lado do mundo seria para valer? Sim… Depois dos 18 anos, Lylie tinha recursos financeiros para morar em qualquer canto do planeta. E de passar muitos anos lá.

Enquanto se desviava dos outros passageiros, Marc rememorou as últimas linhas do relato de Crédule Grand-Duc. A conta bancária de Lylie. O presente envenenado de Mathilde de Carville. A velha sabia o que fazia. Ao longo dos anos, Marc acabara se convencendo que a única coisa que havia criado aquele abismo entre Lylie e ele era o dinheiro, a única coisa que explicava aqueles sentimentos anormais, aquela atração antinatural que não pode existir entre um rapaz e uma moça ligados pelo sangue dos mesmos pais.

O dinheiro explicava tudo. No entanto, no fundo de si mesmo, uma voz sempre havia lhe sussurrado que o dinheiro não era nada. Não! Não!

A voz tinha razão! O dinheiro não tinha culpa nenhuma. Marc agora tinha a prova de que sua avó, mesmo sem nunca ter demonstrado nada, pensava como ele!

Lylie estava usando o anel dos Carville.

Nicole enfim confessara isso ao dar a joia de presente à neta. Lylie não era sua irmã! Eles estavam livres.

Marc se sentia movido por uma espécie de euforia. Com agilidade, deslizou para dentro do vagão de um trem em direção a Nation. Esbarrou em alguns passageiros para se esgueirar até o corredor central, de modo a ganhar um pouco de espaço, um exíguo espaço vital suficiente para abrir o caderno.

Cinco estações até Corvisart. Bem pertinho da Butte-aux-Cailles, onde morava Grand-Duc.

Tempo suficiente para ler mais algumas páginas.

Diário de Crédule Grand-Duc

É então que eu entro em cena. Finalmente!

CRÉDULE GRAND-DUC, detetive particular.

Estavam à minha espera, não estavam? Admito que cheguei um pouco depois da batalha encerrada.

Meu problema é todo esse, na realidade.

Mathilde entrou no meu escritório na Rue des Amandiers, em Belleville, no dia seguinte ao seu encontro com Nicole. Deu-me a impressão de estar fantasiada de negro, de ter posto toda a sua dor nas roupas que vestia. Acho que aquele encontro com Nicole tinha lhe custado muito, e que ela havia tomado a decisão sozinha, sem consultar o marido. Mathilde havia se humilhado no passeio à beira-mar de Dieppe, mas tinha entendido que apenas esse sacrifício poderia dobrar Nicole. Era preciso que a outra sentisse nessa hora que era a mais forte, caso contrário jamais teria concordado em abrir a conta bancária em nome de Lylie.

Nunca mais, nunca mais uma humilhação dessas, Mathilde deve ter pensado depois daquele dia.

Tinha pagado um preço alto pela paz de sua consciência, muito mais alto do que um cheque de 100 mil francos por ano para Lylie. Assim, depois do encontro em Dieppe, ela enregelou. Quando entrou em minha sala, não passava de uma pedra de gelo negra e polida.

Aproximou-se de mim.

— Ouvi falar muito do senhor.

Ah, é?

Quando ela se apresentou, consegui estabelecer vagamente o vínculo com aquele caso do qual os rádios e os canais de televisão tinham falado durante algumas semanas, e para o qual na época eu não dava a mínima.

— Sr. Grand-Duc, pelo que ouvi dizer, o senhor prima pela discrição, pela

tenacidade, pela paciência e pelo rigor. São essas as qualidades que exijo. O caso que tenho a lhe propor é muito simples: retomar todo o histórico do acidente do Mont Terrible desde o início, cada detalhe, um a um. E encontrar outros, se possível.

Na época, mesmo que eu ainda não passasse de um detetive particular como dezenas de outros, estava começando a construir uma reputação razoável. Tinha solucionado todos os pequenos casos que me haviam sido confiados, o dos cassinos na Côte d'Azur e mais alguns. Ainda não sabia o que era o fracasso, assim como o boxeador que só vence pequenas lutas, mas que ao vencer todas acaba se achando imbatível. Não sabia por que aquela mulher havia me escolhido mas, afinal de contas, por que não eu? Pouco importava o motivo; eu não iria deixar passar aquela oportunidade.

Mathilde se aproximou mais. Permaneci sentado; não sou muito alto e, numa avaliação superficial, ela parecia ter pelo menos 5 centímetros a mais do que eu. Mesmo assim, empertiguei-me na cadeira e adotei um ar importante.

— É um caso complexo, minha senhora. Um caso que não se pode tratar de forma leviana… que vai levar tempo.

— Sr. Grand-Duc, não vim aqui negociar.

Postada na minha frente, ela me esmagava com sua sombra escura. Era tarde demais para me levantar.

— Sr. Grand-Duc, minha proposta é do tipo pegar ou largar. Tenho certeza de que não vai ser difícil arrumar outro detetive, mas acho que o senhor vai aceitar. A partir de hoje, eu lhe pagarei 100 mil francos anualmente, durante dezoito anos, até Lyse-Rose, minha neta, se ela ainda estiver viva, se tornar maior de idade. No final de setembro de 1998. Dia 30, e não dia 27, já que foi essa a decisão da justiça.

Cem mil francos por ano! Multiplicados por dezoito! Eu mal conseguia contar os zeros. Eles pareciam formar um longo colar de pérolas dentro da minha cabeça. Durante dezoito anos. Uma verdadeira renda de funcionário público para um detetive que só permaneceria "particular" no nome.

Só que… Apesar do meu nome idiota, Crédule, ou seja, "crédulo", eu precisava de mais detalhes.

Sim, por mais estranho que pareça, Crédule é meu nome de verdade.

— Por essa quantia, o que exatamente a senhora vai exigir de mim? Se daqui a dezoito anos eu não tiver descoberto nada, terei que devolver o dinheiro?

Seria uma pergunta premonitória? Eu deveria ter desconfiado. Sim, no final das contas bem que mereço meu nome de batismo. A sombra escura se curvou para a frente, esmagando-me um pouco mais.

— Sr. Grand-Duc… Esse caso terá por única base a minha confiança no

senhor. Não há qualquer obrigação de resultado. No entanto, exijo que lance mão de todos os meios possíveis para resolver a questão. Desejo que nada seja deixado ao acaso, nenhuma pista, nenhuma hipótese. O senhor terá todo o tempo e dinheiro necessários para isso. Se em algum lugar existir uma prova da identidade da sobrevivente do Mont Terrible, quero que ela seja encontrada. Vou ser bem clara, Sr. Grand-Duc: quero descobrir a verdade, seja ela qual for, inclusive se não me for favorável.

Uma espécie de forte tontura começou a me dominar.

— E a senhora acha que uma investigação dessas vai levar… dezoito anos?

— O senhor será pago durante dezoito anos. Terá, portanto, esse período para descobrir a verdade. Não exijo que se dedique exclusivamente ao caso. Apenas vou lhe proporcionar todos os meios possíveis para levar a cabo a investigação: tanto o tempo quanto o dinheiro.

— E… e se eu descobrir a verdade em cinco meses?

Ingênuo. Sim, minha mãe deveria ter me batizado de ingênuo, não de crédulo.

— Por acaso não está me entendendo, Sr. Grand-Duc? Será que não fui clara o bastante? Aconteça o que acontecer, o senhor será pago durante dezoito anos. Trata-se de um contrato moral entre nós. Exijo apenas que faça tudo o que for preciso para descobrir a identidade da sobrevivente; é só isso que me importa. — Mathilde de Carville ainda estava curvada na minha direção, e a cruz de madeira pendurada em seu pescoço se balançava acima do meu nariz. Ela prosseguiu: — Sr. Grand-Duc, naturalmente me reservo o direito de romper o contrato a qualquer momento se tiver a impressão de que o senhor não está no jogo. Se tiver a impressão de que está se aproveitando da situação. Mas isso não vai acontecer, não é mesmo? Me disseram que o senhor é um homem honrado.

Sem contrato jurídico! Dá para imaginar uma coisa dessas? Eu tinha topado com uma velha louca que não sabia como gastar sua fortuna!

Um milagre. Uma louca… Até onde ela estaria disposta a ir?

— Será preciso ir à Turquia — falei. — Passar muito tempo lá.

— Além dos honorários anuais, todas as suas despesas serão pagas.

Abusar ainda mais da situação?

— Eu… eu não falo turco. Sozinho não vou conseguir.

— Se for necessário para a investigação, o senhor poderá contratar colaboradores. As despesas deles também serão reembolsadas.

Meu Deus do céu…

Eu não havia feito aquela pergunta a troco de nada: já estava cogitando, pelo menos no início, trabalhar em dupla com Nazim Ozan, um sujeito com quem tinha viajado pela Ásia Central durante vários meses, o único cara que eu

conhecia na França que falava turco e em quem tinha relativa confiança.

Mathilde de Carville me preencheu um primeiro cheque com uma soma colossal para a época, 100 mil francos, e saiu do meu escritório da mesma forma escura que tinha entrado. Não liguei para a atmosfera glacial deixada no recinto por aquele réptil frio. Sentia que ganhara uma bolada na loto sem nem ao menos ter apostado: pela primeira vez na vida, meu nome de batismo e meu sobrenome estavam em plena harmonia.

Crédulo porque acreditei naquela investigação, nas reviravoltas da sorte, em um trampolim para a fortuna… e Grand-Duc, "grão-duque", por causa dos três dias de comemorações com os quais festejei aquela sorte… e que nem sequer fizeram cosquinha nos meus 100 mil francos.

Pois as despesas foram todas reembolsadas.

Como eu poderia ter adivinhado naquele momento que estava caindo em um abismo sem fundo? Que a luz que então me atraía estava me arrastando para o vazio?

Um buraco negro.

Um trampolim para o nada.

17

2 DE OUTUBRO DE 1998, 11H13

A Rue Jean-Marie-Jégo subia em aclive íngreme por uns 50 metros até o topo do morro chamado Butte-aux-Cailles; uma bela ruazinha de cartão-postal, que dava a impressão de erguer-se em direção à praça de um vilarejo com sua igreja, sua prefeitura, seu bar e seu campo de bocha à sombra dos plátanos. Em plena Paris! Marc tinha uma vaga consciência de que a Butte-aux-Cailles era um dos últimos "verdadeiros" bairros parisienses, e estivera ali uma vez para tomar um drinque no Temps des Cerises. Um estudante rico e viajado, do tipo que Marc detestava, filho de diplomata ou algo assim, explicara-lhe que o morro era protegido das imobiliárias graças às camadas subterrâneas de calcário, que inviabilizavam qualquer construção mais alta. Tudo o que ele havia memorizado era que uma casa naquele bairro burguês custava uma fortuna.

Subiu uma última escada de uns vinte degraus e chegou ao topo do morro. Ainda segurando o corrimão, pegou o celular e mandou mais um torpedo para Lylie.

O mesmo. Tinha gravado o texto na memória.

Lylie, me liga, porra.

Só para ter certeza, checou seus recados. Sem sucesso. A caixa postal continuava desesperadoramente vazia.

A Rue de la Butte-aux-Cailles estava calma, exceto pelas idas e vindas em volta da padaria, que parecia ser o único comércio aberto na rua. Era cedo demais para os outros, e os restaurantes pareciam ainda vazios. Com os olhos erguidos em direção às fachadas, Marc avançou até o número 21. Encontrou uma casinha de um andar só situada no meio de um encantador jardim de uns 20 metros quadrados. O

tipo de residência minúscula que seria ridícula em qualquer canto da França rural, mas que ali, no coração de Paris, se transformava em um imóvel de luxo. Uma casa não geminada, cercada por um jardim! Mesmo com os 100 mil francos por ano de Mathilde de Carville, a propriedade parecia fora do orçamento de Grand-Duc.

Ele continuou a examinar a casa. As venezianas verde-claras estavam fechadas. Mesmo assim, tocou a campainha, que ficava entre a caixa de correio amarela meio enferrujada e o muro descascado.

Nada.

Aguardou um minuto e tocou outra vez. Nada ainda. Perplexo, correu a mão pelos cabelos. Era possível que Grand-Duc não estivesse em casa. Deu uma olhada mais atenta na casa e no jardim, em busca de alguma ideia. Avançou mais um pouco pela rua.

A solução lhe surgiu como a coisa óbvia a se fazer.

Do lado direito da casa, o canto da vidraça de uma das janelas estava quebrado. Com sorte, ele poderia passar o braço por ali, segurar o puxador, abrir e entrar na casa. Virou a cabeça: ninguém na rua estava prestando atenção nele. Sem hesitar, pulou a mureta de pedras brancas e chegou junto à janela, quase fora do alcance de olhares indiscretos. Encostou a mão no batente. E não precisou fazer mais nada: para sua grande surpresa, ela se abriu. Estava apenas encostada!

Marc se espantou por um instante com a estranha conjunção de circunstâncias favoráveis, com aquela falta de prudência do detetive. Mas só por um instante. No momento seguinte, entrou na casa de Grand-Duc.

O filho da mãe entrou, pensou Malvina. Pelo retrovisor do carro, tinha visto claramente Marc Vitral avançar e saltar a mureta de pedra. Peguei você, tornou a pensar. Ele carregava uma mochila! Com certeza o caderno de Grand-Duc estava lá dentro. Tudo corria bem. Malvina tentou se mexer um pouco, descolar a cabeça da porta do carro e estender melhor as pernas. Sua nuca doía de tanto ficar torcida junto ao volante, mas ela nem ligou. Estava disposta a passar horas ali e ter de usar uma pescoceira pelo resto da vida se fosse para encurralar Vitral na saída, abrir aquela porra de caderno e arrancar, uma a uma, as páginas cheias de mentiras, como quem arranca as unhas de uma pessoa para fazê-la confessar um crime. Um dedo de cada vez. Apontar o revólver para Vitral e fazê-lo confessar também. Ela iria agir de improviso. Quando chegasse a hora, inventaria as regras de um jogo deliciosamente sádico.

Marc logo sentiu o cheiro de cinzas e fumaça lhe apertar a garganta, como se uma lareira tivesse passado horas acesa dentro da casa e ninguém tivesse arejado o ambiente desde então. Tossiu. Estava dentro de uma pequena despensa, uma espécie de quartinho onde se guardavam conservas e utensílios de jardinagem e outros trabalhos manuais. Empurrou a porta, subiu três degraus de cimento e abriu uma segunda porta, que dava direto no que devia ser a sala de Grand-Duc.

Na mesma hora, o cheiro da fumaça ficou ainda mais forte. Marc tornou a tossir. Seu olhar foi atraído por uma grande lareira bem na sua frente. Era óbvio:

alguém havia queimado quilos de documentos ali.

Viu as caixas-arquivo vazias no chão de madeira. Grand-Duc tinha feito uma faxina, estava na cara, e muito recentemente.

Antes que tivesse tempo de analisar melhor a situação, um barulho estranho fez gelar sua espinha. Foi logo atrás dele, à direita, uma espécie de estalo surdo produzido por uma sucessão de movimentos curtos, como o mecanismo travado de um brinquedo mecânico. Marc se virou, atento. Foi quando deparou, estupefato, com o imenso viveiro dentro do qual praticamente todas as libélulas jaziam inertes no chão úmido. Aproximou-se. Apenas o maior dos insetos, de tronco vermelho e dourado, ainda voejava com dificuldade. Como se houvesse identificado uma nova presença no ambiente, um possível socorro, agitava debilmente as asas e as fazia roçar nas divisórias de vidro. Fascinado pelos movimentos desesperados da libélula, Marc permaneceu alguns segundos sem reagir. Uma libélula! Prisioneira. Já quase morta como os outros insetos, uma dezena talvez. Sem pensar, ele deu um passo à frente e segurou com as duas mãos a tampa de vidro que fechava o viveiro. Era bastante pesada, mas estava solta. Suspendeu-a sem dificuldade e a apoiou na parede mais próxima. Na mesma hora, sentindo o ar fresco, a libélula-arlequim fugiu com umas poucas batidas de asas. Marc acompanhou com os olhos seu voo: um pouco hesitante no início, depois majestoso. A libélula rodou pelo cômodo por vários instantes antes de pousar no lustre da sala.

O coração de Marc disparou feito um bobo.

Ter salvado aquele inseto vermelho lhe proporcionou uma alegria intensa, quase pueril.

A sua libélula.

Nunca teria imaginado que Crédule Grand-Duc colecionasse aqueles insetos. E por que os havia deixado agonizar daquela forma?

Marc inspecionou a escrivaninha do detetive com mais atenção. Tudo estava arrumado com esmero: lápis, blocos de anotações, a curiosa garrafa de vinho vazia, um copo. Havia algo de estranho naquela decoração: tudo levava a crer que Grand-Duc quisera dar cabo, de modo ordenado, de qualquer coisa que tivesse a ver com o caso que fora contratado para resolver. Queimara os arquivos. Sacrificara os insetos. E o testamento, também, aquele caderno verde que Marc agora trazia na mochila e que Grand-Duc havia terminado de escrever

na noite em que Lylie completara 18 anos.

Era o fim de uma vida para o detetive. Um fim meticulosamente organizado.

O que teria acontecido, então? Por que Grand-Duc não estava ali?

Marc sentia dentro daquela casa uma estranha impressão de urgência, de partida apressada: a garrafa ainda sobre a mesa, por exemplo; a vidraça quebrada, a janela apenas encostada. E o cheiro. Não a fumaça da lareira, mas outro, insidiosamente dissimulado sob o primeiro.

Alguma coisa não fazia sentido.

O semblante de Marc se iluminou de repente. Ele se sentou na cadeira diante da escrivaninha de Grand-Duc, abriu a mochila, pegou o caderno verde, folheou-o e se deteve na última página escurecida pela caligrafia do detetive.

No fundo, era muito simples saber quais tinham sido os últimos pensamentos de Grand-Duc: bastava ler as últimas palavras de sua confissão. Como em um romance policial tão irritante que não resistimos à vontade de pular as páginas para ler o fim, com um leve sentimento de desonestidade. Logo esquecido.

Marc se concentrou. A última página do caderno tinha apenas umas vinte linhas escritas. A caligrafia do detetive era a mesma de sempre, fina e regular.

Agora vocês sabem de tudo.

Hoje é dia 29 de setembro de 1998, faltam vinte minutos para a meia-noite. Está tudo no seu devido lugar. Tudo terminado. Lylie vai fazer 18 anos daqui a poucos minutos. Vou colocar minha caneta dentro deste porta-lápis aqui na minha frente. Sentar diante desta escrivaninha, abrir o L'Est Républicain *de 23 de dezembro de 1980, aquele dia maldito, e, com toda a calma do mundo, dar um tiro na minha própria cabeça. Meu sangue vai encharcar o papel amarelado do jornal. Eu fracassei…*

Deixo para trás apenas este testamento. Para Lylie. Para quem mais quiser.

Registrei neste caderno todos os indícios, todas as pistas, todas as hipóteses. Dezoito anos de investigação. Tudo anotado nestas cem páginas. Se vocês as tiverem lido com atenção, agora sabem tanto quanto eu. Talvez sejam mais perspicazes. Talvez sigam um caminho que negligenciei.

Talvez encontrem a chave, se é que ela existe. Talvez…

Por que não?

Para mim, está acabado.

Dizer que não tenho arrependimentos nem remorsos seria um exagero, mas fiz o melhor que pude.

Marc releu a última linha devagar: *fiz o melhor que pude*. Passou algum tempo imóvel, tentando controlar o intenso mal-estar que brotava dentro dele, depois foi subindo pelo fio de tinta preta até algumas dezenas de palavras mais acima.

Dar um tiro na minha própria cabeça. Meu sangue vai encharcar o papel amarelado do jornal. Eu fracassei…

Ergueu os olhos.

Grand-Duc estava se referindo ao seu suicídio. Um suicídio premeditado.

Por que, então, não havia nenhum vestígio de sangue sobre a escrivaninha? Nem jornal. Nem arma. O

detetive, portanto, desistira de se matar na antevéspera, entre 23h40 e meia-noite… Por quê? Por que preparar tudo de modo tão preciso para desistir na última hora?

Será que havia simplesmente perdido a coragem? Ou será que fora dar um tiro na própria cabeça em outro lugar, mais tarde? Ou talvez tivesse mentido naquele diário… Em relação à própria morte? Ao resto? Ou ainda… Uma possibilidade louca: teria ele descoberto alguma coisa antes da meia-noite?

Uma luz ínfima, uma ideia, uma última pista…

Marc releu sem pressa as últimas linhas do diário.

O detetive não deixava indício algum. Uma única certeza: não tinha morrido com uma bala na cabeça sobre a própria escrivaninha.

Marc fechou o caderno e tornou a tossir. Ainda estava sentindo aquele cheiro insuportável, cada vez mais forte. Outro barulho mecânico, mais intenso do que antes, o fez virar a cabeça. Uma dezena de libélulas soltas de sua prisão de vidro e salvas pelo ar fresco voavam pela sala; voos breves, ainda desconjuntados, de uma prateleira a outra, e depois de uma cadeira até a mesa, ou da cortina até o varão.

Não estavam nada mortas. Aqueles bichos eram bem mais resistentes do que se poderia pensar. Marc sorriu e pensou em Lylie, sua libélula, a única que ele queria de fato salvar. Mesmo que fosse preciso fazer o contrário: fechar sobre ela uma tampa de vidro. Sentiu os pensamentos se embaralharem. Os insetos rodopiavam diante de seus olhos feito as moscas ilusórias que antecedem um desmaio.

Ele se levantou. Precisava se mexer.

Meu Deus, mas de onde vinha aquele cheiro?

Avançou, deu alguns passos. Quanto mais se aproximava da cozinha, mais intenso ficava o cheiro. O

cômodo estava limpo e arrumado, em ordem; até as lixeiras tinham sido esvaziadas. Mas o cheiro sem dúvida vinha daquele armário alto e estreito ao lado da pia.

Marc abriu a porta do armário devagar.

Quase no mesmo instante, o cadáver caiu a seus pés com um ruído surdo.

Já estava rígido. Parecia um manequim de cera.

Marc recuou, atônito e pálido. Horrorizado.

O corpo ficou caído na sua frente. Uma mancha escura e vermelha pintava a camisa.

Era Crédule Grand-Duc.

Morto. Conforme anunciado em seu diário.

Só que raramente acontece de alguém que se mata com um tiro na cabeça se dar ao trabalho de esconder a arma, limpar o sangue derramado e se trancar dentro de um armário.

Marc deu um passo para trás.

Crédule Grand-Duc não tinha se suicidado. Tinha sido assassinado.

18

2 DE OUTUBRO DE 1998, 11H27

Malvina de Carville pegou o celular com a pontinha dos dedos, sem levantar a cabeça, sem que de fora do Rover Mini se pudesse detectar qualquer sinal de presença humana dentro do carro.

O telefone quase não tocou.

— Ele chegou — murmurou Malvina. — Vitral entrou na casa do Grand-Duc.

— Era de se esperar. Você não deixou vestígios?

— Não, vovó, não. Pode ficar tranquila. Limpei até os cílios, os cabelos e os pedaços de pele dele que tinham queimado na lareira.

Ela pontuou a frase com uma risada aguda. Sua avó sempre a considerara uma idiota.

— Vovó?

— O quê?

— Ele talvez encontre o cadáver do Grand-Duc. Eu o escondi, mas ele… ele já estava com um cheiro superforte.

Percebeu que a avó estava pensando do outro lado da linha.

— Vovó?

— Sim — respondeu, por fim, Mathilde. — Bem, se ele encontrar… paciência. Ou, que bom, no fim das contas. A entrada dele é uma infração, as testemunhas devem tê-lo visto na rua. Vai deixar impressões digitais por toda parte… Era o melhor que poderia acontecer, não?

Um calafrio de prazer percorreu o corpo de Malvina. Como sempre, sua avó tinha razão. Marc Vitral iria pagar. Bem feito para ele!

— Vovó? Ele tem uma mochila. Acho que o caderno do Grand-Duc está lá dentro. Você acha que…

A voz de Mathilde saiu seca:

— Não, Malvina, não faça nada. Siga-o e pronto. Não faça nada na rua, em plena luz do dia. Entendeu bem?

— Entendi, vovó, entendi. Ligo para você daqui a pouco.

Malvina empunhou o Mauser sob o banco do motorista. Sim, sua avó quase sempre tinha razão. Mas não daquela vez.

Algumas libélulas voavam em volta do cadáver de Grand-Duc.

Marc sentiu uma golfada de nojo. Uma sensação de pânico tomou conta dele.

Mas era preciso se controlar. Não podia se permitir ter uma crise de agorafobia, não naquele momento, não ali.

Chamar a polícia?

Ele raciocinou depressa. Tinha entrado na casa de Grand-Duc por uma vidraça quebrada, deixado impressões digitais. Não era boa ideia. Além do mais, os policiais iriam interrogá-lo e, no melhor dos casos, obrigá-lo a passar horas na delegacia. Ele não podia se dar esse luxo! Não naquele momento.

Lylie precisava dele. Agora. A polícia estava longe de ser uma boa ideia.

O que fazer?

Seu olhar recaiu sobre o cadáver. Seu conhecimento em matéria de autópsia médica era nulo, mas lhe parecia óbvio que o assassinato era recente. A rigidez, o cheiro, tudo o fazia pensar que aquele cadáver estava ali havia poucas horas. Marc tornou a pensar nas últimas palavras escritas por Grand-Duc no caderno. Em seu suicídio anunciado. Qual seria a relação disso com aquele crime? O que ele teria descoberto que justificasse alguém calá-lo para sempre?

Pôs-se a andar pela sala a passos irregulares e afastou com um gesto irritado uma libélula que agitava as asas ruidosamente junto de seu rosto.

Nada fazia sentido. Grand-Duc tinha sido morto algumas horas antes, e não três dias, não na noite do aniversário de Lylie. Marc tornou a correr os olhos pela sala, a escrivaninha, a lareira e o viveiro de insetos.

Estava diante de uma cena surreal! Uma a uma, as libélulas iam acordando e recuperando as forças.

Voavam pelo cômodo e trombavam nas janelas, atraídas pela claridade que varava as persianas como flechas de luz.

Marc andou um pouco pela casa e percorreu os outros cômodos, só para ter certeza. Não reparou em nada suspeito, mas a busca metódica lhe permitiu ao menos se acalmar e praticamente regularizar a respiração. Foi até o hall de entrada. Na mesma hora, o sangue tornou a circular em suas veias como a correnteza de um rio nos instantes que sucedem a uma violenta tempestade. Seus dedos, seu pescoço e suas têmporas enrubesceram. A parede do hall estava coberta de fotos. Nazim Ozan, Lylie, o Mont Terrible…

Ele se deteve diante de uma das imagens: sua própria avó. Grand-Duc mantinha no hall de sua casa uma fotografia de Nicole. Ela estava bem mais jovem, devia ter 50 anos, se tanto, e posava em frente à praia, em Dieppe. O coração de Marc batia descompassado, com um misto de raiva e de espanto. Só tinha da avó a imagem atual: uma senhora de 65 anos maltratada por longos anos de sacrifício. Não guardava lembrança quase alguma daquela mulher sorridente, opulenta, sedutora até.

Desviou os olhos na esperança de conseguir se acalmar. Estava sufocando,

tinha de sair dali, e rápido.

Angústia, agorafobia… a crise era iminente. Pensou, sem muita lógica, que, antes de ir embora, precisava dar outra volta pela casa e passar um pano sobre todos os objetos em que havia tocado: a tampa do viveiro, a cadeira da escrivaninha, os trincos, a janela. Não tinha vontade nem tempo para isso.

Era preciso fugir, deixar o ar putrefato daquela casa, sair de novo para a rua.

O que tinha a temer? Não fora ele quem matara Grand-Duc. O detetive já estava morto havia muitas horas. Na ocasião, Marc estava bem longe da Butte-aux-Cailles.

Atravessou a janela já inspirando as golfadas de ar fresco.

Sim, tinha mais a fazer que não uma faxina, e com urgência.

Antes de mais nada, precisava encontrar Lylie.

E ligar para a avó, em Dieppe. Para entender. Para descobrir por que Grand-Duc tinha sido assassinado.

Quanto a essa última dúvida, tinha seu próprio palpite. Diretamente associado ao seu destino seguinte.

Do lado de fora, atravessou o jardim.

Não percebeu que atrás dele, pela janela aberta, as libélulas saíram voando em direção ao horizonte.

Malvina se encolheu um pouco mais dentro do Rover Mini. Pelo retrovisor externo, pôde distinguir perfeitamente a silhueta de Marc Vitral. Ele estava chegando perto. Com sua mochila nas costas, o filho da puta não desconfiava de nada. Escorregou a mão até embaixo do banco do motorista, tateou e pegou o Mauser L110. Dali a poucos metros ele estaria ao seu alcance. Ela ia enfiar o cano do revólver na sua barriga, e ele não teria escolha: seria obrigado a lhe entregar aquela merda de mochila e o testamento daquele detetive idiota guardado lá dentro.

Depois disso, pensaria no que fazer. Talvez se contentasse em lhe dar um tiro em uma das bolas. Ou nas duas. Ainda não tinha decidido.

Estava quase na hora.

Faltavam apenas 10 metros.

Malvina ergueu a cabeça, apertando o revólver com uma das mãos. No final da rua, alguns velhos conversavam dentro da padaria. Não estava nem aí para eles. Uns velhos gagás que não iriam entender nada; além disso, estavam longe demais. Virou a cabeça para a direita, em direção à calçada. Nunca se sabe. Esticou um pouco mais o pescoço.

No segundo seguinte, ficou paralisada.

Três crianças de 3 ou 4 anos lhes mostravam a língua, às gargalhadas. Suas cabeçorras de pirralhos a olhavam através do vidro como se ela estivesse

brincando de esconde-esconde, imprensada ali entre o volante e o banco do motorista. *Bu. A gente achou você.*

Uma professora baixinha e bonita veio buscar os três engraçadinhos. Malvina, então, se levantou por completo.

Fedelhos babacas!

Toda a turma do jardim de infância desfilava agora pela calçada, pelo menos trinta crianças a caminho da cantina, do parquinho logo em frente ou sabe-se lá de onde.

No instante seguinte, Marc Vitral cruzou educadamente com toda a turma de Jardim 2 da escola maternal Sainte-Anne, deu um sorriso bem-comportado para a professora e se afastou depressa, perdido em pensamentos, sem nem olhar na direção do Rover Mini estacionado junto ao meio-fio.

— Alô, vovó? É a Malvina. Perdi ele, vovó…

— Como assim, perdeu? Ele quem, Marc Vitral? Está querendo dizer que atirou nele e…

— Não… Nem cheguei a atirar, não deu tempo.

Malvina ouviu o suspiro de alívio da avó.

— Tudo bem, Malvina. O que ele está fazendo agora?

— Está se afastando. Indo embora. Em direção ao metrô, acho. Quer que eu vá atrás dele?

— Não saia daí, Malvina.

— Mas…

Sua avó estava louca. Não sair dali?

— Mas, vovó? E o caderno do Grand-Duc?

— Não saia daí, já falei!

— Mas…

Malvina sabia que ainda poderia sair correndo atrás dele com o Mauser em punho, encurralá-lo no corredor da estação de metrô, arrancar-lhe a mochila e empurrá-lo para cima dos trilhos…

— Volte, Malvina. Volte para a Roseraie. Vai ser melhor.

— Ainda posso alcançá-lo, vovó… Garanto a você.

A voz de sua avó se fez ao mesmo tempo suave e firme, como quando à noite, curvada acima de sua cama, ela lhe lia trechos da Bíblia: — Malvina, escute bem. Vitral com certeza leu o caderno de Grand-Duc. Sua primeira reação foi muito lógica: correr para a casa do detetive. Deve ter encontrado o cadáver, e com certeza sua segunda reação será igualmente previsível.

Malvina não estava mais conseguindo acompanhar o raciocínio. Aonde sua avó queria chegar?

— Pode voltar para cá, Malvina. Marc Vitral está vindo direto para a nossa

casa em Coupvray, direto para a Roseraie.

Malvina xingou a si mesma e a própria estupidez.

Um pontinho negro cresceu em seu retrovisor, aparecendo e desaparecendo, brincando com seus nervos. Após algumas cambalhotas, a bonita libélula vermelha e dourada pousou no capô azul do Rover Mini.

19

2 DE OUTUBRO DE 1998, 11H31

Marc se deteve para fazer uma pausa. Apoiou-se no corrimão cromado que dividia ao meio a escada íngreme cujos degraus desciam na direção do Boulevard Blanqui. O aço frio gelou sua mão.

Já tinha na cabeça o itinerário que faria. Linha 6 do metrô. Baldeação em Nation. De lá, linha A4 do trem em direção a Marne-la-Vallée. Saída Val-d'Europe, a penúltima estação. Em uma hora, no máximo, estaria em Coupvray. Não teria dificuldade alguma para encontrar o endereço exato dos Carville. Bastaria fazer o mesmo que fizera para conseguir o de Grand-Duc: ligar para sua colega Jennifer, que felizmente estava de plantão naquele dia.

Era desnecessário avisar aos Carville que estava a caminho; com certeza haveria alguém lá para responder às suas perguntas: o avô na cadeira de rodas e a rainha-mãe em seu castelo não deviam sair muito da propriedade. Nem mesmo para fazer compras. Pagavam gente para fazer isso. Entre outras coisas.

Sorriu para si mesmo. Iria lhes fazer uma surpresa! Afinal de contas, ele e os Carville tinham agora o mesmo objetivo: provar que Lylie não era sua irmã, que o sangue dos Vitral não corria nas veias dela.

Poderiam chegar a um meio-termo.

Um meio-termo…

Marc estremeceu ao pensar no cadáver de Grand-Duc.

Pegou o celular. Como havia prometido a si mesmo, precisava ligar para Dieppe.

Mais uma vez, uma secretária eletrônica atendeu à ligação.

Já fazia muito tempo que chamava a avó pelo primeiro nome, Nicole. Era seu jeito pessoal de solucionar de uma vez por todas a dúvida que havia atrapalhado seus dez primeiros anos: chamá-la de "mamãe" ou de "vovó"?

— Nicole? É o Marc. Você tem notícias da Lylie? Notícias recentes, quero dizer, desde hoje de manhã às nove? Me ligue, é muito importante. — Ele fez uma pausa e prosseguiu: — Aliás, Nicole, apesar de eu não ter lembrança nenhuma, você era muito bonita quando tinha 50 anos! Um beijo.

Sua mão direita apertou o corrimão frio como se ele estivesse tentando grudar a palma no metal e deixar tiras de pele coladas quando soltasse. Os dedos da outra mão se agitaram sobre as teclas do telefone.

Sete toques.

— Lylie. Caramba, cadê você? Atenda! Fale comigo! Não vá embora. Estou saindo da casa do Grand-Duc. Ele não se matou. Ele… Alguém… Ele encontrou alguma coisa, e eu também posso encontrar.

Vou encontrar. Me ligue. É o Marc.

Entrou no metrô. Àquela hora, os corredores estavam quase vazios. Mal teve tempo de deixar os olhos vagarem até o outro lado dos trilhos, pela misteriosa paisagem de um cartaz gigantesco anunciando o turismo nos Emirados Árabes. O trem apareceu segundos depois e mergulhou nas areias douradas logo em frente ao palácio oriental, sob as estrelas das mil e uma noites.

Oito estações entre Corvisart e Nation.

Diário de Crédule Grand-Duc Assim, fui contratado para uma investigação com dezoito anos de duração! Dá para imaginar uma coisa dessas? Há dezoito anos essa história não me sai da cabeça, como um chiclete mastigado e remastigado até perder todo o sabor. Cuidado, vocês que estão lendo estas páginas, para a goma não colar no seu cérebro também, mastigada pela sua imaginação, esticada pela sua lógica. Interminável.

Os primeiros dias e meses da investigação foram muito emocionantes. Mesmo com dezoito anos pela frente, eu me sentia tomado por um sentimento de urgência. Em duas semanas já havia lido todos os documentos do inquérito, centenas de páginas. Durante os primeiros meses, interroguei várias dezenas de testemunhas, os bombeiros que tinham efetuado o resgate no Mont Terrible, todos os funcionários médicos do centro hospitalar de Belfort-Montbéliard, o Dr. Morange, amigos íntimos da família Carville, amigos íntimos da família Vitral, os policiais, o delegado Vatelier, os advogados — Leguerne e os outros –, os dois juízes, Le Drian e Weber, e não sei mais quantas pessoas.

Parei de dormir. Trabalhava quinze horas por dia, acordava e me levantava da cama pensando no caso, como se quisesse resolver aquilo o mais depressa possível, como se quisesse mostrar serviço à minha empregadora para que ela ficasse contente comigo, para que me garantisse um contrato vitalício… Para conquistar a fidelidade da cliente, como diria um dono de quitanda.

Na realidade, não raciocinava direito. O caso me fascinava, e eu estava convencido de que iria descobrir algo novo, um indício que todos haviam deixado passar. Fui acumulando notas, fotos, horas de gravações. Um trabalho descomunal. Ainda não sabia, mas estava construindo, tijolo por tijolo, os alicerces de minha neurose.

Após algumas semanas analisando todas as peças do caso, desenvolvi uma primeira convicção. Na época, considerei-a uma ideia genial.

A pulseira!

Aquela maldita pulseirinha de ouro dada pelo avô e que Lyse-Rose de

Carville deveria estar usando no avião. A joia que havia abalado a certeza do juiz Weber, o grão de areia na balança da justiça, a arma fatal dos Vitral e do advogado Leguerne. Adquiri a certeza de que ela era uma faca de dois gumes. Sem ela, tudo levava a crer que a sobrevivente fosse Émilie Vitral. No entanto, se a neném arremessada do avião fosse Lyse-Rose, nada impedia de pensar que a fina pulseira pudesse ter se partido com o choque.

Se a joia fosse encontrada em algum lugar próximo do avião… a situação se inverteria. Seria a prova irrefutável de que a sobrevivente era Lyse-Rose!

Sou um homem paciente, meticuloso, obstinado. Garanto a vocês que posso ser obsessivo no trabalho. Ainda que a polícia tivesse levado horas passando o pente-fino ao redor do Airbus carbonizado no Mont Terrible, fiz tudo outra vez. Armado com um detector de metais que mais parecia uma frigideira, fiquei dezessete dias lá em cima, no final de agosto de 1981, vasculhando cada centímetro da floresta. Na noite do acidente, estava nevando. A pulseira poderia ter caído na neve e afundado na terra lamacenta. Um policial encarregado de procurá-la depois do desastre, com os dedos enregelados e os pés encharcados, não devia ter sido lá muito cuidadoso.

Mas eu, sim.

Tudo em vão!

Vou poupá-los da lista de tampinhas de cerveja, latas, moedas e dejetos comuns que desenterrei. Por causa deles, o funcionário da reserva natural do Haut-Jura responsável pelo Mont Terrible me tinha em alta conta! Grégory Morez. Um rapaz boa-pinta e de barba por fazer, com olhos de Husky e um rosto bronzeado e marcado de quem escala o Kilimanjaro todos os fins de semana antes de voltar para casa.

Acabamos simpatizando.

Três sacos de lixo cheios de objetos de todo tipo coletados no alto do morro, mas nenhuma pulseira!

Para falar a verdade, não estava propriamente decepcionado. Já desconfiava que o resultado fosse ser esse, e já disse que sou um homem obstinado. Estava apenas obedecendo às ordens de Mathilde de Carville e isso me convinha: “não ignorar pista alguma”, progredir passo a passo. Ir devagar.

Minha verdadeira certeza era de outra natureza.

Se a pulseira tivesse mesmo caído em algum lugar perto da neném sobrevivente na noite do drama, alguém poderia muito bem tê-la encontrado, um bombeiro, um policial ou um enfermeiro, e simplesmente posto no bolso. Ou

então alguém da região tinha voltado lá para procurá-la, depois de a fuselagem esfriar. A joia era de ouro maciço, e seu valor na época era estimado em exatos 11.560

francos, confirmados pela nota fiscal. Havia a assinatura gravada de Tournaire, joalheiro da Place Vendôme. Um objeto desses podia provocar cobiça. Seria algo clássico: aproveitadores saqueando os destroços de um naufrágio. Ainda mais que ninguém podia imaginar a importância que a maldita joia acabaria adquirindo.

Minha ideia era muito simples, básica até: inundar a região com anúncios. Grande recompensa para quem nos trouxer a famosa joia. Era preciso oferecer bem mais que o valor do objeto. Com a autorização de Mathilde de Carville, eu havia planejado aumentar progressivamente o tamanho da isca.

Tínhamos começado com uma quantia singela: 20 mil francos. Aquele tipo de pesca exigia paciência, tempo e tato para deixar o peixe morder a isca. Estava confiante. Se a pulseira tivesse sido encontrada, se estivesse dormindo dentro de alguma gaveta, guardada a sete chaves por um ladrão aproveitador da mesma forma que Gollum esconde o anel de Frodo, mais dia menos dia acabaria aparecendo, algum indício escaparia.

Eu tinha razão. Pelo menos quanto a isso eu tinha razão.

Minha outra grande ocupação durante os seis primeiros meses de investigação foi aquilo a que desde então me refiro como minhas férias na Turquia. Ao todo, devo ter passado quase trinta meses lá, a maioria deles durante os cinco primeiros anos.

Nazim Ozan ia sempre comigo; havia aceitado na hora ser meu ajudante na investigação. Na época, prestava serviços ocasionais como peão de obra, mais ou menos no mercado negro. Também já estava com quase 50 anos; brincar de mercenário em lugares violentos do planeta cercado por kamikazes fanáticos não lhe agradava mais tanto assim. Mas, sobretudo, Nazim tinha encontrado o amor: vivia em Paris com uma mulher chamada Ayla, de origem turca como ele, meio gordinha, mas muito bonita. Vá entender por quê, mas os dois eram inseparáveis. Ela tinha um temperamento dominador e era ciumentíssima; eu tinha de passar horas negociando sempre que precisava de Nazim comigo na Turquia.

Uma vez lá, ele era obrigado a ligar para casa diariamente. Acho que Ayla nunca entendeu nada sobre a investigação, ou pior, acho que nunca acreditou em nós. Mas não guardou nenhum rancor de mim e foi ela, inclusive, quem insistiu para que eu fosse testemunha do seu casamento, em junho de 1985.

Apesar de Ayla, na maioria das vezes eu levava Nazim comigo para a Turquia, onde ele me servia de intérprete. Em Istambul, sempre me hospedava no hotel Askoc, no Chifre de Ouro, perto da ponte de Galata. Nazim, por sua vez, dormia na casa de uns primos de Ayla em Eyüp, na periferia da cidade. Ele não tinha escolha! Nós nos encontrávamos em um bar em frente ao hotel, o café Des Anj, em Ayhan Işik Sokak. Nazim aproveitava para beber um *rakı* depois do outro enquanto tentava me iniciar na arte do narguilê.

Como disse, férias na Turquia!

Brincadeira! Preciso confessar, acho que sempre fui meio cínico em relação às artes e tradições típicas, ao exotismo, ao estranhamento cultural e a clichês desse tipo. Uma espécie de racismo, por assim dizer, mas um racismo sem exclusividade, sem alvo definido, uma espécie de ceticismo generalizado em relação ao gênero humano, sem dúvida herança de minha antiga profissão de mercenário, de gari encarregado de esvaziar as lixeiras do mundo; de mercador das zonas de conflito, por assim dizer.

Em menos de uma semana, a vida na Turquia começou a me cansar os olhos, o nariz e os ouvidos. O

toque incessante dos minaretes, a feira sempre armada na rua que vendia de tudo, as mulheres com seus véus, as prostitutas, o chá, o cheiro dos temperos, os taxistas que dirigiam feito loucos, os engarrafamentos intermináveis até o Bósforo… Tudo! No fim das contas, a única coisa que eu suportava era o bigode de Nazim.

Bom, sei que vocês não devem estar achando muita graça nessa minha antropologia barata. Têm razão: o assunto não é esse. Só estava tentando relativizar o aspecto “férias mediterrâneas” do caso. O

trabalho era o meu refúgio. Não estou mentindo. Pelo menos durante os primeiros meses, eu e Nazim investigamos feito uns doidos! Passamos horas interrogando vendedores do Grande Bazar para descobrir quem poderia ter vendido as famosas roupas usadas pela neném sobrevivente. Um macaquinho de algodão, um vestido branco com florezinhas cor de laranja, um suéter de lã crua de jacquard. Dá para imaginar? O Grande Bazar de Istambul, a maior galeria comercial do mundo, 58 ruas internas, quatro mil lojas… Quase todos os vendedores arranhavam o inglês e o francês e tentavam dispensar a tradução de Nazim falando diretamente comigo, como se a bandeira da França estivesse gravada em filigrana na minha testa.

“Um bebê, irmão? Está procurando roupas para o seu bebê? Tenho tudo de que o senhor precisa. O seu tesouro é menina ou menino? Me diga o seu preço…”

Quatro mil lojas, podem acreditar! E o dobro ou o triplo de vendedores, todos capazes de identificar o otário ocidental a 50 metros de distância. Mas aguentei firme. Até o fim. Passei mais de dez dias percorrendo aquele labirinto comercial com teto de mosaico dourado. No fim, acabei por listar dezenove lojas que vendiam ao mesmo tempo o macaquinho de algodão, o vestido branco e o suéter de lã, exatamente os mesmos que a neném estava usando… mas nenhum comerciante se lembrava de ter vendido as três peças juntas a uma família de aspecto ocidental.

Tudo em vão.

No final do labirinto, um beco sem saída.

Restava descobrir mais coisas sobre Lyse-Rose e seus pais, Alexandre e Véronique de Carville. O inquérito oficial para identificar a menina repousava sobre dois pontos apenas: a foto de costas recebida pelos avós e o testemunho de Malvina. Era preciso, portanto, recomeçar do zero na Turquia, no litoral, na casa da família em Ceyhan. Eu estava razoavelmente otimista. Em três meses de vida, a pequena Lyse-Rose devia ter cruzado com bastante gente!

Não demorei a me desencantar.

Ao que parecia, Alexandre e Véronique não tinham uma vida social muito movimentada. Eram mais de permanecer fechados dentro de seu casarão branco com vista para o Mediterrâneo. Tinham até uma pequena praia privativa!

Para ser mais exato, quem levava uma vida de monge era Véronique. Alexandre trabalhava quase toda a semana em Istambul. É claro que o casal às vezes recebia amigos, colegas, outros franceses…

mas antes de Lyse-Rose nascer! Depois do nascimento, Véronique havia restringido esses eventos mundanos. Graças a diversos cruzamentos de informações, consegui encontrar sete pessoas — dois casais de amigos e três clientes da empresa de Carville — convidadas a ir à chácara de Ceyhan depois de Lyse-Rose nascer. Em todas as ocasiões, a neném estava dormindo, e os convidados se lembravam apenas de um pequeno montinho de carne que mal se destacava em meio a lençóis que subiam e desciam a intervalos regulares. Apenas um cliente, holandês, tinha visto Lyse-Rose acordada, mas só por alguns segundos. Véronique havia se retirado para amamentar, pois não iria fazer isso na frente do executivo holandês, que seguiu tomando seu *rakı* no terraço enquanto assinava contratos com Alexandre. O delicado diretor comercial da filial turca da Shell, que acabei conseguindo localizar, ressaltou que seria tão incapaz de reconhecer o rosto de Lyse-Rose quanto os peitos da própria mãe.

Em Bakirkoy, na maternidade em que Véronique dera à luz, nasciam mais de trinta bebês por semana.

Era uma clínica particular chiquérrima na qual tive uma recepção

surpreendentemente obsequiosa. O pediatra, único a ter acompanhado Lyse-Rose, havia examinado a menina mais ou menos três vezes e comentou comigo que costumava examinar mais de vinte bebês por dia. Encontrou em um caderno as informações recolhidas na ocasião do nascimento da menina. Peso: 3,25 kg; altura: 49 cm.

O bebê chorou? Sim.

Estava de olhos abertos? Sim.

E fora isso? Nada.

Características particulares? Nenhuma.

Outra vez o beco sem saída.

A vida de Véronique naquele casarão devia ser um tédio. Portanto, um número mínimo de empregados domésticos ficava à sua disposição. Consegui encontrar apenas um jardineiro já meio idoso e um pouco míope demais para o meu gosto, que havia cruzado com Lyse-Rose debaixo das palmeiras em um final de tarde… quando a menina estava bem protegida sob um grosso mosquiteiro! Só consegui extrair dele uma descrição vaga, ainda menos confiável do que as afirmações delirantes de Malvina.

Não vou reproduzir aqui, nos mínimos detalhes, os depoimentos errados, vagos e inúteis que acumulei ao longo de todos esses meses. Não negligenciar pista alguma, dissera-me Mathilde de Carville.

Fascinado, eu obedecia; afinal, bastava um depoimento, um só, para tirar a sorte grande.

No aeroporto de Atatürk, em Istambul, uma comissária de bordo se lembrava de ter feito cosquinha no queixo de um bebê naquele dia 22 de dezembro, antes de o Airbus decolar rumo a Paris.

— Um bebê só? Não dois?

— Não, um só.

Pelo menos ela achava, mas não tinha certeza. Nem do dia, nem do voo. Um bebê pelo menos, disso ela se lembrava.

Essa maldita comissária de bordo fez nascer mais uma dúvida no meu cérebro já tão confuso.

Um único bebê no avião?

Afinal de contas, quem poderia saber ao certo que pessoas estavam de fato sentadas dentro do Airbus naquela noite? A lista de passageiros era conhecida com precisão, mas e se um deles no último instante não houvesse embarcado? Um bebê, por exemplo. Lyse-Rose. Por que não? Um atraso, um imprevisto de última hora, um capricho da mãe, um sequestro, um golpe planejado, qualquer invenção que me permitisse pensar que Lyse-Rose não havia entrado no Airbus 5403, mas continuava viva em algum canto da Turquia… ou em qualquer outro

lugar!

Uma hipótese totalmente maluca.

Porém, era possível desenvolvê-la. Afinal de contas, não era estranho ter tão poucos elementos tangíveis relacionados a Lyse-Rose, um bebê de 3 meses? Tão poucos depoimentos, nenhum amigo que tivesse lhe feito um carinho, nenhuma babá para pegá-la no colo, nenhuma fotografia. Nada, ou quase nada. Como se a neném nunca houvesse existido, ou para ser mais exato, como se tivessem querido escondê-la.

De tanto revirar os elementos na cabeça, estava ficando paranoico. Se Lyse-Rose não tivesse pegado o avião, talvez fosse porque já estava morta antes! Um acidente doméstico? Uma doença congênita incurável? Um crime? Alexandre e Véronique de Carville tinham levado consigo o segredo.

Talvez Malvina fosse a única a saber. Por isso, tinha ficado louca.

Todas essas conjecturas faziam Nazim gargalhar quando eu as tecia na sua frente no café Dez Anj. Ele se engasgava com o bigode no copo de *rakı*.

— Um crime? Você está ficando totalmente louco, Crédule!

Entre dois tragos do narguilê, ele me fazia recolocar os pés no chão; para Nazim, tudo o que importava eram os indícios materiais, concretos. Palpáveis.

— Afinal de contas, Crédule, essa menina não passou três meses trancafiada dentro de um mausoléu, ela deve ter saído na rua, talvez alguém, algum passante, um turista a tenha visto, fotografado ou filmado, por acaso…

— O que está querendo dizer, exatamente?

— Não sei. Você tem dinheiro. Mande publicar um anúncio nos classificados dos jornais da Turquia, pelo país todo, com a foto da sobrevivente usada pelo *L'Est Républicain*. Logo veremos o resultado.

Nazim tinha razão! Que ideia genial! Enchemos a imprensa turca de anúncios bem diretos que explicavam o que estávamos procurando e o que oferecíamos em troca, uma verdadeira fortuna em liras turcas.

No dia 27 de março de 1982 — vou me lembrar dessa data para sempre –, uma carta me aguardava no escaninho da recepção do hotel Askoc de manhã bem cedo. Um sujeito a havia entregado pessoalmente.

Lacônica, ela informava apenas um nome: Unal Serkan. E um número de telefone. Mas continha a fotocópia de um retrato.

Atravessei Ayhan Işik Sokak como um louco, no meio do tráfego. Nazim já estava me esperando no café Dez Anj.

— Algum problema, Crédule?

Enfiei a fotografia entre seus grandes dedos peludos. Seu olhar se imobilizou. Ele ficou encarando a imagem como eu havia feito poucos minutos antes.

Era uma cena de praia.

No primeiro plano, uma moça morena e bronzeada, de corpo perfeito, posava toda sorridente vestida com um biquíni não muito sexy. Modelo turco. Ao fundo, era possível reconhecer as colinas de Ceyhan e, cercados de vegetação, os muros da chácara dos Carville.

No meio dos dois, na praia, alguns metros atrás da moça e em cima de uma toalha, ao lado de uma mulher da qual só se viam as pernas, estava deitado um bebê. Um bebê de algumas semanas. Nazim ficou pasmo. Quase deixou a foto cair.

Era Lylie, a libélula, a milagrosa sobrevivente do Mont Terrible; não havia dúvida. Os mesmos olhos, o mesmo rosto.

Durante sua temporada na Turquia, Pascal e Stéphanie Vitral nunca tinham estado em Ceyhan, nunca sequer haviam se aproximado a mais de 200 quilômetros de lá. Não restava a menor dúvida, ali estava a prova, enfim! Nós tínhamos ganhado!

O bebê que havia sobrevivido por milagre nas neves do Mont Terrible era Lyse-Rose de Carville.

Eu poderia ter chorado de tanta alegria. O farto bigode de Nazim me sorria, reconfortante; ele também tinha entendido. Estava feliz feito uma criança.

2 DE OUTUBRO DE 1998, 11H44

Um toque, só um. Quase inaudível em meio à barulheira subterrânea do metrô.

Não uma chamada em seu celular, mas o sinal indicando que alguém havia deixado um recado na caixa postal. Uma ligação perdida.

Os dedos de Marc tremeram até seu bolso.

20

2 DE OUTUBRO DE 1998, 11H42

Ayla Ozan cortava mecanicamente a carne de carneiro grelhada, que caía em finas lâminas sobre a superfície de inox. Estava pensando em outra coisa. Isso não atrasava seu trabalho, muito pelo contrário — ela era até mais eficaz na preparação dos kebabs quando devaneava do que quando desperdiçava o tempo conversando e fazendo graça com os clientes.

A fila de espera estava começando a ficar longa, como sempre acontecia antes do meio-dia — o pequeno restaurante do Boulevard Raspail tinha sua clientela fiel.

Apesar de não deixar transparecer, Ayla estava preocupada. Preocupadíssima. Fazia dois dias que Nazim não lhe dava notícias. Não era do feitio dele! O cortador elétrico seguiu fazendo a carne chover.

Ayla se imaginou passando o aparelho pela nuca, pelo pescoço, pelas têmporas de Nazim. Adorava bancar a cabeleireira para o seu gigante. Sua mão agora tremia um pouco, mas isso nunca acontecia quando ela fazia a barba do marido.

Ter medo não fazia o seu estilo, pensou Ayla. Já tinha passado por poucas e boas depois do golpe de 12 de setembro de 1982, ao fugir da Turquia para Paris na companhia do pai, um dos principais responsáveis pelo Demokratik Sol Parti. Eles haviam escapado por pouco dos militares. Trinta mil prisões em poucos dias! Quase toda a sua família fora para trás das grades.

Ela chegara em Paris sem malas, sem amigos, sem nada. Aos 38 anos, quase não falava francês e não tinha diploma.

Mas sobrevivera! Quem quer de verdade sempre sobrevive.

Ayla havia aberto um dos primeiros restaurantes de kebab de Paris, no Boulevard Raspail. Na época, nenhum francês queria comer carne grelhada daquele jeito, ao ar livre, no meio das moscas e da poluição da cidade. Seus clientes eram turcos, gregos, libaneses, iugoslavos. Fora assim que conhecera Nazim.

Ele aparecia todos os dias na hora do almoço. Seu bigode era inconfundível! Tinha levado quase um ano, mais precisamente 306 almoços (Ayla contou), para convidá-la para sair: foram a um restaurante turco, mas chique, na Rue d’Alésia. Desde então, os dois nunca haviam se largado, ou quase nunca.

Casados para a vida inteira.

Ayla sentiu um calafrio incontrolável.

Só se separaram durante aquelas malditas viagens à Turquia com Grand-Duc, por causa daquela história da filha de ricos morta em um acidente de avião. Daquele caso de investigação particular para miliardários. Ela recolheu três kebabs envoltos em papel-alumínio pelando e gritou: — Onze! Doze! Treze!

Os clientes levantaram a mão como na escola, como no atendimento da previdência social. Cada um entregou seu tíquete. Ayla não tinha quatro mãos, não podia servir mais depressa. Jogou um pacote de batatas fritas congeladas dentro do óleo fervente.

Sempre havia pensado que aquela história toda tivesse terminado. Com o restaurante, enfim, se é que se podia chamar aquilo de restaurante, conseguira guardar dinheiro aos poucos, almoço após almoço.

Acabara economizando uma bela quantia.

Não tinha mais idade para carregar sacos de carne, para queimar as mãos na fritura. Sonhava em voltar para a Turquia com Nazim, em reencontrar a família, os primos. Já possuía quase o suficiente para isso, fizera e refizera as contas, e encontrara uma casinha para reformar no litoral, perto de Antioquia, uma pechincha. Lá sempre fazia sol. Ela e Nazim ainda tinham muitos anos pela frente! Os mais belos da vida.

O que aquela besta estaria fazendo? Para que situação duvidosa teria se deixado arrastar outra vez por Grand-Duc?

Três outros papéis-alumínio. Ela embalou os kebabs como presentes prateados.

Número catorze. Quinze. Dezesseis.

— Uma última vez — dissera-lhe Nazim. — Umazinha só!

Estava todo animado de novo, dois dias antes, depois de Crédule telefonar. Seus olhos pareciam os de um menino. Ayla amava aqueles olhos de criança… Ele a havia abraçado e erguido no ar feito uma pluma. Era o único que conseguia fazer aquilo.

— Nós vamos ficar ricos, Ayla. Só falta solucionar um último caso, e vamos ficar ricos!

Ricos? Ayla não estava nem aí. Já eram ricos; tinham quase o suficiente para a casinha em Antioquia.

— O último caso? Você jura?

As mãos de Ayla tremiam. O cortador desviava de seu caminho reto e despedaçava a carne, transformando-a em uma gororoba intragável.

Quanto mais pensava no assunto, mais medo sentia. Aquele silêncio. Aquela súbita falta de notícias.

Mesmo quando viajava para a Turquia, Nazim lhe telefonava diariamente. E

Crédule também não estava atendendo; não havia ninguém na casa dele. Fazia dois dias que ela tentava falar com ele. Sim, quanto mais pensava no assunto, menos conseguia suportar os minutos que se sucediam. Estava com uma espécie de mau pressentimento. Não fossem aqueles últimos clientes, teria corrido feito uma doida até a casa de Grand-Duc, na Rue de la Butte-aux-Cailles. Era o que faria assim que fechasse o restaurante.

Número dezessete. Dezoito.

Tinha consciência de que Nazim não era nenhum santo. Depois de todos aqueles anos, chegara até a lhe confessar alguns atos terríveis quando os dois transavam, quando ela o deixava esfregar o bigode em cada recanto de seu corpo, quando gargalhava e estremecia porque, com seus pelos safadinhos, ele fazia cócegas em seus seios, em suas coxas, em seu sexo. Depois de gozar, contava-lhe tudo. Não conseguia se conter. Nunca havia lhe escondido nada. Ela conhecia os nomes e os lugares, sabia onde Nazim escondia as provas. Ayla era o seu seguro de vida! Uma investigação de bilionários… O melhor era se precaver; quando o dinheiro entra fácil demais, mesmo que durante muito tempo, sempre chega o dia em que é preciso acertar as contas.

Era por isso também que ela queria ir embora para Antioquia. Para que Nazim deixasse todas aquelas histórias ali, em Paris.

Número dezenove.

Ela suspirou. Não, Nazim não era nenhum santo. Sem ela, era incapaz de fazer boas escolhas. De distinguir entre o bem e o mal.

21

2 DE OUTUBRO DE 1998, 11H45

Ometrô diminuiu a velocidade ao entrar na estação Place d'Italie, iluminando a escuridão com mil centelhas artificiais. Marc pegou o celular com um afã quase incontrolável e o colou à orelha.

"Marc, você não tem jeito mesmo… Eu pedi para não me ligar, para não tentar entrar em contato comigo nem tentar me encontrar. Falei que anteontem tomei uma decisão importante. Foi difícil, hesitei, mas tomei essa decisão sozinha. Você não vai entender o que vou fazer. Ou melhor, não vai aceitar. Eu sei dos seus bons sentimentos, Marc. Não me leve a mal, pelo contrário, estou fazendo um elogio quando falo nos seus 'bons sentimentos'. Na sua retidão moral também. Na sua devoção. Sei que você estaria disposto a aceitar tudo, a perdoar tudo se eu pedisse. Só que não quero lhe pedir isso. Não estava mentindo na carta quando falei em uma viagem, Marc. A grande partida vai ser amanhã, a grande viagem sem volta. Que agora ninguém mais pode impedir… Será assim. Se cuide."

Marc quase desfaleceu ao ouvir o recado. Por pouco não arremessou o aparelho até o outro lado do vagão. O sinal ali nos túneis era intermitente. Uma estação sim, outra não, com sorte.

Lylie tinha ligado.

E o telefone estava sem sinal! Era o cúmulo! A chamada tinha caído na caixa postal!

O celular escorregou entre suas mãos úmidas como um pedaço de sabão molhado. Ele tremia. O que Lylie quisera dizer?

"A grande partida vai ser amanhã."

"A grande viagem sem volta."

"Agora ninguém mais pode impedir."

E se…?

Marc achava difícil conceber tal hipótese.

Algo tão obscuro, tão macabro…

Lylie, não!

No entanto, quanto mais pensava, mais o que lia nas entrelinhas lhe parecia evidente.

A grande viagem sem volta.

Agora tinha uma sinistra certeza.

A miniatura em forma de avião. A decisão tomada no dia de seus 18 anos.

Tudo se encaixava.

Lylie tinha decidido acabar com suas dúvidas, com suas obsessões, com seu passado.

Tinha decidido acabar com a própria vida.

No dia seguinte.

Lylie jogou o kebab envolvo em papel-alumínio na lixeira à margem do lago. Quase não havia tocado nele. Estava sem fome.

Caminhou um pouco, até mais perto da água. Achava o Parc Montsouris, supostamente o maior de Paris, também o mais sinistro. Pelo menos em outubro. Aquela água fria, opaca e suja, aquelas árvores nuas como um exército de esqueletos, a vista desimpedida para a Avenue Reille e seus prédios cinzentos de alturas variadas, como uma sebe de cimento mal podada.

Os patos que moravam no lago já tinham ido embora muito antes, e os casais de pedra, imóveis e nus sobre seus pedestais de mármore, davam a impressão de só querer uma coisa: vestir as roupas e dar o fora dali também.

Lylie continuou seguindo a aleia que margeava o lago. Curioso, pensou, como os lugares podiam se transformar dependendo da nossa disposição. Como se adivinhassem por instinto em que estamos pensando e nos acompanhassem. Como se as árvores houvessem entendido muito bem que ela estava triste e se mostrassem discretas, encolhidas, perdendo as folhas por solidariedade, por pena dela. Como se o sol também tivesse se escondido, acanhado de brilhar sobre um parque no qual uma moça aos prantos caminhava sem rumo.

Tornara a desligar o celular. Alguns minutos antes, tinha cedido e ligado para Marc; ele havia lhe deixado tantos recados, devia estar muito preocupado, e ela lhe devia pelo menos isso. No fim das contas, ficara aliviada quando a ligação caíra na caixa postal. Assim, não precisara enfrentar as perguntas dele. Como se a mais moderna das tecnologias, aquelas ondas que interligavam milhares de aparelhos sem fio, também tivesse percebido que Lylie, na verdade, não queria dar aquele telefonema.

Virou-se na direção da Allée de la Mire e sentou-se em um banco. Risadas infantis no parquinho fizeram-na virar a cabeça meio a contragosto.

Duas crianças de mais ou menos 2 anos brincavam sob a vigilância intermitente da mãe que, sentada, tinha os olhos pregados em um livro de bolso branco e azul.

Eram gêmeas, duas meninas. Usavam a mesma calça de tecido cru, o mesmo casaco vermelho abotoado na frente, calçavam os mesmos sapatos Kickers.

Impossível dizer qual era qual!

No entanto, toda vez que erguia os olhos, a mãe fazia uma recomendação

precisa: “Juliette, fique sentada no balanço”, “Anaïs, não empurre sua irmã no gira-gira” ou “Juliette, desça do escorrega pelo lado certo”.

As meninas iam e vinham, passavam de um brinquedo a outro, davam-se as mãos e se separavam como se isso também fosse uma brincadeira. Quem era quem? Lylie acompanhava com os olhos aquela dança como quem segue nas ruas as mãos de um vigarista jogador de cartas. Perdia todas as vezes: em poucos instantes, era incapaz de adivinhar quem era Juliette e quem era Anaïs. Para a mãe, bastava levantar a cabeça por uma fração de segundo, e ela nunca se enganava: “Anaïs, seu cadarço! Juliette, venha cá para eu assoar o seu nariz.”

Fascinada, Lylie sentiu uma estranha emoção crescer dentro dela, sem conseguir explicar por quê.

Apenas por olhar para aquelas meninas idênticas sob todos os aspectos. Mas cada uma das duas sabia quem era; Anaïs não era Juliette, Juliette não era Anaïs. Não porque se sentissem diferentes. Não.

Simplesmente porque a mãe as distinguia uma da outra, e sabia o nome de cada uma sem jamais se enganar.

Lylie passou muito tempo observando as meninas. Por fim, a mãe guardou o livro, levantou-se e chamou: — Juliette, saia da gaiola dos esquilos. Anaïs, desça da escadinha de corda. Vamos para casa; papai está nos esperando para comer.

A mãe pousou com delicadeza a mão sobre a barriga inchada. Estava grávida de alguns meses.

Seriam gêmeos?

Outra menina?

Lylie fechou os olhos. Visualizou um bebê de alguns meses gritando sozinho no topo do mundo. O grito se perdia na floresta imensa, no entorno amortecido pela neve que caía em grandes flocos.

Feito uma boba, sem conseguir se conter, desatou a chorar.

22

2 DE OUTUBRO DE 1998, 11H48

Dugommier.

Daumesnil.

Ainda sem sinal!

Marc continuava atordoado com o recado de Lylie. Estava preocupado. Sentia-se impotente.

Que outra alternativa ele tinha senão mergulhar às cegas nas entranhas de Paris de modo quase aleatório? E retomar a leitura do caderno de Grand-Duc?

Ainda tinha alguns minutos antes de chegar a Nation.

BEL-AIR

O metrô freou, parou, estremeceu, tornou a partir. Nenhum passageiro entrou. O celular continuou sem sinal.

Ler, seguir lendo.

Compreender e encontrar Lylie.

A tempo.

Diário de Crédule Grand-Duc

Léonce de Carville teve o primeiro ataque cardíaco quando eu estava na Turquia, em 23 de março de 1982, poucos dias antes de Unal Serkan deixar no meu hotel a foto de Lyse-Rose tirada na praia de Ceyhan.

Nenhuma relação, portanto, entre os dois acontecimentos.

Para dizer a verdade, eu não estava ligando muito para o enfarte de Léonce. Por causa da investigação, estivera com o empresário várias vezes. Acho que ele me dava tanta importância quanto a um bibelô caríssimo comprado pela mulher. Na verdade, acho que ele não suportava o fato de a mulher ter tomado uma iniciativa daquelas, me contratado sem falar com ele. Eu era a prova viva do fracasso de sua estratégia de rolo compressor. Ele colaborava comigo de má vontade e me mandava as informações que eu solicitava por meio de secretárias

assoberbadas. Vocês podem entender, portanto, por que não caí em prantos quando ele se estatelou no gramado da Roseraie. Afinal de contas, quem assinava meus cheques era a esposa, não ele!

Certo, meu cinismo de nada lhes serve. O que interessa a vocês é a fotografia da praia de Ceyhan.

Querem saber o que aconteceu no final? Está bem, vou dizer.

Unal Serkan era um verdadeiro peixe ensaboado. Eu já tinha falado com ele ao telefone várias vezes, já tinha lhe oferecido uma fortuna, 250 mil liras turcas, para que me desse o original da fotografia da praia de Ceyhan, o negativo. A coisa já se arrastava havia uma semana. Eu sentia muito bem que Serkan queria ganhar mais dinheiro, ver até onde o leilão poderia subir.

No dia 7 de abril, de manhã bem cedo, acabou combinando um encontro comigo na avenida Kennedy, aos pés do palácio de Topkapı, na beira do Bósforo. Era um sujeito baixinho, de gestos bruscos e vesgo, com um olho virado para a Europa e o outro para a Ásia. Nazim foi comigo para traduzir. Serkan queria um sinal de 50 mil liras, sem contrapartida, do contrário iria vender a foto para outra pessoa.

Outra pessoa? Quem? Os Vitral? Ele estava nos tomando por bobos.

É claro que não lhe dei dinheiro algum. Sem o negativo, nenhuma lira turca. Ele tampouco abriu mão de nada. Quase saímos no tapa ali mesmo, em frente à estátua de Atatürk. Nazim teve de conter os ânimos.

Voltei para o hotel tomado por uma sensação estranha. Não como se tivesse acabado de cometer um erro monumental, pelo contrário. Como se tivesse escapado por um triz. Liguei para a França e pedi para me mandarem o mais rápido possível todos os jornais e revistas que haviam publicado matérias sobre o caso do Mont Terrible. Recebi tudo em 10 de abril, três dias mais tarde. Menos de uma hora depois, encontrei a resposta. O vaso azul horrendo que ficava sobre minha mesinha de cabeceira explodiu contra a tapeçaria vermelha pendurada na parede do quarto.

Unal Serkan não tinha ido muito longe para encontrar o que queria! A *Paris Match* de 8 de janeiro de 1981 publicara uma série de fotos de Lylie em seu berço do hospital de Belfort-Montbéliard. Em uma delas, a menina estava exatamente na mesma posição da foto da praia, na Turquia, em tese tirada um mês antes. Virada um pouco de lado, sorridente, com a perna direita dobrada e o braço esquerdo sob a cabeça: posição idêntica, inclusive no piscar do olho e na distância entre os dedos.

A fotografia de Unal Serkan era uma falsificação grosseira! O trabalho do falsário não devia ter sido difícil: bastara substituir os lençóis do berço por uma toalha de praia da mesma cor e com a mesma textura. Quanto ao resto, uma

simples foto da namorada devia ter servido.

Tive vontade de arrancar todas as tapeçarias das paredes do meu quarto, iguais àquelas que as pessoas tentavam nos vender sempre que púnhamos um pé nas ruas de Istambul. Tentavam nos vender tapeçarias, carne grelhada e toda sorte de objetos, a casa inteira exposta em peças avulsas sobre a calçada, ou mesmo os filhos, as mulheres e até eles próprios, um braço, uma perna, um órgão, um coração… Que porra de povo quitandeiro!

Passei duas horas andando em círculos dentro do quarto. Aos poucos, fui me acalmando; no fim das contas, parei até de sentir raiva de Unal Serkan. Aquilo fazia parte do jogo e ele havia sido astuto — poderia ter dado certo. Uma farsa a 250 mil liras turcas em troca de uma simples fotomontagem, eu bem que podia entender. Nunca mais tornei a ver o tal de Unal Serkan. Tinha outros assuntos urgentes para resolver.

Passei as semanas seguintes na Turquia formulando outras hipóteses. Nazim considerava cada uma delas pior do que a outra. Ele tinha razão. Devia ser o narguilê. Contra minha vontade, eu acabara tomando gosto pelo ritmo trepidante da vida em Istambul. Entre uma pergunta maluca e outra, um pouco de narguilê, *rakı* e o inevitável *keyif*, o chá servido sobre uma bandeja de prata em copinhos de vidro decorados que queimam a ponta dos dedos.

— Nazim, e se Lyse-Rose não fosse filha de Alexandre de Carville?

— E daí? — indagou Nazim com um suspiro enquanto soprava seu chá. — O que isso mudaria, Crédule?

— Tudo! Imagine se, por um motivo qualquer, Alexandre de Carville não fosse o pai de Lyse-Rose…

se Véronique tivesse um amante. Um amante de olhos azuis. Isso inverteria as probabilidades do ponto de vista da genética, da cor das pupilas, de todas as semelhanças que estamos procurando. Você não acha?

— Um amante, Crédule?

Nazim me fitou com um olhar castanho maroto e bem-humorado, o mesmo que devia deixar Ayla caidinha.

Todos fingem que, para um detetive particular, os casos de adultério são um fardo, um trabalho obrigatório, ossos do ofício… Que nada! Para ser sincero, entrar sem ser convidado na vida sexual dos clientes continua a ser um dos lados bons da profissão.

Não tive dificuldade alguma para descobrir que Alexandre de Carville não era um modelo de virtude.

Para dizer o mínimo. Já tinha as minhas dúvidas: quando se tem poder, dinheiro e juventude em uma cidade na qual os haréns são uma prática multimilenar, com uma esposa que fica cuidando das crianças a 500 quilômetros

de seu local de trabalho… Com o tempo, consegui descobrir meia dúzia de aventuras extraconjugais do belo Alexandre. Estranhamente, as mulheres tendem a confessar com certa facilidade seus casos com um amante falecido… e mais ainda quando a esposa também morreu.

Sentimentos são uma coisa estranha.

Alexandre tinha um gosto clássico: comia a secretária em cima da mesa de vidro na sede da empresa em Istambul, no bairro de Yenikapı; cheguei a ver as duas, a mesa de vidro e a secretária. Elegantes e frias. Ele também havia recuperado a mocidade durante três meses com uma jovem ardente de Istambul que por um triz não era menor de idade e passeava pelo bairro de Galata usando uma saia que mal cobria a bunda e com o umbigo de fora, sob o olhar inquisidor das mulheres de véu negro. Ela o arrastava de boate em boate. Encontrei-a já casada. Tem dois filhos. Ainda não usa véu, porém já não anda mais de minissaia. Não vou mencionar as aventuras nos *hamams*, as danças do ventre com quase profissionais do amor, muitas vezes, inclusive, na companhia de clientes. Segundo o que pude averiguar, sua amante mais fiel foi Pauline Colbert, uma moça francesa trabalhadora, solteira e responsável pelas vendas na empresa Total que, segundo ela própria, foi a última a transar com Alexandre, no dia 22 de dezembro de 1980, ou seja, no mesmo dia em que a família embarcou no Airbus 5403. Ao que parece, ter feito gozar várias vezes, como ela enfatizou, um homem que em menos de 24 horas morreria carbonizado em um avião a excitou muitíssimo depois. Confessou-me sem qualquer pudor que Alexandre era ótimo de cama, e que ela chegara a lhe pagar um boquete no harém do palácio de Topkapı, bem na cara dos seguranças. A moça tinha um rosto sem graça preso a um corpo apetitoso. Cheguei até a perceber que, se insistisse um pouco, ela teria de bom grado acrescentado um detetive particular à sua coleção de troféus de caça. Na hora, não me senti disposto a bancar o ganharão.

Assim sendo, primeira pergunta: Véronique de Carville sabia das escapadas do marido?

Difícil pensar que não. Uma segunda pergunta se fazia necessária, então, a mais importante: será que ela dava o troco? Não encontrei prova alguma nesse sentido. Tudo parecia mostrar que Véronique era meio deprimida e vivia quase sempre sozinha com as filhas, primeiro Malvina, depois Lyse-Rose.

Recebia poucas visitas, como já comentei. Tentei identificar entre seus conhecidos algum candidato ao título de amante oficial e pai potencial de Lyse-Rose. Havia o filho do jardineiro, que vivia trabalhando sem camisa debaixo das persianas de Véronique, rapaz educado e de beleza divina, bem do tipo capaz de despertar as fantasias de uma ocidental deprimida e leitora febril de *O amante de Lady Chatterley*.

Mas o garoto não confessou nada; além disso, tinha um par de olhos negros e intensos que não me convinham em nada do ponto de vista genético.

Concentrei-me na procura por olhos azuis nos arredores da chácara dos Carville em Ceyhan. Eram raros. Achei três pares, dos quais um possível e razoavelmente verossímil, um belo alemão de rabo de cavalo que alugava pedalinhos nos arredores da casa. Tirei fotos do sujeito e, desde então, ao longo dos anos, tenho ficado de olho nas semelhanças com Lylie. Nada de evidente por enquanto. Melhor assim!

Não podia me imaginar explicando a Mathilde de Carville que ela havia me pagado uma fortuna durante todos aqueles anos para eu lhe revelar que, na verdade, Lyse-Rose tinha sobrevivido ao acidente… mas não era sua neta, não era uma Carville, e sim a filha de um teutão que alugava pedalinhos!

Enquanto isso, na França, o preço da pulseira nos classificados tinha chegado a 45 mil francos e nenhum peixe havia mordido a isca ainda, nem mesmo um farsante ao estilo turco. Se bem que uma pulseira de ouro maciço da joalheria Tournaire não era tão fácil assim de falsificar.

Na série “não negligenciar pista alguma”, continuei a importunar Nazim entre duas tragadas e três goles escaldantes.

— Nazim, e se o acidente do Airbus 5403 não tiver sido obra do acaso?

Era meio-dia, e o café Dez Anj estava cheio de turcos engravatados que bebiam *rakı* durante a hora da prece. Nazim se sobressaltou e quase derrubou a bandeja que o garçom estava trazendo.

— Que história é essa, Crédule?

— Ora… Pensando bem, ninguém nunca elucidou por completo as causas do acidente no Mont Terrible. Nevasca, falha do piloto, tudo isso é uma explicação muito conveniente, você não acha? Por que não imaginar outra coisa?

— Estou ouvindo… Explique o que quer dizer.

— Um atentado, por exemplo. Um atentado terrorista!

O bigode de Nazim vibrou.

— Contra quem? Os Carville?

— Por que não? Um atentado contra a família, contra Alexandre, o único herdeiro. Meu raciocínio não é de todo idiota. Alexandre trabalhava em um projeto de alto risco, o oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan, que passa bem no meio do Curdistão. Estava negociando diretamente com o governo turco enquanto o PKK cometia atentados em todo o território…

Nazim deu uma gargalhada.

— Os curdos! Ah, claro! Vocês no Ocidente veem terroristas por toda parte… Os curdos! Um bando de camponeses que…

— Nazim, estou falando sério. O Partido dos Trabalhadores do Curdistão não gostou nada de ver o ouro negro passar bem debaixo do nariz deles sem fazer uma escala em seu território. Deviam gostar menos ainda da hipótese de o Curdistão ser invadido pelas escavadeiras de Carville escoltadas por tanques do exército turco.

— Está bem, Crédule, mas daí a derrubar um Airbus com Carville filho dentro… Aliás, no fim das contas, um atentado contra os Carville mudaria o quê?

— Por que não uma história de espionagem rocambolesca? Lyse-Rose foi raptada antes da partida do Airbus, ou então dois sósias pegaram o avião no lugar dos Carville, que ficaram sabendo sobre o atentado previsto.

Nazim soltou outra gargalhada, me deu um forte tapa nas costas e pediu mais dois *rakıs*. Passamos a noite vendo os barcos singrarem o Chifre de Ouro e conversando sem parar sobre o caso. Em retrospecto, esses foram de longe os melhores momentos da investigação. Os primeiros meses, na Turquia. Minhas melhores lembranças. Depois disso, a partir do verão de 1982, as viagens ficaram mais espaçadas.

No dia 7 de novembro de 1982, no entanto, eu estava outra vez na Turquia, passando duas semanas lá.

Recebi a notícia três dias depois, por Nazim. Mathilde de Carville nem sequer tivera a consideração de me avisar. Pierre e Nicole Vitral tinham sofrido um acidente em Le Tréport, pouco antes de o dia raiar, na noite de sábado para domingo. Pierre nunca mais acordou. Nicole ainda estava lutando entre a vida e a morte.

Vista de Istambul, a hipótese de um acidente era difícil de engolir.

Seria por causa de uma deformação profissional ou de uma convicção íntima? Em meu quarto no hotel Askoc, de repente senti um medo terrível, brutal. Pela primeira vez, dei-me conta de que continuar trabalhando naquele caso para os Carville durante anos de minha vida significava perder esses anos… assim como todos os outros que ainda me restariam depois.

Mesmo assim, continuei.

2 DE OUTUBRO DE 1998, 11H52

NATION.

Marc ergueu os olhos. O suor escorria por suas costas.

Era ali que tinha de fazer a baldeação para pegar o trem.

Desceu para a plataforma com o caderno na mão, ofegante e transtornado. Andou até o banco na sua frente, fechou o caderno e abriu a mochila. Estava atordoado.

Dia 7 de novembro de 1982.

A data tinha ficado impressa na sua lembrança. Ele a lera inúmeras vezes durante todos aqueles anos, gravada no túmulo do avô, pois não havia mais nada a fazer enquanto a avó chorava. Nicole ia ao cemitério todos os dias. Quando não tinha aula, Marc a acompanhava e empurrava o carrinho no qual Lylie dormia. O cemitério ficava longe, era preciso subir uma ladeira bem comprida, e Nicole não parava de tossir.

Dia 7 de novembro de 1982.

Marc foi andando a esmo pelo corredor do metrô em busca da linha A entre as direções que se entrecruzavam na imensa estação. Aos poucos, recuperou o fôlego e começou a raciocinar. O mapa do trem foi passando em sua mente. Direção Vincennes, Noisy-le-Grand, Bussy-Saint-Georges…

Diminuiu o passo; não deveria se apressar demais nem se deixar arrastar pelo redemoinho dos acontecimentos, pelo caderno de Grand-Duc e suas revelações, pelo assassinato do detetive, pelo sumiço de Lylie. Pelo acidente dos avós.

O ar que penetrava os longos corredores gelou suas costas encharcadas.

Ele não era burro; não deveria se atirar daquele jeito na boca do lobo. Não sem antes tomar precauções. O mapa do metrô tornou a passar por sua cabeça. Marc esboçou um sorriso. Sim, era muito mais inteligente ir na direção contrária, rumo a La Défense. Faltava apenas uma estação. Alguns minutos perdidos, se tanto, o suficiente para guardar o que havia encontrado em um lugar seguro.

Em menos de dois minutos, já estava no meio da multidão da Gare de Lyon. Deixou-se levar pelo turbilhão de passageiros nos corredores intermináveis. Cartazes imensos anunciavam os filmes que logo estreariam: *O encantador de cavalos, O resgate do soldado Ryan*.

Os mais recentes livros, os shows.

Mal virou a cabeça para olhar.

Um cartaz escuro anunciava *Charlélie Couture ao vivo no Bataclan*.

Na mesma hora pensou em Lylie.

Ah, libélula!

Você tem as asas frágeis, E eu, a fuselagem amassada…

Pegou o celular no bolso. Enfim conseguiu um sinal. Digitou o número de Lylie.

Sete toques. Como sempre.

Caixa postal.

— Lylie, espere, me espere. Não faça nenhuma bobagem! Me ligue. Estou seguindo as pistas. Vou descobrir.

Descobrir o quê?

Não hesitar, seguir em frente.

Chegou ao saguão de onde saíam os trens de longa distância. Os TGVs cor de laranja se enfileiravam como na linha de partida de uma corrida de 500 quilômetros rumo ao sul. Os guarda-volumes ficavam um pouco à direita, atrás do jornaleiro. Marc abriu uma pesada porta de aço e enfiou a mochila dentro do cubo cinza. Não chegaria à Roseraie, a casa dos Carville, levando o caderno de Grand-Duc. O

detetive havia entregado aquele diário para Lylie, não para Mathilde, e com certeza havia um motivo para isso. Ele iria se encontrar com os Carville, conversar, negociar. Depois pensaria no que fazer.

Era preciso colocar uma senha. Cinco algarismos. Sem pensar, Marc digitou: *7 11 82*.

A porta do guarda-volumes se fechou com um ruído seco. Ele soltou o ar. Uma barraquinha vendia sanduíches e bebidas, e ele ficou dois minutos na fila para comprar uma baguete com manteiga e presunto e uma garrafa d’água.

Havia tomado a decisão certa. Separar-se temporariamente do caderno, ainda que estivesse louco para ler o resto. A versão de Grand-Duc sobre o acidente do dia 7 de novembro de 1982.

Tinha 4 anos na época, e suas lembranças eram vagas. Mas as palavras no caderno do detetive eram bem explícitas: “Vista de Istambul, a hipótese de um acidente era difícil de engolir. Seria por causa de uma deformação profissional ou de uma convicção íntima?”

Marc queria saber!

Paciência.

Com um movimento brusco, voltou ao guarda-volumes e digitou a senha.

Tateou dentro da mochila com gestos nervosos até retirar o caderno. Folheou

as páginas depressa. Foi lendo as linhas por alto.

“Significava perder esses anos… assim como todos os outros que ainda me restariam depois. Mesmo assim, continuei.”

Era ali.

Ele separou algumas páginas entre os dedos e então, com um gesto seco, arrancou-as do caderno.

Cinco páginas, as seguintes ao ponto em que havia parado de ler. O acidente dos avós naquela noite em Le Tréport, relatado por Grand-Duc.

Dobrou-as em quatro, guardou-as no bolso de trás da calça jeans, fechou a porta do guarda-volumes e tornou a mergulhar no labirinto de corredores da Gare de Lyon.

23

2 DE OUTUBRO DE 1998, 11H55

Nicole Vitral caminhava devagar pela calçada da Rue de la Barre. Na esquina da escola Sévigné, parou e tossiu. Uma tosse feia, encatarrada. Ainda faltava subir a Rue de Montigny inteira para chegar ao cemitério de Janval. Mais de um quilômetro. Pouco importava; ela iria devagar. Desde quando havia se aposentado, aquilo era tudo que lhe restava fazer, ou quase: peregrinar diariamente ao túmulo do marido, depois pegar o pão com Ghislaine ao descer, comprar uma carne a cada dois dias e voltar para o Pollet. Suas pernas já não a carregavam tão bem quanto antigamente.

Percorreu com energia a parte baixa da Rue de Montigny, o trecho mais íngreme. Logo após a curva da piscina pública, foi ultrapassada por uma caminhonete da prefeitura que parou na sua frente, com duas rodas sobre a calçada.

O rosto jovial de Sébastien, membro do conselho municipal, surgiu pela porta aberta.

— Estamos subindo para o ginásio, Sra. Vitral! Quer uma carona até o cemitério?

Na prefeitura, Sébastien era um dos jovens, um quarentão, como se diz, comunista e orgulhoso disso.

Nicole o conhecia desde menino. Um homem bom, militante, teimoso feito uma mula, mas com a cabeça no lugar. Apesar do que todo mundo dizia na TV, com gente assim o Partido ainda teria muitos belos dias pela frente. A prefeitura de Dieppe não o deixaria escapar nas próximas eleições municipais.

De jeito nenhum!

Nicole não se fez de rogada e se acomodou no banco da frente da caminhonete. Sébastien estava acompanhado por Titi, funcionário da prefeitura que ela também conhecia desde garoto. Não era muito inteligente, mas fazia como ninguém a manutenção dos canteiros de flores e contribuía generosamente para a prosperidade dos bares da cidade. Em Dieppe, os pequenos estabelecimentos comerciais são coisa séria.

— Pelo visto continua em forma, Sra. Vitral!

— Nem tanto… Vocês tinham que fazer o ônibus subir até o cemitério, Sébastien, para todas as velhas viúvas como eu.

O conselheiro municipal sorriu.

— É… É uma ideia. Vamos incluir no programa! E Marc, tudo bem? Ainda em Paris?

— Sim, sim. Ainda.

Nicole não pôde evitar: mergulhou nos próprios pensamentos e recordou as últimas palavras do neto naquela manhã em sua secretária eletrônica, antes de ela sair de casa. O que dizer a ele? O que lhe responder? É claro que ela sabia onde Émilie estava, é claro que havia adivinhado o ato irreparável que ela cometeria. Durante todos aqueles anos, tinha rezado tanto para aquilo não acontecer… em vão.

Maldito destino.

A voz estridente de Titi a despertou de seu torpor. Seu hálito já fedia a calvados.

— Ah, esse Marc… Ele continua a seguir Émilie para cima e para baixo feito um cachorrinho? Agora nem aparece mais em Dieppe no domingo para jogar rúgbi com o time. Se bem que, Nicole, apesar de ele ser seu neto, não é uma perda assim tão grave, ele tinha as mãos meio quadradas. Nada fácil, não é: mãos quadradas com uma bola oval…

Titi soltou uma gargalhada encatarrada.

— Cale a boca, Titi — rebateu Sébastien.

— Não tem problema — disse Nicole com um sorriso.

Ela virou a cabeça. Na traseira da caminhonete, havia caixas de papelão repletas com centenas de pequenas folhas de papel.

— Ainda na luta, Sébastien?

— Sempre! Chirac pode até ter dissolvido a direita junto com a Assembleia, mas a gente continua esperando por mudanças… Mesmo com camaradas no governo!

— Que papéis são esses?

— Filipetas para salvar o porto comercial… Eles querem abolir as linhas com a África Ocidental, as últimas que não foram transferidas para Le Havre ou para a Antuérpia. Banana, abacaxi… esse tipo de coisa. Se a gente perder esse mercado e o porto falir, nem preciso dizer à senhora o que vai acontecer.

Vamos fazer uma passeata em Rouen no sábado que vem, em frente à sede administrativa do departamento.

Titi cutucou Nicole com o cotovelo.

— É, mas, mesmo que a gente perca as bananas e os abacaxis, ainda vamos ter a pesca, não é?

Sébastien deu um suspiro. Nicole olhou para ele com ar compreensivo.

— Pode me dar algumas filipetas, se quiser. Passe lá no Pollet e deixe uma caixa comigo. Não garanto nada para o protesto de sábado, mas posso fazer um

pouco de porta a porta durante a semana. Eu gosto.

Além do mais, ainda tem um pessoal em Dieppe que me conhece. E que me ouve, até…

Titi quase pulou no banco.

— Isso lá é verdade, Nicole! Adorava vê-la na TV naquela época. Eu tinha 15 anos. Era demais! Você não parava de esconder os peitos, mas, mesmo assim, dava para ver!

De tão irritado, Sébastien deu uma guinada brusca com o volante.

— Você é mesmo um idiota, Titi…

— Ué, o que é que tem? — indagou o outro, espantado. — Não tem nada de mais. Nessa idade, a Nicole não vai pensar que estou dando em cima dela… É só um elogio. Só para ela ficar feliz.

Nicole pousou delicadamente a mão no braço de Titi.

— E você tem razão, Titi, fico feliz mesmo.

Durante todo o intervalo de silêncio que se seguiu Nicole não pôde evitar pensar em Émilie. Teria gostado tanto de estar do seu lado… Não para tentar fazê-la mudar de ideia, mas só para ficar junto.

Tinha plena consciência de que a inocência de Lylie não existiria mais depois daquilo. O gosto pela morte iria persegui-la para sempre. A lembrança. O remorso.

A caminhonete parou.

— Ponto final — falou Sébastien. — Estação Cemitério. Posso levar a caixa de filipetas para a sua casa hoje?

— Pode, sim.

— Vai nos dar uma boa ajuda. Sério. A senhora… deveria se candidatar na nossa chapa.

— Era Pierre que ia fazer isso. Estava planejando. Em 1983.

Sébastien se calou, constrangido.

— Eu me lembro — disse ele. — Foi uma perda e tanto… Puta que o pariu. Que acidente idiota! Aliás…

— Ele hesitou. — E o… o Citroën H, a senhora ainda tem?

Nicole deu um sorriso resignado.

— Tenho. Precisava continuar trabalhando. E tinha Émilie e Marc.

— As melhores batatas fritas da Côte d'Albâtre — interveio Titi. — Pode acreditar em mim, Nicole, eu não ia até o furgão só para espiar os seus peitos!

Sem conseguir se conter, Sébastien soltou uma gargalhada. Nicole também abriu um sorriso de nostalgia. Seus olhos azuis ainda brilhavam.

— O furgão continua no jardim. Agora ninguém mais me pede para tirar ele de lá para brincar no quintal. Está do lado fora, enferrujando tranquilamente.

Ela abriu a porta da caminhonete.

— Bom, vou deixar vocês trabalharem!

Titi a ajudou a descer. Por alguns instantes, eles a seguiram com os olhos pelo estacionamento deserto.

Outra vez perdida em pensamentos, Nicole empurrou o portão de ferro.

Marc tornaria a ligar. Em breve. Talvez fosse até Dieppe. O que ela iria lhe dizer? Será que deveria dar uma chance à história impossível daqueles dois? Émilie e Marc.

Precisava tomar uma decisão. Falar ou ficar calada. Tinha consciência de que era urgente, de que precisava decidir antes daquela noite.

Fechou atrás de si a porta do cemitério.

Iria se aconselhar com o marido: Pierre sempre tomava as decisões certas.

24

2 DE OUTUBRO DE 1998, 12H32

Um frágil raio de sol acolheu Marc quando ele saiu da estação Val-d'Europe, na Place d'Ariane. Era a primeira vez que punha os pés naquela cidade nova, inaugurada poucos meses antes. A imensa praça redonda o deixou pasmo. Estava esperando uma cidade nova moderna, high-tech, no mesmo estilo de Cergy ou Evry, mas o que encontrou foi uma praça em estilo haussmaniano, cópia fiel das que existiam nos primeiros bairros de Paris, com a diferença de que aquela não tinha cem anos, mas menos de cem dias! O novo que imitava o velho. E muito bem, por sinal.

Na sua frente, acima das calhas e das gárgulas de mentira, erguiam-se guindastes. *Arlington Business Park*, indicava uma placa. Os arranha-céus de vidro ainda inacabados do bairro comercial já ultrapassavam em muitas dezenas de metros a altura da falsa praça antiga. Marc virou a cabeça: ao longe, atrás da rotatória, podia distinguir os picos da Disneylândia, a torre do castelo da Bela Adormecida, as pedras vermelhas do trem da mina, o domo da Space Mountain.

Que visão surrealista!

Sem dúvida fora esse o desejo dos urbanistas, pensou.

Um pedaço de conversa na casa de Nicole no Pollet lhe voltou à lembrança. À noite, alguns meses antes, depois de uma reportagem no noticiário sobre a cidade nova construída pelo consórcio da Disney para a inauguração do centro comercial. Nicole tinha reclamado na cozinha: — Já não entendo que as pessoas levem os filhos à Disney para enriquecer aquele rato capitalista chamado Mickey! E agora ainda vamos começar a doar terrenos para eles construírem cidades aqui no nosso país…

Lylie estava tirando a mesa. Como sempre, conhecia o assunto melhor do que eles.

— É também uma utopia, vovó. Sabia que o próprio Walt Disney tinha sonhado com uma cidade ideal na Flórida, chamada Celebration? Sem carros, sem segregação, coberta por uma redoma para controlar o clima… Só que ele morreu antes e o projeto foi deturpado pelos herdeiros. Val-d'Europe é a segunda cidade do mundo construída pela Disney e a única na Europa, a mais nova cidade da França, com vinte mil habitantes.

— Utopia uma ova! — retrucara Nicole. — Casas de subúrbio a 3 milhões de francos! Um campo de golfe. Escolas particulares…

Lylie não havia respondido. Marc imaginava que ela teria gostado de argumentar sobre o conceito de cidade, de urbanismo, de espaços verdes, desafios arquitetônicos e gestão dos deslocamentos no interior da unidade urbana. Como sempre, porém, Lylie ficara calada. Apenas sorrira e pegara um pano de prato para ajudar Nicole. Contentara-se em retomar o assunto com Marc, à noite, de forma breve. Todos sabiam que os Carville moravam em Coupvray, um dos encantadores pequenos vilarejos vizinhos ao Val-de-Marne, cuja tradição muito francesa fora perfeitamente integrada ao projeto americano do Val-d'Europe, fazendo subir mais ainda os preços dos imóveis. Tradição e modernidade.

Marc seguiu andando. O bairro tinha sido pensado para os pedestres; quanto a isso não havia do que reclamar. Mas mesmo assim, eles eram relativamente raros. Coupvray ficava a menos de 2 quilômetros.

Ele chegou à Place de Toscane. Sorriu ao ver o chafariz esculpido, os terraços e cafés cor de tijolo.

Nunca estivera na Itália, mas era bem assim que imaginava uma praça florentina ou romana, ainda que em pleno inverno. Por pouco não imaginou que fosse ver a Dama e o Vagabundo comendo macarrão diante de uma mesa. Continuou andando em ritmo razoável. Estava atravessando agora o bairro do campo de golfe. A moda ali eram os chalés em estilo inglês. *Bow windows*, madeiras verdes e roxas, ferro forjado. Teve a sensação de ter atravessado uma Europa de cartão-postal em menos de 2 quilômetros.

Pequenas casas de subúrbio mais clássicas, embora luxuosas, indicaram que ele estava se aproximando de Coupvray. Observou uma série de placas mais conhecidas: prefeitura, escola, biblioteca, museu da casa onde nascera Louis Braille. Jennifer tinha lhe conseguido o endereço dos Carville: Chemin des Chauds-Soleils, uma rua sem saída nos limites do município, no meio da floresta de Coupvray. A cidade havia crescido em um meandro do rio Marne, rodeada por uma barreira protetora de florestas protegidas. O canal de Meaux, em Chalifert, constituía uma espécie de divisa municipal, traçando uma linha reta para encurtar o curso do rio, e contribuía com mais um elemento pitoresco naquele bucólico recanto de paraíso a alguns quilômetros da capital. Três pescadores estavam sentados na mureta de pedra que margeava o canal. *Eclusa de Lesches*, leu Marc em uma placa marrom. Não resistiu mais. O local lhe pareceu perfeito para fazer uma pausa, sentar-se e tirar do bolso da calça jeans as

cinco páginas arrancadas do caderno de Grand-Duc.

Não tivera coragem de lê-las dentro do trem barulhento, colado a desconhecidos que espiavam por cima de seus ombros.

Não aquela parte da história. A sua parte.

Estava adiando aquele momento. Checou o celular. Nenhum recado da avó. Nenhum recado de Lylie.

Não tinha mais desculpas. Desdobrou as cinco folhas de papel.

Diário de Crédule Grand-Duc

Naquele domingo, 7 de novembro de 1982, eu havia passado o fim de semana na costa do Mediterrâneo em Antalya — na Riviera turca, onde fazia sol trezentos dias por ano — a convite de um alto funcionário do ministério do Interior da Turquia que me recebeu em sua casa de praia. Havia semanas que eu corria atrás dele, pois ainda queria checar se tinham visto algo no aeroporto de Atatürk, em Istambul, no dia 22

de dezembro. Nunca se sabe: uma câmera de vigilância, um incidente qualquer. Na época, o lugar estava apinhado de militares, e um deles poderia ter reparado em alguma coisa; estava tentando fazer circular pelas casernas um curto questionário, e é claro que todo mundo me considerava louco. Vencido pelo cansaço, o alto funcionário em questão acabara me convidando no mesmo fim de semana em que recebia na sua casa toda a nata da segurança nacional turca. Dessa vez, Nazim não estava: Ayla insistira que ele voltasse, ela estava doente, se bem me lembro. Para mim isso não foi nada prático, muito pelo contrário, pois passei o fim de semana inteiro sem intérprete, penando para explicar o que queria, sobretudo considerando que os outros estavam lá para curtir o sol com as esposas. Ninguém estava convencido do caráter prioritário de minhas solicitações. Nem eu, aliás, cada vez menos convicto.

Fiquei sabendo do acidente em Le Tréport três dias depois, no hotel Askoc. Foi Nazim quem me avisou.

Desde então, conversei muito com Nicole Vitral. Ela me explicou todos os detalhes. Naquele fim de semana de novembro de 1982, como em todos os anos, as três cidades irmãs normandas e picardas — Le Tréport, Eu e Mers-les-Bains — tinham organizado a festa do mar, espécie de versão mais tímida do carnaval de Dunquerque. Mexilhões com batatas fritas à vontade, passeios de barco, desfiles na rua…

uma enorme multidão saída não se sabe de onde. Pierre e Nicole Vitral

participavam todos os anos da festa do Le Tréport, assim como tentavam comparecer a todos os outros eventos dos portos da Mancha, de Dunquerque até Le Havre. Fora do verão, era sobretudo graças a esses fins de semana festivos que eles conseguiam fazer as contas fecharem. Deixavam Marc e Émilie com os vizinhos e iam passar a noite fora com o furgão laranja e vermelho da Citroën. Estacionavam em locais estratégicos, o mais perto possível do mar, abriam o balcão, o toldo de proteção se estivesse ventando, e menos de uma hora depois começavam a servir batatas fritas, crepes, waffles e outros quitutes. Em geral, trabalhavam até tarde da noite. Apesar do clima, as festas do norte muitas vezes só acabavam de manhã. Para não perder tempo nem dinheiro, Pierre e Nicole fechavam o furgão, punham um colchão no espaço exíguo entre o forno a gás e as geladeiras e ali dormiam por algumas horas antes de retomar o trabalho no domingo.

Uma rotina espartana, mas em um fim de semana eles ganhavam mais do que em dez dias de trabalho normal.

No domingo, 7 de novembro de 1982, Pierre e Nicole fecharam o furgão por volta das três da manhã.

Nunca mais tornaram a abri-lo. Quem deu o alarme foi um sujeito que passeava com o cachorro pelo dique do Le Tréport. Apesar dos respingos de água salgada, dava para sentir o cheiro de gás até do lado de fora. Quer dizer, o cheiro do mercaptano, um gás à base de enxofre que se acrescenta ao butano, uma vez que a porcaria do gás natural é inodoro e incolor. Os bombeiros arrombaram a porta de trás do furgão com um golpe de machado e encontraram os dois desacordados. Fazia pelo menos cinco horas que o butano vazava em um espaço confinado de 9 metros quadrados. Pierre já não respirava mais. Os bombeiros nem sequer tentaram reanimá-lo; sabiam reconhecer os sintomas da morte. Nicole ainda estava viva. Foi transportada com urgência até Abbeville. Só quinze horas mais tarde os médicos anunciaram que estava fora de perigo, embora com os pulmões comprometidos para o resto da vida.

A investigação foi rápida. Um dos canos dos quatro fornos estava furado. O acidente era ao mesmo tempo bobo e previsível. As companhias de seguro se mostraram fiéis à sua reputação de profunda humanidade: dormir dentro do furgão, imprensados entre os botijões de butano e os fornos ainda quentes, era, segundo eles, uma completa loucura; a instalação era antiga e, embora a vigilância sanitária tivesse concedido o alvará, os especialistas encontraram outros problemas. Em suma, o seguro não teve dificuldade alguma para encontrar todas as desculpas possíveis para não pagar nada a Nicole.

Tudo que lhe restou foi o furgão, um tubo de plástico e uma porta traseira para trocar, e duas crianças para criar.

Talvez tenha sido isso que me aproximou dela. A pena. É, pode-se chamar assim. Pena. Não há vergonha alguma nisso.

Pena. E desconfiança também.

Quando Nazim me ligou para contar o que havia acontecido no Le Tréport, minha primeira reação foi não acreditar na tese do acidente. Está certo que o destino é igual às crianças no recreio da escola: insiste em punir os mais fracos. Mas tudo tem limite! Nas semanas subsequentes, encontrei-me com os advogados dos Carville, e alguns deles, com certo constrangimento, acabaram confessando. Antes do segundo enfarte, Léonce tinha pedido aos advogados para considerarem uma questão puramente técnica: "E se o casal Vitral morresse, o que aconteceria? A pequena Lylie continuaria a ser uma Vitral e iria para um orfanato, ou seria possível algum recurso? Nesse novo contexto, quais eram as chances de a menina ser entregue aos Carville?"

Além de mórbida, a pergunta era espinhosa. Nem todos os advogados concordavam, mas a ideia geral era que, se os Vitral porventura morressem enquanto a pequena Lylie tivesse menos de 2 anos, um novo julgamento seria possível. "Uma simples hipótese técnica", enfatizaram eles, mas daria para usar tanto a dúvida em relação à identidade da menina quanto a preservação de seus interesses. Em vez de procurar uma família adotiva para a pequena órfã, mais valeria entregá-la aos Carville!

Estou lhes dizendo isso tudo de forma desordenada. Podem usar as informações como quiserem.

Se Mathilde de Carville era louca o suficiente para contratar um detetive particular por dezoito anos, seu marido, menos paciente, poderia muito bem ter tido a ideia de contratar um assassino. Furar um tubo de gás dentro de um furgão mal trancado devia ser possível para qualquer indivíduo sem escrúpulos. Nunca acreditei que Mathilde pudesse estar ciente, menos ainda ter orquestrado um golpe desses. No mínimo, sua religião devia proibir isso. Léonce, por sua vez, era inteiramente capaz de algo assim. Vinte e três dias mais tarde, um segundo ataque cardíaco deu cabo dele. Seria possível ver aí uma relação de causa e efeito. Nicole tinha sobrevivido. Talvez a morte de Pierre pesasse sobre sua consciência. Tudo em vão: Lyse-Rose estava morta mesmo.

Pronto, vocês agora sabem tanto quanto eu. O legume em que Léonce se transformou guardará seu segredo para sempre.

Será que ele merece o benefício da dúvida?

Boa pergunta!

2 DE OUTUBRO DE 1998, 12H40

Marc observou o frágil sol de outono se deixar cercar outra vez pelas nuvens em tiras bem organizadas.

A dúvida…

Ele tinha só 4 anos na época do acidente e não lembrava quase nada, exceto a infinita tristeza dos adultos à sua volta; para ele, o único objetivo, o único reflexo era proteger Lylie, apertar com força sua mãozinha, não deixá-la sozinha, não largá-la.

Sua avó nunca lhe contara muitos detalhes. Ele entendia. Sobre esse tipo de coisa não se fala. O relato de Grand-Duc era bem mais claro do que todos os fragmentos de informação que ele conseguira coletar ao longo dos anos.

Observou os três pescadores na sua frente, bastante jovens; imóveis, pareciam estar dormindo. Que graça poderiam achar em passar horas à espera de um peixe que nunca morde? Talvez apenas esperassem o fim do mundo naquele pedacinho de paraíso.

A dúvida…

Aquele pedacinho de paraíso onde morava o diabo?

Marc tentou vasculhar os recantos mais escondidos da memória. Sem que conseguisse saber exatamente por quê, o relato de Grand-Duc havia despertado dentro dele uma espécie de alerta. Um detalhe perturbador, uma anomalia.

Algo não fazia sentido!

Tentou se concentrar mais um pouco, porém ficou cada vez mais convencido de que o tal detalhe estava inscrito em sua memória mecânica, algo que ele havia aprendido de cor, que conhecia, mas que só lhe voltaria à mente se ele conseguisse segurar uma ponta do fio, se tivesse um ponto de partida, uma palavra.

Tentou mais um pouco, sem sucesso. Tinha certeza absoluta de que o detalhe estava bem guardadinho no seu quarto, no meio das suas coisas na Rue Pocholle, no Pollet, lá em Dieppe. De que se vasculhasse, iria encontrá-lo.

Seria algo urgente? Qual seria a relação daquele detalhe com o resto? Com a grande viagem sem volta de Lylie?

Dieppe ficava a apenas duas horas de trem… e ele também precisava falar com Nicole.

Tudo isso iria esperar.

Com a mão febril, virou a folha arrancada do caderno e leu a última página.

25

Diário de Crédule Grand-Duc

Um mês depois do drama no Le Tréport, Nicole já estava de volta à barraquinha de batatas fritas, atendendo aos clientes. Não tinha escolha. Muitos acharam curioso, mórbido até, que ela continuasse a trabalhar naquele caixão sobre rodas, naquela armadilha de metal e gás que havia lhe roubado o marido, adormecido para sempre sobre aquele mesmo chão que ela continuava a pisar o dia inteiro.

Nicole respondia sorrindo:

— As pessoas continuam a morar nas casas em que os parentes morreram, não é? A dormir nas mesmas camas, comer nos mesmos pratos, beber nos mesmos copos… Os objetos não têm culpa. E o furgão é tão inocente quanto qualquer outro.

Anos depois, entendi que, no fundo, Nicole amava aquele trabalho, servir os clientes a bordo do Citroën H no passeio à beira-mar de Dieppe, como fizera por tantos anos com Pierre, mesmo que a fumaça da fritura e a mistura de cheiros dentro do espaço confinado fizessem seus pulmões arderem cada vez mais e provocassem uma tosse crônica. Pierre tinha adormecido naquele furgão e, na verdade, nunca tinha saído de lá; Nicole, agora sozinha, sentia-se menos só dentro de sua lanchonete ambulante do que em qualquer outro lugar. Exceto talvez o cemitério de Janval.

Aproximei-me dela e de seus netos mais ou menos por volta dessa época, em meados de 1983.

Encontrei-a pela primeira vez em uma manhã de abril; Marc estava na escola, Lylie dormia.

Nicole não me deixou passar pela porta. Comecei timidamente: — Meu nome é Crédule Grand-Duc. Sou detetive particular, estou investigando o…

— Eu sei quem o senhor é. Faz meses que anda fuçando as redondezas. As notícias correm depressa por aqui, sabia?

— Hum… Bom. Pelo menos assim vamos ganhar tempo. Mathilde de Carville me contratou para recomeçar do zero a investigação toda, o caso do acidente no Mont Terrible.

— Espero que pelo menos ela esteja pagando bem.

— Não tenho do que reclamar, é bem confortável.

— Quanto?

Os olhos de Nicole vibravam. Ela estava brincando de gato e rato comigo. Para que mentir?

— Cem mil francos. Por ano.

— O senhor poderia ter conseguido muito mais.

Nicole estava usando um suéter bem fino, cinza-azulado, com um generoso decote. A gola em V descia pelo busto. Isso me perturbou demais. Sem sair do lugar, ela seguiu falando: — E o que o senhor espera de mim?

— Autorização para me aproximar de Lylie, para observá-la, conversar com ela. Para vê-la crescer.

— Nada além disso?

Senti que as negociações seriam demoradas. Não sabia mais para onde olhar, se para o brilho de seus olhos ou para o decote. Nicole puxou o suéter para cima com um gesto mecânico.

— Não tenho nada a esconder. Ao contrário do que o senhor deve pensar, também estou interessada na verdade. Já descobriu alguma coisa?

Hesitei. Será que eu estava recuperando a vantagem? Não por muito tempo: o suéter já recomeçava a descer.

— Segui muitas pistas, a maioria delas sem resultado, mas descobri também alguns detalhes perturbadores.

Nicole pareceu hesitar. Correu os olhos pela Rue Pocholle.

— Mathilde de Carville o fez assinar alguma cláusula de confidencialidade? De exclusividade dos resultados?

— Nada desse tipo. Ela só me paga para eu encontrar alguma prova.

— Alguma prova? Só isso? Não tenho dinheiro para pagar… mas Mathilde de Carville sabe ser generosa em dobro. — Ela sorriu e tornou a puxar o suéter para cima. — Entre, venha tomar um café.

Pode me contar tudo enquanto esperamos Lylie acordar.

Nicole confiou em mim. Só Deus sabe por quê!

Eu sabia muito bem que estava entrando em um jogo perigoso: se algum dia descobrisse alguma coisa, não seria fácil manter minha posição entre as duas viúvas, ou quase viúvas, mesmo que conseguisse permanecer neutro. E isso estava cada vez mais difícil! Entre a simplicidade da família Vitral e o desdém dos Carville, a escolha era fácil. Os músculos de Léonce tinham virado geleia; os

miolos de Malvina, vapor; e o coração de Mathilde, uma pedra de gelo. Eu era o seu assalariado, seu cãozinho fiel, mas sem dúvida simpatizava mais com os Vitral.

Marc e Lylie eram duas crianças encantadoras. E me habituei a visitá-las com frequência, pelo menos a cada aniversário da menina. Às vezes ia a Dieppe com Nazim. Ele assustava as crianças com seu bigodão, mas era sobretudo Nicole quem me fascinava com seu bom humor, sua obstinação por criar sozinha os filhos. Ela aguentara firme e não tocara em um centavo sequer da fortuna depositada por Mathilde na conta bancária de Lylie.

Nicole era determinada e fiel. Uma mulherzinha incrível. Meses e anos transcorreram assim.

Eu também permanecia fiel à minha romaria. Chegou a hora de falar sobre isso. É importante, vocês ainda não imaginam o quanto. Todos os anos, por volta de 22 de dezembro, eu voltava ao Mont Terrible.

Dormia em um refúgio ali perto, em Clairbief, às margens do Doubs, e passava algum tempo lá em cima, no local exato do acidente. A cada ano, passava pelo menos algumas horas caminhando, pensando, relendo as anotações que fizera.

Como se aquele lugar fosse acabar me revelando seu segredo.

Ia sempre sozinho, sem Nazim.

Àquela altura, já conhecia cada trilha, cada pedra, cada pinheiro. Sentia que precisava domesticar aquele recanto selvagem de montanha, escutá-lo com paciência, independentemente da tragédia. Como no caso dos Vitral, aliás.

Vocês com certeza não vão acreditar em mim, mas funcionou! A montanha confiou em mim. Exatos três anos depois do acidente, na terceira romaria, em dezembro de 1986. Foi quando ela me revelou seu segredo, de longe o mais perturbador nos dezoito anos de investigação.

Em 22 de dezembro de 1986, uma tempestade violenta e repentina me pegou desprevenido em um final de tarde bem no alto da montanha. Para descer, tive de caminhar pelo menos duas horas debaixo da chuva e dos raios. A esmo, tentei encontrar um abrigo, qualquer um. As árvores replantadas no local do acidente ainda eram pequenas demais para me proteger.

Fui caminhando às cegas por 1 ou 2 quilômetros até me ver diante da mais incrível descoberta.

Estava encharcado e, no início, pensei que estivesse tendo um sonho ruim, uma espécie de alucinação.

Continuei a avançar pela lama, e a imagem na minha frente foi ficando cada vez mais nítida, muito real.

A chuva forte não tinha mais nenhuma importância. Meu coração batia a

ponto de rebentar. Avancei, atordoado, até a Frustrado, Marc soltou um palavrão.

A folha arrancada terminava nessa linha.

Avancei, atordoado, até a

Chutou com irritação o cascalho no chão à sua frente. Espantados, os pescadores levantaram a cabeça com ar de reprovação. A continuação da frase estava na página seguinte do caderno, a uma hora de trem dali, no escaninho blindado do guarda-volumes da Gare de Lyon, e ele era o único que sabia a senha.

Enfiou as folhas de papel no bolso e se levantou, furioso consigo mesmo e com o estilo rebuscado de Grand-Duc, que era incapaz de escrever as coisas com simplicidade e obtinha um prazer perverso em narrar a investigação com a mesma estrutura de um romance policial.

Atravessou o canal por uma pequena ponte. As ruas de Coupvray estavam calmas. À sombra da Eurodisney, o encantador vilarejo tinha um quê de artificial, como se também fosse feito de cartolina.

Um simples cenário. O Chemin des Chauds-Soleils era a primeira rua à direita depois da entrada do vilarejo. Mais uma trilha do que uma rua, na verdade, um caminho escuro que adentrava a floresta.

Marc foi andando, desconfiado. No fundo, quem eram os Carville? Vítimas do destino, como ele? A verdadeira família de Lylie, como ele torcia para que fossem? Mas também os mandantes do assassinato de seu avô?

Inimigos? Aliados? As duas coisas ao mesmo tempo?

Marc se forçou a respirar devagar.

Não podia hesitar. A crise de agorafobia podia vir a qualquer momento, e por que não ali, um lugar silencioso, cheio de vegetação…

Havia alguns carros estacionados no fim da rua, todos mais para luxuosos. Um Mercedes. Um Saab.

Um Audi. Todos de grande cilindrada, com exceção de um modelo menor. Um Rover Mini azul. Marc estacou, como se um alerta houvesse disparado de repente dentro dele.

Já tinha visto aquele automóvel, e não fazia tanto tempo assim.

Mas onde?

Não devia ser tão difícil lembrar. Havia passado quase o dia inteiro debaixo da terra, no metrô. A única vez que tinha posto o nariz para fora tinha sido ali, em Coupvray, e…

Na casa de Grand-Duc!

A mão de alguém tocou seu ombro.

Um tubo de metal pressionou a base de suas costas. Uma arma de fogo, sem dúvida.

Então, uma voz estridente aumentou mais um pouco o horror daquele instante: — Procurando alguma coisa, babaca?

26

2 DE OUTUBRO DE 1998, 12H50

Curiosamente, Marc não teve nenhum sintoma de crise. Não ficou ofegante, não sentiu palpitações. Só reparou que sua pulsação se acelerou.

Não entre em pânico.

Vire para trás.

O Chemin des Chauds-Soleils estava deserto. As árvores altas dos outros terrenos projetavam sua sombra ondulante sobre o cascalho cinza-claro. Marc se virou devagar e ergueu as mãos bem alto para mostrar que não tinha intenção de reagir.

— Nem tente bancar o espertinho, Vitral.

Ele semicerrou os olhos. Na sua frente estava uma menina de mais ou menos 1,50 metro e 40 quilos no máximo, vestida como se tivesse acabado de sair de um colégio interno… só que com o rosto de uma mulher de 30 anos.

Malvina de Carville!

Nunca a encontrara nem sequer vira uma fotografia, mas só podia ser. Ela o mantinha sob a mira, segurando o revólver com força, e seus olhos exibiam um estranho furor. O cérebro de Marc tentou analisar o mais depressa possível os elementos que se sucediam. O Rover Mini azul estacionado a poucos metros, no Chemin des Chauds-Soleils, e na Rue de la Butte-aux-Cailles uma hora antes, pertencia, portanto, a Malvina. Aquela mulher estivera na casa de Grand-Duc algumas horas antes… armada.

Fora ela quem havia matado o detetive. E agora havia chegado a vez de Marc.

Malvina o encarava, examinando-o da cabeça aos pés.

— Que porra você veio fazer aqui, Vitral?

Havia algo de quase cômico em seu tom, como o latido agudo de um cachorrinho inofensivo de trás da cerca de uma casa de subúrbio. Marc sabia que não deveria se prender àquela voz. Aquela moça era capaz de tudo, como dar um tiro no meio da sua testa enquanto soltava uma gargalhada. No entanto, contrariando qualquer lógica, não conseguia levar a sério aquela mulherzinha antiquada. Por mais estranho que fosse, não sentia brotar dentro de si sintoma algum de agorafobia, medo ou pânico.

— Não se mexa, Vitral. Falei para não se mexer.

Sem baixar os braços, Marc avançou meio metro e esboçou um sorriso.

— Para de me olhar assim! — gritou Malvina, recuando. — Você não me impressiona com esse seu ar superior. Sei tudo sobre você. Sei, inclusive, que come a própria irmã… Não é nojento isso, trepar com a própria irmã?

Marc não pôde reprimir outro sorriso. Aqueles insultos soavam falsos na boca de Malvina, feito os palavrões das crianças do centro recreativo de Dieppe que ele deixava passar sem comentários, palavrões fortes demais para meninos de 8 anos, que usavam o excesso para tentar esconder, sem sucesso, a própria timidez.

— Se eu me puser no seu lugar, na verdade estou comendo a sua.

Isso surpreendeu Malvina. Sua mente parecia funcionar igual a um computador sem memória. Por fim, ela encontrou uma resposta: — Tem razão, é com a minha irmã que você está trepando, porque ela é bonita demais para ser uma Vitral imunda. Mas, agora que fez 18 anos, Lyse-Rose não vai precisar de um fedido feito você por muito mais tempo.

Os xingamentos de Malvina continuavam a passar por Marc sem atingi-lo. Sem dúvida por serem muito caricaturais. Fora da realidade. Ele não tinha sequer vontade de se defender, de responder que não, não estava trepando com Lylie. Começou a andar pelo caminho sem dar mais importância a Malvina, forçando-se a não transparecer qualquer hesitação. A moça apontou o Mauser com mais firmeza.

— Não se mexa, já falei!

Marc continuou a andar sem se virar.

— Sinto muito, não vim aqui por sua causa. Preciso falar com sua avó. Com licença. A Roseraie é esta casa aqui, certo?

— Se você der mais um passo, eu atiro. Não entendeu?

Marc fingiu não ter escutado e continuou com as costas viradas para Malvina. Será que estava tomando a decisão certa? Será que deveria confiar no próprio instinto, naquela ausência de sintomas de um ataque? Será que não iria acabar morto por aquela louca, igual a Grand-Duc? Com uma bala no coração? Gotas de suor começaram a brotar na base de suas costas. Ele parou em frente ao imenso portão da Roseraie.

— O que está fazendo? Eu vou matar você, já disse!

Malvina deu uma corridinha igual à de uma criança agitada em um parquinho e parou na frente de Marc, ainda com o Mauser apontado. Tornou a observá-lo com atenção.

— Está procurando alguma coisa? — perguntou ele, tentando conter o sarcasmo.

— Você veio assim, sem mochila? Tem certeza de que não está com nada escondido? Debaixo da jaqueta?

— Quer que eu tire a roupa aqui, na sua frente? É isso?

— Mãos para cima, já falei!

— Você quer tirar a minha roupa? Quer me revistar com essas suas mãozinhas?

Malvina hesitava. Marc pensou se não teria ido longe demais. A moça parecia à beira de uma crise nervosa, e seu dedo se retesava cada vez mais no gatilho do Mauser; um dedo no qual havia um anel de prata enfeitado com uma linda pedra castanha translúcida, da mesma cor de seus olhos, embora mais luminosa. Malvina continuou examinando Marc. Sem dúvida alguma estava procurando o caderno de Grand-Duc — que boa decisão a dele ter tomado precauções!

Ele se forçou a dar o golpe de misericórdia: — Sinto muito, Malvina, mas prefiro a sua irmã menor.

Sem esperar a reação da moça, ele deu um passo à frente e tocou o interfone com o dedo trêmulo, agora sem conseguir ver o que aquela louca estava fazendo atrás dele.

— Seu babaca, eu vou…

Uma voz de mulher no interfone a interrompeu: — Pois não?

— É Marc Vitral. Vim falar com Mathilde de Carville.

— Pode entrar.

O portão se abriu. Malvina hesitou, agora quase constrangida por estar segurando o revólver.

Apontou a arma para Marc.

— Não entendeu? O que está esperando? Entre logo!

Marc tinha sido avisado; já imaginava que fosse adentrar uma propriedade suntuosa, uma das mais luxuosas daquele bairro de ricos, mas, mesmo assim, ficou impressionado com a imensidão do terreno arborizado, com a variedade das espécies, mesmo no outono, com os canteiros de flores e as roseiras podadas à perfeição. Qual poderia ser a área daquela propriedade? Dez mil metros quadrados? Quinze?

Ainda ladeado por sua guarda-costas de 1,50 metro, ele avançou pela aleia de cascalho rosado.

— Está pasmo com esse terreno todo, hein, Vitral? A Roseraie! O maior jardim aqui de Coupvray. Do segundo andar se pode ver a curva do Marne. Dá

para entender, Vitral, que vocês roubaram tudo isso de Lyse-Rose?

Marc reprimiu o impulso de dar um tapa na cara daquela peste. De tanto atirar às cegas suas flechas envenenadas, ela acabava acertando algumas. Não pôde evitar comparar o jardim da Roseraie com o seu, na Rue Pocholle. Eram 5 metros por 3. Com o Citroën H parado lá, quase não sobrava nada. Mais adiante na propriedade, perto da estufa, um esquilo passou lançando olhares assustados aos visitantes.

— Agora que você entendeu, espero ao menos que esteja com remorso!

Remorso?

As risadas de Lylie ainda ecoavam nos ouvidos de Marc. Seus gritinhos de criança alegre quando Nicole tirava o furgão para ir trabalhar no passeio à beira-mar de Dieppe e eles dois iam correndo brincar de amarelinha ou jogar frescobol lá fora. A seus olhos infantis, aquele jardim era mais vasto do que qualquer Roseraie.

Havia três degraus. Sem soltar o Mauser, Malvina passou na frente dele e abriu a imensa porta de madeira. Marc a seguiu.

Seria um louco de entrar ali assim, por vontade própria? Tinha agido sozinho. Ninguém sabia daquela sua visita. Malvina apontou para um grande corredor, e eles subiram mais três degraus. As paredes exibiam quadros de paisagens campestres; casacos de pele pendiam de ganchos de ferro batido. Ao fundo, um espelho oval aumentava ainda mais a impressão de profundidade.

O cano do Mauser indicou a primeira porta à direita, uma porta pesada enfeitada com relevos vermelhos. Eles entraram.

Marc se viu dentro de uma grande sala. A maioria dos móveis, sofás e armários estava recoberta por lençóis brancos, sem dúvida no intuito de proteger a mobília do tempo quando não havia convidados.

Uma estante ocupava toda a parede à sua frente. No canto oposto, o cômodo era dividido ao meio por um piano de cauda laqueado de branco. Um Petrof, uma das marcas mais luxuosas que havia; Marc sabia quanto custava um instrumento daqueles.

Mathilde de Carville estava em pé diante dele, alta, ereta e rígida; seu único adorno era o crucifixo no pescoço e alguns vestígios incongruentes de lama na barra do vestido. Ao seu lado, Léonce dormia.

Alheio a tudo. Com um cobertor sobre os joelhos e algumas folhas amareladas presas entre os braços. A viúva-negra e o inválido em uma cena digna de um filme de terror ruim.

Mathilde não se mexeu. Contentou-se em lhe exibir um estranho sorriso.

— Marc Vitral, mas que visita surpreendente… Não pensava que um dia fosse vê-lo aqui.

— Também nunca achei que isso fosse acontecer.

O sorriso se abriu mais um pouco. Malvina se afastou e foi se postar junto ao piano.

— Guarde essa arma, Malvina.

— Mas, vovó…

O olhar de Mathilde não admitia discussão. Malvina pousou a arma sobre o piano de modo ostensivo.

Estava claro que só queria uma coisa: empunhá-la e atirar.

Marc, por sua vez, não conseguia desgrudar os olhos do piano. É claro que haveria um na casa dos Carville. Mesmo sem nunca ter ido lá, poderia ter adivinhado. Fazia parte da ordem natural das coisas.

Nenhum membro da família Vitral tinha inclinação para a música. Nem seus pais, nem seus avós tinham chegado perto de um instrumento na vida. Até os discos eram raros no Pollet. Como por um passe de mágica, desde os seus primeiros meses vividos na Rue Pocholle, Lylie havia se mostrado subjugada pelos sons, por todos os tipos de som. No jardim de infância, os brinquedos com música a fascinavam; sua matrícula na escola de música já aos 4 anos de idade parecera uma atitude lógica e quase gratuita — o professor não parava de elogiá-la, lembrou Marc com orgulho.

— Belo instrumento, não? — comentou Mathilde. — É autêntico. Foi encomendado por meu pai em 1934. Você me espanta, Marc. Gosta de piano?

Perdido em pensamentos, Marc não respondeu. Quando Lylie fizera 8 anos, os professores de música começaram a insistir. A menina era uma de suas melhores alunas, a mais arrebatada. Tocava alegremente todos os instrumentos, mas sobretudo o piano. Tinha de praticar mais, não apenas algumas horas durante as aulas; precisava treinar todos os dias em casa. O argumento da falta de espaço fora logo eliminado pelos professores de música de Dieppe: havia excelentes pianos verticais feitos para apartamentos. Restava a questão do preço. Qualquer exemplar de qualidade, mesmo usado, equivalia a muitos meses do salário de Nicole. Nem pensar. Lylie não havia protestado quando a mãe lhe explicara que eles não tinham dinheiro para aquilo.

Uma espécie de chiado fez Marc se sobressaltar. Atrás dele, Malvina fazia o Mauser deslizar pelo tampo de madeira do Petrof.

— Largue essa arma, Malvina, por favor — ordenou Mathilde com uma voz calma. — Eu também tocava, Marc… pelo menos quando era jovem. Mal, aliás. Meu filho Alexandre tinha muito mais talento do que eu. Mas imagino que não tenha vindo aqui conversar sobre música clássica.

Nenhuma das palavras pronunciadas por aquela mulher era gratuita, Marc estava consciente disso.

— Tem razão — começou ele. — Vou direto ao assunto: vim aqui conversar com a senhora sobre a investigação de Crédule Grand-Duc. Não vou lhe esconder nada: ele me entregou seu caderno com todas as anotações que vem fazendo há dezoito anos. Quer dizer, entregou-o para… — Ele hesitou, mas logo prosseguiu: — … para Lylie, que hoje de manhã insistiu que eu também o lesse.

— Mas você veio aqui de mãos vazias? — interrompeu Mathilde. — Que rapaz prudente. Está desconfiado… mas não há motivo para isso. Em relação a esse caderno, nunca exigi exclusividade alguma de Crédule Grand-Duc. No fim das contas, é bom que Lylie saiba. Mais valem dúvidas do que falsas certezas. Quanto a mim, acho que sei exatamente o que está escrito nele. Grand-Duc era um empregado leal.

Marc observou o semblante contorcido de Malvina no reflexo do verniz do Petrof antes de intervir, forçando o espanto na voz: — “Era”?

Mathilde respondeu com uma ironia mal disfarçada: — Sim, “era”. Ele trabalhou para mim por dezoito anos… mas o contrato terminou há três dias.

Marc engoliu um palavrão. Com aquele seu ar de superioridade, Mathilde estava tentando manipulá-

lo! É claro que sabia que Grand-Duc estava morto. Assassinado pela neta. E talvez por ordem sua… Ele sentiu as mãos se agitarem. O que estava fazendo ali? Com aquela bruxa velha e amargurada e aquela doida que aguardava apenas uma ordem da avó para abatê-lo? Sem falar no velho inerte em sua cadeira de rodas. Uma visão dantesca. O que ele poderia esperar se não agisse logo?

Avançou alguns passos, como para tomar coragem. Os dedos de Malvina se contraíram sobre o Mauser. Ele não tinha escolha, não tinha nada a perder: precisava começar.

— Está bem. Vamos parar com essa palhaçada. Vou abrir o jogo! Há dezoito anos que nossas famílias se agarram cada uma à sua certeza. Os Carville fingem que foi Lyse-Rose quem sobreviveu. Os Vitral garantem que se trata de Émilie. E essa foi também a decisão do juiz. — Ele expirou, tentando encontrar as palavras certas. — Sra. de Carville, durante todos esses anos cresci ao lado de Lylie e adquiri uma certeza. — Ele hesitou outra vez antes de prosseguir. — Sra. de Carville, Lylie não é minha irmã! Está me entendendo? Nós não temos nenhum parentesco de sangue. Quem sobreviveu na noite daquele acidente foi Lyse-Rose.

O Mauser emitiu um ruído seco ao escorregar sobre o piano. Os olhos de Malvina brilharam de surpresa e alegria, como se de repente Marc tivesse virado um aliado. Um espião que, ao tirar a máscara, revela a própria identidade.

Um dos seus!

Mathilde, por sua vez, permaneceu imóvel e, depois de um longo silêncio,

disse apenas: — Malvina, vá passear no jardim com o vovô.

— Mas, vovó…

Os olhos da moça ficaram marejados.

— Faça o que estou dizendo, Malvina. Pegue Léonce e vá passear com ele no jardim.

— Mas…

Dessa vez, Malvina não conteve as lágrimas. Saiu da sala empurrando a cadeira de rodas sobre a qual seu avô continuava a dormir sem se mexer.

27

2 DE OUTUBRO DE 1998, 12H55

Lylie se balançava perigosamente. Com seus pés estreitos, aquele banco de bar devia ter sido concebido com o propósito especial de cair quando a pessoa sentada nele quisesse beber além da conta.

Isso não vai demorar a acontecer, pensou ela.

Valia a pena registrar a patente daquele banco instável.

Levou à boca o copinho de gim. Já não sentia a queimação da bebida. Já não sentia mais nada, apenas a inclinação do banco.

Era a única mulher no Barramundi, na Rue de Lappe. O tipo de bar ao qual não se vai desacompanhada, mesmo durante o dia, a menos que se tenha em mente uma ideia bem precisa. Embora fingissem não prestar atenção nela, concentrados em tomar cervejas e jarras de vinho branco, escrever ruidosamente em bilhetes de loteria, encarar a televisão que só transmitia programas esportivos, ela podia sentir seus olhares insistentes nas coxas nuas, podia sentir aqueles olhos subirem por suas costas até a nuca.

Esquecer.

Lylie esvaziou o copo de um gole só e se virou para o barman, um sujeito de ar plácido com um único tufo de cabelos grisalhos e crespos no alto da cabeça.

— O que mais o senhor tem para me oferecer?

Já tinha experimentado vodca e tequila. Por enquanto, preferia a primeira, mil vezes. Mas estava apenas começando seu aprendizado: antes de completar 18 anos, nunca tinha bebido uma gota de álcool sequer. Só uma *flûte* de champanhe três dias antes. Estava recuperando o tempo perdido.

— Não acha que chega, senhorita? Já não bebeu o bastante?

Que papo era esse do careca com aquela mecha ridícula? Será que não tinha entendido que ela era maior de idade havia três dias? Pensou em enfiar a carteira de identidade na cara dele, mas o filho da puta do barman já tinha lhe virado as costas sem nem ao menos olhar para ela.

A 2 metros dela, um homem de terno cinza e gravata mole se segurava ao balcão, afogando-se em um copo que ainda continha um fundo de líquido marrom. Era o único no bar que não a despira com os olhos. Equilibrada sobre o banco bambo, Lylie se curvou para ele, também se apoiando no balcão.

— O que o senhor está bebendo?

O homem se empertigou um pouco.

— Um clássico: uísque escocês.

— Também quero! Garçom, quero um desses!

Sempre com a mesma calma, o barman franziu a testa do lado direito.

— Tem certeza, senhorita?

— Pode deixar, Jean-Charles, é por minha conta — disse o cara da gravata.

Jean-Charles tornou a franzir a testa, dessa vez do lado esquerdo. Devia treinar bastante.

— A saideira, então? Não quero problema para o meu lado.

Com uma técnica de equilíbrio sobre o banco muito mais desenvolvida do que a de Lylie, o bebedor de uísque chegou bem junto dela sem descer do assento. Não para consolá-la; muito pelo contrário: aquele sujeito perdido só devia sobreviver à base de conversas entre náufragos, histórias de tempestade, sobrevivência e garrafas lançadas ao mar.

— E você? Como chegou até aqui? Srta…

— Libélula. Srta. Libélula!

O cara parecia ter acabado de reparar que a moça que tinha puxado conversa com ele era dona de um longilíneo corpo de modelo e que, como no teatro, o bar inteiro observava a interação dos dois.

— Que gracinha… Libélula. Eu me chamo Richard. Sou professor do ensino médio em Boieldieu, no vigésimo *arrondissement*, então você pode imaginar como…

Lylie esticou o braço para pegar o copo de uísque. Molhou a boca e fez uma careta. Decididamente, nada se comparava à vodca! Richard entendeu que ela não estava nem aí para suas preocupações acadêmicas e mudou de assunto: — Uma moça bonita assim… Você não parece uma prostituta. Como é possível estar aqui? Sendo assim tão bonita?

Lylie inclinou-se na direção de Richard; o banco não caiu por milagre.

— Venha cá.

Com um gesto brusco, segurou a gravata dele, puxando a cabeça do professor para junto de si, e aproximou a boca da sua orelha: — Vou lhe dizer uma coisa, gravata. Na verdade não sou bonita. É só um disfarce que estou usando.

Richard fez cara de espanto.

— Ahn?

— Minhas pernas, meus seios, minha boca, minha pele… Tudo aquilo que todo mundo vive olhando e querendo tocar, na rua, em todos os lugares… Então: é só um disfarce, um troço de látex igual àqueles que os mergulhadores usam.

— Você… você…

— Não estou mentindo. Todo mundo me acha bonita, mas na verdade por

dentro sou um monstro!

— Você…

— O que houve, por acaso o senhor é surdo? Estou dizendo, sou igual a um camaleão. Tenho várias peles. Que nem os monstros daquele seriado *V*, que parecem humanos, mas por baixo da pele são nojentos. Principalmente a chefona, a garota, um réptil gosmento na pele de uma supergata. Sou igual a ela, igual a esses camaleões que comem camundongos vivos. Entendeu agora o que estou dizendo?

— Ahn, não muito. Sabe, eu e esses seriados de… Sou professor do…

Um puxão na gravata o interrompeu na hora.

— Vou lhe dizer mais uma coisa, gravata, uma coisa ainda pior. Não estou sozinha: somos duas dentro desta segunda pele. Duas no mesmo corpo, você acredita?

— É, eu… A verdade é que…

— Shh… Não fale nada, é melhor assim. Vou ter que ir daqui a alguns minutos. E sabe para onde vou?

Preciso fazer uma coisa feia. Que não estou nem um pouco a fim de fazer. Estou com nojo de mim mesma. Mas tenho que fazer.

Richard se segurou no ombro de Lylie, o único jeito de não cair. Deixou o braço tocar seu seio e, aproximando os lábios dos dela, balbuciou: — Por quê? Ninguém é obrigado a fazer nada. E se eu a ajudasse… a tirar o disfarce, para ver vocês duas aí dentro? Você e sua amiga?

Richard estava ficando mais ousado. Ainda seguro pela gravata, não tinha uma grande margem de manobra, mas, ainda assim, enfiou a mão direita por baixo da saia preta de Lylie. Ela não percebeu.

— É tarde demais, já disse… Você não pode fazer mais nada para me ajudar. Ninguém pode. Estou indo agora matar uma pessoa que não tem culpa nenhuma, que não pediu nada… Porque é assim que as coisas são.

— Está bem. Mas a gente ainda tem tempo. Alguns minutos. Antes você precisa me mostrar a segunda pele… se quiser que eu acredite…

Enquanto a mão direita subia mais alto pela coxa, a esquerda segurou o seio de Lylie. O barman reagiu na hora, e suas sobrancelhas formaram dois acentos circunflexos. Ele pousou um copo em cima do balcão com violência.

— Pegue leve com a menina, Richard. Tire a mão daí. Você já não tem problemas suficientes?

Richard hesitou. A gravata se retesou e começou a esganá-lo.

— Está me ouvindo? Estou lhe dizendo que vou matar um inocente!

Lylie se inclinou mais ainda. Dessa vez, o banco não resistiu. Ela desabou de uma vez só. Largou a gravata ao cair, mas, mesmo assim, Richard ficou com

uma grande marca vermelha em volta do pescoço.

Como um enforcado que ressuscita sem guardar rancor, ele se levantou para ajudar Lylie.

— Não encoste em mim! — berrou ela. — Tire essa mão imunda de mim! Saia daqui!

28

2 DE OUTUBRO DE 1998, 13H11

Mathilde de Carville puxou de leve a cortina dupla e olhou pela janela para conferir se a neta estava obedecendo às suas ordens. Marc olhou na mesma direção, deteve-se por alguns instantes na mão enrugada, e então pôs-se a fitar o imenso jardim verde e ocre através da fina malha do tule branco que pendia em frente à janela. A Roseraie parecia imersa na atmosfera embaçada de um filme malfeito: decoração burguesa, desfocado fora de moda e tons pastel. Ao longe, na aleia de cascalho rosado, Malvina passou nervosa empurrando a cadeira da Léonce. Durante o caminho sacolejante, a cabeça do velho doente devia ter escorregado lentamente, e seu pescoço se torcera aos poucos: ele agora encarava, com os olhos bem abertos, o céu branco, ou quem sabe a copa das árvores, o voo lento das últimas folhas avermelhadas do grande bordo. Malvina não se curvou uma vez sequer na direção do avô para endireitá-lo.

Mathilde aguardou alguns segundos. Malvina e Léonce se afastavam margeando as roseiras em direção à estufa e ao mirante com vista para o Marne. Ela fechou a cortina devagar. O recinto tornou a mergulhar em uma leve penumbra, na qual reluziam as silhuetas brancas dos móveis cobertos por lençóis, além, é claro, da laca imaculada do Petrof. Ela se virou para o rapaz.

— Marc, já que você… Posso chamá-lo de você? Acho que minha idade me permite isso. Já que você veio até aqui, gostaria de lhe fazer uma pergunta: quando você reviu Lylie nestes últimos dias, desde que ela se tornou maior de idade, ela estava usando alguma joia? Um anel?

Marc havia se aproximado do piano. Seus dedos corriam pelas teclas sem pressioná-las.

Para que mentir?

— Estava usando, sim… Um anel. De safira clara.

Nenhum sorriso surgiu no rosto de Mathilde. Nenhuma demonstração de vitória. Nenhum júbilo.

Marc achou estranho. Ela estava reagindo como um policial que não se atreve a aceitar a confissão de um bandido.

Marc deslizou a mão pelo piano. O Mauser continuava pousado sobre a superfície branca, a 80

centímetros de seus dedos. Pela janela, tentou localizar Malvina no jardim outra vez, mas a cortina fechada lhe revelava apenas uma nesga de luz débil.

— Ela enlouqueceu — disse Mathilde de repente. — Minha neta quase enlouqueceu. Você reparou, imagino?

Marc não respondeu. Mathilde continuou a falar: — E você, Marc, o que acha?

Ele continuou sem responder. Aguardou.

— Da loucura, Marc. Estou falando da loucura. O que você pensa a respeito?

Os dedos de Marc dançavam sobre as teclas de marfim para evitar que o tremor fosse muito perceptível.

— Estou falando com você, Marc — insistiu a voz glacial da mulher. — Estou falando de você. Assim como Malvina, o seu cerebrozinho de criança teve de enfrentar a dúvida. O que aconteceu com a sua irmã caçula? Será que ela está viva? Será que está morta? No final das contas, será que você soube lidar com isso melhor do que Malvina?

Marc ergueu a cabeça sem pronunciar palavra alguma.

— Que tortura, não é mesmo? Todos esses anos. Não saber que sentimento você nutre pela garota que mais ama no mundo. Será um casto amor fraterno? Ou um ardente amor carnal? Como crescer com uma dúvida dessas?

O tom tinha mudado. A voz se fazia mais forte, ameaçadora. Mathilde andou até o piano.

— Para viver, para sobreviver, precisamos nos virar com os sentimentos que temos, não é mesmo, Marc? Durante todos os anos da infância, o pequeno Marc busca o afeto da pequena Émilie, sua encantadora irmãzinha… Então, o pequeno Marc cresce. Por que não aproveitar a dúvida? A oportunidade é boa demais, não é? Enterrar a pequena Émilie e se apaixonar por Lyse-Rose, bela e rica herdeira dos Carville.

Os dedos de Mathilde se aproximaram do revólver, e sua voz se fez mais alta ainda: — Eu sofri, Marc. Meu Deus, como sofri. Passei todos esses anos expiando sabe-se lá que pecado, mas expiando mesmo assim. Acredite, Marc, minha revanche tem um gosto amargo.

Marc tossiu. Nenhum outro som conseguiu sair de sua garganta. Mathilde agora estava em pé a menos de um metro na sua frente. A que revanche estava se referindo?

De repente, ela se virou. A velha senhora foi até a estante localizada no canto oposto do recinto. Sua sombra cobriu o Petrof com um efêmero véu cinzento. Sem hesitação, ela pegou um livro grosso cujo título Marc não conseguiu ler, abriu-o e tirou de dentro dele um envelope azul-lilás. Então, tornou a atravessar a sala.

— Grand-Duc se aproximou de vocês, Marc, tornou-se até amigo da família Vitral. Mas não se deixe enganar: ele trabalhava para mim, e me fazia um

relatório quase todas as semanas… pelo menos durante os primeiros anos. Depois de cinco anos de investigação, quase já não restavam mais pistas a explorar.

Em oito anos, não restava mais nada.

A imagem do cadáver de Grand-Duc surgiu furtiva diante dos olhos de Marc. Mathilde pousou o envelope em cima do piano, junto ao revólver.

— Mais nenhuma, com uma exceção. A última, a única. O ano era 1988…

Ela tornou a se virar. Será que aquela mulher nunca parava de se mexer?

— Marc, estamos com tempo. Posso lhe oferecer algo para beber?

Marc hesitou, surpreso. Tudo o que ele vivia, tudo o que descobria desde a sua chegada à Roseraie lhe parecia preparado, calculado, como se sua vinda fosse aguardada: aquela sala lúgubre e mal iluminada. O piano branco com o Mauser pousado em cima. O desaparecimento de Malvina e Léonce no jardim ou em qualquer outro lugar, pois a cortina escondia tudo o que estava acontecendo lá fora.

— S-sim — balbuciou Marc, sem pensar.

Por que não?, pensou.

— Um chá? Tenho excelentes misturas aromáticas que eu mesma cultivo.

Marc assentiu. Mathilde se ausentou por vários minutos e o deixou sozinho, bem ao lado do envelope azul e do revólver Mauser. De propósito, claro. Uma suave tortura. A revanche de Mathilde. Marc se forçou a respirar devagar, atento aos primeiros sinais da crise de agorafobia. Curiosamente, não tivera qualquer sensação de perigo diante de Malvina, aquele monstrinho armado, mas a encenação da velha Carville provocava nele uma emoção inversa. Começou a experimentar o formigamento familiar, que se estendia até as pernas, os braços e as mãos.

Mathilde voltou trazendo uma pequena bandeja e duas xícaras com chás distintos. Despejou a água quente e estendeu um dos pires para Marc.

— Beba.

Ele hesitou. Mathilde lhe abriu um sorriso franco.

— Não vou envenená-lo!

Ele molhou a boca. O líquido estava fervendo.

— Marc, não vou fazer você sofrer por mais tempo.

Ele tomou um gole do chá. O sabor lhe agradou. Quer dizer então que aquela bruxa velha cultivava as próprias ervas em seu imenso jardim secreto.

— Você sabe tão bem quanto eu que, no início desta década, passou a ser possível conhecer a verdade — continuou ela. — Bastava um simples exame de DNA! Seria infalível. Em troca de muito dinheiro e um pouco de saliva ou sangue, os laboratórios ingleses entregavam resultados em poucos dias. Ainda

esperei alguns anos antes de tomar minha decisão. A religião católica não se dá muito bem com a genética, entende, Marc? Hesitei durante muito tempo. Tomei minha decisão três anos atrás, quando Lylie estava com 15. De certa forma, foi a missão derradeira de Grand-Duc. Ele se encarregou de tudo.

Tinha conhecidos na polícia francesa, e eu lhe dei dinheiro. Não havia nada de legal no procedimento.

Ele conseguiu uma amostra de sangue de Lylie no dia do aniversário dela. Eu lhe dei amostras do meu, do de meu marido e do de Malvina. Era tão simples saber…

Marc sentiu as pernas cederem sob seu peso. Tomou mais um gole da infusão. Conforme ia bebendo, o gosto ficava cada vez mais ácido. Lembrava-se, é claro, do dia em que Lylie tinha feito 15 anos: Crédule Grand-Duc fora convidado, como todos os anos, e lhe dera de presente um vaso de uma flor só.

Um vaso tão fino, quem sabe já rachado, que se quebrou quando Lylie o segurou entre os dedos. Ela cortou o indicador. Grand-Duc se mostrou desolado. Recolheu os cacos de vidro balbuciando desculpas.

Será que o detetive confessava seu jogo duplo nas páginas seguintes do caderno? Marc iria conferir.

Sentiu a garganta queimar.

Por enquanto, sua vontade era uma só: pegar aquele envelope azul, abri-lo, ler o que estava escrito.

Mathilde lhe lançou outro sorriso estranho.

— Os resultados estão aí dentro desse envelope, Marc. Eu já os conheço há três anos. Sou a única.

Você me fez um favor vindo aqui. Vai levar esse envelope.

Ele queimou o céu da boca no último gole. Com dedos trêmulos, pegou o envelope. O rosto de Mathilde exibiu um esgar de triunfo.

— Mas não vai abri-lo! Vai levá-lo para Nicole Vitral. Já faz muitos anos que isso é uma questão entre mim e ela. Se mais alguém precisa saber a verdade, essa pessoa é ela.

Um longo silêncio se espalhou pela sala qual uma geada matinal que endurece os lençóis. Marc pôs o envelope no bolso devagar.

— Como a senhora sabe que não vou abrir assim que sair daqui?

— Você é um menino comportado, não é? Obediente. Não trairia sua avó, trairia? É a ela que estou enviando essa correspondência…

— Essas regras são suas. O que me obriga a segui-las?

— É claro que você vai segui-las, Marc. Porque está convencido de já saber a resposta contida aí.

Marc estava engasgado. Sentia a garganta e o estômago queimarem.

Mathilde insistiu: — O que você tem a temer? Não era isso que desejava? Lyse-Rose sobreviveu, Émilie está morta.

Nicole vai ser a única a ficar um pouco triste, é claro, mas a felicidade do neto será seu consolo, não?

Marc sentiu a crise de agorafobia brotar dentro de si; não conseguia mais controlar a respiração, como se a infusão fervente lhe devorasse o estômago. Mathilde soltou uma gargalhada forçada e aterrorizante.

— O que você espera exatamente? Que Lylie se case com você? Que ela assuma o nome Lyse-Rose agora que se tornou maior de idade? Quer se tornar meu neto? Quer um casamento com a noiva toda de branco, na Notre-Dame? Meu marido terá muita dificuldade para levar a neta até o altar, mas vamos dar um jeito. E depois? Você viria aqui com Lyse-Rose tomar café aos domingos, jogar xadrez no jardim vendo o Marne correr enquanto eu converso com sua avó sobre waffles e batatas fritas? Que pena, Marc… Que desperdício.

Ele tentou segurar a xícara, mas ela lhe escapuliu das mãos e se quebrou sobre o tapete, molhando os pés do piano.

— Entregue esse envelope à sua avó. Se ela quiser, poderá em seguida lhe revelar o resultado do exame de DNA. Diga a ela também que não me arrependo de nada, muito menos do dinheiro que gastei.

Estou em paz comigo mesma.

Os olhos de Marc embaçaram. O sangue nas artérias irrigava seu corpo feito um oleoduto em chamas.

Como duas torres carcomidas por um incêndio, suas pernas não conseguiram mais sustentá-lo. Suas mãos se retesaram sobre o teclado do Petrof. No último instante, ele aparou sua queda com um grito sinistro de notas desafinadas.

29

2 DE OUTUBRO DE 1998, 13H15

Ayla Ozan estava em pé em frente ao número 21 da Rue de la Butte-aux-Cailles. Erguida na ponta dos pés, tentava ver o mais longe possível no jardim. Nada se mexia. As persianas verde-claras estavam desesperadamente fechadas. Tocou a campainha várias vezes, por muito tempo. Ninguém.

Acabou virando as costas e andou pela rua em busca de um indício qualquer. Estivera muitas vezes na casa de Crédule Grand-Duc, onde havia preparado comida enquanto o detetive e Nazim trabalhavam no caso e conversavam até tarde da noite. Escutava-os um pouco, depois sempre acabava pegando no sono antes deles, no sofá, cercada pelo calor da lareira, contando as libélulas dentro do viveiro. Ninada pela voz dos dois, o homem da sua vida e seu melhor amigo. Onde eles poderiam ter ido parar? Na casa de Crédule não havia ninguém, e Nazim não dava sinal de vida fazia dois dias. Algo não estava certo.

Ayla passou em frente ao bar Temps des Cerises. Pensou em entrar para pedir informações, pois Crédule às vezes tomava café ali. Consciente de que seu andar não estava muito natural, parou. Antes de sair do restaurante de kebab no Boulevard Raspail, tinha pegado uma faca de cozinha bem grande, a mais afiada, que enrolara em um saco plástico e guardara rente à perna, dentro da calça folgada.

Comprida demais, ela não cabia dentro de sua mochila. Uma arma improvisada, para garantir. Não conseguia se livrar daquela terrível sensação de perigo.

Abarcou com os olhos a Rue de la Butte-aux-Cailles. Havia algumas pessoas na rua. Mães e crianças.

Clientes na padaria.

De repente, imobilizou-se.

Seu coração disparou dentro do grosso sobretudo de inverno.

O BMW X3 preto de Crédule estava estacionado junto à calçada, a 50 metros da casa. Nenhum sinal, porém, do Xantia azul de Nazim. Seu marido tinha ido à casa de Crédule; se os dois houvessem saído juntos da casa na Butte-aux-Cailles, por que raios tinham preferido ir no Xantia sujo e amassado, e não no BMW? Principalmente Crédule, aquele velho cheio de manias.

Ayla percorreu os arredores. Rue Samson, Passage Boiton, Rue Jean-Marie-Jégo, Rue Alphand.

Caminhava a passos lentos, arrastando como podia a perna estendida por causa da lâmina da faca.

Pensou que o saco plástico poderia ceder a qualquer momento, que o aço iria furar sua perna e que ela desabaria ali, em plena rua, feito uma idiota.

— Procurando alguma coisa?

Um sujeito com um cachorro a encarava, o tipo de vizinho que não gosta muito de estranhos vagando pelo bairro. Sobretudo uma turca rondando os carros estacionados na rua.

— Eu… eu sou amiga de Crédule Grand-Duc. Ele mora no número 21 da Rue de la Butte-aux-Cailles.

A casinha antes do Temps des Cerises. Ele não está, mas o carro dele está parado perto da casa. Um BMW preto. O senhor… o senhor por acaso não teria visto um outro carro? Um Xantia azul?

O homem a olhou como se fosse um funcionário do departamento de imigração do Ministério do Interior encarregado de expedir as carteiras de residentes estrangeiros no bairro. Consultou o cachorro.

— Com um para-choque todo amassado? Um pot-pourri de flores pendurado no retrovisor? Uma bandeira da Turquia colada no para-brisa? É esse o carro?

O sujeito aguardou por um segundo de satisfação enquanto Ayla recuperava a esperança e aquiescia, exibindo-lhe seu mais belo sorriso, mesmo que aquele homem parecesse confiar mais no instinto de seu cão do que no charme otomano. Por enquanto, o vira-lata castanho-claro se esfregava afetuosamente nas pernas de Ayla.

— O Xantia passou os últimos dias estacionado aqui no bairro, mas desde ontem sumiu — disse o homem por fim. — Com certeza a senhora não vai encontrar o carro. Nem adianta perder seu tempo.

A faca junto à coxa estava incomodando Ayla, e o nariz daquele cachorro cretino encostado em sua perna iria acabar cortado ao meio como uma peça de carne para kebab. Ela se abaixou para afastar o vira-lata ao mesmo tempo que tentava mudar de posição. O homem a encarou, mais desconfiado ainda.

Apesar de ser um babaca, ele poderia lhe ser útil. Ayla abriu um sorriso para o fascista e fez um carinho no cachorro. Assim, ninguém ficava enciumado.

— E… o senhor parece conhecer bem as redondezas. Não teria visto alguma coisa nova nestes últimos dias, nas últimas horas? Alguém estranho, por exemplo? Algum outro carro que não fosse aqui do bairro?

O homem a encarou, espantado com sua audácia. Instintivamente, puxou a coleira do cão. Ayla continuou a falar; não tinha nada a perder: — Um desconhecido, entende?

Ele hesitou mais um pouco, mas não pôde resistir ao prazer de se mostrar

útil: — Entendo o que a senhora quer dizer. — Olhou para o cachorro, como para dividir com ele o próprio júbilo. — Um Rover Mini azul, relativamente novo. A dona passou quase a manhã inteira aqui no bairro, uma moça com cara de velha e corpo de menina. Bizarra. Estranha, com um olhar desonesto. É ela que a senhora está procurando?

Ayla empalideceu de repente. É claro que tinha entendido a quem o sujeito estava se referindo. Nazim já lhe descrevera várias vezes Malvina de Carville, seu físico peculiar, seus caprichos e aquele carro, o Rover Mini, presente da avó podre de rica. Também lhe dissera muitas vezes que a moça havia enlouquecido completamente depois do acidente de avião.

Uma louca perigosa.

Ayla entrou em pânico.

— Está bem… Sim. Obrigada.

O que poderia fazer agora? Ir direto para a polícia? Lançar um pedido de busca? Eles lhe fariam perguntas. Ela, então, teria de revelar tudo o que sabia sobre o caso, sobre os Carville, sobre Nazim…

Fazia apenas dois dias que ele tinha sumido. Falar significava entregá-lo à polícia. Nazim jamais lhe perdoaria por isso.

O cara do cachorro se afastou, ainda a observá-la de esguelha. Não, ela precisava se virar sozinha.

Sabia o suficiente sobre os Carville. Não havia esquecido nenhuma das confidências de Nazim ao pé do travesseiro, quando ele desabava de costas depois de ter gozado. O fascista e seu vira-lata marrom sumiram na esquina da Rue Samson. Um estranho calafrio percorreu o corpo de Ayla, misto de aflição e entusiasmo. Pensou em Nazim, nas carícias do bigode de seu gigante grandalhão sobre a pele. Ah, que vontade de se aninhar em seus braços. De dançar na sua frente, de ondular a barriguinha saliente debaixo do seu nariz para excitá-lo, para que ele a beijasse com voracidade.

Abaixou-se e pressionou a faca fria contra a coxa. Só tinha uma única pista: Malvina de Carville.

Estava sozinha, mas não era burra. Os Carville viviam na periferia leste, perto de Marne-la-Vallée. Ela iria encontrá-los. Fazia vinte anos que dividia a cama com um detetive particular. Conseguiria se virar.

30

2 DE OUTUBRO DE 1998, 13H17

Marc avançou pelo corredor escuro. Mathilde de Carville acabara de lhe abrir a porta sem se oferecer para acompanhá-lo até a saída, deixando-o sozinho com as próprias dúvidas. Aos poucos, a crise de agorafobia estava passando e sua respiração retomava um ritmo normal. O efeito de ardência da infusão também ia diminuindo, como se todo o seu corpo ficasse progressivamente mais bem-ventilado. Ele entreviu a própria silhueta atordoada no grande espelho oval ao final do corredor. Não se demorou olhando para ela.

Apenas três degraus a descer. Empurrar a pesada porta de carvalho. E fugir dali o mais depressa possível.

Suas pernas mal conseguiam carregá-lo. Sua mente era um turbilhão de pensamentos. Será que deveria abrir aquele envelope azul e ler o resultado do exame de DNA? Ou deveria ter paciência por muitas horas até chegar a Dieppe? Talvez Mathilde quisesse fazê-lo cair em uma armadilha.

Um degrau, dois, três.

O ar fresco o golpeou no rosto, e ele inspirou grandes lufadas salvadoras enquanto tentava organizar os pensamentos. À sua frente, nenhuma sombra se mexia na Roseraie. A propriedade o fazia pensar na atmosfera mórbida do jardim de uma casa de repouso ou de um hospício.

Caminhou até o portão. À sua esquerda, atrás do bordo avermelhado, viu Léonce. O velho enfermo dormia sozinho, com a cabeça caída em cima do ombro, abandonado por Malvina no meio do gramado.

O cascalho rosado estalava sob seus pés.

Marc tentou ordenar os pensamentos. Precisava cuidar de três assuntos urgentes, todos de uma forma ou de outra ligados a um crime. Em primeiro lugar, o assassinato de Grand-Duc algumas horas antes.

Tudo levava a crer que a responsável fora Malvina. Em segundo lugar, o assassinato do avô, pois aquele acidente com o furgão no Le Tréport quinze anos antes não fora uma fatalidade. Precisava recordar um detalhe discordante no relato de Grand-Duc, aquela lembrança guardada em algum lugar de seu quarto de menino, em Dieppe. Por fim, Lylie. A viagem sem volta a qual ela havia se referido. Uma fuga? Uma vingança? Um suicídio?

Será que esses três dramas estavam interligados? Sim, sem dúvida alguma. Solucionar um deles significava solucionar os outros dois.

O cascalho tornou a estalar. Dessa vez atrás de Marc.

— Está indo aonde, Vitral?

Malvina!

Ele se virou.

— Embora. Sua avó fez a gentileza de me dizer tudo o que eu queria saber.

— Até parece! Você não descobriu nada, nadinha. Vovó pode até bancar a superior, mas ela está gagá.

Ele deu um suspiro.

— Só quem conhece a verdade sou eu — continuou Malvina. — Eu estava lá, na Turquia. Todos os outros morreram no avião lá no Mont Terrible. Eu, não. Eu viajei antes. Venha comigo, Vitral!

Marc a encarava, sem acreditar.

— Venha comigo, estou dizendo! Olhe, nem estou mais com o revólver. Agora há pouco você não disse que era Lyse-Rose quem estava viva, que Émilie Vitral tinha morrido queimada no avião? Então, venha comigo!

Ele não se mexeu.

— Vamos lá, Vitral, venha! É do seu interesse, eu garanto!

Pensando bem, por que não?

Animada feito uma criança, Malvina tornou a subir a aleia, abriu novamente a porta de carvalho, cruzou o corredor e subiu a escada de cerejeira-brava. Intrigado, Marc foi atrás. No primeiro andar, Malvina se virou, levou um dedo aos lábios e disse, quase num sussurro: — À direita fica o meu quarto. Nem adianta sonhar, não vou lhe mostrar. Mas à esquerda é o quarto de Lyse-Rose. Venha comigo.

Marc avançou. Mais uma vez, não sentia perigo na presença de Malvina, nenhum sinal de crise.

Ela empurrou a porta.

Estupefato, Marc se viu diante de um adorável quarto de menina. Não faltava nenhum detalhe. A cama pequena e alta, toda cor-de-rosa, coberta por bichos de pelúcia; as cortinas com grandes girafas estampadas cujas cabeças encostavam no teto; uma toalha laranja estendida por cima de uma mesa de carvalho que seria o trocador; um armário decorado com flores em tons pastel; sobre uma prateleira, caixinhas de música, uma luz noturna, mais bichos de pelúcia, um elefante azul, um tigre, um coelho cinza e branco; no chão, um imenso tapete interativo abarrotado de outros brinquedos, chocalhos, um elefantinho, palhaços de pano.

Sua vontade era uma só, urgente, incontrolável — sair daquela casa de loucos –, porém suas pernas não reagiam mais aos seus comandos, como se a voz de Malvina estivesse enrolada em volta delas como um fio de náilon

invisível.

— Vovó decorou este quarto de criança dezoito anos atrás, para quando Lyse-Rose voltasse da Turquia. Desde então, a gente continuou a cuidar dele para o caso de ela voltar. Entenda, ela poderia chegar a qualquer momento!

Ágil, Malvina avançou rapidamente pelo cômodo, passando por cima dos brinquedos. Abriu o armário. As prateleiras transbordavam com roupas, vestidos de todos os tamanhos, chapéus, sapatinhos fofos. Um minúsculo gorro cor-de-rosa forrado de pele caiu no chão.

Ela se virou para Marc com um ar travesso e continuou a falar em voz baixa, arrebatada como uma criança que conta para um adulto a história de sua casa de bonecas: — Agora quem arruma e faz faxina no quarto sou eu. Tenho certeza de que, se deixasse a cargo de vovó, ela jogaria tudo fora. Você imagina uma coisa dessas? Você há de entender. Sei muito bem que Lyse-Rose está adulta agora, mas, mesmo assim, quando ela voltar, encontrar seu quarto, seus brinquedos e suas roupas vai causar um efeito e tanto, não é?

Marc recuou um pouco, mas não chegou a sair do quarto. Uma enxurrada de sentimentos contraditórios o invadia.

— Está vendo, Vitral? Não quer entrar? Você gosta ou não de Lyse-Rose?

A contragosto, ele deu um passo à frente.

— Olhe. Tem até os presentes dela!

Marc sentiu o mal-estar aumentar, se é que isso ainda era possível. Tinha entrado em um conto de fadas malévolo, e estava conversando com a serial killer do setor de brinquedos de uma loja de departamentos infantil.

— São todos os presentes de aniversário de Lyse-Rose desde que ela fez 1 ano. E de Natal também.

Malvina apontou-lhe embrulhos de todos os tamanhos espalhados pelo quarto, alguns empilhados.

— Eu seria capaz de enumerar todos de cor. Aquele maior, ali, em cima da cama, é o presente do primeiro Natal dela. Vovó e eu compramos na Galeries Lafayette logo antes do Natal, na véspera do acidente; eu tinha 6 anos na época e ainda me lembro dos robôs na vitrine.

Aproximando-se de Marc, ela murmurou em seu ouvido: — Você consegue adivinhar o que é?

Ele balançou a cabeça, dividido entre a emoção e o horror.

— Um urso de pelúcia, imenso, maior do que ela, marrom e laranja. O nome dele é Banjo. Fui eu que o batizei. Banjo. Ele é amigo dela desde sempre, está esperando por ela. Não saia daí, vou apresentar você a ele.

Marc passou a mão pelos olhos. Aquela idiota iria acabar fazendo-o chorar com suas alucinações. Ela abriu delicadamente a grande caixa de papelão e

pegou um enorme urso de pelúcia de olhar sonhador.

Uma ternura que valia uma fortuna. Pôs Banjo em cima da cama e o recostou em duas almofadas cor de rosa.

— Oi, Banjo! — exclamou, em tom alegre. — Vou lhe contar um segredo: daqui a pouco você não vai mais ficar sozinho, o grande dia está chegando. Você não vai acreditar: Lyse-Rose vai voltar!

Era o quarto da Bela Adormecida, pensou Marc. Bichos de pelúcia empalhados, roupas endurecidas de tanto aguardar a volta da menina morta. Um museu da ausência. Malvina continuou a falar: — E, nos outros embrulhos, não vou falar de todos, tem bonecas, claro, e livros grandes, porque eu sei que ela adora ler. O presente de 10 anos, naquela caixa ali, é um violino. Não sei se foi uma boa ideia, mas a gente já tinha o piano. Depois disso foi mais difícil escolher: são os pacotes menores. Tem joias para os 13 anos, ali. Um relógio de pulso também. E discos, mas esses agora devem estar um pouco fora de moda, não é? Britney Spears, Ricky Martin, Larusso, essas coisas, sabe. Aquele embrulho grande ali, para os 16 anos, é um aparelho de som. E o último, o de 18 anos, dentro do envelope… não quer adivinhar?

Incapaz de pronunciar qualquer palavra, Marc tornou a balançar a cabeça.

— Uma viagem! Um pacote com tudo, comprado em uma agência da Rue de Rivoli! Acha uma boa ideia? Acha que a Lyse-Rose vai ter coragem de pegar outro avião?

Uma tempestade sacudiu o cérebro de Marc: queria estrangular aquela doida, sufocá-la nos bichos de pelúcia para fazê-la se calar, acabar com aquilo!

Malvina praticamente se pendurou no pescoço dele.

— Vou lhe confessar uma coisa… Meu presente preferido continua sendo o primeiro, o urso de pelúcia Banjo. Ele é lindo, não é? No começo, eu amava tanto o Banjo que sentia um pouco de ciúmes, queria ficar com ele para mim, mas vovó não deixou. Ela estava certa, no fim das contas. Tenho certeza de que a Lyse-Rose também vai adorar o Banjo. E você, o que acha?

Ele a encarava, tentando decidir que atitude tomar. A cama infantil de lençóis rosa-claro tinha o mesmo formato e a mesma cor de uma lápide de granito. Um túmulo infantil. Aquele quarto era uma cripta, aqueles presentes acumulados ano após ano eram oferendas a um mártir. Deus se apiedara de tanto sofrimento e acabara ressuscitando a menina morta.

— Não vai dizer nada, não é, Vitral? Está de queixo caído! Deve estar bem chateado agora ao ver tudo o que Lyse-Rose perdeu? Nem ouso imaginar as merdas que ela devia ganhar de Natal na sua casa!

Pelo menos lhe dar um tapa. Machucá-la fisicamente, uma vez só, depois fugir.

Ele se conteve.

— Venha cá, Vitral, venha aqui para eu lhe mostrar uma última coisa.

Ele se preparou para o pior. Ela andou até o armário, abriu uma gaveta e pegou um livro forrado com tecido rosa e enfeitado com flores e pompons.

— O livro de bebê da Lyse-Rose — sussurrou ela. — Tome, pode olhar, mas cuidado.

A contragosto, Marc pegou-o, abriu-o e pôs-se a virar as páginas. Suas mãos tremiam.

Uma loucura a mais.

MEU NOME DE BATISMO: Lyse-Rose NOMES DO MEIO: Véronique, Mathilde, Malvina PAPAI: Alexandre

MAMÃE: Véronique

NASCI NO DIA: 27 de setembro de 1980, em Istambul, na Turquia Seguiam-se outros detalhes, cada um mais macabro do que o outro.

MINHA CASA: uma foto da Roseraie MEU QUARTO: um desenho infantil do quarto em que Marc se encontrava, decerto feito por Malvina quando pequena MEU BICHO DE PELÚCIA PREFERIDO: Banjo MINHA MELHOR AMIGA: minha irmã, Malvina Marc ia virando as páginas, estupefato. Estava descobrindo a fantasia de uma vida inventada, de uma presença abortada.

MINHA MÃO: a impressão de uma mão em tinta; de quem seria?

MINHA COR PREFERIDA: azul

O QUE EU ADORO FAZER: ouvir música As páginas voavam sob seus dedos.

MEU PRIMEIRO ANIVERSÁRIO: uma foto de Lylie recortada de uma revista, *Paris Match* ou outra qualquer, colada de modo grosseiro no meio da família Carville, que fazia uma refeição ao redor de uma mesa sobre a qual estava disposto um bolo com velinhas, ele também recortado de uma revista.

MINHAS PRIMEIRAS FÉRIAS: a mesma foto de Lylie colada sobre uma campina, entre as gencianas em flor, em uma paisagem de montanha. Malvina posava logo ao lado, radiante. Tinha 8

anos, e os caules das flores batiam na sua cintura.

Sem conseguir continuar, Marc parou; calafrios o percorriam da nuca até o crânio. Malvina deve ter reparado e arrancou-lhe das mãos o livro de bebê.

— Já viu? Agora chega! Vou guardar!

Pela janela da sala, Mathilde observou Marc se afastar pela aleia a passos largos.

O rapaz praticamente corria.

Malvina, aquela malvadinha, não conseguira resistir: tivera de mostrar a ele o quarto, os brinquedos e o resto. Com isso, esquecera o avô no meio do

gramado, como um carrinho abandonado, um reles brinquedo jogado no fundo do jardim no outono e que se torna a encontrar, já enferrujado e bolorento, na primavera.

— Bem feito para ele! — murmurou a velha senhora para si mesma.

Viu Marc junto ao portão da Roseraie. Sorriu. Ele estava correndo para a casa da avó em Dieppe, apressadíssimo para abrir o envelope, assustado demais para desobedecer. Pobre rapaz; não ficaria decepcionado ao ler os resultados do exame de DNA.

Marc abriu o portão e desapareceu de vista, devorado pela folhagem das árvores do bosque de Coupvray e das casas vizinhas.

Pensativa, Mathilde andava de um lado para outro pelo cômodo silencioso. Não tinha falado tudo a Marc Vitral. Não tinha mencionado o telefonema de Grand-Duc, sua derradeira descoberta na noite do aniversário de Lylie, que mudava tudo. Grand-Duc dizia ter descoberto a verdade, uma verdade diferente… apenas por olhar um jornal de dezoito anos antes!

Mathilde deslizou um dedo por uma das teclas brancas do piano.

Será que o detetive estava blefando?

Logo teria a resposta. Havia encomendado à secretária da direção, na sede da empresa dos Carville, uma fotocópia da edição de 23 de dezembro de 1980 do *L'Est Républicain*. Se a mulher tivesse um mínimo de competência, sem dúvida teria o jornal em mãos naquela mesma noite. Pedira que enviassem o exemplar diretamente para a sua casa, por mensageiro. Fora bem clara, e a moça não parecera hesitar.

Restava-lhe apenas aguardar algumas horas. Então saberia se Grand-Duc tinha mentido para ela, se estava tudo mesmo terminado.

Ela se sentou na banqueta do piano e pousou as mãos espalmadas diante de si. Fazia anos que não tocava. Aquele instrumento era uma coisa muda, inútil, doente, como todo o restante naquela casa.

Sim, dali a algumas horas tudo estaria terminado.

Três notas agudas rasgaram o silêncio. Dó. Fá. Sol.

Tudo estaria terminado, menos Malvina.

Fosse qual fosse o conteúdo daquele jornal, fosse qual fosse a descoberta de Grand-Duc, o que Marc Vitral leria no tal caderno ou no conteúdo daquele envelope azul, Lyse-Rose continuaria viva para sempre na imaginação doentia da irmã. Viva feito uma boneca aos olhos de uma criança. Só que a menina em questão escondia um Mauser L110 dentro de seu carrinho de bebê e era capaz de matar todos aqueles que, pelo caminho, lhe dissessem que estava passeando apenas com um brinquedo morto, um cadáver de plástico frio.

31

2 DE OUTUBRO DE 1998, 13H29

Marc percorreu a passos rápidos o Chemin des Chauds-Soleils. Pensou que a rua sem saída devia ter sido batizada assim, “sóis quentes”, antes de as árvores do bosque crescerem. Agora, “sombras frias”

seria um nome mais condizente com aquela via burguesa e verdejante. Foi com alívio que tornou a adentrar o vilarejo de Coupvray com seu campanário de igreja cinza, a sinalização triangular com a instrução DEVAGAR — ESCOLA, as placas marrons indicando *GRUPO ESCOLAR FRANCIS E ODETTE TEYSSEYRE* ou *GINÁSIO DAVID DOUILLET* e, principalmente, aquele tímido raio de luz que insistia em furar o céu de algodão.

Diminuiu o passo, pegou o celular e ouviu os recados. Nada ainda. Nem de Lylie, nem de Nicole.

Sem parar de andar, ligou para Lylie. Amaldiçoou aqueles malditos sete toques!

— Lylie, é o Marc. A gente tem que conversar o mais rápido possível. Me ligue. Estou saindo da casa dos Carville. É isso mesmo que você ouviu. Da casa dos Carville. É importante, Lylie. Não tome nenhuma decisão sem falar comigo. Você é tão importante para mim…

Desligou murmurando para si mesmo, quase sem mover os lábios: — Deus, faça ela me ligar, por favor, faça ela me ligar…

Seguiu depressa e chegou à eclusa de Lesches. Os pescadores continuavam no mesmo lugar. A água do canal ainda fluía preguiçosamente. Ele percorreu os números gravados no celular.

Nicole.

No meio do segundo toque, uma voz rouca e conhecida atendeu: — Alô?

Ele respirou aliviado.

— Nicole, sou eu, Marc. Recebeu meu recado?

— Recebi, recebi… Acabei de chegar do cemitério. Ia ligar para você. Sobre o que me perguntou, meu filho, não tenho nada a dizer, você com certeza viu Lylie depois de mim, em Paris. Sabe, eu…

— Nicole, estou em Coupvray. Acabei de sair da casa dos Carville.

Silêncio. Orfeu na volta do inferno. Sem Eurídice.

Ele tinha de continuar. Sem hesitação.

— Nicole… Mathilde de Carville me deu um envelope para lhe entregar.

É… é uma análise do setor de criminalística da polícia de 1995. Um exame de DNA. Grand-Duc roubou sangue de Lylie.

— Marc, você não pode acreditar neles — suplicou ela. — Não depois de…

Ele a interrompeu.

— É você quem tem de abrir, Nicole. Foi o que ela me disse.

Um novo e demorado silêncio pontuou a conversa. Marc ouvia apenas a respiração roufenha de Nicole.

— Marc, o envelope está aí? Com você?

— Está.

— Descreva-o para mim.

Sem entender aonde a avó queria chegar, ele obedeceu: — Bom, é um envelope do tamanho-padrão. Azul-claro. Meio lilás. Como uma correspondência de hospital ou de laboratório.

— Você o abriu?

— Não! Eu juro, Nicole. Eu…

— Não abra de jeito nenhum, Marc! Pelo menos nisso Mathilde de Carville tem razão. Não abra esse envelope. Você tem que vir a Dieppe. Ir à casa dos Carville foi a pior das loucuras. Agora você tem que vir ao Pollet o quanto antes.

Nicole tossiu; parecia estar com dificuldades para falar. Tornou a tossir, para tornar a voz mais nítida.

— Marc, as coisas nunca são tão simples quanto a gente pensa. Não acredite em nada que os Carville tenham lhe dito. Eles não sabem de tudo, longe disso. Venha para cá depressa. Só espero que não seja tarde demais.

Marc teve a impressão de estar mergulhando de repente em um bloco de gelo, de estar se afogando na água escura do canal, irremediavelmente puxado em direção ao fundo.

— Tarde demais para quê, Nicole? Tarde demais para quem?

— Não perca mais tempo, Marc. Estou esperando.

— Nicole…

Ela havia desligado.

Atrás de uma coluna de cimento, afastado da multidão na Gare de Lyon, Marc consultou os horários dos trens em um papel que levava sempre na carteira: Paris-Rouen: 16h11 — 17h29 Rouen-Dieppe: 17h38 — 18h24

Ainda dispunha de mais de uma hora antes de pegar o trem em Saint-Lazare.

Assim, teria tempo de sobra para terminar de ler o caderno de Grand-Duc antes de chegar a Dieppe. Enquanto andava em direção ao metrô impelido pelo fluxo de passageiros, tentou recordar as últimas palavras lidas nas páginas arrancadas. O detetive estava no alto do Mont Terrible, em sua romaria anual. Fora surpreendido por uma tempestade. Havia procurado um abrigo, e então…

O metrô apareceu na plataforma. Uma jovem musicista entrou na frente de Marc ao mesmo tempo que lhe abria um sorriso radiante. Carregava nas costas um violão, e a ponta do *case* ultrapassava a altura de sua cabeça, como o tubo negro do adereço de uma bretã enlutada. Marc fingiu a indiferença blasée natural aos cidadãos trogloditas nos corredores subterrâneos das grandes capitais. Acomodou-se no fundo do vagão, apoiou-se na janela e concentrou-se no relato de Grand-Duc, primeiro nas derradeiras linhas escritas na última página rasgada, em seguida na continuação do relato.

Diário de Crédule Grand-Duc

A chuva forte não tinha mais nenhuma importância. Meu coração batia a ponto de rebentar. Avancei atordoado até a cabana bem na minha frente. Uma simples cabana de pastor, quase abandonada, mas cujo teto em ruínas me proporcionaria abrigo suficiente. No entanto, não fora a casa que atraíra meu olhar e, sim, o montinho de pedras bem ao seu lado: alguns pedregulhos amontoados, 30 centímetros por 50. Uma cruzinha de madeira estava fixada na frente. Ao pé dela, dentro de um vaso com terra, havia uma planta, um jasmim-amarelo que nem murcho estava.

Vocês podem imaginar como fiquei perturbado. Estava diante de um túmulo minúsculo!

Tentei argumentar comigo mesmo. Um pastor sem dúvida devia ter enterrado seu cachorro ali. Ou então uma ovelha, uma cabra ou qualquer outro animal. O que mais poderia ser?

Ainda chovia; embora tivesse me refugiado na cabana, eu precisava ficar colado à parede de madeira, pois a água se infiltrava pelas goteiras do teto. Não pude evitar pensar que o túmulo junto à cabana, fustigado pelo temporal, tinha mesmo o tamanho de um pequeno animal… mas também o de um recém-nascido.

A primeira coisa que fiz foi examinar a cabana enquanto esperava a tempestade passar. Não havia mobília, mas uma espécie de tronco comprido de árvore podia fazer as vezes de cama. Ao lado dele estava pousado um cobertor

cinza furado e embolado. Vestígios escuros de cinzas em uma espécie de cavidade na terra indicavam que alguém havia improvisado ali uma fogueira vários dias antes, ou mesmo semanas. O chão coalhado de lixo, latas de cerveja e guimbas mais ou menos antigas fornecia uma prova a mais de que a cabana devia servir de abrigo a algum sem-teto, ou de que os adolescentes das redondezas às vezes passavam a noite ali. O cheiro, misto de terra e urina, estava no limite do suportável.

O temporal só passou bem mais tarde, uma hora depois. Já estava escuro, mas, após tantos anos de romaria na montanha, eu ficara escolado: havia levado uma lanterna. Saí da cabana e, com os pés na lama, apontei-a para o túmulo. Algumas gotas de chuva ainda caíam. Avancei desconfiado: seriam as últimas antes do estio ou as primeiras de um novo toró? O feixe de luz varou a escuridão. A cruz era formada por dois simples galhos amarrados um ao outro. O barbante que os prendia parecia um pouco gasto. Um ano ou dois, no máximo?

Apontei o facho da lanterna para a flor. Não era um profundo conhecedor, mas havia poucas chances de que o jasmim fosse uma planta perene, principalmente com uma temperatura daquelas. Alguém, portanto, havia posto aquele vaso diante do túmulo pouco tempo antes, alguns meses, no máximo.

Foi difícil ir mais longe nessa noite, no breu. As árvores gotejavam pérolas de gelo. A temperatura começou a cair depressa. Apenas com a luz da lanterna, eu precisaria de umas boas duas horas, talvez mais, para descer ali do alto. Mesmo assim, fiquei. Vocês já estão começando a me conhecer! Revirei algumas pedras aqui e ali para tentar descobrir o que aquele montinho poderia estar escondendo.

Aparentemente nada, apenas terra. Teria sido preciso voltar com uma pá e procurar, pois eu não podia cavar com as mãos.

Vocês já devem ter entendido que nem por isso desisti: com uma das mãos, comecei a erguer as pedras, uma a uma, enquanto usava a outra para iluminar com dificuldade o meu trabalho. Dez minutos depois, troquei de mão. Sentia-me um ladrão de túmulos, uma espécie de morto-vivo que deveria arregimentar um cadáver para a sua seita em uma noite de tempestade. Um cachorro, uma cabra, um bebê humano… pouco importava.

Não encontrei nada além de pedras e terra molhada. Tornei a arrumá-las sem muito cuidado.

Passava da meia-noite quando cheguei ao meu BMW e ainda levei mais de uma hora até a pensão de Monique Genevez, às margens do rio Doubs, a 20 quilômetros por hora; a força do temporal havia redobrado, e uma espécie de neve derretida e pegajosa caía do céu. Eu estava encharcado, atordoado, enlameado. Meus dedos sangravam. Demorou dez dias para me curar do

resfriado que peguei naquela noite… e tudo por umas poucas pedras. Um túmulo de cachorro! E eu nem sequer chegara a desenterrar o animal. Aquela investigação estava me deixando maluco. Antes de dormir, para me acalmar, tomei três copos do *vin de paille* da dona da pensão.

No dia seguinte, tornei a conversar com o engenheiro do Departamento de Águas e Florestas que trabalhava na reserva, Grégory Morez, que tinha físico de lenhador e beleza digna de astro de um filme de Hollywood rodado nas montanhas Rochosas. Havia muitos anos que ele percorria o Mont Terrible e arredores ao volante de seu 4x4, e teoricamente deveria conhecer bem a cabana e o túmulo.

Morez pareceu ao mesmo tempo espantado com a minha pergunta e decepcionado por não ter nenhuma resposta satisfatória para me dar. Sim, ele conhecia a cabana; de vez em quando servia de refúgio para os sem-teto ou adolescentes que ele perseguia como podia. Quanto ao túmulo, nunca tinha prestado atenção, mas sem dúvida era de algum cachorro. Nas montanhas do Jura, era comum enterrar cães sob montinhos ou pilhas de pedra, balizadores ao longo das trilhas.

Hesitei em subir até o alto do Mont Terrible armado com uma pá e vasculhar o túmulo. O tempo nesse dia estava ainda pior do que na véspera, com alguns graus a menos e a mesma chuva misturada com neve. Duas a três horas de caminhada a troco de quê? Já havia passado alguns bons minutos arranhando o chão daquele túmulo na noite anterior.

Que relação poderia existir entre a cabana, o monte de pedras e a minha investigação?

Nenhuma, claro.

Acabei indo tomar um café em Indevillers, o povoado mais próximo, e esperei meia hora para ver se o tempo melhorava. Nada. No final da manhã, a neve começou a cair com vontade na crista da montanha. Voltei direto para Paris.

Mais um beco sem saída em minha investigação, pensei; mais uma pista que teria feito Nazim morrer de rir se eu tivesse lhe contado.

Imaginem, desenterrar um cachorro!

Eu ainda não sabia, mas nesse dia, 23 de dezembro de 1986, cometi um erro. Talvez o único em dezoito anos de investigação, mas, meu Deus, que erro! Poderia encontrar todas as desculpas do mundo para mim mesmo. A neve, o frio, o cansaço, a falta de sorte, o sarcasmo de Nazim; de que adiantaria?

Naquela manhã, eu, Crédule Grand-Duc, o meticuloso, o obstinado, desisti; faltou-me coragem, não segui a pista até o fim. Foi só dessa vez, garanto. E foi também a única que não poderia ter deixado passar…

Mas estou me antecipando de novo. Perdoem-me. Estávamos, portanto, em

1986, e o preço da pulseira havia subido para 60 mil francos. Nenhum cliente em vista ainda. Continuei a trabalhar no caso de forma obstinada, tentando impedir o aparecimento dos primeiros indícios de cansaço por meio de um planejamento metódico das investigações. Passei uma longa temporada no Québec, em Chicoutimi, para conhecer os avós maternos de Lyse-Rose, os Bernier — sem resultados.

Uma das alternativas do meu planejamento era me aproximar dos Vitral. E não era das mais desagradáveis. Lylie agora tinha quase 6 anos; Marc, 8. Passei o 21 de junho de 1986 com eles. Fazia um calor terrível. Foi um dos primeiros anos do festival de música local, e Lylie tocou duas melodias no piano com a orquestra de Dieppe em um quiosque montado para a ocasião no passeio à beira-mar, em frente à piscina. Radiante, com seu belo vestido verde e seus cabelos louros encaracolados, era de longe a mais jovem do grupo. Em seguida, fomos lanchar no furgão. A noite estava movimentada. Nicole me pareceu mais exultante do que nunca, muito orgulhosa da neta no tablado. Muito bonita, também, e quase feliz pelo tempo que durou a sonata de Chopin. Não consegui desgrudar os olhos dela, mas Nicole nem reparava, pois tudo o que conseguia ver era o palco sobre o qual Lylie triunfava. O jaleco manchado não tentou esconder a curva dos seios sob a blusa fina nem uma vez sequer.

Um pouco mais tarde, estávamos no gramado, e Lylie devorava um crepe sentada no meu colo.

Perguntou como eu me chamava.

— Crédule!

— Crédule, cara de bule!

E assim fui chamado até o fim daquela noite. Crédule, cara de bule. Será que ela ainda lembra? De detetive particular e ex-mercenário, eu havia me transformado em bule para uma menininha.

Marc, por sua vez, queria voltar para o Pollet e para a casa da Rue Pocholle. Sem demora! Era dia das quartas de final da Copa do Mundo, França x Brasil. Ele não precisou insistir, pois eu também queria assistir ao jogo e, no fundo, fazer isso na companhia de Marc me deixava feliz. Nicole concordou que eu levasse o menino para o Pollet enquanto ela ficava na praia com Lylie.

Que noite incrível…

Quando Platini empatou a partida logo antes do intervalo, depois de Stopyra dar um discreto pisão no goleiro do Brasil, Marc e eu nos abraçamos. O menino apertou com força minha coxa quando Joël Bats defendeu o pênalti de Zico com a mão trocada a quinze minutos do fim — uma obra-prima. E nós dois gritamos juntos quando o filho da mãe do juiz não deu a falta em Bellone, em plena pequena área, durante a prorrogação. Quando Luis Fernández converteu o último

pênalti, saímos juntos à rua e fomos arrastados para uma festa com os vizinhos como eu nunca tinha visto na vida.

1986.

Crédule, cara de bule.

A França na semifinal contra a Alemanha!

Nada disso tinha mais grande coisa a ver com a investigação, reconheço.

Mas será que ainda havia algo a descobrir?

Em 1986, eu já não acreditava muito nisso.

32

2 DE OUTUBRO DE 1998, 13H41

De seu posto de observação, Ayla Ozan via toda a propriedade da Roseraie. Havia se escondido dentro do bosque de Coupvray. Passando o Chemin des Chauds-Soleils, seguira discretamente uma trilha que subia entre as árvores. Dali, escondida atrás de um tronco, poderia acompanhar todas as idas e vindas na casa dos Carville.

Por enquanto, nada se mexia na propriedade, nem mesmo o velho Carville debaixo de uma árvore no meio do gramado, como uma espécie de escultura moderna num parque público. Só faltava a hera subindo pelas pernas e o líquen nas rodas da cadeira.

Ela havia inspecionado os arredores, as ruas e os caminhos. Nenhum sinal do Xantia azul. Por outro lado, não tivera a menor dificuldade para localizar o Rover Mini de Malvina estacionado quase em frente à Roseraie. O mesmo carro que estivera parado na Rue de la Butte-aux-Cailles algumas horas antes.

Nem Crédule nem Nazim estavam ali, portanto. Ayla hesitou. Deveria esperar ali mesmo assim, só para garantir? Tocar a campainha dos Carville e entrar? Encontrar a tal Malvina e dar um jeito de fazê-la falar, perguntar-lhe o que estava fazendo em frente à casa de Grand-Duc? Perguntar-lhe se havia cruzado com Nazim?

Continuava a sentir o frio da lâmina da grande faca de cozinha encostada na coxa. Ah, sim, gostaria muito de ter um tête-à-tête com aquela tal de Malvina. O colchão de folhas mortas farfalhou suavemente sob a sola de seus sapatos. Então, mudou de ideia: entrar em contato com os Carville era a última coisa a fazer!

Depois de muito pensar e repensar no assunto, chegara à conclusão de que a melhor solução seria procurar a polícia. Dizer com toda a simplicidade do mundo que seu marido, Nazim Ozan, não dava notícias havia dois dias. Os policiais dispariam um aviso de busca. Talvez não fosse tarde demais.

Talvez, no final das contas, não lhe fizessem perguntas. Caso fizessem, e caso ela sentisse que isso poderia ajudar a encontrar Nazim, então, sim, ela não hesitaria em revelar tudo o que sabia.

No fim das contas, seu testemunho acabaria auxiliando o marido. Ele não é o único culpado, diria à polícia. Eles entenderiam. Nazim também entenderia. Tudo que importava agora era encontrá-lo.

Ela tornou a olhar na direção da Roseraie. Queria mesmo era que a garota

saísse, a tal Malvina. Então a encurralaria, encostaria a faca em sua garganta e diria que, se ela não abrisse a boca, iria cortá-la em tiras feito uma peça de carne para kebab. A garota contaria tudo. Era louca, não suicida.

Só que continuou sem encontrar nenhum sinal da tal criatura, fora o carro.

Hesitou. Já fazia uma hora que estava esperando.

Paciência. Era preciso ir embora; tinha que falar com a polícia.

Ayla se levantou.

O tiro explodiu em seus ouvidos.

Por instinto, ela mergulhou entre as folhas. Teve a impressão de cair sobre um tapete felpudo. Soltou a respiração que havia prendido. Não fora atingida. Calculou que tivessem disparado a menos de 50 metros de onde ela estava.

Teria sido ela o alvo, ou apenas entrara em pânico? Seriam caçadores? Devia haver muitos naquela floresta, naquele subúrbio chique; talvez caçassem até a cavalo.

O que fazer?

Gritar. Urrar. “Ei, tem gente aqui!”

Avisar aos caçadores?

Avisar ao assassino, talvez…

Ou então rastejar e tentar chegar à trilha, algumas centenas de metros mais abaixo. Lá, perto das casas, estaria em segurança.

Aguardou, com os ouvidos atentos a qualquer ruído no bosque. A adrenalina que tomava conta dela a fez se lembrar de quando fugira dos generais da Turquia, com o pai, escondida durante várias horas sob o fundo falso de um caminhão. Ainda recordava o barulho das botas nas ripas do piso, na fronteira, poucos centímetros acima de onde ela estava deitada, com a boca tapada pela mão do pai.

Todos os seus sentidos estavam em alerta.

Agora, nenhum outro ruído atravessava o bosque a não ser o vento nas árvores e nas folhas.

Aguardou por vários minutos, que lhe pareceram horas.

Nada. Um bosque calmo. Tranquilo.

Levantou-se devagar, examinando as sombras das árvores e o vento nas folhas.

Ninguém.

Estava outra vez sozinha ali. Sem dúvida havia escutado um tiro. Talvez houvesse sido disparado longe dela, do outro lado da floresta, e o eco tivesse amplificado o barulho. Decididamente, estava nervosa demais; era preciso ir à delegacia custasse o que custasse, o quanto antes.

Deu um passo devagar, ainda desconfiada. Apoiou a mão na árvore mais próxima.

A bala estava cravada no tronco.

Ayla contraiu a mão subitamente gelada sobre a casca.

O alvo tinha sido ela.

Ouviu a detonação um décimo de segundo antes de sentir o ombro explodir com o impacto. Desabou no chão. Sentiu a clavícula se rasgar uma segunda vez ao se chocar violentamente com a terra. A dor a fez urrar. Sem conseguir se virar, rolou de bruços. Toda a parte superior de seu corpo se recusava a lhe obedecer, rígida, paralisada pela dor. Tentou em vão se levantar usando apenas a força do braço intacto, como uma criança de poucos meses caída de barriga para baixo.

Suas pernas se agitaram, os pés buscaram apoio para se arrastar, afastar-se dali. Encontraram apenas uma camada de folhas amareladas que seus esforços desesperados fizeram voar. Era como se tentasse nadar em uma piscina de penas.

A dor a prendia ao chão, mas ela precisava se afastar.

Ouviu passos se aproximando. O barulho sinistro e cada vez mais nítido de folhas amassadas.

Depois, mais nada.

Ele estava ali. Tinha acabado.

Ayla não sofria mais. Sentia apenas o leito de folhas mortas lhe acariciar o rosto, o pescoço, os braços. Queria morrer com aquela sensação, com aquele afago. Não eram mais as folhas que roçavam seu corpo desnudo: era o bigode de Nazim. Seu bigodão carinhoso, suave, desavergonhado. Pensou na casa de Antioquia, a que ela queria comprar com Nazim, no seu lar, seu país, do qual fugira nos braços do pai tanto tempo antes.

O ruído seco do cão puxado de um revólver rompeu o silêncio. Ayla fez um último esforço para se virar, para ver.

Para conhecer seu assassino.

Pressionou o chão com o braço intacto.

Essa última vontade não lhe foi concedida.

No instante seguinte, a bala lhe atravessou a nuca.

33

2 DE OUTUBRO DE 1998, 14H40

CONCORDE. BALDEAÇÃO

Marc guardou o caderno na mochila com um gesto mecânico. A garota sorridente com o *case* de violão nas costas também saltou. Os dois caminharam lado a lado pelo corredor, quase se tocando, constrangidos como dois estranhos que se veem reunidos na intimidade de um elevador.

No chão frio, uma mulher toda encolhida parecia rezar a algum deus dos infernos. Não tinha nenhuma criança, nenhum animal, nem música, papelão rasgado, recado ou explicação, apenas um rosto invisível escondido entre dois joelhos e um pratinho branco. Vazio. A multidão desviava da pedinte, evitava-a, passava por cima dela. Sem pensar ou mesmo diminuir o passo, Marc pegou uma moeda no bolso e a atirou dentro do prato. A moça do violão lançou-lhe um olhar surpreso, dando a entender que, aos seus olhos, Marc acabara de passar do status de “babaca apressado de cara amarrada no metrô” ao de “rapaz muito mais interessante do que parece, mas que infelizmente não presta atenção em nada”.

Alguns metros mais à frente, o corredor se dividiu em dois. Ainda perdido em pensamentos, Marc dobrou à direita para pegar a linha 12 em direção a Porte de la Chapelle. A moça do violão virou à esquerda para pegar a linha 7 em direção a La Courneuve, diminuindo só de leve o passo para ver o louro alto, bonito e melancólico se afastar.

MADELEINE

O metrô estava se aproximando de uma das estações de trem mais movimentadas de Paris. Não era ainda o horário de pico, mas quase. A multidão nas plataformas e vagões ficou bruscamente mais densa.

Impossível ler nessas condições.

SAINT-LAZARE

O vagão se esvaziou a uma velocidade vertiginosa. Marc ainda se espantava ao ver a correria dos passageiros pela estação de trem de Saint-Lazare: aquela gente que se apressava e trombava nos mais lentos, ignorando escadas rolantes abarrotadas e subindo de quatro em quatro os degraus das escadas vazias, acelerando mais ainda sempre que um túnel comprido e reto o permitia. Será que aquelas pessoas corriam assim contra o relógio por causa de alguma urgência excepcional, ou o faziam todos os dias, de manhã e à noite, por simples hábito, como outros praticavam jogging sob os plátanos?

Tinha lido pouco tempo antes a história de um sujeito, um dos maiores violinistas do mundo, cujo sobrenome russo ele já não conseguia recordar, que um belo dia decidira tocar por várias horas em um saguão de metrô. Sem cartaz nem anúncio oficial, apenas se instalara anonimamente no corredor e pegara o violino. Embora lotasse salas no mundo inteiro durante noites a fio e os ingressos para ter o privilégio de ouvi-lo fossem disputados a centenas de francos, nesse dia ninguém ou quase ninguém parou para escutá-lo. Nenhum daqueles sujeitos engravatados sequer diminuiu o ritmo ao passar por ele correndo rumo ao trem, e talvez naquela mesma noite, ou naquele fim de semana, tivessem corrido também para chegar a tempo no espetáculo de um músico famoso que não se podia perder por nada.

Pela primeira vez desde o início daquele dia, Marc se permitiu relaxar um pouco. Andou tranquilamente até o saguão principal da estação. Milhares de pessoas aguardavam no hall imenso, em pé, paradas, com os olhos erguidos para o céu qual uma plateia que espera, em frente ao palco, a aparição de um astro do rock mundial. Só que elas não estavam encarando refletores e, sim, os monitores luminosos que indicavam a plataforma dos trens, ou melhor, que não a indicavam com antecedência suficiente, e os passageiros iam se acumulando mais e mais a cada minuto.

O Corail, que fazia a linha Paris-Rouen, era um dos trens cuja plataforma ainda não fora anunciada.

Marc atravessou o hall inteiro, abrindo caminho em meio à floresta de viajantes petrificados, e foi se acomodar no terraço do restaurante self-service da estação. Pediu um suco de laranja a um garçom afobado que quis receber na mesma hora, como se ele fosse fugir com o copo na mão. Pegou o celular.

Sua trégua foi efêmera: ele xingou um “puta que pariu” que se perdeu no burburinho da estação.

Lylie tinha ligado!

É claro que enquanto ele estava debaixo da terra, como se Lylie o seguisse a

cada passo por Paris e só esperasse ele mergulhar nos corredores subterrâneos para lhe deixar recados… sem falar com ele!

Marc levou o telefone à orelha para escutar o recado. Mal dava para ouvir, pois Lylie sussurrava mais do que falava: “Marc, é a Émilie. O que você foi fazer na casa dos Carville, meu Deus? Confie em mim, Marc, amanhã vai estar tudo terminado. Aí eu lhe explico tudo. Se você me ama tanto quanto diz, vai me perdoar.”

Ele permaneceu imóvel por um instante, com o celular ainda grudado à orelha.

Confiar.

Perdoar.

Esperar?!

Nunca, jamais! Lylie estava lhe escondendo alguma coisa, e tudo iria se desenrolar nas horas seguintes, aquela famosa viagem sem volta que só ele poderia impedir. Tornou a escutar o recado. Um detalhe o intrigava.

“Marc, é a Émilie…” Pressionou o alto-falante junto à orelha direita e tapou a outra com o dedo.

Precisava ouvir direito — algo particularmente complicado na estação lotada.

“Vai me perdoar.”

Ouviu o recado pela terceira vez. Não estava mais interessado no que Lylie dizia, mas, sim, no que podia escutar ao fundo. O barulho estava um pouco distante, um pouco abafado, mas na terceira vez ele teve quase certeza. Ainda assim, ouviu o recado uma última vez, por precaução: por trás da voz de Lylie, pôde distinguir com nitidez o som de várias sirenes de ambulância.

Guardou o celular no bolso e bebeu metade do suco de laranja enquanto tentava raciocinar. Só havia duas explicações possíveis. Lylie estava perto do local de um acidente, na rua ou em outro lugar. Ou então ela estava… em frente a um hospital ou a uma clínica. Em todo caso, aquilo era uma pista, a primeira!

Marc esvaziou o copo e continuou a pensar. Procurar o local em que um acidente houvesse acabado de acontecer em Paris era burrice: a área seria liberada rapidamente, e Lylie não ficaria lá; seria impossível encontrá-la desse jeito. Por outro lado, na hipótese de um hospital… Sem dúvida havia muitas dezenas de endereços em Paris, mas era a única pista.

Pousou o copo vazio sobre a mesa de alumínio. O garçom correu para recolhê-lo, como para informar a Marc que seu tempo de permanência no bar estava esgotado. O rapaz não reagiu; outra pergunta o atormentava: por que um hospital? O que Lylie estava fazendo lá? A primeira imagem que lhe ocorreu foi de Lylie ferida. Levada às pressas para uma sala de cirurgia, com um enxame de

enfermeiros de uniforme ao seu redor…

A grande viagem. Ela havia tentado se matar! Não tinha esperado o dia seguinte.

O que fazer?

Seu coração batia a ponto de arrebentar.

Ligar para todas as clínicas, para todos os hospitais de Paris?

Por que não?

Pela terceira vez nesse dia, ligou para Jennifer, sua colega na France Telecom, que lhe transmitiu sem demora, por meio de uma série interminável de dezoito mensagens de texto, a lista dos números de telefone que ele queria: 158 clínicas e hospitais dentro de Paris.

Só isso!

Marc passou mais de meia hora bancando o telefonista. Sempre com o mesmo ritual: “Bom dia, gostaria de saber se uma moça chamada Émilie Vitral deu entrada aí hoje. Não, não sei em que setor…

Pronto-socorro, talvez?”

Cada ligação durava de alguns segundos a poucos minutos. A resposta era sempre a mesma, com poucas variações: “Não, senhor, não temos ninguém com esse nome. Tem certeza de que o nome é esse?” No vigésimo número da lista, Marc parou. Telefonar para os 158 estabelecimentos demoraria uma eternidade. Estava consciente de que perdia horas preciosas correndo atrás de um indício tão pequeno: algumas sirenes de ambulância. Que poderiam muito bem ter passado correndo por qualquer rua bem no momento em que Lylie tinha ligado…

O garçom já tinha aparecido três vezes para perguntar se ele desejava mais alguma coisa. Marc pedira outro suco de laranja, sem convicção, só para ganhar tempo. Nem tocara na bebida. Seria aquela a sensação que Grand-Duc tivera durante tantos anos? Seguir de forma obsessiva por um caminho que se sabe ser falso desde o início? Agarrar-se à chama de um fósforo em uma noite de tempestade?

Ergueu os olhos para o quadro que indicava as partidas dos trens. Nenhuma informação ainda sobre o Paris-Rouen. Tudo estava acontecendo depressa demais, pensou ele. Aqueles ruídos de sirene. Aquele envelope azul dentro do seu bolso que, no fim das contas, bastaria abrir, apesar das recomendações de Mathilde de Carville e da promessa feita à avó. E aquele caderno, as confidências de Grand-Duc, aquele suspense doentio que o detetive gostava de manter… e que o havia encurralado.

Esvaziou o copo de suco de um só gole. O garçom veio correndo, armado com um pano de prato para limpar a mesa, quase esboçando um sorriso de alívio. Como para desafiá-lo, Marc tirou da mochila o caderno verde.

Diário de Crédule Grand-Duc Em 1987, a pulseira havia alcançado o valor de 75 mil francos. Dá para imaginar? Era uma fortuna na época, mesmo para uma peça da joalheria Tournaire. Minha investigação, por sua vez, estava se tornando absolutamente morosa. Não havia nenhuma pista nova, e eu me contentava em reexaminar as antigas, lendo e relendo dez vezes os mesmos documentos.

Fiz algumas viagens à Turquia só para manter as aparências. O hotel Askoc, o Chifre de Ouro, os vendedores de tapetes, o crepúsculo sobre o Bósforo… todo o "Mistery Tour de Lylie": bastava seguir o guia. Também fiz outra visita à casa dos Bernier, no Québec, a 15 graus abaixo de zero! Em vão.

Voltei a Dieppe também. Duas vezes, acho, uma com Nazim. São boas lembranças. É um pouco por isso que as estou relatando. E um pouco também porque é importante que vocês entendam o que aconteceu com Lylie. Psicologicamente falando, digo. Seu ambiente, o determinismo, criação *versus* biologia, essa baboseira toda. Estou lhes dando os detalhes para que vocês possam tirar as próprias conclusões. Se quiserem formar uma opinião própria, isso é importante.

Foi em março de 1987. Fazia um tempo horrível. Pelo que nos disse Nicole Vitral, havia quinze dias que chovia sem parar em Dieppe, com ventos de mais de 60 quilômetros por hora. O passeio à beira-mar estava deserto. Nicole tossia a cada fim de frase. Qualquer esforço era uma tortura para os seus pulmões.

Nazim estava feliz. Gostava de visitar Dieppe. Gostava de chuva. Gostava de Marc também, ainda que o menino tivesse certo medo dele. Nazim não tinha filhos; eu, tampouco. Mas ele pelo menos tinha mulher! A bela Ayla, de curvas tão roliças quanto seus kebabs. Evidentemente, ele torcia para a seleção turca de futebol. Marc gozava da cara dele: alguns anos antes, durante as eliminatórias para a Copa do Mundo, a Turquia havia perdido da Inglaterra por 8 a 0! "Um placar de totó", dizia o menino, rindo.

Para mostrar a ele que não guardava rancor, Nazim lhe levara de presente uma camisa do Dündar Siz, volante esquerdo do Galatasaray, time do bairro "gaulês" de Istambul. Esse nome decerto não significa nada para vocês. Mas tentem traduzi-lo para o francês… Entenderam? Trata-se de Didier Six. No ano seguinte, o jogador francês tivera de se naturalizar turco para levar o Galatasaray ao título. Didier Six…

como é que alguém pode tê-lo como ídolo? Um cara que passou a vida inteira repetindo um drible: fingindo ir para a lateral e fintando para o outro lado. Um cara que mandou um pênalti nas mãos do goleiro em Sevilha, em 1982, na semifinal da Copa contra a Alemanha. Na época, ele jogava no Stuttgart, aquele vendido… Pessoas já foram fuziladas por menos!

E Nazim, cinco anos depois, não conseguia inventar nada melhor para dar de presente a Marc do que uma camisa do Dündar Siz! A camisa de um traidor, que vivia exilado com um nome falso! Um exemplo e tanto para a juventude. O menino, jovem e ingênuo, vestiu-a sem hesitação. É claro: não tinha vivido o ano de 1982 nem a noite em Sevilha, o trauma de toda uma geração.

Já a pequena Émilie não estava nem aí para isso tudo. Nesse dia de março de 1987, ela desafiava o vento e a chuva. Tinha vestido uma capa lilás fluorescente com um capuz que lhe engolia o rosto inteiro e do qual apenas os cabelos louros despontavam. Usava galochas da mesma cor e saltava nas poças junto ao meio-fio da Rue Pocholle. Estava correndo atrás dos gatos! Nicole, à beira das lágrimas de tanta emoção, me explicou por quê.

Émilie tinha 7 anos, começara o primário havia seis meses, sabia ler e já devorava os *Contos do gato no poleiro*, de Marcel Aymé. Os contos vermelhos. Delphine e Marinette, os animais falantes da fazenda.

— Os *Contos do gato no poleiro*! — me dizia Nicole, incrédula. — Aos 7 anos de idade! No primeiro ano do primário! Sabe o que é isso, Crédule?

Devia haver menos de vinte livros dentro de sua casinha de pescador, e aquele era o único infantil.

Que relação isso tem com os gatos da rua?, vocês vão perguntar. Estou chegando lá. Émilie tinha adorado a história do gato de fazenda que, para chatear os outros, todos os dias ao fazer sua toalete, passava a pata atrás da orelha, o que sempre chamava a chuva. Semanas de dilúvio apenas por causa do mau humor do gato e de seu temperamento malvado, até os donos da fazenda decidirem se livrar dele… e Delphine e Marinette conseguirem salvá-lo no último instante. Para Émilie, a dedução era lógica: se o dilúvio castigava Dieppe havia duas semanas com chuva, vento, granizo e seixos voadores, era tudo culpa dos gatos do bairro, que também deviam estar passando a pata atrás da orelha. Só havia uma solução possível: convencê-los a fazerem sua toalete de outra forma. Todos os gatos do Pollet. Dá para imaginar uma coisa dessas? Em um bairro de pescadores! Émilie passava horas chegando perto dos gatos, capturando-os e lhes explicando com voz mansa que, por causa deles, sua avó Nicole não podia trabalhar. E que eles também, que tanto amavam o sol, não podiam sair à rua para ir se bronzear no asfalto.

A menina tinha tentado convencer a mim e Nazim a sairmos debaixo da chuva para pegar os gatos.

Para lhes meter medo! Alguns não a escutavam. Principalmente os selvagens.

— Vamos lá, Crédule, cara de bule, venha! Venha, Bigode, venha comigo!

E nos puxava com sua mãozinha. As gotas escorriam por sua capa de chuva.

Nazim dava sonoras gargalhadas, mas continuava abrigado em frente a um café. Eu também. Somente Marc, do alto de seus 8 anos, acabava cedendo e saindo sob a chuva forte. Usando a camisa turca de Didier Six, folgada demais para ele, por baixo do sobretudo marrom. Encharcado, quase transparente.

Tão transparente quanto Dündar Siz, isolado na lateral esquerda no estádio Parc des Princes.

Talvez eu os esteja cansando com minhas lembranças melosas. Entendo. O que lhes interessa é a investigação… somente a investigação. Já vou chegar lá. Apesar de tudo, não tinha desistido. Vocês vão ver, não vão se decepcionar. No dia 22 de dezembro de 1987, como em todos os anos, fui fazer minha romaria ao Mont Terrible. Cheguei à noite às margens do Doubs para deixar minha bagagem. A dona da pensão, Monique Genevez — mulher um tanto robusta e encantadora com um sotaque da região da Franche-Comté tão carregado que quase me lembrava o dos nativos do Québec, reservava sempre o mesmo quarto para mim, o número 12, com vista para o Mont Terrible, e deixava maturando com um bom mês de antecedência o queijo *cancoillotte* que me servia com seu vinho D'Arbois. A investigação se arrastava, minha neurose já se intensificava…. Eu bem que tinha direito a algumas compensações.

Nesse dia, portanto, Monique estava me esperando no final da estradinha e nem sequer me deu tempo de estacionar o carro.

— Sr. Grand-Duc, tem uma pessoa aqui à sua procura!

Encarei-a, estupefato. Ela insistiu: — Faz duas horas que ele chegou. Telefonou várias vezes no mês passado, queria encontrá-lo, eu disse que o senhor chegaria, como todos os anos, no dia 22 de dezembro à tarde. Acho que tem a ver com a investigação.

Animadíssima, Monique me disse isso como se fosse Miss Moneypenny falando com James Bond.

Espantado e empolgado, entrei rapidamente na sala da pensão. Um cinquentão bem conservado trajando um longo e escuro sobretudo de inverno me aguardava lendo folhetos sobre a região. Levantou-se e veio na minha direção.

— Augustin Pelletier. Há meses estou querendo encontrá-lo, Sr. Grand-Duc. Li por acaso um anúncio seu no *L'Est Républicain*. Pensava que todas as investigações sobre o acidente no Mont Terrible já estivessem encerradas há muito tempo… mas parece que o senhor continua a procurar pistas. Talvez possa me ajudar.

Minha esperança era que fosse justamente o contrário, que ele me ajudasse, mas enfim… Augustin me pareceu um homem equilibrado, do tipo executivo de empresa, com uma noção bem clara de responsabilidade. Não alguém que inventasse histórias.

Acomodei-me ao seu lado no hall da pensão. Pela grande janela que ia do chão ao teto, podíamos admirar toda a cresta do desfiladeiro, inclusive o Mont Terrible, que nesse ano ainda não estava coberto de neve.

— Farei o possível, Sr. Pelletier. Estou surpreso com o seu pedido.

— É uma história antiga, Sr. Grand-Duc. Vou direto ao ponto. Estou procurando meu irmão Georges.

Georges Pelletier. Ele sumiu já faz muitos anos. O último rastro que tenho dele é de dezembro de 1980.

Na época, vivia como eremita em uma pequena cabana no Mont Terrible, não muito longe do local em que o Airbus caiu.

34

2 DE OUTUBRO DE 1998, 15H09

Marc ergueu os olhos. As letras luminosas do quadro de horários se embaralharam como as de um jogo de caça-palavras eletrônico.

Paris-Caen. Plataforma 23.

Boa parte da multidão, até então parada no saguão, se encaminhou às pressas para o local indicado, qual uma profusão de grãozinhos coloridos que cai pelo gargalo de uma ampulheta. Marc ficara sabendo que cabiam mais de mil pessoas dentro de um trem. A população média de um vilarejo importante. Não era de espantar, portanto, que houvesse tanta gente ali no saguão: bastava dois ou três trens se atrasarem para que milhares de pessoas se aglomerassem.

Como os passageiros do Paris-Rouen, cuja plataforma ainda não fora indicada. Marc olhou para o celular; precisava continuar ligando para as clínicas, seguindo a única pista que tinha para encontrar Lylie, por mais ínfima que fosse. Sua mão hesitou entre o celular e o caderno verde, mas a curiosidade venceu. Mais uns poucos minutos não fariam mal, o tempo de ler algumas páginas. Teria Grand-Duc encontrado mesmo uma testemunha do acidente no Mont Terrible?

Diário de Crédule Grand-Duc

As nuvens estavam vindo da Suíça. Isso era relativamente raro. Após anos de experiência, estava começando a dominar a meteorologia do Haut-Jura.

— Georges é meu irmão mais novo — explicou Augustin Pelletier. — Sempre foi mais frágil do que eu.

Tem uma personalidade complicada. Nós éramos muito diferentes. Ele começou a fugir de nossa casa em Besançon antes mesmo de completar 14 anos. Ficava perambulando com as gangues do bairro. A polícia o devolvia a meus pais. Até que não houve outro jeito: ele acabou pegando dois anos em um centro de correção juvenil.

Eu tamborilava nos braços da poltrona. Aonde Augustin estaria querendo chegar?

— Já estou chegando ao episódio no Mont Terrible, Sr. Grand-Duc — disse ele, que devia ter percebido a minha impaciência. — Não se preocupe. Aos 16 anos, Georges saiu de casa de vez. O senhor já deve imaginar como foi. Passou a dormir na rua, bebia, se drogava… Traficava um pouco também. Nada muito grave. Tinha virado um mendigo. Hoje em dia se diz sem-teto. Junto com alguns outros, era conhecido em Besançon. Meus pais desistiram dele. Eu também: na época, tinha um trabalho e uma mulher que não queria mais ouvir falar no meu irmão; o senhor pode imaginar o que é isso, não é? Nada fácil convidar um drogado para a ceia de Natal…

Meus dedos continuavam a dançar sobre o braço da cadeira, mas Augustin já não prestava mais atenção, ou fingia não prestar.

— Fui levando como pude — prosseguiu ele. — Mantinha uma espécie de vínculo indireto com ele, pelos serviços sociais e também pela polícia. Georges não queria ajuda. Sempre que lhe estendi a mão, levei um tapa, digo, no sentido figurado, se é que o senhor me entende.

Eu entendia. E estava pouco ligando. Deixei transparecer isso. Vá direto ao ponto, Augustin.

— Estou chegando lá. Nós sempre tínhamos notícias de Georges, depois de intervalos mais ou menos longos nos quais ele sumia. Em maio de 1980, perdi seu rastro de vez. Na época, ele estava com 42 anos e aparentava pelo menos quinze a mais. Não deu mais nenhuma notícia durante oito anos.

Não aguentei mais. As nuvens brancas da Suíça se agarravam à linha da cresta, brincando de esconde-esconde com o Mont Terrible.

— Sr. Pelletier… o que isso tem a ver comigo? O que tem a ver com o acidente do dia 23 de dezembro?

— Estou chegando lá. Estou chegando. O senhor nem imagina como fiquei louco de preocupação.

Sem notícia nenhuma. Fiz minha própria investigação junto aos sem-teto de Besançon. Não foi nada fácil… Bem, vou poupá-lo dos detalhes: eles acabaram me dizendo que Georges tinha ido embora.

Estava de saco cheio da rua. E, principalmente, havia muita gente em Besançon atrás dele. Coisas de traficantes, entende? E gente da polícia também, sabe?

Eu sabia.

— Eles me disseram que, da última vez que Georges dera notícias, estava morando em uma cabana no meio do mato, na montanha, perto da fronteira com a Suíça. Mont Terrible era o nome do lugar. Na época, tinham falado muito nesse

local por causa do acidente. Então, essa foi a última vez que ouvi falar do meu irmão. Já faz quase sete anos. Passei meses procurando por ele, sem sucesso. Desde então, meio que abandonei a busca, e também a esperança de revê-lo algum dia. Mas, quando li os seus anúncios, tantos anos depois, tive um choque! Pensei: por que não? Se alguém continua querendo entender o que aconteceu lá em cima naquela noite, talvez indiretamente tenha topado com algum sinal do meu irmão.

Augustin tinha terminado o seu discurso. Minhas mãos agarravam os braços da poltrona como as de um capitão que segura o leme de seu veleiro de três mastros. Meus olhos buscaram o horizonte através da janela; os cumes arredondados lá do alto agora se perdiam no meio da névoa. E se o tal Georges estivesse dormindo na famosa cabana na noite de 22 para 23 de dezembro de 1980? E se o tal Georges fosse aquilo que eu nunca imaginara encontrar, que nem sequer tentara encontrar em sete anos de investigação?

Uma testemunha!

Uma testemunha ocular do desastre. E se Georges tivesse sido o primeiro a chegar à cena da tragédia?

E se tivesse sido o primeiro a encontrar, ao lado da neném sobrevivente, a famosa pulseirinha de Lyse-Rose? E se ele tivesse cavado aquele túmulo?

As perguntas me ocorreram espontaneamente: — Georges tinha um cachorro?

Augustin fez cara de espanto.

“Controle-se, Augustin”, quase falei. “Faz sete anos que estou trabalhando neste caso!”

— É… tinha. Um vira-lata marrom meio atarracado. Por quê?

Comecei a tomar notas no verso de um folheto disposto na minha frente.

— E seu irmão fumava o quê? Que marca de cigarro?

— Gitanes, acho… Mas não tenho certeza.

— E quanto ele calçava?

— Acho que 42 ou 43.

— E que marca de cerveja ele bebia?

— De cerveja? Olhe… não faço ideia. Sério.

Augustin parecia não entender mais nada. Interrompeu minhas perguntas: — Mas… Sr. Grand-Duc, por que todas essas questões? O senhor encontrou Georges? Morto? É isso?

Encontrou o corpo dele?

Calma, Augustin!

Impecável em seu papel de anfitriã, Monique Genevez nos serviu chá com biscoitos amanteigados à moda do Jura, mais grossos e mais compridos.

Augustin nem sequer os tocou. Enquanto comia por dois, eu lhe contei sobre a minha descoberta do ano anterior. A cabana, as guimbas, o túmulo. Augustin Pelletier ficou quase decepcionado que eu não tivesse encontrado nenhum sinal concreto de seu irmão.

Tranquilizei-o enquanto molhava meus biscoitos no chá fervente. Não podia garantir que fosse encontrar Georges, menos ainda que fosse encontrá-lo vivo, mas assegurei-lhe que dedicaria toda a minha energia a isso nos meses seguintes. Não estava mentindo. Iria perseguir com afinco minha única testemunha em potencial! Augustin tinha tomado a decisão certa ao fazer a viagem desde Besançon: acabara de ganhar um detetive particular dedicado em tempo integral a encontrar o rastro de seu irmão, tudo pago por Mathilde de Carville. E um detetive dos mais decididos. Ele me deixou seu cartão: era gerente de atendimento em uma agência da Société Générale, em Besançon. Prometi-lhe novamente fazer todo o possível.

Nessa noite, só dormi algumas horas. Um pouco por causa da empolgação, e muito por causa da garrafa de vinho d'Arbois que tinha bebido para comemorar a novidade, seguida por alguns copinhos de *vin de paille* para marcar com ênfase a ocasião. O que minha anfitriã servia era excelente.

Na manhã do dia seguinte, parti assim que amanheceu, equipado da cabeça aos pés: pás, ancinhos, peneiras. Estava decidido a bancar o ladrão de sepulturas para me certificar se era mesmo o vira-lata marrom atarracado de Georges que estava enterrado junto à cabana. Levei também sacos à prova d'água e tubos de ensaio, o último grito em matéria de criminalística, para guardar as guimbas e tampas de garrafa que estavam dentro da cabana, e assim verificar a identidade dos últimos ocupantes. Quando passei em frente à sede da reserva regional do Haut-Jura, depois da curva do Doubs, Grégory Morez acenou para mim. Achou engraçados todos os meus apetrechos.

— Se quiser subir 8 mil metros, o caminho é por ali.

Grégory… Tirando as raras visitas de alguma turma de escola, ele devia passar os dias azarando as estagiárias da recepção. Pelo menos era essa a impressão que dava. O filho da mãe parecia ficar mais bonito a cada ano, com a cabeleira cada vez mais grisalha, enquanto as estagiárias, por sua vez, tinham exatamente a mesma idade a cada início de ano. Ele saiu de perto de uma lourinha linda que o secava com seus olhões e me disse: — Vamos lá, Crédule, pelo amor de Deus, eu o levo no 4x4. Você vai ter de subir a pé os últimos quilômetros, mas o pior já vai ter passado. Julie, volto em vinte minutos, não saia daqui se quiser saber o que aconteceu naquela noite no alto do Spitzberg.

O engenheiro me deixou no ponto em que a estrada de terra terminava, piscou para mim e voltou para continuar a seduzir sua loura. Eu havia lhe

perguntado durante o trajeto, e ele nunca ouvira falar em um Georges Pelletier. É claro: tudo isso fazia mais de sete anos.

Enquanto caminhava, fui tentando organizar minhas lembranças da última vez: a chuva fria, a luz da lanterna, as pedras empilhadas sobre o túmulo. Foi fácil achar a cabana. Eu estava encharcado de suor.

O clima não tinha nada a ver com o do ano anterior: um belo sol de inverno inundava o pico e pintava de dourado as copas dos pinheiros, como uma espécie de veranico que demorava a ir embora. Por pouco prímulas, narcisos e gencianas não brotavam do chão.

Fui tomado pela mesma animação de quando segui um suspeito pela primeira vez, coisa que não me acontecia havia muito tempo naquela investigação. Comecei pela cabana. Nada parecia ter mudado. Por sinal, eram grandes as chances de ninguém mais ter entrado naquele refúgio de fim de mundo desde o ano anterior. Minuciosamente, com as mãos protegidas por luvas, recolhi amostras diversas dos detritos espalhados pelo chão. Revirei um pouco a terra solta para desencavar vários objetos meio enterrados.

Guimbas, tampas de garrafa, papéis engordurados.

Tudo aquilo talvez servisse para encontrar o rastro de Georges Pelletier, ainda que ele decerto houvesse saído dali um bom tempo antes.

Deixei a cabana. Agora vinha a parte mais difícil: o túmulo. Avancei até diante das pedras amontoadas. A pequena cruz de madeira continuava ali. A seus pés, o jasmim tinha fenecido dentro do vaso. Ninguém, portanto, viera pôr flores no túmulo durante o ano. Por quê? Por que ter levado flores todos os anos anteriores e não no último? Fazia muito calor; apesar de ter tirado o suéter e ficado só de camisa, eu estava ensopado. O vento fresco da manhã, bem fraco, soprava apenas nos cumes dos altos pinheiros.

Abaixei-me em frente ao retângulo de pedras.

Um detalhe estranho chamou minha atenção, uma impressão esquisita, insistente: as pedras não estavam arrumadas do mesmo jeito que da última vez! Tinham sido movidas.

Tentei me convencer do contrário. Como podia ter tanta certeza? Havia observado aquelas pedras um ano antes, à noite, debaixo de chuva, e mexido nelas de forma aleatória à luz de uma lanterna.

Mesmo assim, não era apenas uma impressão. Alguém voltara ali! Havia um ano que eu tinha gravados na memória pontos de referência, o próprio formato das pedras, seu volume, seu equilíbrio, uma imagem precisa, ainda que noturna. Sem querer me gabar, tenho bastante talento para isso, e possuo uma memória visual quase infalível.

Acreditem no que estou dizendo: tudo tinha sido mexido!

Paciência. Não encontraria respostas para as minhas perguntas sem sujar as mãos. Comecei a levantar as pedras com muito cuidado. Levei uma boa meia hora. O sol forte impedia a cena de se tornar excessivamente macabra. Parei várias vezes para beber água.

Depois de retirar o último pedregulho, continuei com uma pá, delicadamente. E tudo aquilo para quê, pensei? Para desenterrar uma ossada de cachorro! O que mais eu poderia esperar? Um bebê enterrado ali no alto do Mont Terrible?

Assim, passei quase uma hora cavando. O sol tinha se deslocado em direção ao oeste, e a sombra bem-vinda dos pinheiros agora se estendia sobre o túmulo profanado. O buraco que eu havia aberto era fundo, mais de um metro. Tinha retirado a cruz e escavado abaixo dela também. Obstinado, ainda continuei por mais meia hora.

E no fim… não encontrei nada!

Nem sequer um ossinho de cachorro, de cabra ou de coelho.

Nada, estou dizendo!

Aquela lápide de pedra, aquela cruz, aquela planta murcha estavam pousados apenas sobre um pedaço de terra virgem. Exausto e sem forças, desabei no chão. Havia gastado uma energia imensa sem chegar a resultado algum. Fiquei pensando enquanto bebia água. Minha camisa estava toda suja de lama. Na sombra, molhado de suor, senti um pouco de frio. Dei alguns passos para me aquecer enquanto continuava a pensar, e comecei a falar sozinho e a conversar com os pinheiros. De repente, minha própria burrice me fez sorrir!

Não! É claro que eu não tinha escavado por nada. O pior para mim, para minha investigação, teria sido encontrar um cadáver de animal enterrado. Isso sim teria sido um beco sem saída para toda aquela história de túmulo. Se eu tivesse desenterrado os ossos do vira-lata de Georges, o que teria feito em seguida? Levaria para Augustin os restos mortais do cachorro do irmão?

Mas um túmulo vazio era outra coisa! Pensando bem, era quase inesperado. Aquele buraco me abria todas as possibilidades. Enxuguei a testa e peguei o sanduíche de queijo que Monique tinha preparado para mim. No fundo, só havia duas explicações possíveis.

Em primeiro lugar, podia-se pensar que se tratava de um túmulo simbólico, igual àquelas cruzes que as pessoas cobrem de flores e aos buquês que deixam em estradas ou curvas, no local exato em que um de seus parentes foi vítima de um acidente de trânsito. Fazia sentido. A família de uma das vítimas do Airbus 5403 Istambul-Paris poderia ter feito um gesto assim. Peregrinar até ali. Como não havia cadáver, improvisar um túmulo vazio. Qualquer uma das famílias das 168 vítimas poderia ter reagido dessa forma. Mas, nesse caso, por que ali, a 2 quilômetros do local do acidente, e não no ponto exato?

Por que escavar aquele túmulo retangular, exatamente do tamanho de um recém-nascido? Só havia dois recém-nascidos a bordo daquele Airbus. Quem teria plantado aquela cruz, catado as pedras, regado o jasmim-amarelo durante todos aqueles anos? Alguém da família Vitral? Da família Carville? Quem?

Quando? Por quê?

Restava a segunda hipótese. A de que havia mesmo uma ossada debaixo das pedras. De que alguém, a cada ano, ia até lá prestar homenagem àquele ser falecido, florir seu túmulo em segredo, com discrição. Só que naquele ano, ao voltar, essa misteriosa pessoa tinha constatado que o túmulo fora mexido. O segredo tinha sido descoberto, ou corria perigo. Por essa lógica, a tal pessoa só tinha uma alternativa: esvaziar o túmulo! Deslocar as pedras, desenterrar a ossada, recolocar as pedras no lugar.

Porque as pedras tinham sido mexidas, disso eu tinha certeza.

A segunda hipótese suscitava tantas perguntas quanto a primeira. Por que executar um ritual desses?

Por que tomar tais precauções? Tudo por uma ossada de cachorro? Que louco poderia agir assim?

Georges Pelletier?

Não fazia sentido!

Tornei a enxugar a testa. Estava sereno. Novas perguntas, uma reviravolta qualquer: no fundo, era só isso que eu esperava daquela investigação. Tinha todo o tempo do mundo para testar minhas hipóteses.

Vasculhei a bolsa e peguei a peneira que tivera o cuidado de levar, de madeira e náilon, do mesmo tipo ainda utilizado pelos garimpeiros nos leitos de rio ou na areia. Iria passar o pente-fino naquele montinho de terra! Se tivesse sobrado um pedacinho só de osso, fosse ele de cachorro, de bebê humano ou de diplodoco, eu o encontraria.

Passei mais de cinco horas peneirando, sem exagero. Um arqueólogo não teria sido tão paciente.

A recompensa para minha obstinação só me foi proporcionada no meio da tarde. No fim das contas, eu até que merecia aqueles 100 mil francos anuais. Na minha peneira, depois de remover com a ponta do indicador cada pedregulho, depois de transformar toda a terra em pó, vi brilhar sob o sol uma minúscula argola dourada.

O elo de uma joia.

Uma argola oval que mal chegava a 1 milímetro por 2.

De ouro.

— Está olhando o quê, babaca?

Ainda perdido no alto do Mont Terrible, Marc ergueu os olhos como quem

desperta bruscamente de um sonho. O burburinho da estação era muito diferente do silêncio da floresta de pinheiros ao qual sua leitura o havia conduzido.

Assim como boa parte dos passageiros ali no saguão, aquele grito de louca o fez se virar. Era apenas um incidente banal: uma moça histérica xingando outro passante. Os passageiros deram de ombros e perderam o interesse pela cena… todos, menos Marc.

Havia reconhecido aquela voz de mulher. O sonho estava se transformando em pesadelo. A uns 30 metros de onde ele estava, em frente a um guichê automático, Malvina de Carville xingava um sujeito mais atrás; o homem era quase três cabeças mais alto do que ela. Não havia dúvida: aquilo não era um acaso, apenas a obstinação de uma louca.

Ela o havia seguido.

35

2 DE OUTUBRO DE 1998, 15H21

A moto parou no Chemin des Chauds-Soleils, bem em frente à Roseraie. O entregador desmontou depressa, tirou o capacete, afofou os longos cabelos negros e tocou o interfone.

— Pois não?

— Encomenda para a Sra. de Carville. Entrega especial. É urgente, parece. Vim direto lá da sede.

— Ela não está disponível no momento. Pode pôr o envelope na caixa de…

— Preciso entregar em mãos.

— Então não dá para ser agora. Ela só pode ser interrompida daqui a vários minutos. O senhor pode esperar?

O motociclista deu um suspiro.

— Não muito. E a senhora, quem é?

— A enfermeira. Meu nome é Linda.

— Tudo bem — disse o entregador após hesitar por um breve instante. — Vou confiar na senhora. Pode entregar o envelope à Sra. de Carville?

— Acho que consigo fazer isso.

O homem deu uma risadinha.

— Mas olha só, Linda… que confusão aqui perto da sua casa! Ambulâncias, bombeiros, polícia. Foi um horror atravessar o Marne. Eles por acaso pegaram um assassino em série?

— Quase! Acabaram de encontrar uma mulher morta na floresta de Coupvray, logo acima da casa.

Baleada, pelo que entendi. Ainda não sabem se foi a bala perdida de um caçador ou um assassinato. Dá para acreditar? Um assassinato. Em Coupvray!

— Pelo menos assim o bairro fica mais animado.

Linda pegou o grande envelope de papel pardo. Hesitou em chamar Mathilde de Carville; a patroa estava trabalhando na estufa. Detestava ser incomodada quando estava cuidando das flores. A estufa tinha virado a sua capela. E a jardinagem era a sua comunhão, um momento sagrado que a enfermeira não tinha a menor vontade de profanar. Paciência. O envelope aguardaria a volta da patroa. Linda o pôs junto do telefone, em cima da cômoda do hall.

Não queria deixar Léonce sozinho por muito tempo. Principalmente, não queria se atrasar: ainda precisava dar banho nele, pôr-lhe o pijama, dar-lhe de

comer, conectar as cânulas intravenosas. Se fizesse tudo certinho, às seis da tarde poderia ter um pouco de paz. Léonce estaria limpo, alimentado e deitado. E ela poderia ir para casa. Reencontrar seu bebê e ficar um pouco com ele.

Aproximou-se do enfermo e empurrou a cadeira de rodas até o banheiro. Era a hora que mais detestava. Deitar o velho em cima da mesa. Era tão prático quanto carregar um colchão. Depois de conseguir, Linda expirou e apertou o botão de suspender. O corpo subiu na horizontal até chegar ao nível da sua cintura. O banheiro inteiro era automatizado e munido de equipamentos de última geração, iguais aos de qualquer hospital. Ou até melhores. Quanto a isso não havia do que reclamar. Ela podia trabalhar. Mathilde de Carville não poupava recursos.

Linda começou a despir o doente.

Quando ela o movia para desabotoar as roupas ou enfiar os braços nas mangas, tinha quase a impressão de que o velho reagia, como se estivesse se prestando ao jogo, como para ajudá-la. Três dias antes, chegara a acreditar que Léonce tinha lhe sorrido. Voluntariamente. Sabia muito bem que isso era impossível. Pelo menos era o que afirmavam os médicos. O doente era incapaz de reconhecer um rosto, uma voz, um som, de recordar os próprios gestos ou o que acontecera na véspera. Ajudá-la a enfiar o braço pela manga da camisa, então….

Ela puxou a calça de lona pelas pernas flácidas do velho. Depois, tirou a cueca, que estava suja.

Algumas folhas de bordo coladas no tecido caíram sobre o tapete de banho.

E se os médicos estivessem errados?, pensou.

Nos quase seis anos desde que havia começado a cuidar de Léonce, duas horas pela manhã e três à tarde, gostava de pensar que ele não era apenas um tubo digestivo que as pessoas empurravam em cima de uma cadeira de rodas como quem empurra um carrinho cheio de compras.

Abriu a água morna e passou sabão na luva de banho. Sempre começava pelos órgãos genitais, seguidos pelo resto da parte inferior do corpo. Fazia sete meses que Linda era mãe. Seu filho se chamava Hugo. Ela sabia distinguir um sorriso de verdade de uma simples reação automática à saciedade; sabia diferenciar um olhar de compreensão de um olhar perdido atrás de um véu.

A luva de banho subiu pela perna esquerda de Léonce. No fundo, Linda

gostava do velho, ainda que todos o detestassem naquela casa sinistra. A esposa. A própria neta, aquela peste chamada Malvina. Já tinham lhe dito muita coisa ruim sobre Léonce de Carville. Que fora um patrão tirânico, capaz de demitir centenas de empregados de uma só vez, na Venezuela, na Nigéria ou na Turquia. Um homem sem escrúpulos. Duro feito pedra. E daí? Ela não ligava. Para ela, havia seis anos que Léonce de Carville não passava de um manequim de borracha. Um velho indefeso. Uma pobre criatura frágil que só tinha a ela para protegê-lo, cuidar dele, dar-lhe um pouco de atenção e de carinho. Igual ao seu bebê!

Eles se entendiam. O velho e a enfermeira, cinco horas por dia. Nenhum médico do mundo podia compreender aquele vínculo. Muito menos Mathilde e Malvina. Sim, Léonce de Carville ainda era capaz de se comunicar… a seu modo.

Uma porta bateu!

A mão enluvada de Linda parou de repente em cima da barriga flácida do velho. Era a da frente. Mas Linda acreditava tê-la fechado. Tirou a luva e deu alguns passos até o hall.

Ninguém. Só o vento. Isso não era muito raro: a Roseraie era uma casa imensa, com mais de dez quartos e vinte outros cômodos nos quais sempre havia pelo menos uma porta ou janela aberta. Ela voltou para o banheiro. Léonce a aguardava, nu. Ele precisava dela. Assim como seu pequeno Hugo, ela não podia deixá-lo sozinho.

Linda cometeu um erro. Perdida em seus pensamentos sobre Hugo e Léonce, não prestou atenção em um detalhe. Não olhou em cima da cômoda junto à porta de entrada.

O envelope de papel pardo não estava mais lá.

A enfermeira parou outra vez para recuperar o fôlego. Tinha terminado de dar banho em Léonce e, como todos os dias, o vestira com uma calça e camisa de pijama limpas. Recusava-se a usar uma fralda geriátrica, como se fazia até mesmo nas clínicas mais caras. Paciência; trocava o pijama e os lençóis diariamente pela manhã.

Ela colocou o doente na cama de hospital que ficava em seu quarto contíguo ao banheiro. Fora preciso abrir outra porta para a cadeira de rodas poder passar. A cama também era de altíssima qualidade, toda automatizada. Nada a reclamar. Do ponto de vista médico, Léonce estava melhor ali do que no quarto de um asilo para idosos, aquelas casas de repouso em que os velhos são empilhados como em uma vala comum. Pelo menos ele teria o direito de morrer em um ambiente de luxo. Sozinho, mas em um ambiente de luxo. Havia muitos anos que sua esposa dormia no andar de cima.

Linda pegou o travesseiro de penas sobre a cama e pôs na cadeira mais próxima. Usava aquele travesseiro atrás das costas do paciente, para deixá-lo sentado na cama e apoiado enquanto lhe dava de comer. Olhou para o relógio. Serviria o jantar em menos de uma hora.

Certificou-se mais uma vez de que o tronco do velho estava bem preso à cama. Ele agora tinha os olhos bem abertos e fixos, como sempre acontecia após o banho, e só agitava as pálpebras de vez em quando. Linda já ouvira falar em um tetraplégico que tinha escrito um livro apenas ditando as letras, palavras e frases por meio dos movimentos das pálpebras. Incrível! E se fosse a mesma coisa com Léonce? E se, apesar do que diziam os médicos, seu cérebro ainda estivesse funcionando? Um prisioneiro dentro de uma carapaça de algodão. E se ele tivesse algo a lhe dizer? A lhe contar? Mas Linda não compreendia sua forma de comunicação. O que haveria dentro da cabeça daquele velho?

Ficara sabendo que Léonce de Carville tinha sido um sujeito extraordinário. Um empresário dos grandes. Tinha partido do zero e construído uma fortuna considerável, e aberto empresas no mundo inteiro. Havia comandado um império. Tinha sido o faraó no comando de uma imensa pirâmide. E era a ela que cabia agora cuidar de sua lembrança mumificada, embalsamar seu corpo. Era decerto por isso, por causa desse poder, que ele tinha sido tão detestado. Por inveja. Agora que não podia mais se defender, os fracos se vingavam. Fracos que, no entanto, deviam tudo a ele. Aquela propriedade da Roseraie, por exemplo.

Linda pousou sobre a mesa de cabeceira de Léonce um pequeno receptor parecido com uma babá eletrônica. Sempre punha o outro aparelho na cozinha enquanto preparava a comida. Isso a tranquilizava, mas era também um pouco ridículo. O que poderia acontecer com o doente enquanto ela estava na cozinha?

Ao sair, deu uma última olhada no velho, que continuava com os olhos bem abertos.

Um gênio saído do nada. E que havia retornado ao ponto de partida.

A sombra deslizou silenciosamente por trás de Linda e foi se esconder entre a parede e a escada. A enfermeira poderia tê-la visto se houvesse virado a cabeça, nem que fosse só um pouquinho. Mas foi direto para a cozinha.

Linda fazia questão de preparar ela própria a refeição de Léonce. Sua papinha. Obrigava-se a usar ingredientes frescos. Legumes, presunto, mais de uma dezena de itens comprados na feira de Marne-la-Vallée que ela mesma descascava, cortava e batia no liquidificador. O velho cuspia metade e evacuava o resto, mas Linda não abria mão de seus princípios. Além disso, havia um mês que vinha matando dois coelhos com uma cajadada só: preparava um pouco mais de papinha para Léonce e guardava metade para Hugo! Levando em conta a hora

em que chegava em casa, era a solução ideal. Mesmo cardápio, para o velho Léonce e o bebê Hugo. Linda era uma moça organizada. Não tinha dito nada a Mathilde de Carville, mas a velha ranzinza não iria perturbá-la por causa de três alhos-porós, três batatas e uma fatia de presunto!

Pousou a babá eletrônica ao lado do liquidificador e começou a descascar as duas cenouras que tinha diante de si.

Gostava daquele momento de silêncio. Sentia-se reconfortada.

A sombra passou em frente à porta da cozinha e empurrou a do quarto de Léonce. Entrou no cômodo pé ante pé. Linda não ouviu nem viu nada.

O doente encarou a silhueta que vinha na sua direção. De olhos bem abertos. Petrificados de medo, como se tivesse compreendido a sua intenção. A sombra hesitou. Aquele olhar fixo parecia irreal, quase ameaçador. Mas a hesitação durou apenas um breve segundo. A sombra avançou. Não sentiu dó nenhum daquele corpo inerte deitado na sua frente. Somente ódio e desprezo.

Aproximou-se mais ainda, decidida. Tinha visto o travesseiro ao lado da cama. Sorriu. Era a solução ideal: rápida e silenciosa. A sombra andou em direção à cadeira. O doente não a seguira com os olhos, mas continuava a encarar a porta aberta com um olhar esbugalhado. Sentiu-se um pouco mais reconfortada. Seu medo não passava de ilusão. O enfermo não a reconhecera; na verdade, ele não reconhecia mais nada. Sob os pés da sombra, o assoalho rangeu de leve.

A ponta da faca de Linda ficou suspensa no ar. A enfermeira havia escutado um barulho no quarto de Léonce. Um rangido! De modo automático, sem nem ao menos recolocar a faca sobre a mesa da cozinha, saiu para o hall e foi em direção ao quarto do paciente. Não poderia ser o velho que tinha se levantado!

Inconscientemente, apertou o cabo da faca. Aquela tarde estava ficando estranha. Primeiro, o crime na floresta. Polícia por toda parte. Depois o entregador e aquele envelope. A porta batendo mais cedo. E agora aquele rangido no quarto de um inválido.

Ela esticou o braço. A faca varreu o espaço diante de si. Sua mão tremia. Aquela mansão sempre lhe causara medo, como as casas assombradas dos filmes. *Psicose*, essas coisas. Em geral, evitava pensar nisso, mas sempre tivera esse mal-estar. Suas pernas quase não a sustentavam. Sentiu um calafrio.

Apontou a lâmina mais para a frente ainda e entrou no quarto. Léonce a

encarou. Um olhar vazio, como o resto do quarto. Não havia ninguém ali! Tentou espantar a tensão com uma risada nervosa.

Aquela casa e aquela família de desequilibrados acabariam por enlouquecê-la. Chegara ao ponto de sair andando com uma faca na mão por causa do rangido de um assoalho! Precisava arrumar outro emprego, o que não faltava eram famílias ricas ali às margens do Marne. Paciência quanto ao velho Carville. Ela acabaria esquecendo a estranha ternura que nutria por ele. Agora tinha Hugo.

Linda baixou a faca junto à perna. Pensou que precisava se concentrar outra vez para terminar a papinha do velho e do bebê. E depois dar o fora dali. Afastou-se a passos firmes pelo hall.

A sombra escutou, aliviada, o barulho do liquidificador na cozinha. Alguns minutos antes, tinha sido imprudente. Impaciente. Dessa vez a enfermeira não iria ouvi-la. Abriu com cuidado a porta da sala onde havia se escondido, a que continha o piano branco. Pegou o travesseiro de penas em cima da cadeira. Deu mais dois passos. O tecido de seda aderiu às curvas do rosto de Léonce. O velho não esboçou nenhum gesto. Nenhuma reação. Foi tão fácil… fácil demais, até. Quanto tempo era preciso esperar para sufocar um paraplégico? Não se podia confiar em nenhum sinal, nem na renúncia de um corpo convulsionado que de repente para de se debater. Será que deveria aguardar um minuto? Dois, três? Era uma eternidade.

A sombra não contou. Como fazer? Simplesmente aguardou. O máximo de tempo possível.

De repente, o impensável aconteceu. O impossível, segundo os médicos. O braço de Léonce se retesou.

Bruscamente. Seria a derradeira reação de um corpo antes da morte? Uma defesa desesperada? A sombra não relaxou a pressão. O braço esquerdo do velho parecia dominado por espasmos. Ele varreu os objetos sobre a mesa de cabeceira. O copo e a jarra d’água pousados sobre a toalhinha de crochê explodiram no chão.

Linda gritou.

Dessa vez não era uma alucinação: havia escutado um barulho de vidro quebrando no quarto. Estaria ficando maluca? Armou-se outra vez com a faca de cozinha e saiu correndo. Sem pensar. Entrou a toda no quarto.

Havia cacos de vidro pelo chão.

E água, um pouco pegajosa.

Ninguém mais.

Ninguém mais exceto Léonce, ainda de olhos abertos, quase ovais. Os olhos de um louco. A boca torta. Lívido. Parecia a máscara do filme *Pânico*.

Nenhuma respiração. Morto.

Linda sabia reconhecer a morte. Sabia senti-la. Fazia quase dez anos que trabalhava com idosos.

Morto.

Sufocado.

O travesseiro ainda estava sobre a cama, aos seus pés.

Na hora, Linda não sentiu tristeza alguma pelo homem sem vida na sua frente, nenhuma pena daquele enfermo a quem havia se afeiçoado. Na hora, o único sentimento que experimentou, a única emoção que esmagou todas as outras foi o medo.

Um temor intenso que gelou sua nuca. Um impulso de fugir aos gritos da Roseraie.

De sair a qualquer custo daquele palácio de dementes.

36

2 DE OUTUBRO DE 1998, 15H22

No saguão da estação de Saint-Lazare, Malvina de Carville se acalmou com a mesma rapidez com que havia se irritado. Afastou-se da fila do guichê resmungando. O gigante que havia xingado se virou, deu de ombros, e ninguém mais prestou atenção naquela mulher baixinha e histérica.

Ninguém, exceto Marc.

Então Malvina o havia seguido! Sentiu uma raiva irreprimível crescer dentro de si. Quer dizer que aquela louca decidira ir atrás dele até Dieppe. Só que, por enquanto, a vantagem era sua: ele estava em um lugar público. A multidão o protegia. Tinha que tirar proveito disso.

Ele se levantou com um pulo. Guardou o caderno de Crédule Grand-Duc na mochila. Sem esperar resposta, empurrou a mochila para o colo do garçom do bar da estação.

— Pode segurar isto para mim por alguns minutos? Já volto. Cuidado, é muito valioso. Aí dentro tem… as minhas anotações de aula do ano inteiro.

Estupefato, o garçom apertou a mochila junto ao peito. Marc já se afastava. Malvina estava a alguns metros de distância. Parecia hesitar entre a longa fila dos guichês, os guichês automáticos, ou talvez nem mesmo comprar passagem. Estava de costas para ele. O momento era inesperado.

Marc se esgueirou entre os passantes carregados de bagagens e chegou até ela. Sentia uma necessidade animal de aliviar a pressão. Pôs a mão no ombro de Malvina, segurou o suéter de lã e quase levantou a moça do chão. Tinha 30 centímetros a mais do que ela e o dobro de seu peso. Arrastou-a sem cerimônia por alguns metros até junto de uma máquina automática de bebidas e sanduíches, um pouco ao abrigo da multidão.

Malvina exibiu um sorriso quase sem surpresa.

— Não consegue viver sem mim, Vitral?

A mão de Marc deformou um pouco mais o suéter.

— O que você está fazendo aqui?

— Adivinhe.

Marc aproximou a mão de seu pescoço. Um pescocinho fino, frágil. Seria capaz de segurá-lo com uma só mão. Chegou ainda mais perto de Malvina. Ninguém em volta prestava atenção neles; deviam pensar que eram um casal se abraçando antes da separação da partida.

— Você me seguiu? Como sabia que eu estava vindo para Saint-Lazare?

— Não é nada difícil, gato. Não mesmo. Para onde o Vitralzinho poderia fugir correndo? Para debaixo da saia da vovó, claro.

— Está bem, você é a mais esperta. Mas estou avisando: se eu vir você no mesmo trem que eu, vou jogá-la para fora.

Marc aumentou a pressão. A gola do suéter esticado deixava uma marca vermelha no pescoço de Malvina.

— Entendeu?

Ela começava a ter dificuldades para respirar. Mesmo assim, ainda exibia um misto de sorriso e careta. Sem soltá-la, Marc tornou a fazer a pergunta: — Entendeu?

Malvina estava sufocando. Ele se perguntou até onde seria capaz de ir. Por quanto tempo poderia apertar a garganta dela? A moça tinha todas as características de um saco de pancadas. Ele não sentia qualquer sintoma de agorafobia naquela multidão, muito pelo contrário: experimentava uma espécie de sensação de poder, de ódio cego. Até onde ela poderia arrastá-lo?

Não teve muito mais tempo para se perguntar isso. Sentiu o cano de aço encostar na sua braguilha.

Instintivamente, aliviou a pressão.

— Continue colado em mim, Vitral — murmurou Malvina em seu ouvido. — Assim as pessoas vão achar que somos namorados e não vão ver o Mauser que acabei de apontar para o seu saco. Mas tire agora mesmo essa pata do meu pescoço.

O olhar de Marc se perdeu no vasto espaço da estação. Ninguém prestava atenção neles. Um irmão mais velho e a irmã caçula. Abraçados. No fundo, era quase essa a verdade. Com sua voz aguda, Malvina sibilou: — Você não trouxe a mochila?

— Não, veja só. Quer que eu tire a roupa de novo? Aqui, na frente de todo mundo?

Ele tentava ganhar tempo de um jeito canhestro. Amaldiçoou em silêncio a própria burrice. Afinal, sabia que aquela louca andava armada.

— Tirar a roupa aqui? Por que não, Vitral? Você até que é bem bonitinho, para quem gosta do tipo. Um pouco burro, mas bonitinho. E ainda por cima é obrigado a fazer o que eu quiser.

Gotas de suor brotaram do pescoço de Marc. Enquanto o Mauser mantinha a pressão entre suas pernas, Malvina fez a mão esquerda escorregar por sua coxa e foi subindo. Ele estremeceu. O cano recuou alguns centímetros, e Malvina enfiou os dedos entre as dobras do zíper de seu jeans. Apertou ainda mais o corpo contra o de Marc, aumentando o contato da mão.

— Se você se mexer, eu atiro.

Marc tornou a pensar no cadáver de Grand-Duc. Um tiro no coração. Aquilo não era um blefe.

Aquela louca era mesmo capaz de matá-lo ali na estação, na frente de centenas de testemunhas.

— Você não está de pau duro, Vitral? Não me acha atraente?

O sarcasmo de Marc havia se esgotado. Os dedos da moça percorriam seu corpo feito as patas lisas de um réptil. Malvina acariciou seu sexo. Desajeitadamente, com uma força excessiva, apesar da mão de criança. Tornou a sussurrar: — Então, não vai ficar de pau duro? Não consegue? Por acaso prefere a minha irmã?

Para se acalmar, Marc respirou. Estava com vontade de tentar um golpe radical: segurar aquela maluca pelos ombros e jogá-la longe. Talvez ela não se atrevesse a atirar. No entanto, não fez isso.

Tampouco disse nada.

— Perdeu a língua? Não tem mais nada a falar? Não venha me dizer que não tem tesão na minha irmã!

Pode dizer, não sou ciumenta. Nem um pouco, sabe? Sei muito bem que ela é bonita, tão bonita quanto eu sou feia. Somando as duas, ficamos na média. A bela e a fera. O patinho feio!

A mão de Malvina desceu e acariciou os testículos de Marc. Ou melhor, massageou-os de forma canhestra, como se fosse a primeira vez que tocasse as partes íntimas de um homem.

— Você não consegue ficar de pau duro, né? Vou lhe dizer por que não sinto ciúmes. Não consegue adivinhar?

Malvina aprendia depressa. Seus dedos de menina estavam ficando mais suaves, deslizavam sobre o sexo de Marc e se insinuavam entre as suas pernas. Marc se sentiu sujo, violentado. Paciência, não tinha escolha, precisava afastá-la de si. Arremessá-la contra a parede da estação. Como se fosse capaz de ler seus pensamentos, ela pressionou o cano do Mauser contra seus testículos. A dor aumentou.

— Você não entende, não é? Vou lhe falar uma coisa: se eu sou um monstro, não é por culpa de Lyse-Rose. Não mesmo. É por culpa sua. Da família Vitral. Foram vocês que roubaram minha irmã. O que você tem a dizer para negar isso? “Ela se recusa a crescer”, informaram os médicos. Eu antes era tão bonita quanto Lyse-Rose. Teria ficado tão bonita quanto ela. Tão alta quanto ela. Tão gostosa quanto ela, não é? Só que me recusei a crescer! Os Vitral tinham roubado a irmãzinha para quem eu teria ficado bonita. A gente teria se penteado, se maquiado, se fantasiado. Juntas. Teria escolhido roupas. E meninos também. Só

que você me roubou tudo isso, Vitral! Para quem iria querer que eu ficasse bonita, hein?

Para quem?

Marc agora suava. Malvina relaxou um pouco a pressão dos dedos no seu sexo. Sussurrou em seu ouvido: — Você comeu a minha irmã? Diga.

O que responder? Aliás, será que Malvina esperava alguma resposta? Marc tremia. Os passantes esbarravam neles, indiferentes. Ninguém naquela estação parecia achar estranho aquele acasalamento.

Os dedos da moça retomaram sua brincadeira doentia.

— Você é bonitão, Vitral. Deve comer muitas garotas. Por que precisa da minha irmã também? Por acaso é tarado?

O cano do Mauser pressionou o sexo dele com mais força ainda.

— Se você não ficar de pau duro eu o mato, Vitral. Lyse-Rose agora vai voltar para a nossa casa, para a casa dela. Essa maluquice acabou. Aquela putinha da Émilie morreu no avião, você mesmo disse isso agora há pouco. Não vai roubar minha irmãzinha pela segunda vez.

Paciência, não dava mais para pensar. Se não podia se mexer, Marc pelo menos podia agir, retomar a vantagem, provocar Malvina. Então, veria o que iria acontecer. Forçou-se a falar com uma voz segura cheia de ironia: — Você está querendo uma irmãzinha, é isso?

Fazia tempo que ele não dizia nada. Malvina se espantou e relaxou um pouco a pressão.

— Pode acreditar, Malvina, que irmãzinhas você deve ter aos montes. E irmãozinhos também. Deve ter uma porção deles lá para os lados do Bósforo. Seu paizinho, Alexandre, deve ter deixado uns penduricalhos lá na Turquia antes de virar fumaça, se é que você me entende. Seu paizinho não tinha nenhum problema de ereção…

O cano do Mauser se afastou. Malvina começou a se retrair.

— Você não era tão pequena assim, deve se lembrar das vadias com quem seu pai trepava lá em Istambul. No escritório, por toda parte. Da sua mãe que chorava. E que também trepava com uns caras que substituíam o seu pai, uns caras de olhos azuis…

Malvina se encolheu toda. Marc insistiu: — Vai ver Lyse-Rose nem é sua irmã!

Malvina deu um berro. Todo mundo na estação deve ter se virado para olhar. A pequenina mão de réptil se fechou com violência em torno dos órgãos genitais de Marc, com toda a força.

Fulminado pela dor, ele desabou no chão. O Mauser desapareceu no bolso de Malvina, que se afastou pela multidão a passos miúdos; parecia uma enguia em

uma floresta de algas.

Marc ficou ajoelhado. Mudo. Ofegante. Sentindo uma dor atroz.

Passantes acorreram na direção dele para socorrê-lo.

Finalmente.

37

2 DE OUTUBRO DE 1998, 16H13

Marc atravessou o quinto vagão. Continuou sem encontrar uma poltrona vazia. Detestava aqueles trens de Paris para Rouen, principalmente na sexta-feira à noite. A SNCF devia vender duas passagens para cada assento.

Ainda sentia dor entre as pernas, embora estivesse melhorando aos poucos. Passara quase dez minutos sentado no chão da estação. Pessoas atenciosas o haviam rodeado.

— Tudo bem? Ela acertou em cheio, hein?

Soavam preocupados, meio irônicos. Como reagir diante de um rapaz todo encolhido porque uma moça que estava abraçando acabara de esmagar seu saco? Não era fácil escolher entre a pena e o riso.

Marc fora pegar a mochila com o garçom do bar e correra o mais depressa possível até a plataforma do trem Paris-Rouen, enfim indicada no quadro. Cada esticada de perna era uma pontada de dor.

No sétimo vagão, desistiu. Sentou-se nos degraus entre os dois andares do Corail. Não era o único ali.

Uma mãe de família com os três filhos, um executivo entretido com um relatório e uma adolescente adormecida já ocupavam a escada. A posição era desconfortável, mas melhor do que ficar em pé. Com certeza devia ser proibido sentar ali, no meio do caminho, mas, dada a lotação do trem de subúrbio na sexta-feira à noite, Marc duvidava que algum condutor se atrevesse a dar as caras.

Posicionou a mochila entre as pernas. Tornou a pegar o celular. Nenhum recado.

Ligou para o número de Lylie.

Sete toques, como sempre.

— Lylie… É o Marc! Por favor, atenda! Cadê você? Ouvi seu último recado. Ouvi as ambulâncias ao fundo. Estou ficando maluco. Estou ligando para todos os hospitais e clínicas de Paris. Me ligue. Por favor.

Ele soltou um palavrão. Percorreu, na caixa de entrada, a série de torpedos de Jennifer com os telefones dos hospitais e clínicas parisienses. Até agora, tinha ligado para mais de vinte. Os principais.

Precisava continuar. Deu a si mesmo meia hora antes de retomar a leitura do diário.

Dizia sempre a mesma coisa: “Olá, por acaso uma moça chamada Émilie Vitral deu entrada aí hoje?

Não, não sei em que setor. Pronto-socorro, talvez…”

O trem fazia um barulho infernal. Marc quase não conseguia ouvir o que as atendentes lhe falavam.

De toda forma, era sempre a mesma resposta: não havia nenhuma Émilie Vitral em seu registro.

Meia hora depois, tinha ligado para mais 22 hospitais. Estava mais eficiente e menos amável. Já começara a telefonar para as clínicas particulares e consultórios de especialistas. Lugares onde sentia que não tinha a menor chance de encontrar Lylie.

Tudo aquilo era inútil. Estava correndo atrás de uma quimera, nunca iria encontrá-la assim… pelo menos não antes do dia seguinte.

Precisava pensar, dar um jeito de recolocar em ordem todas as peças do quebra-cabeça. Precisava, antes de tudo, terminar de ler o caderno de Grand-Duc. Teria tempo de sobra para isso antes de chegar a Dieppe. Restavam no máximo umas trinta páginas.

Guardou o celular na jaqueta e tirou do bolso da calça jeans as folhas arrancadas do diário do detetive. O verso da última página estava em branco. Pegou uma caneta na mochila e escreveu em maiúsculas, com uma caligrafia nervosa: *ONDE ESTÁ LYLIE?*

Então, mais abaixo, com uma letra miúda e apertada: *Num hospital? Viagem sem volta?*

Sublinhou as três últimas palavras e listou três pontos de interrogação: *Suicídio?*

Assassinato?

Vingança?

Sem saber por quê, sublinhou a palavra “vingança”. Continuou a escrever: *QUEM MATOU CRÉDULE GRAND-DUC?*

Então, em minúsculas:

Malvina de Carville

Passou vários segundos chupando a ponta da caneta, então acrescentou um ponto de interrogação depois do nome. O Corail vibrava, mas ele estava acostumado a estudar no trem ou no metrô.

Conseguia reler a própria letra, e isso bastava.

Febril, continuou:

Por que Grand-Duc não se matou com um tiro na cabeça há três dias?

O que ele descobriu naquela noite, logo antes da meia-noite?

O que descobriu de novidade?

O suficiente para que alguém o matasse?

O ACIDENTE DO MEU AVÔ.

QUAL É O DETALHE QUE FALTA?

A caneta deslizava. As linhas da caligrafia de Marc pareciam as ondas de um mar revolto.

Vasculhar meu quarto em Dieppe. Sem pressa. Me lembrar.

Releu o que havia escrito. Divertiu-se contando os pontos de interrogação. Treze ao todo! E ele ainda não tinha terminado. Sentia no bolso da jaqueta o peso do envelope que Mathilde de Carville lhe dera. A caneta continuou sua corrida: *EXAME DE DNA. SOLUÇÃO?*

Abrir o envelope?

Avançar em direção à solução do problema profanando o segredo nele contido?

Não. Isso não adiantaria nada. Marc sabia o que havia dentro do envelope. Lylie não era sua irmã. Era neta de Mathilde de Carville. Irmã de Malvina, aquela louca. Tudo confirmava o fato. O avanço da investigação de Grand-Duc… e até mesmo o anel, a safira azul-clara que Lylie estava usando. Sem falar nos sentimentos do próprio Marc, desde sempre.

FALAR COM NICOLE

Acrescentou mais um ponto de interrogação. Dezesseis!

O trem chegaria a Dieppe às 18h24.

Restavam-lhe menos de três horas para esperar.

O trem parou em Mantes-la-Jolie. Um terço dos passageiros saltou. Poltronas vagaram. Marc se levantou e se acomodou no compartimento inferior, junto à janela. Ainda sentia dor nas partes íntimas, menos intensa agora que se sentava com as pernas esticadas. Malvina não estava mais por perto, pelo menos isso, mesmo que nada pudesse lhe garantir que a louca não tivesse embarcado no mesmo trem que ele. Ela havia se misturado à multidão em Saint-Lazare… Marc suspirou. Pegou o caderno de Grand-Duc e tornou a mergulhar na leitura.

Diário de Crédule Grand-Duc

A minúscula argola de ouro foi despachada, meticulosamente protegida dentro de um pequeno saco plástico, para o melhor laboratório de criminalística de toda a França, assim como as guimbas de cigarro e tampinhas de garrafa recolhidas na cabana do Mont Terrible. Eu ainda mantinha alguns contatos na polícia. Tinha também dinheiro para pagar. Não havia nada de ilegal naquilo, ou

quase nada. Era só uma investigação paralela não exatamente oficial, mas, mesmo assim, uma investigação.

Os resultados chegaram em oito dias. A argola era mesmo de ouro. Essa era a única certeza.

Impossível determinar, a partir de uma amostra tão pequena, se pertencia a uma pulseirinha de bebê, a um cordão, a um bracelete, a um pingente… ou mesmo à medalhinha de identificação de um cachorro!

Impossível saber se tinha sido fundida por Tournaire ou na oficina de qualquer outro joalheiro de uma aldeia no interior da Franche-Comté.

A argola de uma joia de ouro… aquilo complicava ainda mais o caso. Por que tinha sido enterrada naquele túmulo, sob aquele pequeno mausoléu de pedra? Era um pedaço de quê? Quem a havia enterrado?

Um mistério do início ao fim!

O preço da pulseira nos classificados já havia chegado a 75 mil francos. Valor que beirava o ridículo… sobretudo para uma joia à qual idealmente estaria faltando uma argola. De todo modo, era uma recompensa virtual. Havia muito tempo que eu já perdera a esperança de alguém se manifestar.

Eu ainda não sabia, mas o fio do anzol não demoraria a se esticar. E haveria um peixe na outra ponta.

Um peixe grande. Quer dizer, “não demoraria”… tudo é relativo. Ele só iria morder a isca dali a dois anos. Mas não fiquem impacientes demais, vou chegar lá. Em breve. Do ponto de vista do suspense, acho que vocês não têm do que reclamar: um ano interminável para mim se resume, para vocês, a umas poucas páginas de leitura.

As amostras de guimbas e detritos diversos recolhidos na cabana do Mont Terrible não foram mais loquazes. Após sete anos, já era de se esperar. Desde a estadia de Georges Pelletier, em 1980, gerações de sem-teto ou de namorados de domingo deviam ter se sucedido lá dentro.

Voltávamos ao ponto de partida: eu não tinha escolha, precisava encontrar Georges Pelletier. Passei noites inteiras tentando ser aceito pelos moradores de rua de Besançon. A cidade à noite pode parecer engraçada e quase folclórica: os bêbados de uma cidade provinciana, um punhado de gatos-pingados no máximo, nada perigosos, velhos conhecidos da polícia. Os bebuns da região. Quase simpáticos.

Não acreditem em tudo o que lhes dizem! Posso afirmar que morar na rua em Besançon suscita respeito. Imaginem viver debaixo de um papelão, tanto no verão quanto no inverno, na cidade mais fria da França! Em Besançon não existe metrô. O saguão da estação de trem fecha durante a noite.

Passei apenas uma dezena de dias com eles, entre janeiro e março de 1988, e

pensei que fosse morrer de frio. Voltava congelado quando o dia clareava e passava três horas em apneia dentro de uma banheira de água escaldante. Vocês podem ver, portanto, que mesmo depois de oito anos de investigação eu estava fazendo jus à grana da Sra. Carville.

E tudo isso a troco de quê? Deixo essa avaliação a seu critério.

Os ex-companheiros de rua e de droga de Georges Pelletier, fina flor da sociedade notívaga de Besançon, me confirmaram que ele havia reaparecido após 23 de dezembro de 1980. Vivinho da silva, descido lá do alto da sua montanha, e nem um pouco esmagado por nenhum Airbus que houvesse caído na sua cabeça. Sem pulseira nenhuma no braço, tampouco. Sempre calado. Passou seis meses em Besançon e recomeçou a aprontar. Tráfico de drogas, furtos. Depois se mandou para Paris antes que a polícia o pegasse. Ou seu irmão Augustin. Segundo os amigos da rua, Georges temia menos a polícia do que as lições de moral do irmão.

Eu acrescentaria um detalhe apenas, o único: Georges Pelletier não desceu da montanha junto com seu cachorro. Um detalhe significativo. Só que Augustin estava enganado: o cachorro não era de porte pequeno. Segundo os amigos, era um malinês macho, versão extragrande. Impossível de enterrar no túmulo da cabana. A menos que tivesse sido esquartejado, mas por que alguém faria isso ao próprio cachorro? Por que não abrir uma cova maior? Mais uma porra de um mistério em torno daquela porra de túmulo!

Vocês podem imaginar que não desisti. Só me restava reencontrar o rastro de Georges na selva dos malucos e indigentes de Paris e arredores. Nazim também teve de participar. Mais três meses de investigação em tempo integral. Classificados. Lobbys de todo tipo com a polícia, o serviço social das prefeituras de bairro, os abrigos. Novas incursões pelas ruas, à noite, com a lanterna apontada para a foto de um Georges sorridente em frente à árvore de Natal na casa de Augustin. A imagem mais recente que o irmão conseguira arrumar.

Um trabalho de profissional. Meticuloso, passo a passo. O submundo: no fim das contas, um trabalho digno de um detetive particular, do jeito que eu gostava. Mathilde de Carville tinha razão: para encontrar a solução era preciso tempo e dinheiro. As duas coisas. Vou poupá-los dos detalhes. Eu e Nazim acabamos seguindo o rastro de Georges Pelletier até um tal de Pedro Ramos. Encontrei-o em junho de 1989 no festival da Foire du Trône, em frente a um brinquedo chamado Samba.

— Georges trabalhou para mim durante duas temporadas — explicou ele enquanto vigiava de rabo de olho o seu brinquedo.

Adolescentes histéricos de ambos os sexos pagavam 5 francos cada um para passar dois minutos e meio em um pandeiro giratório que quase os atirava longe.

O Samba era uma versão radical do gira-gira dos parquinhos infantis.

— Não pedi o currículo dele — continuou Pedro com um sorriso experiente. — Entendi que queria se afastar de tudo. Não era um cara preguiçoso. Desde que não viesse trabalhar drogado, o resto não me importava.

— Qual foi a última vez que o senhor o viu? — perguntei.

Pedro nem sequer precisou pensar na resposta. Apenas fez com a mão um gesto para uma menina vestida de rosa que operava o guichê, dizendo-lhe para apressar o serviço. A cabeça dela mudava de cor com as luzes de néon.

— No outono de 1983. Meados de novembro, para ser mais exato. Depois da feira de Saint-Romain, a última da temporada, que acontece no cais de Rouen. A gente empacotou tudo, guardou o material para o inverno e pronto. Até a próxima temporada. Pelletier sabia onde me encontrar. Só que não apareceu.

Não fiquei triste nem fui procurá-lo. Isso acontece bastante no nosso ramo de trabalho por temporada.

Duas vezes seguidas já é muito bom. Georges não voltou, nem no ano seguinte nem nunca mais.

Um beco sem saída…

Só por desencargo de consciência, continuei a interrogar Pedro Ramos mais um pouco. Não consegui arrancar mais nada dele. A pista esfriava no cais de Rouen. Não muito longe de Dieppe, pensando bem, não muito longe dos Vitral.

Qual seria a relação entre as duas coisas? Nenhuma, decerto.

Nos meses seguintes, mudei de registro. Comecei a acompanhar os parques de diversões itinerantes.

Brinquedos Samba e outras idiotices do gênero.

Nazim gostava muito disso, mais do que do submundo. Às vezes, nos fins de semana, aparecia com a namorada, Ayla. *Entrada franca* … tudo na conta da Sra. Carville: trens-fantasma, maçãs do amor.

Levamos um tempão para conseguir algo de novo. Anos.

De vez em quando, para mudar de ares, eu voltava a Dieppe.

38

2 DE OUTUBRO DE 1998, 16H19

— Estou dizendo que é um casamento!

As mãozinhas de Judith seguravam com firmeza a cerca do pátio do jardim de infância.

— Não, sua boba! Não é casamento, não! Não vê que está todo mundo de preto? Alguém morreu.

O cortejo se afastava pela rua devagar. Judith não acreditava muito no que dizia sua amiguinha Sarah, que vivia inventando histórias para chamar atenção. Quando as pessoas passeavam bem vestidas pela rua, todas enfileiradas como quem vai à cantina, saindo da igreja enquanto os sinos tocavam… era um casamento, ela sabia muito bem. Já tinha ido a vários. Dois, no mínimo, mais todos aqueles quando era pequena demais para se lembrar.

— Não é nada, Sarah!

Irritada, Sarah sacudiu a cerca.

— Alguém morreu, estou dizendo! Eles vão colocar a pessoa dentro de um buraco. Fizeram a mesma coisa com a minha avó.

— Não é nada!

— Certo, então cadê a noiva?

— A gente não viu, ela já passou, só isso!

— Até parece! Para começar, hoje é sexta! Ninguém casa em dia de aula. Mas quando alguém morre é diferente, não dá para escolher o dia.

Judith foi obrigada a reconhecer que a amiga tinha razão. E Sarah ainda insistiu: — Além disso, em um casamento as pessoas não são tão velhas. Dá para ver que todo mundo ali é velho.

— Não, nem todo mundo!

— É, sim!

— Não é, não! Olha ali. Moça! Moça!

Lylie despertou bruscamente de seu torpor.

Surpresa, deu com duas adoráveis menininhas de 5 anos enroladas em sobretudos de lã de cores vivas e com os cabelos escondidos debaixo de dois gorros peruanos.

— Moça, moça, isso é um casamento ou alguém que morreu?

Mesmo sem vontade, Lylie sorriu. Achou comovente o contraste entre os gritos alegres do pátio da escola e o silêncio do cortejo fúnebre daquele enterro

anônimo. Agachou-se para ficar na mesma altura das meninas.

— É um enterro — respondeu com uma voz branda.

— Viu? — disse Sarah, triunfante.

Judith fez uma careta. Três outras meninas vieram se encostar na cerca. Na calçada, Lylie se transformou na atração da turma, feito um pônei atrás de um arame farpado.

— Quem morreu? — perguntou Sarah.

— Eu não conhecia — respondeu Lylie. — Estou só de passagem. Não sou da família. Estou vindo daquele grande prédio branco ali na frente. Aliás, preciso voltar para lá.

— Se você não conhecia quem morreu, por que está triste, então? — insistiu Judith.

Lylie não conseguiu disfarçar a surpresa. Aproximou-se mais um pouco da menina. Minúsculas sardas começavam a despontar nas faces vermelhas.

— Por que você acha que eu estou triste?

— Ué, seu olho está todo vermelho. E só alguém muito triste prefere seguir um morto que não conhecia em vez de, sei lá, ir passear nas lojas, brincar em um parque, ver um filme…

Quinze pares de olhos quase escondidos por gorros, balaclavas e cachecóis examinavam Lylie agora.

— Você acertou — sussurrou ela, curvando-se junto à orelha de Judith. — Mas não pode contar para ninguém. Qual é o seu nome?

— Judith. Judith Potier. Estou no Jardim III. E você, qual é o seu nome?

— Não sei.

Judith mordeu o lábio, como quem acaba de fazer uma pergunta demasiado indiscreta. Passou alguns instantes pensativa. Decerto era a primeira vez que encontrava alguém sem nome. Esboçou um sorriso para a desconhecida, como quando tentava incentivar duas amigas que brigavam a fazer as pazes.

— É por isso que você está triste, então?

39

2 DE OUTUBRO DE 1998, 16H39

O Corail fez uma parada em Vernon. Marc viu desaparecer os passageiros que haviam acabado de descer. Nenhum reencontro na plataforma, nenhum beijo de cinema, nenhum grito de alegria, apenas algumas dezenas de trabalhadores apressados para chegar em casa. Quando o trem tornou a partir, a plataforma já estava deserta e os carros parados no pequeno estacionamento do outro lado dos trilhos se enfileiravam rumo à saída.

O sol ainda não havia sumido por completo atrás das encostas às margens do Sena. Para evitar a contraluz e poder ler confortavelmente o caderno apoiado na mesinha cinza, Marc puxou a cortina. O detetive estava prestes a completar dez anos de investigação. Agora as lembranças de Marc já não se limitavam mais a vagas impressões ou a um eco distante, mas constituíam uma versão precisa dos acontecimentos. Uma versão pessoal dos fatos a ser comparada à de Grand-Duc.

Diário de Crédule Grand-Duc

Na volta às aulas do ano de 1991, Émilie Vitral se preparava para ingressar no ginásio. Até agora não lhes falei muito sobre Émilie. Entretanto, é importante fazê-los compreender como a menina cresceu, durante todos aqueles anos, até Nicole ceder e Mathilde triunfar. A seu modo.

Émilie, então, estava prestes a completar 11 anos.

Ela sempre gostou de mim, acho. Era recíproco. Devia ser o meu lado meio carrancudo e solitário.

Crianças gostam de escutar os adultos que falam pouco. Talvez compartilhem com eles o mesmo pudor.

Para ela, eu era Crédule, cara de bule.

Acho que eu fascinava Marc também. Não apenas por causa do meu inesgotável conhecimento futebolístico. Mas principalmente, acho, porque ser detetive particular é algo muito impressionante para uma criança. Parece alguém saído da TV. Um McGyver, um Mike Hammer… um Magnum sem os dobermanns e com um BMW no lugar da Ferrari. E eu ainda exagerava um

pouco. Gostava de exagerar.

Minhas histórias inventadas faziam Nicole rir. E assim, de rabo de olho, fui vendo Émilie crescer.

Em segredo, torcia por alguma semelhança física. Para que um belo dia a menina descambasse para um lado ou para o outro. Vitral ou Carville. Para que começasse a exibir o sorriso de Marc ou os cacoetes do avô Carville, algo desse tipo. Uma certeza, qualquer uma.

Mas nada. Ela continuava a pender para o lado Vitral. Sobretudo os olhos. Mas sem exagero.

Quanto ao resto, tudo se complicava. Nicole Vitral fez o possível para esconder o fato, pelo menos no início, mas era flagrante. Na Rue Pocholle, Émilie parecia ter caído não de um Airbus, mas de um disco voador. Adorava estudar. Foi a primeira aluna em todas as turmas que frequentou, do jardim ao quarto ano, enquanto Marc obtinha resultados honrados, mas nada além disso, graças ao afinco e à constância, sem qualquer afinidade especial. Émilie gostava de música. Émilie gostava de artes. Émilie gostava de ler. Devorava qualquer livro. Na casa dos Vitral, havia livros, discos e quadros em quantidade razoável, não por necessidade, mas quase por obrigação. Como quem guarda na garagem uma bicicleta ou bolas de bocha. Só para garantir.

Era óbvio para qualquer pessoa que Émilie crescia e se tornava diferente. Continuava encantadora, carinhosa e amada, mas estava sufocada. Toda terça-feira à noite, esvaziava a biblioteca ambulante que parava no estacionamento da estação de trem de Dieppe. Atormentava com perguntas a avó, que ficava atordoada. Os *Contos do gato no poleiro* no primeiro ano do primário, e depois todo o resto. Roald Dahl, Igor Stravinski, Rudyard Kipling, Sergei Prokofiev. Uma série de nomes complicados dos quais Nicole nunca tinha ouvido falar.

Acontece de uma exceção assim surgir em uma família. Era o que eu dizia a mim mesmo, para me convencer. A flor que brota no meio do mato bravo. A autodidata da escola pública. O sonho americano em versão francesa, um jovem superdotado que galga sozinho cada degrau, sem apoio, sem rede de proteção, do certificado do ensino primário à universidade; que tira sua força e sua garra das próprias origens modestas. Vindo de muito longe, lá de baixo, e para sempre orgulhoso de suas raízes. Essa prisão doméstica inicial será eternamente a diferença entre um jovem assim e os “filhos de fulano”, os bem-nascidos dos distritos mais nobres de Paris, os alunos-clones das melhores escolas de ensino médio; será para sempre a seiva que o fará crescer mais alto. Seu estandarte. É nisso que se transforma um jovem assim: no porta-estandarte de seus semelhantes, que sentem mais orgulho ainda do que ele. O pequeno que chegou lá. Será por isso que os pobres têm tantos filhos? Para multiplicar as chances de

tirar um número vencedor?

Bom, vou parar por aqui minha teoria mal-ajambrada sobre determinismo social. Queria apenas explicar para vocês como Émilie despontava no bairro do Pollet. A menina que iria longe. Protegida entre os seus. Protegida por Nicole também, é claro. Mas é preciso imaginar a dúvida lancinante que permeava sua admiração de avó.

Nicole tinha o direito de se orgulhar da neta? Seria a menina sua neta, de fato? Sete, dez anos depois, a sombra do drama ainda perdurava. Se a menina fosse Émilie Vitral, sua descendente, carne da sua carne e sangue do seu sangue, nesse caso, sim, que sorte, que glória, que milagre aquela criança cujo destino estava escrito de antemão! Mas, se a menina fosse Lyse-Rose de Carville… entregue por engano a uma família adotiva, longe de casa, perdida em outro mundo. Amordaçada.

Objetivamente, vendo Émilie passear por seu bairro de pescadores em Dieppe, eu não podia evitar pensar que ela parecia uma extraterrestre caída em plenos Estados Unidos da América, um Tarzan esquecido na selva, um Guliver no país dos liliputianos.

— É normal — dizia-me Nicole de vez em quando. — Uma menina criada pela avó. Sozinha. É claro que ela é diferente.

Nicole tinha razão. Em parte.

Aos 11 anos, no fim do ensino primário, Émilie fez uma exigência. Quer dizer, exigência não, porque a menina não exigia nada. Melhor dizendo, declarou querer ver o mundo que existia além das rodas de sua bicicleta. Passar para o outro lado dos penhascos. Conhecer outros lugares. Outras formas de lazer também. Principalmente a música. Continuar a tocar piano. Não só porque tinha talento e os professores a incentivavam. Não. Apenas porque tinha vontade. Mais que vontade, até: necessidade.

A questão era simples. O único jeito de Émilie continuar progredindo era ter um piano em casa. Para tocar todos os dias, por várias horas. Ao seu modo, a menina sabia ser convincente. Havia tirado as medidas da sala. Um piano vertical caberia, bastava empurrar a TV um pouco mais para o canto e o sofá para o lado. Caberia, ficaria bonito, e daria até para pôr em cima o vaso de flores e o cinzeiro de cristal do vale do Bresle.

Restava o preço.

Trinta mil francos, no mínimo. Vinte mil, digamos, no caso de um piano de segunda mão.

A reação de Nicole Vitral foi: — Um piano? Eu mal consigo vestir você, minha pobrezinha. Tive de trabalhar todos os domingos de maio e junho para podermos passar uma semana em Saint-Quay, e não sei ainda como vou pagar

seu material escolar. Já pago as aulas de música. Desde que você fez 10 anos que não são mais gratuitas.

Agora, um piano, minha pobrezinha…

Émilie não protestou. Entendeu. Já possuía uma espécie de maturidade quase incongruente para os seus 11 anos. Pelo menos pareceu entender. Foi se refugiar em seu quarto, que era também o de Marc. Pela divisória, Nicole ouviu uma melodia de flauta. O único instrumento da menina. Uma flauta de plástico que Marc tocava na escola. Nicole reconheceu o sucesso da época, uma canção de Jean-Jacques Goldman chamada *Leidenstadt*.

Seu coração se partiu ao meio.

Quando Marc chegou do estádio, encontrou a avó afundada no sofá, aos prantos. Aos 13 anos, não soube como reagir. Só ouvia Émilie tocar sua flauta. Uma bela melodia. Bela e triste.

Nicole chamou o neto para o sofá, abraçou-o e o apertou com força.

— Você não pode ter inveja de Émilie. Entendeu? Nunca.

É claro, pensou Marc. Como poderia ser de outra forma?

— Precisa continuar a conviver com ela como antes, Émilie precisa continuar para sempre a ser sua irmãzinha…

É claro. Aonde sua avó queria chegar?

— Mesmo que eu trate vocês dois de modo diferente. Você agora é um menino grande, Marc. Já pode entender.

De modo diferente? Como assim?

Nicole se levantou, devagar. Marc a imitou. Sua avó estava sorrindo outra vez. Pelo menos um sorriso fingido. Acenou para o neto segurar a outra ponta do sofá.

— Me ajuda a mudar isto de lugar, Marc. Não tenho certeza se vai caber um piano aqui dentro!

A compra do piano novo, um Hartmann-Milonga, em dinheiro vivo, na maior loja especializada de Rouen, praticamente não alterou o saldo da conta bancária de Émilie.

A menina tinha razão: apertando bem, o instrumento cabia entre o sofá e a televisão.

Depois disso, tudo aconteceu em rápida sucessão. Primeiro, os estágios em Paris. Uns poucos dias.

Depois as temporadas. Um misto de estágio, apresentação e turnê no exterior. Londres, Amsterdã, Praga. Então, as compras de discos. Livros, também. Por que privar a menina de livros? Então vieram as roupas. Por que privar a menina de moda? Era humano. Émilie tinha direito a tudo o que havia de melhor. Nicole não se sentia mais no direito de negar nenhum detalhe relacionado ao seu futuro,

de não apostar todas as fichas. Só para garantir.

Agora vocês entendem qual foi a estratégia de Mathilde de Carville. Desde o início, ela estava consciente das próprias ações. A conta aberta no banco em nome de Émilie era um ovo de serpente guardado dentro de um cofre que havia se quebrado e cujo rebento havia crescido aos poucos, durante anos, debaixo da casa dos Vitral, para enfim se libertar, pronto para sufocá-los.

O abismo entre Émilie e Marc aumentou. Abismo material, que fique claro. Quanto ao resto, falarei a respeito mais tarde. Émilie podia agora pedir tudo o que quisesse, do mais fútil dos caprichos ao mais caro dos desejos. Nada era dispendioso demais para ela. Marc, por sua vez, tinha de se contentar com itens de segunda mão. As roupas de um vizinho. A bicicleta do avô. Os sapatos de rúgbi dos amigos mais velhos.

No início, Émilie insistiu: queria pagar tudo para Marc também. Afinal de contas, conforme haviam lhe explicado, o dinheiro era seu! Mas Nicole não cedeu. Para ela, era uma questão de honra, um compromisso moral assumido com Mathilde.

Uma fronteira impossível de cruzar.

Nenhum centavo dos Carville para o neto.

Admito que pode parecer estralho. Mas quem pode adivinhar como teria reagido caso estivesse no lugar de Nicole? Sim, eu repito: Mathilde de Carville sabia o que estava fazendo naquela noite de maio de 1981, quando foi oferecer a Nicole aquela serpente adormecida.

Com o anel de safira azul-clara como garantia.

Contra todas as expectativas, existe uma moral nessa história. Até onde pude constatar, a obra da serpente fracassou. Marc não sentiu inveja. Nunca. E não foi para obedecer à avó. Foi algo natural.

Sentia apenas alegria por ver Émilie feliz. Voltarei a esse assunto… em detalhes, prometo.

Outro milagre, mais curioso ainda: no meio de todo esse castelo de conto de fadas, desses presentes açucarados e dessa vida em berço esplêndido, Émilie não se estragou, não passou a observar com cara de nojo a vida simples da família. Continuou a ser a mesma menina animada, simples, sem desprezo pela sala abarrotada, pelas casas imprensadas da Rue Pocholle, pelo mar cinzento e pelos seixos duros demais sob seus pés descalços.

Émilie cresceu. Continuou a ter os olhos azuis dos Vitral e o gosto refinado dos Carville. A gentileza dos Vitral… e o dinheiro dos Carville.

Vai entender.

Marc ergueu a cabeça. Com os olhos marejados de emoção.

O Corail atravessava em alta velocidade os lagos de Poses. Barcaças

carregadas de areia subiam o Sena no sentido contrário. Marc ainda podia ver tudo aquilo. A flauta. O sofá. O piano e Émilie diante dele tocando Chopin, Berlioz, Debussy. Não entendia nada do assunto, mas achava aquilo emocionante.

Émilie de cabelos presos, sentada, com as costas eretas, mãos e dedos em constante movimento. O piano agora estava mudo. Empoeirado. Ainda na sala da casa, em Dieppe. Ele se lembrava também das roupas de Lylie. Como esquecer? Os vestidos, as saias. Cada vez mais bonitas com o passar dos anos.

Compradas para ele, somente para ele.

Como poderia ter sentido inveja?

Ninguém havia entendido. Nem Grand-Duc, nem Nicole, nem nenhum outro adulto. Menos ainda Mathilde de Carville.

O trem parou em Val-de-Reuil, estação rural que a cidade nova jamais havia alcançado. Marc hesitou.

Faltavam menos de quinze minutos para Rouen. Ele pegou o celular; podia tentar telefonar para algumas outras clínicas. Só por desencargo. Ligou para três números, sem sucesso. Ninguém chamado Émilie Vitral dera entrada naqueles estabelecimentos. Paciência. Já não tinha mais muita convicção. Sua maior vontade era terminar a leitura do caderno.

Sua adolescência narrada pelo detetive.

Quase como se o seu diário tivesse sido escrito por outra pessoa.

40

2 DE OUTUBRO DE 1998, 16H48

Nicole caminhou devagar em direção ao mercado de peixe, bem na ponta do porto de pesca de Dieppe.

Aproximou-se de uma das bancadas.

— O que você tem hoje, Gilbert? De não muito caro?

O peixeiro respondeu sem hesitar: — Linguados. Chegaram no barco de hoje à noite. Vai querer um?

— Dois!

De perfil, o olho de Gilbert se arredondou como o de um de seus peixes mortos.

— Dois? Vai receber alguém para jantar? Émilie ou Marc? Ou será algum namorado?

Que babaca!

— É o Marc, imbecil! — esclareceu Nicole.

— Está certo, vou colocar um bem bonito, então. Como ele vai?

Nicole desconversou. Imersa em pensamentos, respondeu banalidades. Pagou pelos peixes.

— Obrigada, Gilbert. Esta semana passo para deixar os panfletos da prefeitura sobre o porto. Está tudo escrito lá.

O peixeiro suspirou.

— Mais uma daquelas babaquices deles. O pessoal da prefeitura deveria cuidar é dos comerciantes, não dos estivadores. Acredite, quem vai morrer primeiro é a gente, antes mesmo dos pescadores.

Nicole já estava se afastando. Gilbert Letondeur era o melhor peixeiro de Dieppe, mas também um cretino que simpatizava com os armadores e a Câmara de Comércio e Indústria da cidade. Em suma, um cara de direita. Nicole reconhecia que tinha uma visão restrita das coisas, mas era assim que via a cidade de Dieppe: dois campos adversários. Apesar do furgão à beira-mar, ela nunca havia se aliado aos comerciantes.

Uma traidora!

Duplamente traidora. Pois também comia o peixe do adversário.

Seguiu em direção à beira-mar. Gostava daquele tempo seco. Do vento regular. Apreciou também a agitação no gramado. Estavam terminando de instalar algumas dezenas de capitéis brancos, todos idênticos, alinhados e

encimados por bandeiras multicoloridas de países do mundo inteiro. Como a cada dois anos, por dez dias Dieppe vivia ao ritmo do Festival Internacional da Pipa.

O céu já estava coalhado de losangos coloridos, imensos círculos imóveis, triângulos que faziam curvas fechadas. Bem lá no alto podia-se ver um dragão chinês, uma máscara inca, um enorme gato azul, um círculo vazado dentro do qual um catavento girava a toda velocidade. Inúmeras constelações imaginárias e cheias de cores.

Nicole seguiu andando, distraída e um pouco nostálgica. Não pôde evitar recordar as edições anteriores do festival. No início dos anos 1980, Dieppe fora a primeira das cidades balneárias a organizar um festival da pipa. Desde então, esse tipo de evento fora copiado em todas as grandes praias ventosas do norte europeu.

Nicole tinha participado com Pierre dos dois primeiros, em 1980 e 1982. Duas vezes dez dias de recordações festivas, mas também lucrativas. Na época, seu furgão de quitutes fritos à beira-mar já era um clássico. Durante a primeira edição, sua nora Stéphanie estava quase na reta final da gravidez.

Mesmo assim, passara o fim de semana inteiro ajudando os sogros como podia. Pierre e Pascal, pai e marido atenciosos, tentaram convencê-la a ficar sentada em uma cadeira, fazê-la entender que aquele fim de semana seria uma péssima hora para parir! No fim das contas, Émilie acabou nascendo alguns dias depois, em 30 de setembro, como se tivesse esperado de propósito.

Então veio o drama do Airbus… seguido pelo julgamento. Pierre participou de um segundo festival, em 1982, antes de adormecer no dia 7 de novembro, no Le Tréport, e nunca mais acordar. Como um símbolo macabro, o festival ditava o ritmo da vida de Nicole: vida e morte dependiam apenas de uma linha, ao sabor do vento. Mesmo assim, ela continuava a estacionar seu furgão à beira-mar durante os dez dias de festa, sem Pierre para ajudá-la. Não tinha outra escolha: o festival ainda era sua maior receita de dois em dois anos.

Marc e Émilie eram jovens demais para se lembrar. Para eles, o festival não era mais que um gigantesco carnaval que eles passavam semanas aguardando. Para admiração da irmã menor, Marc até que sabia se virar com as linhas. Um vizinho tinha lhe dado de presente uma pipa no formato de um inseto vermelho e dourado gigante, com um rabo muito comprido cheio de fitas e asas de papel plastificado transparente. É claro que ele havia batizado a pipa de “Libélula”, pois algumas pessoas ainda chamavam Émilie assim. Uns babacas. Comerciantes de Dieppe, por exemplo.

Émilie, por sua vez, seguia feito uma flecha. Corria de barraca em barraca, percorrendo todos os países do mundo: Peru, China, Etiópia, Mongólia, Equador,

Iêmen, Canadá… A pipa era uma linha esticada que interligava todas as crianças do planeta: bastava um pouco de vento, nada mais.

A arte de domar o céu por pura diversão.

Cada vez mais alto. Sem nenhum passageiro, sem nenhum viajante.

Sem acidente.

Depois de 1980, Nicole nunca mais tinha olhado para o céu como antes. A pequena Émilie acumulava quilômetros: Japão, Mali, Colômbia. Depois voltava correndo para o furgão da Citroën com os olhos brilhando. Todas as tribos do mundo tinham marcado encontro no seu gramado.

— Você viu, vovó? Você viu?

Nicole se afastou da beira-mar. Emocionada. Nesse ano, pela primeira vez na vida, Émilie iria perder as pipas de Dieppe.

Entrou na padaria. Temia ter de enfrentar a mesma bobajada do peixeiro. Tinha razão.

— Uma baguete, Nicole?

— Uma baguete. E um doce *salammbô* também.

— É mesmo? Um *salammbô*? Marc está de volta?

Salammbô. O doce preferido de Marc. Pelo menos quando ele tinha 10 anos. Nicole sabia que era ridículo querer satisfazer o neto já crescido dessa forma, com as vontades da infância. No final das contas, porém, isso a deixava contente, e Marc era um rapaz educado.

Ela olhou para o relógio de pulso. O neto chegaria em duas horas. Foi margeando a marina a passos lentos em direção à ponte móvel que separava o bairro do Pollet do restante da cidade. Uma ilha no coração de Dieppe.

Inconscientemente, começou a pensar outra vez na conversa telefônica com Marc. No envelope azul de Mathilde de Carville. No exame de DNA entregue ao seu neto. Na proibição de abrir o envelope que era para a avó.

Que vaca!

Teve de parar. A ponte estava subindo para deixar passar um navio não muito grande, com a bandeira da Nigéria. Ainda restavam alguns como aquele. Estaria transportando bananas? Abacaxis? Madeira exótica?

O que é que a velha Carville estava achando? Que tinha o monopólio da vidência? Que era a única a ter pensado no exame de DNA? Que Crédule Grand-Duc estava comprado por ela? Que ele havia colhido uma gota do sangue de Émilie assim, tranquilamente, sem que a avó reagisse?

A fila de carros em frente à ponte aumentou. A mistura de cheiros de maresia e canos de descarga fez Nicole ser acometida por uma tosse carregada. A Carville não tinha entendido tudo! Grand-Duc não era tão canalha assim. Não quisera causar discórdia. Tinha mandado fazer dois exames de DNA. Dois

envelopes azuis. Um para cada avó.

Nicole virou a cabeça. Uma pipa gigante, o dragão chinês, ultrapassava o topo das construções à beira-mar. Ela sorriu. Havia guardado o envelope azul entregue por Grand-Duc na segunda gaveta da cômoda, trancada a chave. O resultado do exame que comparava seu próprio sangue ao de Émilie, destinado a confirmar aquele recebido por Mathilde, que Marc tão obedientemente estava lhe trazendo.

A ponte móvel enfim baixou. Os carros se impacientaram. Nicole tornou a tossir.

Havia aberto o envelope em 1995. Fazia três anos que também conhecia a resposta.

Tinha de falar com Marc sobre isso. Era preciso, claro. Naquela noite mesmo. Ainda poderia salvar uma vida. Depois seria tarde demais. Deveria ter feito isso antes. Era fácil falar.

Uma resposta daquelas.

Um alívio?

Talvez.

Contanto que ela aceitasse perder tudo.

41

2 DE OUTUBRO DE 1998, 17H11

O Corail seguiu rente às margens do lago Deux-Amants, atravessou a ponte ferroviária de Manoir-sur-Seine sem diminuir a velocidade, passou pela estação de trens de Pont-de-l'Arche. Marc nem sequer sentia o frio da vidraça na testa. Contentara-se em acender a luz de leitura acima da cabeça.

Diário de Crédule Grand-Duc

Os primeiros anos da década de 1990 foram como anos mortos. Novas estadias na Turquia e no Canadá; Chifre de Ouro e Chicoutimi, vou poupá-los dos postais cheios de nostalgia. Sem falar nas minhas romarias anuais ao Mont Terrible. Nazim passou dias inteiros vigiando a cabana. Em vão!

Não houve absolutamente nada de novo. Foi o início da minha depressão. Ou pelo menos é isso que eu diria se devesse especificar uma data. Entre 1990 e 1992. O fim das ilusões.

Georges Pelletier também era outro beco sem saída. O sem-teto tinha sumido. Levado por não sei qual brinquedo de parque de diversões, Samba ou trem-fantasma. O preço da pulseira havia parado de subir e estacionado em 75 mil francos.

De que adiantava aumentá-lo? Eu já tinha uma aposentadoria de ouro, ou quase.

Fazia três semanas que não trabalhava no caso quando recebi o telefonema de Zoran Radjic. Os anúncios de *75 mil francos pela pulseira* continuavam a sair semanalmente em uma dezena de jornais, pagos antecipadamente por débito automático.

— Crédule Grand-Duc?

— Sim.

— Meu nome é Zoran Radjic. Li o anúncio que o senhor publicou sobre uma recompensa por uma pulseira de ouro perdida. Acho que tenho informações para lhe dar.

Vocês conseguem imaginar minha reação? Fiquei desconfiado, pois já havia

me decepcionado com um farsante turco anos antes.

— O senhor sabe onde a pulseira está?

— Sei… Acho que sei.

Apesar de tudo, fiquei animado. Crédulo, de fato. Ninguém escapa à própria sina!

Encontramo-nos duas horas mais tarde, em um bar da Rue Gay-Lussac chamado Espadon. Pedimos uma cerveja cada um. Zoran Radjic era um retrato do malandro de bairro, o golpista da esquina, daqueles de quem qualquer um desconfiaria. Com aquela cara de fuinha, um olhar esquivo e cabelos lambidos para trás, era de se perguntar como conseguia fechar algum negócio.

Seria possível que aquele sujeito fosse me entregar a única prova útil? Uma pulseira recolhida no alto do Mont Terrible doze anos antes… Todo o resto poderia ir para o lixo: a cor dos olhos, o gosto pelo piano, o túmulo junto à cabana. Bastaria eu ter aquela maldita joia na mão para ganhar a mesa inteira: a neném sobrevivente lançada para fora do avião se chamava Lyse-Rose de Carville.

— Então? — perguntei, querendo falar o menos possível.

— Vi o anúncio ontem. Não leio muito os jornais. Fiquei confuso…

Zoran manuseava o anelão que usava no dedo. As iniciais *ZR*, em maiúsculas. Um anel de prata.

Quem ainda usa anéis assim?

— E…?

Ia deixá-lo falar.

— Faz tempo, já. Quase dez anos. Foi em 1983 ou 1984, acho. Quem me mostrou a pulseira foi um cara bem detonado. Não vou mentir para o senhor: na época, eu ajudava um pouco pessoas em situação ruim. — Eu tinha encontrado um bom samaritano. — Bom, não vou mentir mesmo para o senhor: eu também passava um pouco de droga. Ou melhor, passava não… vendia. O cara estava em abstinência de verdade. Eu o conhecia de vista. Fazia um tempo que ele zanzava pelo bairro. Não tinha mais dinheiro nem nada. Quis trocar uma dose por uma joia. Uma pulseira. De ouro, segundo ele. Coisa rara, não é?

O samaritano se divertia com seu anel, como se nada daquilo tivesse importância. Como se não percebesse que estava brincando com os meus nervos. Ou então era mesmo um espertalhão de verdade, e me fazia esperar. Quem sabe o seu segredo era ter tamanha aparência de escroque, nem um pouco disfarçada, detectável à primeira vista, que os outros se achavam mais inteligentes e acabavam não tomando o devido cuidado.

Não iria cair na armadilha, se é que aquilo era mesmo uma. Ia deixá-lo falar um pouco mais.

— Acho que o nome desse cara lhe interessa, não?

E então revidar.

— Já sei o nome do cara. O que estou procurando são provas. Ou, melhor ainda, a pulseira. Os 75 mil francos são pela pulseira. Quanto ao resto, podemos negociar.

O anelão sumiu na palma direita do samaritano. Ele fechou a mão com força.

— Está bem. Aceito jogar. No fim das contas, vai ver a gente nem está falando do mesmo cara. Quanto o senhor me dá pelo nome?

Tchã-rã. O anel acabara de reaparecer na mão esquerda do iugoslavo. Como é que o babaca tinha feito aquilo?

— Dez mil francos — respondi. — Pelo nome. Se for o certo…

— Não aceito. Como é que vou saber que não está me enganando? Se eu disser o nome, basta o senhor me dizer que não é o certo e ir embora. E eu me dou mal.

Até que o iugoslavo não era burro.

— Certo — falei. — Tem uma caneta?

— Tenho.

— Vou escrever o nome na bolacha da minha cerveja. O senhor faz a mesma coisa. Se forem iguais, ganha 10 mil francos. E o jogo segue.

O samaritano abriu um sorriso de menino. O anel havia tornado a surgir na palma de sua mão direita.

— Eu topo. Adoro esse tipo de jogo.

Curvamo-nos os dois acima das bolachas de chope, escondendo como podíamos, com a mão esquerda, o que estávamos escrevendo. Como dois meninos brincando de adedanha.

Só que a 10 mil francos cada partida.

Erguemos as bolachas ao mesmo tempo.

Georges Pelletier, estava escrito.

Nas duas.

Um calafrio me percorreu da nuca à base das costas. Estávamos de fato falando do mesmo cara! Era realmente o meu Georges Pelletier que tinha oferecido uma pulseira àquele escroque. Tudo se encaixava.

Cuidado, Crédule!, disseme uma vozinha interior. Não ponha a carroça na frente dos bois. Há cinco anos você está revirando o céu e a lama do submundo de Paris atrás de Pelletier. Os boatos correm depressa pelas ruas. Até o menos bem informado delator da capital acaba descobrindo o nome do cara que você está procurando. Fazer a ligação com o anúncio dos classificados oferecendo os 75 mil francos está ao alcance de qualquer samaritano.

— Está bem, o senhor ganhou 10 mil. Tudo dentro da legalidade, pode ficar

tranquilo. Vou lhe dar um cheque. Posso deixar até meu cartão de visitas como lembrança. Dedicado a Georges…

O outro fez uma careta. Um cheque? Com certeza não devia estar acostumado com esse tipo de pagamento.

— O senhor viu a pulseira?

— Vi… Quanto me dá pela informação?

— Dez mil, se valer a pena — respondi. — Tem algum detalhe?

— Pode ser. O que o senhor quer saber?

Aquele sujeito que brincava com o próprio anel (mão esquerda, agora) talvez tivesse algum talento para mágico de rua, mas eu tinha uma última carta na manga. Os anos também haviam me ensinado a ser esperto.

— Se o senhor viu mesmo a pulseira, a pulseira certa, já deve imaginar o que quero saber!

O iugoslavo olhou para mim com um sorriso bobo. Impossível saber se estava blefando — se estava gozando da minha cara, me enrolando — ou se era a única e derradeira testemunha da minha investigação.

— Mais 10 mil, é isso? Pela prova? Posso confiar no senhor?

— Sou honesto. Se o senhor tiver se informado, deve saber disso.

As mãos do samaritano se agitaram. Ele errou o truque. O anel caiu em cima da mesa. Ou estava nervoso, ou queria que eu pensasse que estava, aquele espertinho. Peguei a bolacha da minha cerveja e a caneta. Escrevi: *Lise-Rose. 27 de setembro de 1980*.

Exatamente como no anúncio.

Fiz a bolacha deslizar pela mesa até ele.

— Era isso aqui que estava escrito na pulseira. Você confirma?

O iugoslavo esfregou as mãos. O anel tinha voltado ao lugar de origem, enfiado no seu dedo.

— Não faço a menor ideia da data de nascimento, me desculpe. Foi muitos anos atrás, e nem naquela época eu me lembro se prestei atenção. Mas o nome é esse mesmo.

Filho da puta!, pensei. Mais um filho da puta de um aproveitador.

— Só que… — continuou o iugoslavo com o mesmo tom de voz. — Se bem me lembro, não estava escrito assim. Lyse era com *y*, não com *i*.

Outra descarga elétrica arrepiou minhas costas. Radjic não tinha caído na cilada do anúncio! O nome escrito errado para desmascarar eventuais farsantes.

Controle-se, porra, pensei.

— Está bem. Resposta certa. Ganhou mais 10 mil. E a pulseira, no fim das contas, o senhor a trocou com Pelletier para ajudar o cara?

Crédulo, eu sei… Teria sido bom demais.

— Se na época eu soubesse que ela valia 75 mil pratas… é claro que teria trocado. Mas não, Pelletier teve de ficar sem a droga e com aquela bugiganga de merda que ficava balançando na minha cara. Nada de troca, nada de droga. Só dinheiro vivo e pronto.

Ele me encarou com ironia.

— Ou um cheque, no pior dos casos…

Que merda!

— Quer dizer que ele foi embora com a pulseira?

— Foi.

— E o senhor voltou a vê-lo?

— Nunca mais. Na minha opinião, na condição em que ele estava, não deve ter durado muito mais.

Que merda!

Preenchi o cheque. Sem remorso. Vinte mil francos não iriam fazer falta a Mathilde de Carville.

Ainda que a dúvida persistisse. Minha armadilha, o *y* transformado em *i*, não era difícil de detectar para um golpista um pouco cauteloso, já que os nomes “Lyse-Rose de Carville” e “Émilie Vitral” tinham aparecido em várias matérias de jornal na época. Zoran, o samaritano, poderia muito bem ter ganhado 20 mil só com um pouco de inteligência e sangue-frio.

Suas mãos ágeis pegaram o cheque e o examinaram com atenção. Por fim, satisfeito, ele se levantou.

Estendeu-me a mão, a mesma do anel.

— Obrigado. Ah, um último detalhe. Por conta da casa.

Senti a pele se arrepiar.

— Que detalhe?

— Acabei de me lembrar. Também não aceitei a proposta de Pelletier porque ela estava quebrada. A pulseira, digo. Faltavam uma ou duas argolas.

As mesas e as cadeiras do bar começaram a girar à minha volta. Meu Deus! Com exceção de Nazim e eu, ninguém podia saber aquele detalhe.

42

2 DE OUTUBRO DE 1998, 17H29

O Paris-Rouen chegou na hora, coisa rara. Parou na plataforma às 17h30 em ponto. O Rouen-Dieppe sairia dali a oito minutos. O tempo de baldeação era calculado bem justo, mas, quando o Corail atrasava, todos os outros trens regionais esperavam, obedientes, o irmão mais velho chegar da capital.

Desde que fora estudar em Paris, Marc já tinha feito aquela baldeação dezenas de vezes. Oito minutos era mais do que suficiente. Depois de fechar a contragosto o caderno, caminhou depressa até a loja que vendia sanduíches diversos. Havia só um cliente na sua frente. Comprou uma torta de maçã e uma garrafa de San Pellegrino. Nicole sem dúvida iria lhe preparar naquela noite um banquete do qual só ela conhecia o segredo; até lá, já teria digerido o sanduíche de presunto com manteiga engolido às pressas no trem.

O expresso regional para Dieppe estava quase vazio. Depois do Paris-Rouen lotado, o contraste era marcante. Como de costume, Marc se acomodou junto à janela. Só havia mais dois passageiros no vagão. Um adolescente com o walkman grudado nas orelhas, e um sujeito alto que dormia ocupando dois assentos que, mesmo assim, não o comportavam.

Marc abriu a mesinha cinza diante de si, pôs a mochila em cima e tirou dela o diário de Grand-Duc.

Restavam no máximo vinte páginas a ler. Depois disso, repassaria todas as informações. Tornou a pensar nos recados de Lylie. Dispunha de um fim de tarde e de uma noite inteira para solucionar tudo.

Na plataforma, um chefe de estação apitou nervosamente.

Por reflexo, Marc virou a cabeça. Então, com o rosto colado na vidraça, congelou, atordoado, como se tivesse levado um soco.

Era ela!

A silhueta mirrada fuzilou o chefe de estação com os olhos, murmurou alguns insultos entre os dentes e pulou no trem já quase em movimento.

Malvina de Carville.

Marc passou vários minutos espiando as portas de correr das duas plataformas que davam acesso ao seu vagão. De nada adiantou. Malvina devia estar escondida em algum lugar no trem, mas ele não estava com a menor vontade de ir atrás dela. Não se deixaria encurralar como uma criança duas vezes seguidas. Por ora, restavam-lhe vinte páginas para ler.

Depois cuidaria da louca.

Diário de Crédule Grand-Duc

Despedi-me de Zoran Radjic no Espadon tomado por uma quase certeza: aquele golpistazinho me dissera a verdade! Quanto mais pensava a respeito, mais tudo se encadeava de maneira lógica. Georges Pelletier, que estava morando na cabana, tinha sido testemunha ocular do acidente no Mont Terrible em 23 de dezembro de 1980. Fora o primeiro a chegar ao local da tragédia. E dera de cara com a neném sobrevivente. Pegara a pulseirinha de ouro antes da chegada dos socorros, como um lamentável predador em abstinência.

Está dando para acompanhar? Assim, a neném sobrevivente lançada para fora do avião era Lyse-Rose de Carville. Agora eu tinha quase certeza. E era justamente esse o problema, aliás, esse "quase"… pois, apesar das aparências, Zoran poderia muito bem ter inventado a história toda; afinal de contas, era um malandro profissional. Dispusera de muitos anos para refinar o golpe. E voltávamos ao ponto de partida: tudo o que existia eram suposições, fortes, é verdade, mas apenas suposições. Nenhuma certeza definitiva.

Suposições, desconfianças, indícios, conjuntos de convergências… podem chamar como quiserem.

Afinal, já lhes contei tudo, e agora sabem tanto sobre o caso quanto eu. Vocês que se virem!

Para ser totalmente honesto, só há uma coisa da qual ainda não falei. Um sentimento, aliás, mais do que uma coisa. Algo bem mais complicado de explicar, muito mais do que descrever uma exploração no alto do Mont Terrible ou retranscrever uma conversa com uma testemunha. Para dizer a verdade, havia chegado ao ponto de pensar que todas as provas acumuladas, a pulseira, o túmulo, as roupas do Grande Bazar, não valiam mais do que um monte de objetos velhos a serem jogados no lixo. Idem para a cor dos olhos ou o dom para a música.

A verdade estava em outro lugar, dependia de um sentimento. De uma relação, mais especificamente.

Marc e Émilie.

Acho que chegou a hora de falar sobre a estranha relação entre os dois. Pobres crianças, não puderam fazer nada. A vida decidiu no seu lugar.

Apesar de toda a sua boa vontade, Nicole estava longe demais. Longe demais

dos dois, digo, de Marc e Émilie. O trabalho de dia, à noite e nos fins de semana. A rotina. A diferença de idade. Sem mãe para educá-los, sem pai, e agora sem avô. É logico que as duas crianças se aproximaram. Duas cabecinhas louras. Dois rostinhos angelicais. Mas eram muito diferentes.

Bom, lá vou eu. Sei que Lylie e Marc vão ler estas linhas. Vou tentar levar isso em conta. De toda forma, não estarei mais por aqui para enfrentar o seu julgamento.

Marc: olhos do mesmo azul do céu que pareciam perdidos em direção a horizontes distantes, que pareciam voltados para a idade de ouro da pirataria de Dieppe. Olhos de capturar sereias. Só que era um falso sonhador. Gostava apenas da sua casa, do seu bairro, dos seus amigos, da sua avó… e principalmente de Émilie.

Marc amava aquilo que conhecia, de modo muito simples, com um amor que ia se acumulando com o tempo e com imensa generosidade, uma generosidade… familiar. Marc, o discreto. Marc, o tímido.

Marc, o mudo, quase.

Embora fosse também o ídolo das gatinhas, se é que se pode chamar de gatinhas as alunas do ensino médio de Dieppe. Um ídolo indiferente. Desde o dia em que o conheci, desde o dia em que comecei a observá-lo como um minucioso investigador, Marc não tinha outra ambição na vida que não a de se dedicar a Émilie, de ser ao mesmo tempo seu irmão, pai e avô. Tudo aquilo que lhe faltava. Seu biombo protetor. Seu para-raios. Seu guarda-chuva.

Seu paraíso particular.

A pequena Émilie também fazia a sua parte. Salpicava de vida tudo aquilo que cruzava o seu caminho. Linda de morrer, diferente de tudo o mais que a cercava, das fábricas que fechavam as portas, das paredes de tijolo e sílex, das sarjetas. Linda como todo o resto: o pôr do sol na praia de Dieppe, o outono na floresta de Arques. Um arco-íris nas falésias.

Como uma borboleta solta no ar. Ou uma libélula, se vocês preferirem.

Émilie multiplicava por dois, por dez, a superfície habitável da casinha dos Vitral pelo simples fato de enchê-la de música, das melodias de Chopin ou Satie, e fazia com que a residência alçasse voo, até acima das falésias, como um balão de felicidade que ela depois fazia explodir com uma gargalhada.

Quando se entristecia, ela se curava com música.

Um inseto perdido.

Mas diferente, apenas. Nada orgulhosa. Solitária. E mesmo assim nem sempre. Tampouco hesitava em berrar nas arquibancadas a cada colisão de Marc com um jogador adversário na lama do estádio Maurice-Thoumyre. A calçar os tênis para correr uma dezena de quilômetros, seis vales nas falésias e 500 metros

de subida. Dieppe-Pourville-Varengeville-Puys.

Um sol de periferia, imenso. Que também me fazia derreter quando ela era pequena.

Crédule, cara de bule.

Ela havia chegado perto demais de perder a vida aos 3 meses de idade para desperdiçar uma só migalha. Além disso, também tinha muito orgulho do seu Marc. Seu anjo da guarda. Seu anjo louro.

Marc e Émilie souberam muito cedo que não eram irmãos. Pelo menos não de verdade. Não iguais aos outros. O segredo protegido com unhas e dentes por Nicole Vitral se espalhou já no pátio do recreio do jardim de infância. Os pais falam, os filhos repetem. E deturpam.

Os alunos da escolinha Paul Langevin inventaram uma brincadeira, a preferida do recreio: correr em volta de Émilie com os braços bem abertos e a cabeça abaixada, fazendo um barulho de turbina; girar no próprio eixo para imitar o avião que se descontrola e cai, a alguns centímetros dela. Terminar estendido no chão de asfalto, debaixo da marquise, fingindo-se de morto.

E Marc, ao redor de Émilie, nunca parava de bancar o piloto de caça. Com seus centímetros a mais de altura, qual um King Kong encarapitado no alto de seu arranha-céu, ia derrubando os aviões-cretinos que passavam ao seu alcance. Até levar uma bronca. E tudo, então, começava outra vez.

Marc e Émilie nunca foram irmãos de verdade. Cresceram com a dúvida.

“Ah, olha os namorados!”, zombavam os menos cruéis no pátio do recreio.

Sim, eles se amavam. Era evidente. Mas com que tipo de amor?

Acho que Marc deve ter começado a pensar nisso por volta dos 10 anos. Desde que ela nascera, ou melhor, desde o acidente, ele e Émilie dormiam no mesmo quarto. Ele no beliche de baixo, ela no de cima. Nicole os ajudou como podia: Marc ficou sozinho no quartinho que antes dividia com a irmã, e Émilie foi se espremer no outro com a avó.

Nicole sempre fez o possível com os recursos disponíveis. E acertou, quase sempre.

Que tipo de amor?, dizia eu.

Confesso que tentei ir mais longe. Espionei os dois como o mais repulsivo dos *paparazzi*. Mandei Nazim espioná-los com uma teleobjetiva. Só por desencargo de consciência.

Em vão. Os sentimentos não aparecem no filme fotográfico.

Que tipo de amor?

Só eles têm a resposta. E olhe lá!

Eu não tenho a resposta.

Nem mesmo a ciência me ajudou.

Isso veio um pouco mais tarde.

Lylie estava com 15 anos.

O exame de DNA… a porra do exame de DNA.

Não conseguiria escapar daquilo. Já tinha consciência de que Mathilde de Carville acabaria me pedindo o exame, acabaria por jogar a bioética no lixo e querer ouvir a voz da genética, atropelando Deus e a própria fé. Ela quis saber. Era humano. Já era um milagre ter resistido por tanto tempo.

Quanto a mim, fiquei contrariado. E, sobretudo, com medo. Ponham-se no meu lugar: meus quinze anos de investigação não conseguiam competir com três gotinhas de sangue dentro de um tubo de ensaio.

Que lástima! Maldita ciência!

As palavras de Grand-Duc dançavam sob os olhos de Marc.

“Que tipo de amor? Só eles têm a resposta. E olhe lá!”

As curvas da paisagem do Pays de Caux desfilavam diante de seus olhos. As linhas de alta-tensão também, as das centrais nucleares que se podia seguir até chegar em Dieppe.

“Que tipo de amor?”

O que aquele velho detetive tinha conseguido entender com sua lamentável espionagem munido de uma teleobjetiva? Quem podia entender?

“Ah, olha os namorados!”

Os gritos das crianças ainda ecoavam nos ouvidos de Marc. Assim como a péssima imitação do barulho de turbinas produzido por aqueles pirralhos.

“Ah, olha os namorados!”

Lylie, cadê você?

Marc não estava com a menor vontade de ligar para mais clínica nenhuma. Nenhuma. De nada adiantaria.

“Ah, olha os namorados!”

Quem sabia, fora eles dois? Quem conhecia o seu segredo?

Ninguém. Isso nem Grand-Duc nem ninguém tinha contado em caderno algum.

Não fazia nem dois meses.

Dia 16 de agosto.

Lylie ainda não tinha completado 18 anos.
Marc fechou os olhos.
Não fazia nem dois meses.

43

16 DE AGOSTO DE 1998, 18H00

Que loucura, pensou Marc. Sair para correr em pleno mês de agosto! No final da tarde, ainda fazia quase 30 graus. Um calorão excepcional para a Normandia.

Mas Lylie não desistiu. Agachada na soleira da porta da casa da Rue Pocholle, amarrou os cadarços dos tênis como se estivesse com as asas coçando. Marc deu um suspiro. A contragosto, jogou longe as alpargatas e foi pegar os tênis de corrida. Lylie cantarolou, alegre: — Vamos lá, preguiçoso!

Ela havia amarrado os cabelos louros em um rabo de cavalo com um pequeno elástico azul-celeste.

Marc adorava quando ela fazia isso. Seu rosto e sua testa ficavam maiores. Ela adquiria uma graça quase principesca. Já havia terminado de se arrumar e saltitava em frente à porta, impaciente.

— Ande!

— Já vai…

Desde que ela havia tirado 9 em Educação Física no exame de conclusão do ensino médio, modalidade *cross*, tinha tomado gosto pela corrida. Correra durante toda a primavera, cinco horas de treino por semana mais abdominais, com Marc como técnico.

Ele estava ficando irritado: não conseguia encontrar o pé esquerdo do tênis.

— Se não estiver a fim…

— Eu estou… estou, sim.

Lylie pegou uma garrafa de água mineral, jogou a cabeça para trás e bebeu no gargalo. Um filete d’água escorreu de seus lábios pelo queixo e o pescoço. Marc desviou os olhos. Afetado por ela mais uma vez.

— Ali atrás dos baldes. Seu outro tênis…

— Obrigado.

Marc amarrou os cadarços com gestos canhestros. Lylie estava usando um traje esportivo da marca Sergio Tacchini, lilás e branco. Do tipo usado por campeãs olímpicas de triatlo. Dois pedaços de tecido elástico que haviam custado uma fortuna. Um short justo como uma segunda pele, e uma parte de cima que achatava demais os seios, mas que por outro lado deixava à mostra a barriga chapada, a curva das costas e a textura da pele ligeiramente bronzeada.

— Bom, vamos lá?

Marc começou a se mover, meio a contragosto.

Seria um mau pressentimento? O calor pesado daquele 16 de agosto? A falta de vento? O tom de voz de Lylie? Alegre? Forçado?

Os primeiros piques são sempre os mais difíceis. Eles atravessaram o Pollet, passaram pela ponte móvel, margearam o dique de cimento à beira-mar e começaram a subir a ladeira íngreme que conduzia ao castelo-museu.

Lylie corria sempre na frente. Marc adaptava seu ritmo ao dela. Passaram pelo campo de golfe, depois pela escola Ango com sua arquitetura futurista, ao pé das falésias. Lylie agitou a mão com malícia em direção ao colégio, como quem dá adeus.

Agora percorriam o quase um quilômetro de terreno plano até Pourville. Podiam intensificar os piques. De repente, depois de uma curva, a vista surgiu: o vale da falésia de Pourville, esplendoroso sob o sol. Lylie acelerou mais ainda na descida. No dique, os turistas nos terraços e na praia se viravam para vê-la passar. Principalmente os homens, subjugados pela aparição fugaz daquela moça loura, magra e alta vestida com uma roupa justa. Hipnotizados pelos movimentos regulares das pernas nuas compridas, igual ao vaivém perpétuo do pêndulo de cobre de um relógio. Marc agia como um guarda-costas. Qual uma mosca, seu olhar abrangia 360 graus. Por pouco não punha a mão no ombro de Lylie sem parar de correr.

Estava acostumado com os olhares de cobiça dos homens para ela, mas isso não evitava seu ciúme.

Os 500 metros de praia de Pourville foram logo percorridos, e eles começaram a subir a encosta de Varengeville, a mais abrupta, a mais protegida dos ventos que vinham do oeste. Era ali que se escondiam as mais belas residências, tanto por causa da vista quanto do clima. Quase 100 metros de desnível!

Lylie subia com certa dificuldade. Marc a seguia sem problemas. Tinha os olhos fixos no vale selvagem do Scie, ao longe. Sobretudo, evitava olhar por muito tempo para a frente. Diretamente para a frente. As nádegas de Lylie se agitavam bem na altura dos seus olhos, ondulantes, saltitantes, vivas.

Era perturbador. Será que ela estava percebendo? Com uma última curva, a subida enfim acabou.

Marc acelerou para alcançá-la. Ficaram correndo lado a lado. Lylie virou a cabeça para ele. Sorridente.

Radiante.

Tão linda…

Marc sentiu uma emoção brotar dentro de si. Não era uma novidade, longe disso! Porém estava mais intensa, mais potente do que nunca. Por 4 ou 5

quilômetros, a rua era plana, ou quase, até o cemitério à beira-mar de Varengeville, o município mais arborizado da Côte d'Albâtre. A sombra foi um alento.

Eles passaram pelo palácio de Ango e pelo jardim botânico de Moutiers, sempre correndo lado a lado, sem ligar para os carros mais atrás que penavam para ultrapassá-los.

A 200 metros da chegada, Lylie fingiu acelerar. Marc lhe deu 5 metros de vantagem. Não deveria ter feito isso… O suor escorria pelas costas nuas da moça. As gotas deslizavam até a curva da base da coluna. Pele e pérolas. Parecia uma fonte de alegria, e Marc só tinha um desejo: mergulhar a boca ali.

Calma. O importante era manter a calma.

Acelerou, ultrapassou-a rindo e diminuiu a velocidade o suficiente para chegar junto com ela.

Exausta, Lylie desabou no gramado. Marc tornou a desviar os olhos daquele corpo estendido, oferecido ao sol.

Caminhou até o portão do cemitério e o empurrou. Alguns segundos depois, Lylie o seguiu. Não estavam sozinhos, longe disso. Cerca de vinte turistas circulavam pelo diminuto campo-santo à procura do túmulo de Georges Braque, de seu vitral na igreja, posando para fotos em frente à suntuosa vista.

Dieppe, Criel, Le Tréport. O litoral inteiro até a falésia morta em Ault, na Picardia.

Quantos casais apaixonados sonhavam se casar ali? Naquela encantadora igreja de arenito suspensa no meio de uma moldura verde, entre o céu e o mar.

O próprio Marc… Será que sonhava com isso?

Ele afastou aqueles pensamentos bobos.

— Vamos voltar?

Tinha descoberto que, naquele ponto, a falésia recuava ainda mais do que nos outros. Estava tudo podre por baixo. O calcário estava encharcado, esfarelando. Um dia, tudo iria desabar no mar. A igreja.

Os túmulos. O calvário de arenito.

Tudo varrido pelo mar, e em dois dias levado embora pela maré.

Lylie tinha bebido um gole d'água na torneira da entrada do cemitério e já recomeçara a correr.

Dócil, Marc foi atrás.

O fluxo contínuo de carros e turistas continuava na outra calçada. A borda da rua estreita era delimitada por um acostamento com plantas meticulosamente bem-cuidadas, e dessa vez foi impossível correr lado a lado. Marc teve de seguir atrás de Lylie e se conformar em contemplar aquelas costas encharcadas de suor, aquelas nádegas esculturais, aquela nuca de veludo coberta de penugem loura.

Só que não devia fazer aquilo.

Por quê? *Por quê?* , berrou uma voz dentro de sua cabeça.

Não olhar mais para nada. Concentrar-se apenas no ritmo do próprio coração, nas próprias passadas.

Tornar-se apenas um movimento mecânico, sem emoção.

Já estavam descendo em direção a Pourville. As residências da Belle Époque se sucediam, disputando o troféu de maior excentricidade barroca. De repente, Lylie dobrou à esquerda em direção ao passo de Petit Ailly, uma prainha situada no final de um vale nas falésias, quase secreta, conhecida sobretudo pelos frequentadores assíduos… que sem dúvida seriam muitos, afinal, era 16 de agosto. Marc tornou a alcançar Lylie.

— Para onde a gente está indo?

Os olhos dela brilharam.

— Um capricho! Quem gosta de mim vem comigo!

Ela fez outra curva. À direita. Para dentro do mato. Agora já não havia mais trilha, apenas uma pequena floresta de salgueiros. Menos de 200 metros mais à frente, eles saíram da mata. Contornaram um pequeno açude à sua direita. Deviam ter entrado em uma fazenda. Ela seguiu pelo descampado.

Com passadas longas.

Estavam agora descendo em direção ao mar por uma encosta bem íngreme. Lylie continuou a correr.

Acima deles, no descampado, vacas os encaravam. Meio surpresas, meio assustadas.

Mas não havia nenhum agricultor por perto. Lylie margeou uma cerca eletrificada. Estava claro que conhecia aquele lugar. Marc fez um esforço de concentração, e os guias topográficos da trilha litorânea GR21, que ele tantas vezes percorrera, desfilaram em sua mente. Tinham seguido para o norte depois do passo de Petit Ailly. Segundo a sua lembrança, deviam ter atravessado a fazenda Pin Brûlé, depois a fazenda Mordal. Ele agora já não tinha qualquer dúvida quanto ao seu destino: o porto de Mordal, cuja existência só conhecia dos mapas. Era uma daquelas pequenas enseadas inacessíveis aos turistas, escondidas dos outros acessos ao mar. Uma praia privativa, reservada apenas aos fazendeiros donos daquelas terras, que decerto nunca iam lá molhar as botas.

Nos 20 últimos metros antes de chegar ao mar, a falésia tinha desmoronado.

A argila aflorava e escorria em línguas cor de ocre. Tiveram de atravessar um buraco de 10 metros, não muito difícil de escalar, que bloqueava a visão da praia a partir do descampado.

Lylie escorregou na argila. Suas pernas compridas e a roupa de marca ficaram manchadas de lama vermelha. Ela parou sobre os seixos. Orgulhosa. Vitoriosa.

Marc a seguira sem dificuldade. O mar começava a baixar lentamente, liberando uns 3 metros de areia depois dos seixos.

Lylie tirou o elástico azul dos cabelos, que se soltaram feito uma cascata de ouro. Marc estremeceu.

— Foi uma coisa de momento! — disse ela com uma cara encantadora, como quem quer ser perdoada.

— Vamos dar um mergulho?

Marc não respondeu. Estava atordoado com tudo aquilo. Preocupado. Ainda com um mau pressentimento.

— Vamos lá — insistiu ela. — Estou encharcada de suor! Vamos aproveitar que está sol. O dia mais bonito do verão!

Ela estava certa. Pelo menos de um ponto de vista estritamente meteorológico.

A água calma. O calor. A areia. O silêncio.

Aquela intimidade entre os dois.

Como resistir?

De toda forma, ela não esperou Marc responder. Os dois tênis voaram sobre os seixos. Ela mergulhou no mar. Sua roupa era igualmente adequada à corrida e à natação. Já Marc estava usando uma camiseta folgada com as cores do time de rúgbi Stade, de Toulouse, e um calção de lona comprido. A camiseta foi se juntar aos tênis de Lylie sobre os seixos. O calção ficaria encharcado. Paciência.

Passaram quase uma hora nadando. Muito bem-comportados.

Marc estava começando a se controlar outra vez. O corpo de Lylie agora se perdia nas águas cinzentas do canal da Mancha. Eles alternavam nado de peito e crawl, lado a lado, cúmplices, felizes.

Lylie tinha razão, como sempre. Havia se rendido a um delicioso capricho.

O que ele tinha pensado?

Que aquilo seria uma armadilha?

Só mesmo a sua mente perversa para imaginar uma coisa dessas.

Um jato d’água inundou seus pensamentos. Lylie gargalhou e jogou água nele uma segunda vez. Ele revidou. Ela protestou por reflexo, deixou Marc recomeçar a nadar, e então, com um movimento ágil do quadril, subiu nas costas dele e empurrou sua cabeça para debaixo d’água. Mesmo ela sendo mais fraca

do que ele, Marc não resistiu.

Recuperou o fôlego cuspindo água salgada. Lylie, agora 2 metros na sua frente, morria de rir.

— Nãão…

Ele primeiro a segurou pelo pé. Ela reclamou sem convicção: — Não estou mais brincando!

Ele a puxou na sua direção. Tinha brincado muito assim com ela quando eram pequenos, na água cheia de sabão de uma minúscula banheira. Sua mão firme a segurou pela cintura. Ela era leve como uma pluma. O látex esticado que realçava suas nádegas colou no peito de Marc.

— Você está roubando…

Ela continuava a rir.

Marc subiu a mão, segurou um braço, um ombro. Empurrou de leve, só para fazê-la afundar alguns centímetros, sem machucar. Aproveitou o próprio peso para fazer força. Conforme Lylie afundava, ele subia mais para fora d'água. O busto dela encostou na sua barriga e continuou a descer. Os ombros, depois o rosto, de olhos fechados por causa do sal, roçaram em seu peito.

Mais um metro debaixo d'água.

O rosto de Lylie se colou ao tecido encharcado do calção de Marc. Quase por acidente, a boca dela encostou em seu sexo.

O pau de Marc ficou duro.

Duro feito pedra.

Como poderia não ter ficado?

Ao longe, no mar liso feito óleo, um ferry zarpou do porto de Dieppe em direção a Newhaven. Alguns triângulos brancos se agitaram em seu rastro, gaivotas ou pequenos veleiros; era difícil identificá-los de tão longe.

Nenhum dos dois disse nada. Foram nadando lentamente em direção à praia. A areia estava quase seca. Lylie se deitou de bruços.

— Deixe eu me secar um pouco antes de a gente ir embora?

Foram as únicas palavras dela, com uma voz constrangida. Uma voz nova, como se ela houvesse mudado. Uma voz de adulta. Marc permaneceu sentado, encolhido, com os braços em volta dos joelhos dobrados e o olhar fixo no horizonte.

Quanto tempo durou isso? Alguns minutos? Horas?

O ferry sumira no horizonte em direção à Inglaterra havia muito tempo, e as gaivotas ou veleiros tinham voltado para o porto. O mar parecia ermo como um deserto.

De repente, Lylie se levantou. Em silêncio. Marc viu apenas sua sombra na areia. Ela cruzou os braços e, com um só gesto, tirou pela cabeça a parte de cima

da roupa. Depositou o top sobre a areia delicadamente, bem esticado, como para deixá-lo secar. Quando ela se levantou, Marc nem precisou virar a cabeça para ver se destacar na areia o contorno de dois seios. Pequenos, empinados. Desenhados em sombra, como os de uma gueixa.

E, como se já não bastasse…

Ela desceu as mãos pela cintura. Sua sombra ondulou, quase como se ela estivesse dançando. O

tecido escorregou primeiro devagar, milímetro por milímetro. A segunda pele estava se soltando. Sim, a jovem estava se metamorfoseando. O tecido caiu na areia.

Como uma pele morta. Flácida. Inútil.

Sem se mexer, Marc ficou contemplando aquela sombra escura pigmentada por milhões de grãos claros. Era a mesma sombra, sem tirar nem pôr, exatamente igual à de alguns segundos antes. Mesma cintura, mesmas pernas, mesmas coxas. Uma silhueta idêntica, com ou sem segunda pele.

Mas não.

Lylie voltou a se deitar. Ainda de bruços.

Marc aguardou.

Ninguém veio acudi-lo, nenhuma vela no horizonte, nenhum turista perdido, nenhum agricultor zangado.

Lylie sentiu a mão quente de Marc tocar a base de suas costas. A areia colada deixava a palma um pouco áspera. Ela estremeceu e se virou.

A quem mais poderia dar de presente os seus 18 anos?

Marc abriu os olhos. Estava encharcado de suor. Pela janela do trem, uma série interminável de postes de alta-tensão fustigava seu rosto.

Por reflexo, esboçou um movimento de recuo.

Seria ele um monstro?

Sentiu os 20 gramas do envelope azul do laboratório pesarem dentro do seu casaco. O exame de DNA.

Seriam monstros, os dois?

Abrir o envelope. Saber. Ter a prova.

A porta do vagão se abriu e Malvina de Carville entrou.

44

2 DE OUTUBRO DE 1998, 17H49

A água escaldante chovia sobre o corpo nu de Lylie. Ela fechou os olhos sob o jato, tentando recobrar um pouco de serenidade. De calma, pelo menos. Às cegas, sua mão pressionou a forma mole do sabão antisséptico. Esfregou o corpo inteiro com histeria: seios, barriga, púbis. A espuma branca escorria até os pés, leitosa. Passou um bom tempo se enxaguando. Estava se esforçando para ficar limpa, até onde isso fosse possível. Pelo menos por fora. Para manter as aparências.

Acabou saindo, enrolada em uma grande toalha branca. Seus cabelos molhados escorriam sobre o tecido absorvente. Limpou o espelho embaçado com as costas da mão. O reflexo borrado a assustou, como se o rosto de uma desconhecida tivesse substituído o seu. A quimera no espelho tornou a desaparecer em meio ao vapor. Ela escovou os dentes com força, uma força excessiva, até as gengivas sangrarem.

Tinha posto tudo para fora pouco antes, na rua, na esquina da Avenue de Choisy. Espalhara pela calçada as próprias entranhas liquefeitas. Vodca, uísque, tequila… Um jovem policial a recolhera, de quatro junto à sarjeta. Oferecera-lhe um lenço de papel. Ainda curvada, havia se limpado enquanto uma mãe de família passava por cima do seu vômito com um carrinho de bebê. O policial poderia tê-la levado para a delegacia. E teria levado mesmo caso ela não o tivesse fitado com seus olhos de gazela, uns olhos úmidos.

— É a primeira vez, moço.

Conseguira escapar. Por pouco.

Ainda vomitara uma segunda vez. Meia hora antes, no quarto, ao pé da cama. Sem mais nada para pôr para fora a não ser as tripas. Tinha doído pra caramba.

Saiu do banheiro.

A menina deitada na outra cama do quarto esperava sua volta com uma impaciência visível.

— Elas vieram limpar enquanto você estava no banho…

A menina tinha menos de 16 anos, cabelos ruivos curtos e uns dentes já amarelos.

— De certa forma você tem sorte: não consigo pôr nada para fora — disse ela. — Às vezes tenho a impressão de estar apodrecendo por dentro. Daria a

bunda para conseguir vomitar.

Conversar era a última coisa que Lylie desejava. Dente Amarelo não estava nem aí: queria apenas um ouvido disponível.

— É a segunda vez que venho aqui — continuou ela. — Sou reincidente! Então eles me olham de cara feia. Me deram um sermão de três horas ontem. Estão me deixando em banho-maria, os filhos da puta.

Lylie se afastou; ainda em pé, olhou pela janela. Dente Amarelo acabou se ofendendo: — Não adianta bancar a orgulhosa. Você vai ver, a sua hora também vai chegar.

Lylie observou a movimentação das ambulâncias no estacionamento. Tinha passado quase uma hora andando de um lado para outro na rua antes de entrar. Chegara até a acompanhar o enterro de uma desconhecida, ali em frente. Podia ver nitidamente o campanário da igreja de São Hipólito, mas o pátio do jardim de infância logo ao lado estava escondido pelos prédios haussmanianos. O barulho dos carros na rua devia estar abafando os gritos das crianças. A menos que elas tivessem entrado na sala de aula ou voltado para casa. Lylie só tinha uma ideia vaga de que horas eram. Seu cérebro era uma geleia; seu corpo, um suplício. O que estava fazendo ali? Como iria aguentar aquelas horas todas?

— Eu era igual a você, da primeira vez…

Cale a boca!, pensou Lylie.

Havia deixado o celular no bolso do casaco pendurado no cabide, dentro do banheiro. Desligado. No entanto, tinha apenas um desejo, um desejo irresistível: ligar para Marc. Chamá-lo para ir até lá. Para que ele a abraçasse e protegesse, como sempre fizera, como no pátio da escola, para que mandasse embora os babacas.

Para que ficasse ali com ela, apenas.

Bastava ligar o telefone. Marc chegaria a tempo. Onde quer que estivesse.

Dente Amarelo não largava o osso: — Não precisa ficar com remorso, viu? Não ligue para o que os outros pensam, são todos uns babacas.

Vão tentar fazer você se sentir culpada. Mande eles à merda!

— Obrigada — articulou Lylie, por reflexo.

Não foi capaz de dizer mais nada. Encarou o grande cedro à sua frente em busca de um passarinho, de um sinal de vida qualquer. Em vão.

Não, Marc não iria chegar. Ela não iria telefonar. Nem Marc nem qualquer outra pessoa poderia descobrir onde ela estava. O anonimato era o mínimo que se podia exigir ali. Não, ela não iria telefonar.

Apesar da vontade insistente, apesar do ventre dilacerado, apesar da bile que já subia outra vez por sua garganta, era preciso manter Marc afastado.

Pelo menos até o dia seguinte.

Lylie se virou para Dente Amarelo. Pelo menos uma coisa aquela menina poderia fazer por ela. Esboçou uma espécie de sorriso.

— Você não teria um cigarro para mim?

Não obteve resposta. A porta se abriu. Uma enfermeira com um físico de carcereira entrou no quarto.

— Srta. Émilie Vitral?

— Pois não?

— Está na hora: o psiquiatra vai recebê-la.

45

2 DE OUTUBRO DE 1998, 17H57

Malvina encarou Marc com seu inimitável sorriso de menina perversa de boa família; uma assassina em série imaginada pela condessa de Ségur. Sentou-se no primeiro assento do vagão, do lado oposto ao lugar ocupado por Marc.

De frente para ele.

A paisagem monótona do Pays de Caux passava na janela.

Marc não esboçou gesto algum. Malvina devia estar com o Mauser ao alcance da mão, claro. O mais sensato seria esperar. Por enquanto, antes de qualquer coisa, Marc queria terminar de ler o caderno de Grand-Duc. Faltavam apenas cinco páginas.

Reprimiu um calafrio. A imagem perturbadora de Lylie na praia de Morval tornou a surgir em sua mente. Em seguida, a lista de hospitais. Não podia perder o foco. Tinha de ler aquelas últimas páginas sem tirar o olho de Malvina… E aproveitar a primeira ocasião que se apresentasse para desarmar aquela louca.

Diário de Crédule Grand-Duc

Sei o que vocês estão pensando. Já contaram as páginas que faltam! Estão começando a entrar em pânico. Querem a solução. Mas já lhes avisei que não deveriam esperar um final feliz, uma última reviravolta, um dedo de Hercule Poirot para apontar o verdadeiro culpado na última linha. Eu sei, vocês não estão mais interessados na minha psicologia barata. Estão fartos dela. Chega dos métodos do velho Grand-Duc, de suas intermináveis digressões e de seus indícios vagos; vocês ouviram meu relato com educação, mas agora, no fundo, só uma coisa lhes interessa: o exame de DNA! A Ciência com C

maiúsculo. O milagre da genética. Fiquem tranquilos, vou chegar lá, no famoso exame de DNA. Nada de pânico. Ele foi o presente de aniversário de Lylie: três gotas de sangue para os seus 15 anos.

Perdoe-me, mas antes disso restam alguns pequenos detalhes a esclarecer.

Nazim e eu continuamos a perseguir com obstinação o famoso Georges Pelletier, sem-teto drogado que talvez estivesse andando por aí com uma pulseira de 75 mil francos no bolso.

Foi Nazim quem acabou por encontrá-lo, quase por acaso. Havia muitos meses que tentávamos fazer a lista de todos os mendigos e outros indigentes de rua que tivessem sido achados mortos. Uma manhã enevoada de julho de 1993, Nazim mostrou a foto de Georges para um policial de Le Havre que trabalhava no bairro de Neiges, estranha periferia imprensada entre os armazéns do porto. O cara tinha uma vaga lembrança. Em seguida, quando desencavamos os arquivos, havia uma pasta na delegacia.

Em 23 de janeiro de 1991, um desconhecido fora encontrado afogado em uma das bacias do porto. As temperaturas vinham caindo abaixo de zero havia uma semana, e o sujeito não devia ter sobrevivido mais de cinco minutos dentro da água gelada, mesmo com um teor de álcool no sangue superior a 2 gramas por litro. Nenhuma identidade fora encontrada com ele, mas a polícia havia tirado uma foto do cadáver. Não restava dúvida: o homem estendido sobre o cobertor furado era mesmo Georges Pelletier.

Nada nas mãos, nada nos bolsos. Nem testamento, nem coleira de cachorro… nem pulseira.

A parede no fundo do beco sem saída.

Eu próprio avisei ao irmão, Augustin, que pareceu quase aliviado. Era o fim de sua busca pessoal.

Podia virar a página. Eu, não.

Georges Pelletier, aquele filho da puta, tinha ido embora para sempre durante o inverno levando consigo seu segredo. O que ele teria feito naquela noite no alto do Mont Terrible? O que teria visto?

Malvina estava de olhos fechados!

As ondulações do Pays de Caux pareciam niná-la.

A moça não estava acostumada com viagens longas, pensou Marc.

Ele se revezava entre ler o caderno e vigiar Malvina, na outra ponta do vagão. Havia vários minutos ela lutava contra o sono: adormecia por breves instantes para então despertar com um sobressalto e os olhos chispando à procura de Marc. Dessa vez, fazia mais de trinta segundos que estava de olhos fechados.

Ele tomou uma decisão. Levantou sem fazer barulho e avançou de mansinho. Menos de 20 metros o separavam dela. Malvina não podia abrir os olhos, não agora.

Já tinha percorrido uns 10 metros. Malvina continuava com a cabeça inclinada e imóvel apoiada na lateral do assento azul e amarelo, exibindo o

sorriso quase angelical de uma menininha exausta depois de ter se divertido muito. Ele continuou a avançar. Reviu-se menino, no centro de recreação de Dieppe, brincando de “rei do silêncio”: sem se deixar tocar pelas garras de um dragão cego — outra criança de olhos vendados –, precisava libertar sua princesa amarrada a uma cadeira. Lylie, claro.

Só mais 5 metros. O trem fez uma leve curva para a direita. A cabeça de Malvina se moveu alguns centímetros e tornou a se imobilizar. Marc ficou paralisado, prendendo até a respiração.

Malvina abriu os olhos. Bem na sua direção. Duas contas negras lançadas por uma catapulta.

A moça não teve tempo de fazer nenhum gesto: no instante seguinte, os 80 quilos de Marc caíram em cima dela. Ele se atirou sem pensar, confiando em seu instinto de jogador de rúgbi. Tapou a boca de Malvina com a mão direita, e com a esquerda imobilizou seus dois braços. Ela teve de se contentar em revirar os olhos redondos e agitar freneticamente os pés. Os dois outros passageiros do vagão, o adolescente de fone de ouvido e o sujeito adormecido, nem se mexeram.

Marc empurrou Malvina em direção à janela enquanto a segurava com firmeza. Ao seu lado estava pousada uma velha bolsa de vovó feita de pele de jacaré verde falsa. O plano de Marc era simples: pegar o revólver. Depois eles poderiam conversar.

Manteve a mão direita na boca de Malvina, apoiou ainda mais o peso do próprio corpo sobre ela para impedir qualquer movimento, e com a mão esquerda vasculhou dentro da bolsa.

Bastaram poucos segundos. Ele pegou o Mauser L110. Malvina o fuzilou com os olhos. Marc apontou o revólver, em seguida retirou devagar a mão de sua boca.

— Ficou a fim de conhecer Dieppe?

Malvina fez uma careta.

— É. Sou louca por pipas. Parece que Dieppe é o paraíso das pipas neste fim de semana…

— Você tem resposta para tudo, né?

— Depende das perguntas. O que você vai fazer se eu gritar?

— Matar você.

— Não seria capaz. Não encostaria na sua querida cunhadinha…

— Quem sabe? Sou um Vitral. Um bandido.

Malvina suspirou. Evidentemente não estava com a menor vontade de atrair atenção para os dois.

— Você sabe que este é o último trem do dia, Malvina? Pretende dormir em

Dieppe?

— Quem sabe? Sou uma Carville. Tenho grana.

— Com ou sem grana, estou avisando: se minha avó Nicole a vir, você vai acabar cortada em pedacinhos e devorada pelas gaivotas.

— Esse seu senso de humor horrível vai acabar quando?

Marc se endireitou alguns centímetros. A segurança daquela moça o irritava. Ele deveria era arrancar aquele sorriso arrogante da sua cara. Pressioná-la até fazê-la falar! Como uma criança mimada que se desafia, que se agride com as próprias armas e que acaba desmoronando. Pousou a mão livre sobre a coxa dela. Malvina teve um movimento de recuo. Sua cabeça bateu na janela.

— Queria se hospedar com a gente, é isso? Pretendia dormir no meu quarto?

A mão foi subindo. Era uma vingança mesquinha. Marc não estava nem aí.

— Sinto muito, gata, mas hoje à noite meu saco está doendo, se é que você me entende.

— Se você não parar com isso eu vou gritar.

Marc encostou a mão no suéter lilás de Malvina, logo abaixo dos seios.

— Sabe que você até que não seria feia se soubesse se vestir?

— Tire a mão daí.

O tom de voz de Malvina pareceu rachar, como uma parede de cimento que se cobre de fendas. Marc insistiu: — Se usasse roupas mais sexy, digo. Ficaria quase bem-feita de corpo. Uns peitinhos bonitos…

Marc pousou a mão sobre uma das duas pequenas protuberâncias na parte superior do suéter. Sentiu o coração de Malvina se acelerar.

— Além disso, você tem dinheiro para comprar outros maiores. Não é?

O coração se acelerou mais ainda. Os dedos de Malvina se contraíram sobre o braço direito de Marc: dez cotocos inofensivos, incapazes de arranhar. As unhas roídas até o sabugo.

Marc se curvou. Com a boca, soprou no pescoço de Malvina. Sentiu seu corpo enrijecer durante vários segundos, os dedos se fecharem convulsivamente e o corpo magro se transformar em um tronco de árvore morto. Ela então relaxou, bruscamente, como se o seu esqueleto houvesse derretido de uma vez só.

Marc afastou a mão e sussurrou em seu ouvido: — Nunca mais toque em mim, Malvina! Entendeu? Nunca mais.

A porta do vagão se abriu de repente. Um condutor entrou. Uma condutora, na realidade, bem jovem.

Passou na frente dos dois sem se deter. Deu apenas uma olhada rápida nos corpos abraçados de Marc e Malvina. Um sorriso surgiu em seus lábios, e ela desapareceu no vagão seguinte.

Marc afrouxou ainda mais o abraço e apontou o Mauser para sua prisioneira.

— Chega de brincadeira. O que está fazendo aqui?

— Vá se foder.

Marc sorriu.

— Você é engraçada, Malvina. Deveria me meter medo, mas a vontade que tenho é de lhe dar uma lição de moral, como se você fosse a minha irmã mais nova.

— Sou mais velha do que você, babaca!

— Eu sei. Esquisito, né? Todo mundo diz que você é uma louca perigosa. Só que não consigo acreditar.

— Todo mundo quem? Grand-Duc?

— Entre outros.

— Se você acredita no que ele dizia…

Ela estava recuperando a compostura. Marc não podia se deixar enganar por aquela estranha confiança que ela lhe inspirava. Tornou a apontar o Mauser.

— Com certeza agora ele não vai mais poder falar mal de você. Um tiro no coração… Que radical! Por que matou o cara? Porque ele odiava você?

Pela segunda vez em menos de um minuto, o corpo de Malvina pareceu se liquefazer. Ela arregalou os olhos como duas bolas de gude, uns olhos castanhos, quase comoventes: — Que papo é esse, Vitral? Eu… eu não matei Grand-Duc. — Sua voz recobrou um quê de firmeza: — Bem que eu gostaria, aliás. Mas o trabalho já estava feito quando cheguei na casa dele.

— Acha que sou idiota? O cadáver dele caiu em cima de mim, lá na casa. O seu Mini estava estacionado na rua.

As pupilas de Malvina se dilataram. Seus olhos escuros se agitaram como duas moscas em pânico dentro de um jarro.

— Ele já estava morto quando cheguei. Eu juro! Cheguei à casa dele duas horas antes de você. No máximo. Ele já estava frio como as brasas da lareira onde a cabeça dele estava enfiada.

Marc mordeu os lábios.

Ela está dizendo a verdade, pensou.

Grand-Duc estava morto havia muitas horas quando ele o encontrara. Malvina parecia sincera, sua versão era verossímil. Seria ele tão burro a ponto de confiar naquela louca, apesar de todas as aparências? Então quem teria matado Grand-Duc? A imagem de Lylie passou diante de seus olhos.

— Por que eu acreditaria em você?

— Não estou nem aí se acredita em mim ou não.

— Certo. O que você estava fazendo na casa dele, então?

— Sou fã de libélulas. Queria admirar a coleção dele. Você também, não é?

Marc sorriu sem querer. No entanto, tomou cuidado para manter o Mauser longe. Malvina cravou o punhal mais fundo ainda.

— Vai ver que, no fim das contas, foi você que o matou, Vitral. São as suas digitais que a polícia vai encontrar, não as minhas.

Que vaca! Ela não era tão louca assim. Desconcertado, Marc gaguejou um pouco: — Você… você sabe o que aconteceu? Segundo o caderno, ele pretendia se matar. Um tiro na cabeça em cima de um jornal antigo…

— Não. — Malvina havia hesitado um curto instante, intervalo que mal bastara para três postes passarem pela vidraça. Ela ainda insistiu: — Vai ver o babaca não sabia mirar.

Ela estava mentindo! Em relação àquele detalhe, pelo menos, estava mentindo! Teria Grand-Duc se comunicado com os Carville antes de ser assassinado? Teria revelado outra coisa além do que estava escrito no caderno?

— Grand-Duc tinha descoberto alguma coisa! — falou Marc, quase aos gritos. — Com certeza avisou a sua avó. O que foi que ele disse?

— Não vou falar nem morta!

Aquilo era quase uma confissão. Malvina cruzou os braços e virou a cabeça em direção à janela, como para dar a entender que não diria mais nada. A janela estava aberta uns 10 centímetros, e um vento leve agitava seus poucos cabelos que escapavam de uma fivela envernizada. Os olhos de Marc se cravaram em sua bolsa.

— Então está bem — disse ele. — Se você não quer me dizer nada, eu mesmo vou pegar o que conseguir.

Ele enfiou a mão livre dentro da bolsa.

— Não toque nisso, Vitral!

Malvina saltou feito uma mola. A fúria projetou o maxilar em direção ao pulso que segurava o Mauser, com a boca aberta e os dentes para a frente, tentando lhe rasgar as veias. Marc esticou o braço livre e, com a palma da mão, segurou a moça pelo peito e em seguida a empurrou com violência para o fundo da poltrona.

— Filho da mãe — sussurrou Malvina, sem soltar seu braço.

Seus pezinhos não paravam de chutar os joelhos de Marc. Ele pensou se deveria lhe dar um soco logo de uma vez e acabar com aquilo, mas desistiu. Contentou-se em esticar o braço para mantê-la afastada.

Malvina segurou seu casaco para tentar beliscar, retalhar, rasgar o que pudesse, com todas as forças que lhe restavam.

Só que elas não bastaram contra Marc. A luta era desigual. Os dedos de Malvina relaxaram. Ela se viu outra vez empurrada para o fundo da poltrona, com a cabeça encostada na janela.

Marc recuperou o fôlego. Malvina disfarçou um sorriso de júbilo atrás dos longos cabelos despenteados. Durante a luta, um envelope azul caíra do bolso de Marc e escorregara para baixo da poltrona sem que ele percebesse. Ela só precisava esperar ficar sozinha para pegá-lo. Talvez não fosse nada: um boletim da faculdade, uma conta de telefone. Ou talvez fosse outra coisa.

Marc tinha aberto sua bolsa de jacaré.

O envelope podia esperar, pensou Malvina, aquele filho da puta não iria se atrever a…

— Vitral, não faça isso!

Ela estava uma fera, e não podia fazer nada.

— Estou esquentando? O que você guarda aqui dentro, sua safadinha?

Marc tateou às cegas o conteúdo da bolsa. Chaves, um celular, um batom, um moedeiro também em pele de jacaré, uma caneta de prata, uma pequena agenda…

As mãos de Malvina começaram a tremer como se ela não as controlasse mais.

Marc estava pelando! O que a deixava tão histérica era a visão da agenda. Não exatamente uma agenda, por sinal, mas um simples caderno com uns 7 centímetros por 10. Marc já tinha adivinhado a razão do pânico de Malvina: aquilo era um diário íntimo ou algo assim.

— Abra isso, Vitral… e você morre.

— Então me fale: o que você sabe sobre Grand-Duc?

— Você morre! Eu juro…

— Pior para você.

Com uma das mãos, ele começou a manusear o pequeno caderno. As páginas tinham quase todas a mesma disposição: as da esquerda eram ilustradas com desenhos, fotografias, colagens, e nas da direita Malvina havia escrito três linhas com uma caligrafia miúda e infantil. Três linhas curtas, caligrafadas como poemas breves.

Ele devia ser o primeiro a abrir aquele caderno, quanto mais ler o que estava escrito. Tomou cuidado para continuar apontando o cano do Mauser para ela. Malvina parecia esperar qualquer distração dele para pular no seu pescoço. Marc escolheu uma página aleatória. À esquerda estava colada a imagem de um crucifixo. No entanto, acima do corpo nu de Cristo, a cabeça coroada de espinhos fora substituída pela de um rapaz de olhar ardente, sem dúvida um artista de TV qualquer que Marc não conhecia. Ele leu em voz baixa o que estava escrito à direita: *Apalpar suas curvas com meu rosário Tocar seu corpo na cruz*

Entregar-me a você

— Sua danadinha — sibilou Marc. — É nisso que você pensa durante a missa quando olha para Jesus?

Malvina berrou:

— Você é burro demais para entender! São haicais, poemas japoneses. Estão além da sua capacidade!

— E a sua avó? Ela também é burra demais? Eu poderia mandar para ela por SMS.

Malvina franziu a testa como uma menina flagrada fazendo bobagem. Marc insistiu: — Então, quer falar ou eu continuo? O que você sabe sobre Grand-Duc?

— Vá à merda.

Marc arrancou a página do pequeno caderno, fez uma bolinha e a jogou pela janela entreaberta do trem.

— Tem razão. Vou ser sincero. Esse era horrível. Vamos tentar outro? Olhe, vamos brincar. Eu faço uma pergunta, e se você não responder eu leio uma página. Se eu não gostar, ela vira bolinha; se eu gostar, mando por torpedo para vovó Carville.

Marc folheou o caderno com os dedos enquanto soltava uma gargalhada alta demais. Estava tentando ostentar uma segurança de fachada, embora na realidade se sentisse cada vez pior na pele de um ladrão de intimidades. Malvina se encolheu no fundo da poltrona, na posição de um pardal indefeso. Cada página que Marc rasgava era como uma pena de asa arrancada.

As páginas foram passando. Marc se deteve na foto de um avião, um Airbus, cuidadosamente recortado e colado dentro de uma lareira.

Pássaro de ferro,

Anjo no inferno,

Minha carne

— Bonito, esse — comentou Marc. Um bolo se formou na sua garganta e o impediu de deglutir. Não quis deixar transparecer nada. — Menos a última estrofe, “minha carne”. Você deveria pelo menos ter acrescentado um ponto de interrogação, minha pequena Malvina. Vamos lá, bolinha!

As duas páginas desapareceram pela janela do trem. Malvina tremia. Marc continuou.

— Então, Malvina, ainda não tem nada a me dizer? O que você estava fazendo na casa do Grand-Duc?

— Vá se foder!

— Como quiser.

As páginas tornaram a passar. Marc deteve a sucessão de folhas na foto de um quarto de menina, decerto recortada com esmero de algum catálogo de decoração. Do lado direito, Malvina tinha colado uma imagem de Banjo, o

imenso urso de pelúcia marrom e amarelo. No meio do quarto, sobre a cama, fora acrescentado um retrato de Lylie, claro. Sentada de pernas cruzadas, ela devia ter 8 ou 9 anos. Mais uma fotografia roubada por Grand-Duc.

Marc se esforçou para ler com voz neutra. Sentiu a garganta queimar: *Brinquedos esquecidos*

Que saudade danada

Abandonada?

— Seu Vitral de merda — sussurrou Malvina. — E pensar que eu lhe mostrei o quarto de Lyse-Rose…

— Estou esperando.

Malvina esticou o dedo médio para Marc.

Bolinha. Janela.

Marc pôs-se a examinar as páginas com mais atenção. A invasão precisava ser ainda mais intensa, mais profunda. Seus dedos se detiveram em uma, quase a última. A da direta estava ilustrada com uma foto de Lylie e Marc. Era fácil identificar a data: 10 de julho de 1998, menos de três meses antes, portanto. Lylie tinha acabado de receber os resultados do exame do ensino médio. Com menção honrosa! Os dois estavam abraçados no passeio à beira-mar, em Dieppe.

Ele sorriu para si mesmo. Quer dizer que Crédule Grand-Duc, ou então Nazim Ozan, tinha bancado o *paparazzo*. Era justo! Afinal de contas, eles ainda estavam contratados e recebendo dinheiro dos Carville. Grand-Duc, aliás, não tinha escondido isso em seu diário. Só que Malvina-Mãos-de-Fada tinha se divertido brincando de recortar. Não era Lylie quem abraçava Marc na imagem colada naquela agenda, mas, sim, o rosto de Malvina colado acima do corpo perfeito de Lylie. Uma montagem tosca.

Uma cabeça encarquilhada, como reduzida pelos jivaros, encarapitada em um corpo de deusa.

Com uma voz sem entonação, Marc leu: *Devorar teus amantes com os olhos Gemer, enlaçar teus namorados Sozinha, jogo delicioso*

Malvina fechou os olhos. Era apenas um camundongo preso em uma ratoeira, sem buraco para se esconder. Marc lutava contra a vontade de lhe estender aquele caderno, levantar-se e largá-la ali, ir embora. Ela não passava de uma vítima imprensada no imenso engavetamento daquela tragédia no Mont Terrible. Desorientada, fodida.

Igual a ele.

Uma criança que, ao acordar certa manhã, havia deparado com um monstro no espelho. Uma criança afogada em um pântano sórdido de sentimentos proibidos. Mesmo assim, Marc se ouviu pronunciar palavras mais mortais do que as balas do Mauser que continuava a apontar: — Quer que eu guarde este,

Malvina? Ou que mande para a sua avó?

Com o olhar perdido sobre os vastos milharais do Pays de Caux, Malvina torcia tanto os dedos que parecia que ia arrancar um deles. Marc enfiou a faca um pouco mais fundo. Sua garganta agora não passava de um árido deserto.

— Ou quem sabe eu mostro para a Lylie? Aposto que ela iria achar bem divertido!

Os dedos de Marc começaram a rasgar a página. Malvina abriu os olhos e, com uma voz estranhamente vagarosa, falou: — Crédule Grand-Duc ligou para a minha avó. Anteontem. Ainda estava vivinho da silva. Falou que tinha descoberto alguma coisa. A solução do caso todo, parece. Assim, às cinco para a meia-noite do último dia! Bem na hora em que ia dar um tiro na própria cabeça em cima da edição de 23 de dezembro de 1980 do *L'Est Républicain*! Ainda precisava de um dia ou dois para reunir as provas, mas afirmou ter certeza do que estava dizendo: tinha solucionado o mistério. E precisava de mais 150 mil francos, também.

Marc fechou bem devagar o caderno de Malvina.

— Como você sabe tudo isso?

— Escutei na extensão. Sei ser discreta. Tenho talento para isso, até.

— E sua avó acreditou nele?

— Não faço ideia. Na dúvida, decidiu pagar mesmo assim. Afinal, não está nem aí para o dinheiro.

Grand-Duc a engambelou durante dezoito anos. Um dia a mais ou a menos…

— E você?

— O que tem eu?

— Acreditou nele?

O rosto de Malvina se imobilizou em uma expressão de incredulidade.

— Você acha isso crível, por acaso? Encontrar a solução assim, com um golpe de varinha de condão, logo antes das doze badaladas da meia-noite? Acha que isso se sustenta?

Marc não respondeu. Pela janela, as plantações de maçã do vale do Scie haviam substituído os milharais. Malvina se virou para ele e continuou a falar em voz baixa: — Fui à casa do Grand-Duc encontrar com ele. Mandá-lo parar de encher o nosso saco. Dizer que estava tudo acabado, que Lyse-Rose tinha feito 18 anos, que já tinha idade para decidir sozinha. Você leu a investigação toda, eu também conheço os detalhes. A pulseira, o piano, o anel… Não resta dúvida!

Você mesmo falou isso agora há pouco, na Roseraie: quem está viva é Lyse-Rose. Émilie morreu queimada dentro do avião, dezoito anos atrás; pode dizer isso para sua avó. É essa a sua opinião, não é?

E a dela também, certo?

Sim, era essa a opinião de Marc. Malvina estava certa do início ao fim.

— Se não foi você, sabe quem matou Grand-Duc? — perguntou ele.

— Não faço ideia. Não me importo.

— Sua avó? Para não ter de pagar?

Malvina deu uma risadinha.

— Por 150 mil francos? Invente outra.

Marc acusou o golpe antes de fazer outra pergunta: — Ele disse à sua avó como pretendia reunir as últimas provas?

— Disse. Falou que ia investigar no Jura. Em uma cabana às margens do Doubs, perto do Mont Terrible. Era para lá que minha avó deveria mandar o resto do dinheiro.

O Jura? O destino da famosa romaria de Grand-Duc? Em outubro? Por quê, caramba?

— O que ele estava indo fazer lá? — perguntou Marc. — Buscar as provas prometidas para a sua avó?

— Ele estava gozando com a nossa cara! Só isso.

Marc não respondeu nada. Levantou-se, guardou cuidadosamente o Mauser no bolso do casaco, então estendeu o caderninho para Malvina.

— Sem ressentimentos, então?

— Vai tomar no cu!

46

2 DE OUTUBRO DE 1998, 18H10

Marc voltou ao seu lugar no trem. Passou em silêncio diante do adolescente, ainda com o fone nos ouvidos, e do sujeito adormecido, que havia descalçado os Doc Martens e os pusera debaixo do assento.

O Rouen-Dieppe atravessava agora Longueville-sur-Scie, e as últimas macieiras tornavam a sumir em meio a um mar amarelo de milho e canola. Dali a menos de quinze minutos ele estaria em Dieppe.

Acomodou-se e bebeu com avidez mais da metade da garrafa de San Pellegrino. Verificou que o Mauser continuava guardado no bolso, e lançou um olhar em direção ao fundo do vagão. Malvina, prostrada, não tinha se mexido. Marc pegou o caderno de Grand-Duc com um gesto febril. Havia tomado a decisão de concluir a leitura de uma vez só. Faltavam menos de cinco páginas. Tudo estava acontecendo depressa demais. Se não quisesse ficar maluco, precisava galgar um após o outro os degraus daquela espiral dos infernos, com a maior calma possível, mesmo sem saber aonde conduzia aquele andaime de mistérios. Depois de fechar o caderno, seria o momento de pensar nas revelações de Malvina, naquela derradeira reviravolta que Grand-Duc havia tirado da cartola antes de ser condenado de uma vez por todas ao silêncio.

Diário de Crédule Grand-Duc

No ano de 1995, Mathilde de Carville me fez seu pedido de forma bem simples: comparar o DNA do sangue da pequena Lylie ao de toda a linhagem dos Carville. Eu tinha conhecidos no setor de criminalística da polícia, e ela sabia também que eu havia ficado íntimo dos Vitral. Ponham-se no meu lugar. Como poderia ter negado? Não era fácil, entendem, ser acolhido à noite na casa dos Vitral como um amigo da família, e no dia seguinte ir contar tudo aos Carville. Eu estava em uma corda bamba, por assim dizer. Mas vamos em frente, pois vocês não estão nem aí para as minhas divagações de espião depressivo, e têm razão!

De um ponto de vista puramente técnico, não podia aparecer com o bolo de

aniversário e pedir a Émilie Vitral ou à sua avó uma amostra do sangue da menina. Meu estratagema foi bastante óbvio, reconheço: dei de presente de aniversário a Lylie um vaso rachado, com uma única flor, que com certeza iria quebrar quando ela o segurasse. Tudo funcionou melhor do que o previsto. Assim que ela o segurou entre o polegar e o indicador, o vidro explodiu. Sem jeito, recolhi os cacos sujos de sangue e as joguei no lixo, menos os que guardei dentro de um saquinho plástico no fundo do bolso.

Brincadeira de criança. Ninguém percebeu nada.

Recebi o resultado do laboratório alguns dias mais tarde. Se lhes disser que senti remorso, vocês tampouco vão ligar. Só estou dizendo isso para explicar por que solicitei uma cópia ao meu contato na criminalística. Uma análise apenas. Dois envelopes. Um para Mathilde de Carville, outro para Nicole Vitral. Eu mesmo lhes entreguei os envelopes azuis.

Empate.

Portanto, há três anos elas sabem a verdade. A ciência falou!

É isso! Eu poderia parar por aqui, dizer que entreguei os envelopes às duas famílias e pronto. Tchau, vovós. Virem-se com isso!

Só que não sou nenhum anjinho. Não, é claro que não resisti à tentação. Sim, eu li o resultado.

Imaginem só, quinze anos de investigação sem nenhuma certeza… Atirei-me sobre o resultado como um condenado que, após quinze anos de prisão, se joga em cima de uma prostituta.

A metáfora é bem adequada. Que resultado filho da puta.

Dizer que ele me surpreendeu seria, como se diz na linguagem culta, um eufemismo. Fiquei de quatro, isso sim, eu que já estava na corda bamba. Como se alguém lá em cima, o deus ou a virgem do Mont Terrible, continuasse a gozar com a nossa cara.

Acho que foi o resultado dos exames que me fez despencar definitivamente no abismo da depressão, que me fez rolar de maneira inexorável em direção ao fundo do poço. Um resultado absurdo, risível, que justificava jogar na fogueira todos aqueles anos de investigação, e em seguida me jogar também, por não ter conseguido encontrar a explicação de toda aquela história.

Apesar de tudo, desde 1995 me mantive leal, como um velho e fiel cão de guarda. Prossegui a investigação, aos trancos e barrancos. Em câmera lenta. Nazim já tinha desistido algum tempo antes.

Trabalhava bastante no mercado negro, e de vez em quando ajudava Ayla no restaurante de kebab do boulevard Raspail.

Em dezembro de 1997, fiz minha última romaria ao Mont Terrible. Vou lhes apresentar agora a última peça do quebra-cabeça. Mas não a menos

perturbadora… Vocês dirão.

Estava eu, portanto, a caminho do Jura. Pretendia aproveitar até o fim aqueles últimos momentos de prazer: o queijo *cancoillotte*, o *comté* curado e o vinho D'Arbois de Monique Genevez. Pretendia pisar as últimas folhas de grama e segurar os últimos caules antes do mergulho final. Minha romaria, minha Lourdes pessoal. Tudo a mesma coisa. O mesmo milagre esperado que nunca acontece.

A última ideia me ocorreu durante a noite, na cabana. Não me perguntem por quê. Decerto precisei de mais de meio litro de vinho amarelo para atiçar minha imaginação. Mathilde de Carville tivera razão ao me dar dezoito anos para investigar o caso. Devo ser mesmo um pouco lento, e ela deve ter adivinhado isso. Pela manhã, subi o Mont Terrible com uma pá e um saco de lixo grande. Cavei como um condenado ao lado da cabana, no local exato do túmulo. Passei uma hora cavando. Dez quilos de terra!

Sem separar, sem nada. Recolhi tudo o que minha pá conseguiu catar. Carreguei a terra toda nas costas feito um condenado. Por 2 quilômetros. Quando cheguei à trilha, Grégory, o bonitão da reserva, me levou até lá embaixo de 4x4. No dia seguinte, emporcalhei o porta-malas do meu BMW ao pôr a terra lá dentro e fui até Rosny-sous-Bois para entregar tudo ao meu amigo da criminalística.

Não preciso nem dizer que ele fechou a cara. Dez quilos de terra para examinar no microscópio. Em busca de quê? Seria aquele o último capricho de um louco furioso?

Jérôme, meu amigo da polícia, acabara de ter o terceiro filho e comprar uma casa em Bondoufle com vinte anos de financiamento para pagar; sendo assim, não hesitou muito diante do envelope recheado de notas que dobrava seu contracheque trimestral como funcionário da criminalística, um emprego que exigia doutorado, mas que mal chegava a render um quarto do salário de um médico. O trabalho talvez lhe exigisse muitas horas; eu não estava nem aí.

Ele me ligou uma semana depois.

— Crédule?

— Sim?

— Banquei o jardineiro como você pediu. Quer saber o pH, o teor de húmus, a acidez daquela porra de terra? Quer plantar o quê nela, uma horta para a sua velhice?

— Fale logo, Jérôme.

— Certo. Aquilo é terra, Crédule… só terra.

Ele havia titubeado um pouco antes do "só". Mantive a esperança. Crédulo mesmo, até o fim.

— Não tinha mais nada?

— Até tinha… Mas aí é realmente o micro do micro. Nada de confiável.

— Diga logo.

— Se você faz questão… Na terra tinha também uns fragmentos de osso. Uma coisinha de nada.

Partículas, nada mais. Uma poeira. Alguns gramas. Nada que não seja normal em uma floresta. A terra, afinal, é apenas um resíduo da compostagem, o acúmulo de várias coisas mortas em cima dela.

Insisti mais um pouco. Jérôme Larcher era o melhor na sua área. Um fera. E tinha à sua disposição o melhor equipamento da França.

— Ossos de quê, Jérôme?

— Alguns gramas de osso, Crédule, estou dizendo. Cientificamente, não se pode fazer nenhuma afirmação com base nisso.

— Está bem… cientificamente. Mas você afirmaria o quê?

Jérôme hesitou.

— Minha intuição, é isso que você quer? Então tudo bem, mas vou logo avisando que isso não vai aparecer no relatório. Eu diria que provavelmente são ossos humanos, e não animais.

Puta que pariu!

Ossos humanos!

Eu precisava pressionar Jérôme mais um pouco. Senti que ele não tinha dito tudo. Ele sabia sobre a investigação na qual eu vinha trabalhando havia tantos anos.

— Dá para datar esses ossos, Jérôme?

— Impossível… não posso lhe dar um intervalo de menos de dez anos, entende, não vai adiantar nada.

— Datar a idade da pessoa enterrada, Jérôme, é isso que estou perguntando. Não o ano em que ela foi enterrada.

Jérôme ficou calado por muito tempo. Senti que eu não iria gostar do que ele estava prestes a dizer.

— Crédule… A gente agora vai entrar no universo subjetivo. Da improvisação total.

— Vá direto ao assunto, Jérôme.

— Certo. Está bem. Na minha opinião, são fragmentos de ossos de um humano bastante jovem.

Gotas de suor gelado me escorriam pelas costas.

— Quão jovem?

— Bom…

— Uma criança?

— Está esquentando, Crédule.

Parecia que meu crânio estava preso em um torno, e cada palavra era um novo giro da manivela.

— O que você está querendo dizer, Jérôme? Um bebê? Essas porras são fragmentos de osso de um bebê humano?

— Estou tateando no escuro, já falei. Confiabilidade zero. Mas é isso mesmo que eu diria: fragmentos de osso de um recém-nascido humano.

Puta que pariu!

O que vocês teriam feito no meu lugar? Descobrir isso depois de dezoito anos de investigação?

Sinceramente, o que teriam feito? Fora dar um tiro na própria cabeça?

Os oito últimos meses não têm importância, nem os dez últimos dias passados a escrever este caderno.

Pronto. Tudo já foi dito.

Hoje é dia 29 de setembro de 1998, faltam vinte minutos para a meia-noite. Está tudo no seu devido lugar. Tudo terminado. Lylie vai fazer 18 anos daqui a pouco. Vou guardar minha caneta dentro deste pote aqui na minha frente. Sentar diante desta escrivaninha, abrir o *L'Est Républicain* de 23 de dezembro de 1980, aquele dia maldito, e, com toda a calma do mundo, dar um tiro na minha cabeça.

Meu sangue vai encharcar o papel amarelado do jornal. Eu fracassei…

Deixo para trás apenas este testamento. Para Lylie. Para quem mais quiser.

Registrei neste caderno todos os indícios, todas as pistas, todas as hipóteses. Dezoito anos de investigação. Tudo anotado nestas cem páginas. Se vocês as tiverem lido com atenção, agora sabem tanto quanto eu. Talvez sejam mais perspicazes. Talvez sigam um caminho que negligenciei.

Talvez encontrem a chave, se é que ela existe. Talvez…

Por que não?

Para mim, está acabado.

Dizer que não tenho arrependimentos nem remorsos seria um exagero, mas fiz o melhor que pude.

Eram as últimas palavras. A página seguinte estava em branco.

Marc fechou bem devagar o caderno de Grand-Duc. Esvaziou com um só gole a garrafa de San Pellegrino. Faltavam cinco minutos para o trem entrar na estação de Dieppe. Como por magia, o sujeito de meias havia acordado e o adolescente guardava o fone de ouvido.

Marc tinha a sensação de que seu cérebro girava em falso, como a roda solta de uma bicicleta.

Precisava de tempo, precisava pensar. Precisava, antes de tudo, falar com a avó. Quer dizer então que ela havia recebido o exame de DNA, e há três anos

sabia que Lylie não era sua neta! No fundo, era óbvio: ela própria tinha confessado isso ao lhe dar de presente o anel de safira azul-clara.

Quem tinha sobrevivido era Lyse-Rose, não Émilie. Essa era a única certeza. Quanto ao resto…

Quem havia cavado o túmulo no Mont Terrible? A pulseira estava enterrada lá? Um cachorro? Um recém-nascido? Qual recém-nascido? As perguntas se entrechocavam dentro do crânio árido de Marc, e Grand-Duc não havia respondido a nenhuma delas. Quem o tinha matado? Para ocultar que verdade?

Quem tinha matado seu avô?

Onde estava Ly…

Um berro rasgou o silêncio do vagão.

Um grito demente.

Malvina!

Marc começou a correr antes de o sujeito que amarrava seus cadarços ter tempo de reagir. Malvina estava encolhida no fundo da cadeira, e seu corpo magro se convulsionava com tremores. A mão pendia, inerte, como a de um suicida que tivesse cortado os pulsos.

Ela o encarou com um olhar de súplica como quem busca desesperadamente uma ajuda, como se a sua mão aberta fosse a de uma alpinista estendida para o companheiro poucos segundos antes da queda.

Os olhos de Marc desceram. Alguns centímetros abaixo dos dedos contraídos de Malvina, sobre o assento, estavam um envelope azul rasgado e uma folha de papel branco.

Marc entendeu. O envelope devia ter escorregado de seu bolso durante a luta com a moça. Ela não conseguira resistir e abrira o resultado do exame de DNA; não sabia de nada, sua avó nunca lhe dissera coisa alguma. Por que, então, aquele acesso de loucura?

Ele empunhou nervosamente a carta datilografada com timbre do setor de criminalística da polícia nacional em Rosny-sous-Bois. O resultado ocupava seis linhas curtas.

PESQUISA DE VÍNCULOS DE PARENTESCO

entre Émilie Vitral (*amostra 1, lote 95-233*) *e* Mathilde de Carville (*amostra 2, lote 95-234*) *entre* Émilie Vitral (*amostra 1, lote 95-233*) *e* Léonce de Carville (*amostra 3, lote 95-235*) *entre* Émilie Vitral (*amostra 1, lote 95-233*) *e* Malvina de Carville (*amostra 4, lote 95-236*) Então, uma linha mais abaixo, o veredito: *Resultados negativos*.

Nenhum vínculo de parentesco possível.

Taxa de confiabilidade: 99,9687%

O papel caiu das mãos de Marc.

Lylie não tinha nenhum vínculo de sangue com os Carville.

Lyse-Rose tinha morrido; Émilie, sobrevivido. Marc e ela tinham os mesmos genes, os mesmos pais, o mesmo sangue. Apesar de todas as suas convicções, apesar de tudo o que o seu coração lhe dizia, aquele desejo que ele nutria pela irmã não passava de um doentio e maldito impulso incestuoso.

47

2 DE OUTUBRO DE 1998, 18H28

Marc margeou a passos lentos a marina de Dieppe. A estação ficava a menos de um quilômetro do Pollet. A figura medonha de um dragão chinês exibia seu esgar no céu, como se a criatura houvesse rasgado as nuvens para zombar dele pessoalmente, para aumentar um pouco mais a loucura reinante.

Ele acelerou o passo. Só tinha uma ideia em mente: falar com a avó. Não conseguia parar de pensar nos resultados do exame de DNA. Lylie e ele, geneticamente semelhantes! Mas todas as suas convicções, todos os seus sentimentos mais íntimos contestavam esse resultado. De que valia aquele pedaço de papel, aquele pseudoconhecimento científico, comparado com o que ele sentia no fundo do coração?

Não!

Lylie não era sua irmã!

Diante dele e dos modestos iates do porto de Dieppe, bem-comportados, todos de costas para o mar, as varandas estavam lotadas. O festival da pipa provocava uma orgia de *moules frites* que nada ficava a dever às festas das cidades flamengas. Marc diminuiu o passo ao chegar em frente à ponte móvel que ligava a ilhota do Pollet ao restante da cidade. Tinha deixado Malvina dentro do vagão do trem, encolhida em sua poltrona. Simplesmente recolhera e pusera no bolso o papel da criminalística. Imóvel, em posição fetal, Malvina não protestou.

Em frente aos restaurantes, as ruidosas filas de espera cresciam. Indiferente, Marc se forçou a reprimir a raiva surda que brotava dentro dele.

Não!

Lylie não era sua irmã!

Grand-Duc com certeza tinha se enganado, tinha confundido as coisas, não tinha entregado as amostras certas ao laboratório. Ou havia mentido. Ou, ainda, Mathilde de Carville estava tentando manipulá-los, tinha lhes entregado um exame fajuto, uma falsificação grosseira! Ou então ninguém estava mentindo, mas Lyse-Rose podia não ter qualquer vínculo de sangue com os Carville. Podia ter sido adotada. Seu pai talvez não fosse Alexandre de Carville. Nada se sabia sobre as circunstâncias de seu nascimento na Turquia. O próprio Grand-Duc expressava no caderno algumas dúvidas que tivera durante os primeiros meses de investigação. O alemão de olhos azuis que alugava pedalinhos…

Atravessou a ponte, passou pelo bar-tabacaria do Pollet, à sua direita, e entrou na Rue Pocholle. Ia cada vez menos a Dieppe, uma vez por mês se tanto, ainda mais depois que Lylie começara a estudar com ele em Paris. A casa estava ali, na sua frente, uma fachada de tijolo e sílex igual a quinze outras na mesma rua. O pátio estava totalmente ocupado pelo Citroën H laranja e vermelho, como se o jardim tivesse sido plantado ao redor do veículo, nas suas dimensões exatas. Ele reparou nos pontinhos de ferrugem nos para-lamas, na mossa na porta, nos arranhões pretos. Há quanto tempo aquele furgão não era usado, mesmo que só para fora do pátio? Agora ninguém mais pedia para brincar naquele jardim de bonecas.

Tocou a campainha; Nicole veio abrir na hora. O calor do corpo generoso de sua avó o engolfou. Ela lhe deu um abraço forte e demorado. Em qualquer outro dia, ele teria ficado constrangido. Mas não naquele. Os dois tinham consciência disso. Por fim, ela o soltou.

— Tudo bem?

— Tudo…

Ele nem sequer se deu o trabalho de imprimir à voz um tom animado. Correu os olhos pela pequena sala. O cômodo parecia ficar menor a cada retorno seu. Menor e mais escuro. O piano Hartmann-Milonga continuava ali, entre o sofá e a televisão, todo empoeirado. Com uma pilha de papéis, contas, jornais e panfletos em cima do teclado. Não havia onde guardar toda aquela bagunça, então por que não em cima do piano, que não servia mais para nada?

A mesa já estava posta: dois pratos, dois guardanapos de linho cru e uma garrafa de sidra caseira. Marc se sentou. Nicole ia e vinha entre a cozinha e a sala em trajetos curtos de 5 metros. Trouxe os dois filés de linguado preparados à moda de Dieppe, com creme de leite e molho de mariscos e camarões. Era boa cozinheira e sabia também jogar conversa fora e inventar respostas para as próprias perguntas. Os estudos de Marc, o futuro do porto de Dieppe, os panfletos que precisava distribuir, seus pulmões doloridos, a calha furada da casa (“Marc, se você puder dar uma olhadinha…”). Com entusiasmo e convicção redobrados, como qualquer avó cujos raros minutos de diálogo com os parentes são espaçados por longas semanas de silêncio. Marc respondia com monossílabos. Corria os olhos pela sala e sempre tornava a pousá-los no mesmo ponto, logo acima do piano. Na pilha de papéis, havia observado um envelope azul igual ao que Mathilde de Carville tinha lhe entregado na Roseraie e que Malvina abrira sem autorização. O presente envenenado de Grand-Duc. Nicole havia, portanto, exumado aquele envelope, que devia ter guardado por três anos em algum lugar nas gavetas secretas de suas lembranças.

Quem se atreveria a abordar o assunto primeiro?

Nicole estava falando sobre um vizinho internado no hospital, desenganado. Marc se distraía com os próprios pensamentos. Então sua avó sabia a verdade havia três anos. Tinha a prova. Era Émilie quem havia sobrevivido, fora mesmo sua neta que ela criara durante todo aquele tempo. Vencera a batalha.

Sem dúvida devia ter dado o anel de safira azul-clara a Lylie por pena de Mathilde, do mesmo jeito que sempre dava uma moeda aos pedintes na rua.

A ruína dos Carville até se transformarem em mendigos, à mercê da caridade de sua avó, despertou em Marc sentimentos contraditórios. A imagem de Malvina prostrada no expresso regional na estação de trens de Dieppe ainda o assombrava.

Nicole serviu o queijo. Como sempre, não comeu sobremesa, mas depositou com orgulho um *salammbô* no prato de Marc. Um horrível doce verde e cor de chocolate, parecido com uma pinha! Ele começara a não suportar mais aquilo por volta dos 12 anos, mas nunca tivera coragem de avisar à avó.

Era o doce mais barato que havia… Obediente, mastigou o creme de confeiteiro. Nicole voltou a falar nos tais panfletos, na prefeitura, no porto comercial. Ele não estava mais prestando atenção. Seu olhar passou pela fotografia dos pais, Pascal e Stéphanie, suspensa em um porta-retratos acima da lareira. O casal posava vestido de noivo em frente à capela de Nossa Senhora do Socorro, sob uma chuva de arroz.

Marc sempre tinha visto aquele quadro no mesmo lugar, pendurado no mesmo prego. Que felicidade mais sinistra.

Nicole trouxe um café requentado em uma panelinha e serviu duas xícaras; para ela, sem açúcar. Foi a avó quem deu o primeiro passo. Um passinho de nada.

— Você teve notícias recentes de Émilie?

— Não… Quero dizer, não diretamente. — Marc hesitou. — Acho… acho que ela está em um hospital.

Uma clínica, alguma coisa assim.

Nicole baixou os olhos.

— Não se preocupe, Marc. Não se preocupe. Ela agora é maior de idade, sabe o que está fazendo…

Ela se levantou para recolher as xícaras da mesa.

“Sabe o que está fazendo…” As palavras de Nicole chacoalharam dentro do crânio maltratado de Marc. Seriam apenas as palavras reconfortantes de uma avó ou ela estaria lhe escondendo alguma coisa?

Ele se levantou para ajudá-la em suas idas e vindas entre a sala e a cozinha. No segundo trajeto, parou diante de uma fotografia que lhe era familiar, em um porta-retratos de madeira sobre a prateleira, entre um jogo de *awalé* e um

barômetro em forma de farol. Era uma foto de Pierre e Nicole. Os dois marchavam lado a lado diante da subprefeitura de Dieppe atrás de uma imensa bandeira na qual se lia: SOB OS SEIXOS, A GREVE. Não era muito difícil deduzir sua idade, pois ali constava a data de maio de 1968. O casal não tinha nem 30 anos. Nicolas, seu primogênito, segurava a mão da mãe, enquanto Pascal estava sentado nos ombros do pai. Devia ter 5 ou 6 anos, e trazia uma bandeirinha vermelha no punho fechado. Marc encarou o avô, o pai e o tio, reunidos na mesma imagem. Todos mortos sem lhe deixar lembrança alguma. Forçou-se a falar com uma voz natural: — Vou ali no quarto, Nicole. Preciso dar uma olhada nas minhas anotações de aula. Só uns minutinhos. Volto já.

A resposta foi um barulho de louça batendo na pia.

Marc entrou no quarto. Estava tudo em perfeita ordem. Nicole continuava a arruinar a própria saúde fazendo faxina em um cômodo no qual ele pernoitava menos de uma vez por mês.

Teve a impressão de redescobrir seu quarto de menino; culpa daquele maldito diário de Grand-Duc e de todo o passado que o detetive tinha remexido. A flauta de plástico continuava em cima da escrivaninha. A sua, a que Lylie pegava emprestada para tocar canções de Goldman, Cabrel ou Balavoine. O beliche continuava encostado na parede. O de cima estava desocupado havia oito anos, desde que Lylie se mudara para o quarto de Nicole. Marc se lembrava de suas noites insones. Lylie gostava de inventar histórias intermináveis, e ele, deitado na cama, ficava escutando sua voz logo acima; algumas vezes, quando ela sentia medo, seu braço de menina pendia na sua direção. Marc se sentava na cama e ficava segurando a mão dela até senti-la amolecer, até Lylie pegar no sono. Às vezes, ela ficava lendo até tarde. A luz não deixava Marc dormir, mas ele não dizia nada. Não se pede ao sol que pare de brilhar.

Lylie nunca teria trocado aquela promiscuidade pelo imenso quarto que a esperava na residência dos Carville, pela tonelada de presentes, pelo urso de pelúcia Banjo e os outros embrulhos. Marc tinha certeza disso. Afinal, libélulas são como borboletas: precisam de um casulo quando jovens. Pelo menos antes de virarem crisálida.

Ele se sacudiu, como se a nostalgia caísse em flocos sobre seus ombros. Andou até o armário e empurrou as roupas de lado. Restavam poucas. Nicole sempre doava o que ficava pequeno para instituições de caridade, com exceção das camisas de rúgbi amarelas e azuis tamanho PP, P, M… e de uma camisa de futebol, sozinha no meio dos cabides, com o nome *Dündar Siz* escrito nas costas.

Tamanho 12 anos.

Marc se abaixou. Arquivava suas anotações de aula em caixas de papelão dispostas no chão.

Encontrou o que estava procurando no topo da pilha: anotações do ano anterior feitas durante as aulas de direito europeu. A disciplina consistia basicamente em decorar uma sucessão de datas: entrada dos Estados na União Europeia, tratados, diretrizes, eleições… Estudar direito era isso: um exercício chato de memorização. Encontrou com facilidade o fichário que estava procurando, em seguida a página.

Podia não ser um aluno brilhante, mas era organizado. Leu: *Palestra de 12 de fevereiro de 1998 — As margens da União Europeia*. Tinha prestado um pouco mais de atenção nessa aula, que tratava do caso turco. Releu as anotações: a Turquia dos militares, o golpe de Estado, a volta da democracia.

Passou vários minutos verificando detalhes. Gotas de suor escorriam por seus braços. Por fim, tornou a fechar o fichário com as mãos úmidas e a pele arrepiada. Agora entendia o problema do relato de Grand-Duc.

Tudo se encadeava.

Sentou em cima da cama e tentou raciocinar o mais depressa possível.

Não, seu avô não morrera em um acidente. Fora mesmo assassinado! Marc agora tinha a prova.

Formal. Mas, se esse único detalhe não se encaixasse, então era a investigação inteira que não fazia sentido…

— Marc?

A voz de Nicole atravessou a parede fina do quarto.

— Tudo bem aí dentro?

Um acesso de tosse pontuou a pergunta. Uma tosse grave, abafada mais ainda pelas paredes de compensado. Marc desistiu de continuar o raciocínio naquele momento. Levantou-se, pôs o fichário na mochila e guardou as caixas de papelão. Passou vários minutos em pé, apoiado no beliche. Ondas de calor o impediam de respirar normalmente.

Com a voz trêmula, Nicole insistiu: — Marc?

— Já vou, Nicole.

A porta do quarto dava diretamente para a sala. A louça estava arrumada, e uma toalhinha rendada fora posta sobre a mesa de jantar. Nicole estava sentada. Chorando. Sobre a mesa à sua frente, Marc reconheceu o envelope azul.

O exame de DNA.

A cópia que lhe fora entregue três anos antes por Crédule Grand-Duc.

48

2 DE OUTUBRO DE 1998, 23H19

Marc puxou uma cadeira e sentou-se também, logo em frente à avó. Lentamente, tirou do bolso o envelope rasgado que Mathilde lhe dera. Pousou-o sobre a mesa.

Dois envelopes azuis. Cada um com o seu.

— Eu sabia que Mathilde de Carville tinha uma cópia — disse Nicole com a voz branda. — Mas acho que ela não sabia que Grand-Duc tinha me dado uma.

— Tem razão — confirmou Marc. — Ela não sabia.

Nicole enxugou os olhos com um lenço branco.

— O que ela falou exatamente?

Marc não tinha escolha. Era por isso que estava ali, para se explicar. Passou um tempão falando, contou a visita aos Carville e resumiu o caderno de Grand-Duc, suas últimas páginas, o exame de DNA, o remorso do detetive. Omitiu apenas um episódio: seu assassinato. Um constrangimento inexplicável o impediu de dar essa notícia à avó daquele jeito. Tão brutalmente. Precisava pensar primeiro, rememorar o que ele havia escrito. Desde o início. Verificar tudo.

Nicole levou o lenço à boca e tossiu.

— Marc, o que Crédule Grand-Duc escreveu no diário não era tudo mentira. Mas também não era tudo verdade. A versão é um pouco diferente. Crédule gosta de embelezar as coisas…

O verbo no presente perturbou Marc.

— Eu estava aqui — disse ele. — Nos 15 anos de Lylie. Eu me lembro, vi tudo. O presente, o vaso quebrado, Lylie cortando o dedo, Grand-Duc catando os cacos e pedindo desculpas.

— Claro. Tem razão. O que ele não contou foi o que aconteceu depois.

Marc empalideceu.

— Depois?

— Você se lembra de que logo depois saiu com Émilie? Para comemorar os 15 anos dela na casa da Manon? Vocês só voltaram depois da meia-noite…

Marc tinha pousado a mão sobre o envelope azul rasgado e o fazia deslizar nervosamente sobre a mesa. Nicole pigarreou para tentar limpar a voz. Sem resultado. Prosseguiu: — Eu fiquei sozinha com Crédule. Enquanto ele bebia um calvados sentado no sofá, lavei a louça.

Fiquei chorando em frente à pia.

— Ficou… chorando?

— Marc, eu não sou burra. Crédule trabalhava para os Carville. Eu sabia que ela um dia acabaria pedindo um exame de DNA. Era um direito dela. Eu teria feito a mesma coisa. Mas não daquele jeito.

Com aquele estratagema lamentável. Com aquela armadilha embalada em papel de presente. Crédule era o único amigo que nós tínhamos convidado para o aniversário de Lylie…

Marc estava cada vez menos à vontade. Era a primeira vez que sua avó se confidenciava com ele daquela maneira.

— Quando você adivinhou?

— Assim que vi Émilie sangrar… e Crédule catar os cacos de vidro. Ele não foi nada discreto. Teria sido melhor aparecer com uma seringa e um garrote. Mostrar logo o jogo. Era tudo o que eu esperava dele. Desde o princípio, era esse o nosso contrato: eu abria para ele a porta da minha casa, mas tinha direito às mesmas informações.

— Foi o que ele fez, não foi? Ele lhe deu uma cópia do exame…

Os olhos de Nicole estavam marejados de novo.

— Não exatamente, Marc. Não exatamente. Foi o que ele fez, tirando um detalhe. Depois de chorar em frente à pia, tomei a decisão de uma vez só. Tinha acabado de enxaguar uma faca, cerrei os dentes e cortei meu próprio anular. Só um cortezinho, o suficiente para tirar sangue. Enrolei o dedo em um pano de prato e levei para Crédule um copinho de licor com alguns mililitros do meu sangue dentro. Ele entendeu na hora. Também não era burro.

— E como ele reagiu?

Pela primeira vez, Nicole sorriu.

— Ficou meio irritado, sabe? Como uma criança que caiu em uma cilada. Mas Crédule não é um homem mau. Ele se desculpou, reconheceu que tinha se comportado como um idiota. Foi quase comovente. Garantiu que mandaria testar a filiação dos Carville para Mathilde e a dos Vitral para mim.

E depois…

Ela tornou a tossir, como se a tosse estivesse obstruindo as palavras seguintes na sua garganta. Cada vez mais constrangido, Marc hesitou.

— Nicole… o que você está tentando me dizer?

Ela torceu o lenço branco entre os dedos.

— Você faz mesmo questão de saber? Pensando bem, não é nenhum crime. E duvido que Crédule fale disso no tal caderno.

Não, na verdade ele não fazia questão de saber. Nicole deixou as lágrimas escorrerem sem enxugá-

las.

— Nós fomos para a cama nessa noite. Fomos para a cama enquanto vocês se divertiam. Como dois velhos. Foi a primeira vez. A primeira desde que seu avô tinha morrido. Primeira e única. Fazia anos que Grand-Duc me comia com os olhos. Era um homem gentil. Quase o único a entrar aqui em casa.

Ele…

— Nicole…

Marc se levantou e pôs as mãos nos ombros da avó com uma ternura sem jeito, depois encostou o dedo em sua boca. A imagem do cadáver de Grand-Duc o assombrava.

— Não precisa me contar isso…

— Preciso sim, Marc.

Ela enxugou as lágrimas, levantou-se e guardou o lenço no decote.

— Ora, tem razão. Não vou mais incomodá-lo com essas histórias de velha.

Ela deu alguns passos, ajeitou a toalhinha sobre a mesa, então examinou com atenção o envelope azul diante de Marc.

— Você abriu?

— Eu… É uma longa história. Digamos que foi um acidente, mas, sim, eu abri. E li.

— Então você sabe por que estou chorando, Marc. Não é por causa de Crédule. Não só por isso. Estou chorando por causa da Émilie.

Sozinho no sofá, Marc se sentiu estúpido. Levantou-se também. Um pressentimento terrível tomou conta dele. Suas pernas tremiam. Não estava mais entendendo nada. “Estou chorando por causa da Émilie.” Essas palavras ecoaram dentro de sua cabeça. Por que chorar por causa de Émilie? Pelo contrário, aquele exame de DNA era sua certidão de nascimento oficial.

Ele pegou delicadamente o envelope azul rasgado que Mathilde de Carville tinha lhe dado e o depositou na mão de Nicole. Então, pegou o envelope sobre a mesa, o que Grand-Duc tinha entregado à sua avó.

Abriu.

Leu.

A sala começou a girar: piano, porta-retratos, toalhas de mesa, sofá e televisão, tudo tragado pelo mesmo turbilhão irreal.

A folha de papel caiu de suas mãos.

O resultado do exame de DNA não fazia o menor sentido.

49

2 DE OUTUBRO DE 1998, 23H37

Os seixos estavam machucando a sua bunda, e Malvina não gostava nada disso. Eram duros e frios. A lua fraca, pela metade, iluminava debilmente a praia. Ela não tinha encontrado nenhum outro lugar onde passar a noite. A jovem condutora tornara a passar no vagão bem depois de o Rouen-Dieppe ter parado na estação. Mostrara-se até simpática com Malvina e lhe pedira educadamente para descer, mas sua simpatia diminuiu bastante depois de ter sido chamada de "puta imunda". Dois outros condutores chegaram e ajudaram a colega a retirar Malvina a força da estação.

Malvina fora parar na rua. E é claro que, por causa daquele festival idiota da pipa, não havia mais nenhum quarto de hotel disponível na cidade.

Passou a noite inteira vagando. Nem sequer comeu. Não estava com fome. Nem se importava com isso.

Passou um tempão zanzando pelas ruas antes de tomar o caminho da praia outra vez. Esperou a cidade se acalmar, aquela bobajada toda, o balé das pipas no céu, a música, as bandeirolas, os refrãos repetitivos, as bolas de encher, os waffles e todas aquelas outras nojeiras vendidas pelos sucessores dos Vitral no passeio à beira-mar de Dieppe.

Agora era quase meia-noite e estava tudo calmo. Restavam apenas algumas formas geométricas fosforescentes suspensas no céu, presas à terra por compridas linhas amarradas em ganchos fincados na grama. Malvina tampouco dava a mínima para aquilo; não estava com disposição para se emocionar com papéis de seda flutuando acima de sua cabeça. Sua vontade era cortar todos os fios para que as pipas despencassem no mar como sóis mortos.

Cortar os fios. Desligar o celular. Maldizer a avó que encomendara aquele exame de DNA, que mentira para ela durante todos aqueles anos. Cortar o cordão umbilical.

Deitou-se no chão. Dormiria ali mesmo, sobre os seixos. No fim das contas, estava pouco ligando para aqueles seixos frios debaixo da bunda.

— E aí, boneca? Você já não deveria ter voltado para a casa do papai e da mamãe, a esta hora?

Malvina continuou na sombra e virou apenas a cabeça em direção à voz. Três homens estavam em pé na praia a uma dezena de metros. Cada qual segurava uma garrafa de água mineral cheia de um líquido cor de laranja. Uma dupla

farsa. Com certeza aquilo não era nem água nem suco de laranja.

— É, princesa, você poderia ter um encontro infeliz, assim sozinha…

Quem falava era o mais alto. De sua pálpebra pendia uma argola de prata. Um pouco mais atrás, o segundo, mais baixo e careca, tinha dificuldade para se equilibrar sobre os seixos. Suas botas de caubói, compridas, justas e engraxadas, não facilitavam as coisas. O terceiro, cuja corpulência fez Malvina pensar no urso Banjo, estava mais firme no chão.

O da argola de prata se aproximou um pouco mais. Três metros. Os outros o seguiram. Malvina levantou a cabeça.

— Caraca, é uma velha — falou o das botas de caubói. — E a gente achando que era uma virgem…

— Talvez seja virgem mesmo assim — disse o da argola.

Urso Pardo e Botas de Caubói soltaram gargalhadas. Malvina se encolheu toda e vasculhou a bolsa de mão com gestos febris. Disse um palavrão de raiva, pois tinha acabado de se lembrar: Vitral havia pegado o Mauser no trem.

Argola de Prata avançou mais um metro.

— Você está atrás de diversão, linda. Tenho faro para garotas do seu tipo. Hoje é seu dia de sorte, então. Três homens só para você…

— Dê o fora, babaca.

Eles recuaram um metro, menos Botas de Caubói, que escorregou nos seixos. Argola de Prata tornou a avançar.

— Olha só, pessoal, a gente encontrou uma putinha de verdade…

Urso Pardo também sabia falar; era o galante do grupo: — Ninguém vai machucar você, a gente só quer se divertir um pouco…

— É — continuou Argola de Prata. — Adorei seu visual, linda. Anos cinquenta, né? Demais. Sempre quis que a minha avó me pagasse um boquete. — Ele avançou mais um metro antes de prosseguir. — Só que a minha avó não tem mais dentes…

Urso Pardo e Botas de Caubói soltaram novas gargalhadas. Eram uma plateia fácil. Também avançaram atrás do amigo. Malvina tentou rastejar para trás e berrou: — Se chegarem mais perto, eu mato os três!

Os homens observaram o corpo mirrado de Malvina se encolher sobre os seixos e acharam graça.

— Parece que a menina morde. Vamos lá, sem essa de tímida, você não quer outra coisa…

Argola de Prata avançou mais ainda. Não deveria.

Tudo o que ouviu foi um silvo, e talvez também tenha percebido uma sombra no luar fraco. Logo em seguida, seu olho se fechou. A argola de prata ficou pendurada, milagrosamente presa a um fiapo de pálpebra rasgado e coberto por

uma gosma sanguinolenta. No instante seguinte, um segundo seixo arrebentou-lhe a cartilagem do nariz.

— Sua pu…

Um terceiro passou raspando por sua boca escancarada e acertou o maxilar direito.

Um bom seixo pode matar, basta escolher um bem denso e lançá-lo à queima-roupa, a 3 ou 4 metros de distância. Ou pelo menos aleijar para sempre, no caso de um lançamento menos preciso. Malvina talvez não tivesse consciência disso, mas os homens entenderam. Em determinadas circunstâncias, mesmo os mais estúpidos entendem depressa. É uma questão de sobrevivência.

Os três fugiram correndo.

Uma chuva de seixos continuou a fustigá-los. Botas de Caubói tornou a escorregar e disse um palavrão. Um projétil explodiu em sua clavícula. Urso Pardo não se mostrou muito mais ágil. As pedras o acertaram nas costas e na nuca. Malvina agora as atirava às cegas, com uma força multiplicada pela raiva.

— Vamos achar você, sua puta! — gritou Argola de Prata, uma vez fora do alcance dos seixos. — Vamos nos ver de novo!

— Até parece! — sibilou Malvina. — Vou dizer à polícia que não vai ser difícil achar o cara que tentou me estuprar. Não tem muitos caolhos por aí.

As sombras se afastaram, claudicantes.

Uma hora mais tarde, o vento começou a soprar na praia. Malvina estava com frio. Ficou em pé e sacudiu os membros doloridos. Foi andando devagar pela cidade morta até chegar à estação. Estava fechada, é claro. Acabou pegando no sono em cima de um banco logo em frente.

50

2 DE OUTUBRO DE 1998, 23H51

A sala dos Vitral tinha se imobilizado. Para sempre.

Marc esticou a mão trêmula para recolher o papel caído no chão. Era idêntico ao que lera no trem: mesmo timbre do setor de criminalística da polícia nacional de Rosny-sous-Bois. Mesma tipografia datilografada. Mesma concisão na apresentação dos resultados: três linhas.

PESQUISA DE VÍNCULOS DE PARENTESCO

entre Émilie Vitral (*amostra 1, lote 95-233*) *e* Nicole Vitral (*amostra 2, lote 95-237*) *Resultados negativos*.

Nenhum vínculo de parentesco possível.

Taxa de confiabilidade: 99,94513%

Marc pousou a folha sobre a mesa como quem larga uma tocha de papel em chamas. Nicole fez o mesmo, em seguida afundou no sofá.

Os dois testes de parentesco tinham dado negativo!

— O que… o que significa isso? — balbuciou Marc.

Nicole pegou o lenço, enxugou uma lágrima no canto do olho e abriu um sorriso estranho.

— Crédule Grand-Duc é um belo de um gozador, você não acha?

— Você… você sabia?

— Não, Marc. Juro que não. Ninguém sabia. Só Crédule, claro. Faz três anos que li esse resultado negativo, há três anos estou convencida de que Émilie não é minha neta, de que ela morreu no acidente do Airbus, de que criei Lyse-Rose de Carville… Já tinha me acostumado à ideia. A aceitá-la, até, quando dei a ela o anel de safira como presente de 18 anos. No fim das contas, quase cheguei a me alegrar.

Nicole fez uma pausa. Puxou com um gesto automático o xale de lã que estava usando sobre os ombros para ajeitar a blusa abotoada até o pescoço. Olhou para Marc com uma ternura infinita.

— Pelo futuro dela. Por vocês dois, principalmente. Era tão mais simples. Esse resultado era tão óbvio…

Marc não respondeu. Levantou-se de repente, tornou a pegar os dois papéis com os resultados e os depositou um ao lado do outro para compará-los. Nada podia levar a pensar que se tratasse de documentos falsos. Reprimiu uma vontade furiosa de rasgá-los em pedacinhos. Quando falou, foi quase gritando:

— Grand-Duc errou, Nicole! Ele pode ter se enganado com as amostras, pode ter confundido, invertido… O laboratório também pode ter cometido um erro. Tem de haver alguma explicação!

— Talvez Crédule tenha nos dado as respostas que nós esperávamos — disse Nicole baixinho.

— Como assim?

— Só ele sabe que amostras de sangue entregou ao perito. Ele fez o que quis, de acordo com a verdade que desejava ver surgir. Como não havia descoberto nada após quinze anos de investigação, talvez ele próprio tenha escrito o final da história… — Ela se permitiu refletir um pouco antes de prosseguir: — No fundo, dois exames negativos não é algo tão estúpido assim. Na verdade, funcionou às mil maravilhas.

Desse jeito, ele convencia Mathilde de Carville de que a neta estava morta. Definitivamente. Ela nos deixava em paz para sempre. Acho que Grand-Duc não gostava muito dela. Quanto a mim, eu teria de engolir a minha dor. Émilie não era minha neta nem sua irmã. Três anos atrás, esse exame de parentesco negativo me fez passar noites inteiras chorando, mas também tirou aquele bolo terrível que me fechava a garganta, que me partia ao meio, que me queimava os pulmões sempre que Émilie e você se olhavam.

A cada minuto, a cada segundo…

Marc foi se sentar no sofá, grudou-se em Nicole, encostou a cabeça em seu ombro e passou a mão em volta da larga cintura da avó. Seus dedos tocaram a lã do xale. Nicole virou o rosto na sua direção.

— Você entende, Marc, não entende? É claro que sim. O exame significava que vocês dois não tinham laços de sangue, que não eram irmãos. Que estavam livres. À sua maneira, Crédule amava vocês, observava vocês, e era bem capaz de montar um estratagema desses. — Ela observou os envelopes azuis em cima da mesa. — Se os dois resultados não fossem reunidos, o plano dele até que poderia ter dado certo.

Marc se levantou e pôs-se a andar nervosamente pelo cômodo. Apesar dos argumentos da avó, não conseguia acreditar naquela versão, naquela farsa orquestrada por Grand-Duc! No caderno, o detetive parecia tão consternado quanto eles com os resultados do exame de DNA. Mesmo que pudesse estar mentindo em relação a isso. E a todo o resto…

— Vou sair, Nicole. Dar uma volta.

Ela não disse nada. Com o lenço, enxugou delicadamente os olhos. Marc pôs a mão na maçaneta da porta da frente. A voz de sua avó saiu ainda mais trêmula, se é que isso era possível: — Não vai me perguntar onde Émilie está?

Marc estacou.

— Por quê? Você sabe?

— Não exatamente. Não faço ideia do local exato em que ela se encontra. Mas sim, entendi qual é a grande viagem a qual ela está se referindo, o crime que pretende cometer. Meu Deus, como se pode chamar isso de crime?

Marc sentia o coração prestes a explodir. Era a terceira vez que sua vida virava de cabeça para baixo em menos de dez minutos. Todos os sintomas de agorafobia pareciam ter desaparecido com a mesma facilidade de um soluço que vai embora depois de um susto.

Nicole hesitou.

— Uma avó adivinha essas coisas.

A mão de Marc se retesou na maçaneta. Ele quase gritou: — Que coisas, Nicole?

Ela respondeu com a voz mais baixa possível. Seria por discrição? Ou por medo?

— Émilie está grávida, Marc. De você.

A mão dele escorregou da maçaneta suada. Nicole prosseguiu no mesmo tom baixo e suave: — Ela vai fazer um aborto. É por isso que está no hospital.

Marc estava apoiado em um latão de lixo na Rue Pocholle. A lua iluminava debilmente a fileira de casinhas geminadas. No final dela, dois gatos o observavam em silêncio, com o pelo eriçado. Ele pensou se seriam os mesmos que Lylie tentava encurralar aos 7 anos. Talvez fossem. Os mesmos gatos, dez anos mais velhos.

Sentia-se estranhamente calmo, muito mais tranquilo do que alguns minutos ou horas antes. A ordem de prioridades havia se modificado de modo brusco, como se a sua mente houvesse descartado os pensamentos supérfluos. Uma grande faxina mental. O mistério dos dois exames de DNA contraditórios podia esperar, o assassinato de seu avô também. Marc só tinha uma obsessão: Lylie, sozinha em uma clínica de Paris, dentro de um quarto, grávida, com um filho na barriga.

Um filho seu.

Ele andou até o único poste aceso da rua sem saída. Como duas estátuas, os gatos não se mexeram.

Havia tentado ligar cinco vezes seguidas para ela, sem sucesso. Telefonar para dezenas de clínicas parisienses não adiantava mais nada agora, já que eram obrigadas a respeitar o anonimato das pacientes caso elas assim solicitassem.

E Lylie devia ter solicitado.

Mais uma vez, Marc se resignou a falar apenas com a caixa postal, encostado no poste, como um bêbado que conversa com a lua.

— Lylie, a Nicole me contou tudo. Eu não tinha percebido nada, não tinha

entendido nada. Me perdoe, estava cego. Cadê você? Preciso estar aí do seu lado. Não vou lhe dar nenhuma lição de moral, não vou tentar convencê-la a ter a criança. Nada disso. Não vou mentir para você: minha investigação não progrediu nada. É um breu total. Uma névoa. Mais do que nunca. Só posso confiar nas minhas próprias convicções. E essas você sabe quais são. Sei que para você elas não bastam. Me espere, Lylie, por favor.

Me chame para ir ficar com você. Eu vou. Me chame, por favor. Gosto tanto de você!

O recado se perdeu na noite enluarada.

Os dois gatos tinham se aproximado um do outro e emitiam os silvos lancinantes de um ritual que anunciava um combate até a morte. Mas era apenas um jogo que eles repetiam a cada noite havia dez anos.

Marc sentou no chão, na pequena calçada da qual conhecia de cor cada pedra. Um dia, Lylie tinha caído ali, bem no lugar em que ele estava sentado. Nada grave. Um tombo de triciclo, um leve arranhão, um pouco de sangue, lavado tempos antes pela chuva normanda.

Fechou os olhos.

Um filho. O filho deles.

Sentiu uma raiva surda brotar dentro de si. Não contra Lylie. Contra a ordem das coisas, isso sim.

Não suportava se sentir impotente.

Uma janela se abriu em um primeiro andar da rua sem saída. Um vizinho pôs a cabeça entre as persianas e deu um grito irritado. Marc não o conhecia; devia ser um morador novo do bairro.

Repreendido pelo dono, um dos gatos saiu correndo. O outro aguardou alguns segundos, decepcionado, depois foi trotando até Marc.

Ele estendeu a mão, e o gato se esfregou nela. Ainda estava com o pelo um pouco arrepiado, cinza, encardido. Aquele animal velho devia ter ronronado muitas vezes sob as carícias de Lylie.

É claro que Marc entendia os motivos que a faziam querer abortar. Curvou-se acima do celular e percorreu as mensagens anteriores. Não era uma questão de idade nem de segurança material, de vida para construir, de carreira para firmar. Lylie não queria carregar na barriga uma criança fruto de incesto.

Marc segurou com força os pelos cinzentos do gato. Sem uma prova definitiva em relação à própria identidade, Lylie jamais correria o risco de pôr um monstro no mundo.

Ele ergueu os olhos para o céu. E se descobrisse a prova definitiva? Ainda poderia impedir aquilo.

Bastaria encontrar a solução. O gato pulou sobre seus joelhos. Marc se virou

para o bicho.

— Não é, grandão? Para que serve um pai antes do nascimento se não para isso? Seria de mais, você não acha, encarar minha filha, olho no olho, quando ela for grande, quando tiver idade para entender, uns 15 anos, por aí? Ou 18. Segurar sua mão e dizer algo do tipo: “Sabe, meu amor, foi por pouco. Se eu não tivesse descoberto a verdade, se não tivesse conseguido encontrar a maldita prova no último segundo, você não estaria aqui. Posso não ter carregado você na barriga, mas eu a salvei, menina. É, eu a salvei. Porque amava muito a sua mãe e queria muito um filho dela. Um filho do amor…”

O gato saiu correndo de repente.

— Tem razão — disse Marc. — Estou falando merda.

Lylie fumava na varanda. Não deveria estar fazendo isso. Mas pouco importava. Um cigarrinho; só um.

Ou melhor, três cigarrinhos; só três. A menina de cabelos vermelhos e dentes amarelos que dormia ao seu lado não era mão de vaca: tinha deixado o maço inteiro com ela. “Fique à vontade.”

Ela escutou o recado de Marc. Estava respondendo com todo o cuidado. Ele não tinha a menor chance de encontrá-la. Melhor assim. Ela precisava ir até o fim. Sozinha.

Ter aquele filho seria loucura. Ninguém vive sem identidade; ela, mais do que ninguém, tinha consciência disso. Como imaginar infligir ela própria esse mesmo tormento, para sempre, a outro serzinho inocente, outro bebê, o seu bebê? Como suportar se tornar o instrumento dessa maldição?

Apertou na palma da mão esquerda a cruz tuaregue que Marc lhe dera de presente. Os dedos de sua mão direita tremiam. Sem largar o cigarro, foi pressionando as teclas do celular. A fumaça subia, levemente azulada por causa da claridade emitida pela tela pequenina. Lylie dividiu a longa mensagem para enviá-la em quatro torpedos: *Marc, isso tudo vai acabar em breve. Não se preocupe. É uma operação simples. Leva só alguns minutos*.

Ainda tenho que passar o dia inteiro de amanhã em consultas com médicos. Segundo eles, é preciso fazer mais alguns exames para a anestesia. Talvez seja um truque dos psicólogos para eu ter mais tempo para pensar. Sei lá.

Na verdade, só vou entrar na sala de cirurgia depois de amanhã. Não se preocupe comigo. Tomei a decisão certa. Vai ficar tudo bem.

Se cuida. Lylie.

No quarto, deitado em sua cama de menino, Marc leu a resposta de Lylie. Tentou ligar para ela na mesma hora, sem sucesso.

Foi passando as quatro mensagens de texto. Fez isso várias vezes. Uma única frase chamou sua atenção: “Na verdade, só vou entrar na sala de cirurgia depois

de amanhã.” Três palavras, para ser mais exato: “depois de amanhã.”

Tinha mais um dia para descobrir a verdade! Era tudo em que conseguia pensar. Ganhara mais um dia. Parecia um sinal do destino. Nem tudo estava perdido ainda.

Olhou fixamente o beliche de cima. As horas foram passando, como quando ele era criança e Lylie ficava lendo até tarde, quando um vizinho fazia barulho ou quando ele enfrentava sozinho as próprias insônias. Ficou acordado. Uma ideia brotou em sua mente como uma erva daninha na aleia de um jardim perfeito demais. Uma certeza surgiu: tudo naquela história estava interligado. O assassinato de seu avô, o de Grand-Duc, outros talvez que ele ainda desconhecia… e a identidade de Lylie!

Só Grand-Duc havia encontrado a solução. O detetive a descobrira antes de ser assassinado. Planejara ir até o Jura, até o Mont Terrible. No fundo, era a coisa mais lógica a se fazer. Era lá que tudo havia começado, e era lá que tudo devia terminar. A solução aguardava no Mont Terrible… ou então não existia.

Quatro da manhã. Marc se levantou de chofre e vestiu um suéter. No fim das contas, o que tinha a perder? Não havia mais pista alguma para seguir, a não ser ler e reler o diário de Crédule Grand-Duc.

Não! Não era esse o método correto. Pelo menos não o seu método. Andou cuidadosamente pela penumbra em direção ao quarto da avó.

— Marc? — perguntou ela, com uma voz sonolenta.

— Nicole, seu furgão ainda funciona?

— O Citroën H?

Surpresa, ela esfregou os olhos. Deu uma olhada no despertador sobre a mesinha de cabeceira e não comentou nada.

— Hum, acho que sim. Agora só rodo uns poucos quilômetros por ano. Na última vez que usei, ele…

— E a chave ainda fica na segunda gaveta da sala? Os documentos também?

— Ficam, mas…

Marc deu um beijo na bochecha da avó.

— Obrigado. Não se preocupe.

Nicole quis responder “tome cuidado”, mas as palavras se perderam em um acesso de tosse. Ela levou um lenço à boca. Sabia que agora não pregaria mais o olho. Nem nessa noite, nem nas seguintes.

51

3 DE OUTUBRO DE 1998, 4H12

O furgão pegou de primeira. Marc já o tinha dirigido várias vezes por distâncias bem curtas. Nos últimos dois anos, na maioria das vezes era ele quem assumia o volante para ir a Dieppe ou estacionar no jardim. Nicole lhe ensinara os pontos de referência para dar ré e virar o volante: a caixa de correio, a persiana esquerda do vizinho da frente. Respeitando à risca essas recomendações, o furgão passava raspando.

O Citroën H dos Vitral era um dos últimos furgões de seu modelo a terem sido fabricados na França.

Pierre o comprara em 1979, e a empresa parara de produzir o mítico carro em 1981. Escolhera o modelo alongado, mais ou menos o mesmo preferido pelos açougueiros nos anos 1970. Cor de laranja, com uma frente vermelha achatada que dava ao veículo o aspecto de um cachorro grande, dois faróis redondos feito olhos e retrovisores divididos por uma barra de ferro como duas orelhas. Um cachorro de metal corrugado, todo amarfanhado. Seu bichão de estimação, como dizia Lylie. O bichão de estimação preguiçoso que dormia lá fora, ocupando todo o jardim.

Pierre havia adaptado o furgão com a ajuda de um primo que tinha uma oficina mecânica em Deauville e que continuava a fazer de vez em quando a manutenção. O Citroën parecia mais novo do que era. Duzentos e oitenta e três mil quilômetros. “Esse bicho não morre”, afirmava o primo. Marc não teve outra escolha senão acreditar nele, apesar da carroceria amassada, das partes enferrujadas, do limpador de para-brisa colado com durex e do capô dianteiro que já não fechava muito bem.

Marc consultou o relógio de pulso. Passava um pouco das quatro da manhã. Dieppe dormia.

Atravessou uma cidade fantasma estranhamente vigiada por máscaras de seda que um vento fazia rodopiar no céu. Apesar de muito barulhento, o Citroën andava. Ele não quis cantar vitória cedo demais; ainda tinha mais de 600 quilômetros para percorrer. Tinha tomado o cuidado de consultar o mapa.

Preferia evitar Paris e cortar pelo norte. Anotara tudo em uma folha de papel: Neufchâtel-en-Bray, Beauvais, Compiègne, Soissons, Reims, Châlons-en-Champagne, Saint-Dizier, Langres, Vesoul, Montbéliard e o Mont Terrible. Calculara que a viagem levaria umas dez horas. Se tudo corresse bem.

Margeou o porto. Bastava subir o boulevard de Chanzy e estaria fora de Dieppe. Não cruzou com ninguém. No final da rua, passou em frente à estação. Virou a cabeça automaticamente. Uma moça dormia em cima de um banco…

O Citroën freou de repente. Pelo menos os freios estavam funcionando!

A buzina também.

Malvina acordou sobressaltada. No instante seguinte, fechou a mão em volta de um dos seixos que levara consigo antes de sair da praia. Podia até ser louca, mas era precavida. Levantou-se. E, por fim, reconheceu Marc ao volante do furgão laranja e vermelho. Ele baixou a janela.

— Não vai apedrejar o carro, vai?

— É só você me devolver o revólver!

— Está aqui no meu bolso. Bem quentinho. Entre!

Malvina arregalou os olhos, incrédula.

— Por acaso está indo para alguma feira?

— Entre, vai. Vou fazer uma romaria. Do jeito que você é maluca, talvez a viagem lhe interesse.

Malvina se aproximou sem soltar a pedra. Olhou com ceticismo para a ferrugem, para a fresta entre o capô e o motor.

— Não venha me dizer que pretende ir até o Mont Terrible nesse caixão ambulante?

Marc escutou o lembrete e evitou pensar se seria voluntário ou não.

— Tenho certeza que você nunca pôs os pés no Jura. E que morre de vontade de ir.

Malvina soltou o seixo.

— Você nem sabe o quanto!

Ele abriu a porta do carona. Ela teve certa dificuldade para erguer a perna até o estribo de metal amarelo elevado.

— A gente não vai conseguir nem chegar a Paris neste seu furgão podre — resmungou.

— Não enche o saco. E a gente não vai passar por Paris, vai cortar caminho pelo norte…

Ele lhe estendeu a lista de cidades.

— Puta que pariu — comentou ela. — Quanto fim de mundo… É bom a gente não enguiçar. Na verdade, o maluco mesmo é você!

Marc não lhe deu ouvidos. Foram seguindo, calados, a estrada regional 1, um arco comprido que contornava o fundo do vale do Pays de Bray. Dez minutos depois, foi ele o primeiro a quebrar o silêncio: — Foi mal por ontem à noite, a gente não ter convidado você para jantar… Fica para a próxima, né?

— Não tem problema. Eu sei me virar. Fiz amizade com uns caras da

cidade…

Mais um silêncio de dez minutos. Estavam se aproximando de Neufchâtel-en-Bray.

— O que a gente vai fazer lá? — perguntou Malvina de repente.

— Uma romaria, já falei…

Ela o fitou com uma expressão de curiosidade.

— E você decidiu isso assim? Achei que o caso estivesse resolvido. Com aquele exame de DNA ridículo que minha avó pediu. A Libélula é sua irmã, está escrito preto no branco. Está angustiado porque vocês estão trepando, é isso?

Marc entrou em uma zona urbana e freou bruscamente. Malvina foi projetada contra o encosto do assento. O cinto de segurança alto demais machucou seu pescoço.

— Se você frear toda vez que eu lhe der um fora, a gente não vai chegar nunca…

Um fora…

E pensar que ele teria de suportar aquela menina durante dez horas. Respondeu como podia: — Foi mal pelo cinto, esqueci a cadeirinha de criança na casa da babá.

— Ha, ha, ha — zombou Malvina. — Se você subir o nível do seu humor, pode ser que a viagem não seja tão entediante.

Marc não estava com a menor vontade de entrar naquele jogo. Deixou passar mais um longo silêncio, e por fim perguntou: — Você acredita naquele exame de DNA ridículo?

— Prefiro morrer a acreditar naquele troço!

— Então tudo bem, nisso a gente concorda.

Enquanto puxava o cinto de segurança, ela insistiu: — É tudo mentira! Sempre soube que Grand-Duc estava do lado de vocês. Por causa do remorso que ele sentia. E também por causa dos peitos da sua avó…

Dessa vez Marc não freou, mas se perguntou seriamente se não iria deixá-la ali, na beira da estrada.

Era o que teria feito caso não precisasse dela. Mas tinha de ser paciente; Malvina lhe seria útil, e já havia feito uma revelação inconsciente sem perceber. Acabara de mencionar o remorso de Grand-Duc.

Era apenas um começo.

Os dois passaram quase uma hora em silêncio, até Beauvais. A estrada nacional se estendia, deserta e monótona. Malvina se curvou para a frente. O velho cinto de segurança empoeirado e duro arranhou sua orelha.

— Aposto que o rádio não funciona.

— O rádio mesmo está quebrado, com certeza. Mas o toca-fitas ainda deve

funcionar. As fitas que a gente escutava quando era pequeno ainda devem estar por aí.

Ela soltou uma gargalhada.

— Puta que pariu! Fitas cassete? Isso ainda existe?

— Olhe dentro do porta-luvas aí na sua frente. Deve ter umas dez.

Malvina obedeceu.

— Que tipo de cara tem uma fita cassete?

Ela se virou para Marc; seus olhos tinham uma expressão quase maliciosa.

— Não precisa deixar o carro morrer por causa disso! Estou de sacanagem.

Ela passou alguns minutos examinando as fitas, então inseriu uma delas no aparelho sem mostrá-la a Marc. Um riff de guitarra enfurecido misturado ao som de uma sirene de polícia encheu a cabine de metal corrugado. Era “La ballade de Serge K.”. O passeio noturno de um detetive particular solitário.

Marc reconheceu a fita no primeiro acorde com sua *Poèmes Rock*.

“Amanhã, amanhã. Amanhã como ontem”, cantava Charlélie Couture com sua voz nasalada.

— Tinha certeza de que você ia pôr essa — comentou Marc.

— Bem que eu pensei. Não quis decepcioná-lo…

Ele sorriu. Estavam chegando a Beauvais. Mesmo às cinco da manhã, foi difícil atravessar a cidade.

Foram avançando lenta e entrecortadamente pelos sinais tricolores que pareciam ter sido ajustados por um funcionário público sádico, de modo que um condutor que respeitasse o limite de velocidade sempre parasse no vermelho.

— Tem razão — disse Marc entre dois sinais. — Posso confirmar. *Poèmes rock* é o melhor disco de rock francês de todos os tempos.

— Eu não poderia saber. Só conheço uma música. Você já deve saber qual… mas, como você não tem o CD, vamos ter de ouvir o lado A inteiro.

— Em geral você escuta que tipo de música?

— Nenhum.

A voz de Charlélie Couture preencheu o silêncio que se seguiu. Estavam finalmente saindo de Beauvais. O lado A chegou ao fim. Malvina virou a fita sem dizer nada e aumentou o volume. Pôs alto demais. O metal da carroceria vibrou com os primeiros acordes do piano.

Feito um avião sem asas, Passei a noite inteira cantando, Sim, cantando por ela,

Que passou a noite inteira não acreditando.

Marc sentiu um arrepio na nuca. Malvina tinha fechado os olhos e, com a boca entreaberta, ia cantando a letra da música, ou melhor, articulando as palavras, pois sua boca deformada não emitia som algum.

Mesmo sem saber voar,

Vou seguir até o final, Ah, sim, quero brincar, Mesmo sem poder para tal.

Sem perceber, Marc tinha diminuído um pouco a velocidade. Já escutara aquela música centenas de vezes. Quando estava sozinho. Quando se refugiava, quando tinha dúvidas. Sempre sem Lylie. Ela não suportava a canção. Gritava toda vez que a ouvia. Aos 8 anos de idade, tinha destruído um rádio na casa da amiga Manon, jogando-o no chão de ladrilhos da cozinha, simplesmente porque a estação estava tocando aquela música.

Escute a voz do vento,

Que desliza sob a porta, Escute, vamos mudar de cama, mudar de amor, Mudar de vida, mudar de dia.

Malvina parecia emocionada, à beira das lágrimas. O solo lancinante da guitarra não ajudava. Marc tinha os olhos fixos no horizonte.

Ah, libélula,

Você tem as asas frágeis, E eu, a fuselagem amassada…

A voz do cantor foi se extinguindo devagar. Malvina fungou. Marc não disse nada. Foram em frente.

A estrada nacional atravessava vilarejos tristes que, na espera vã de que fosse construído algum desvio na rodovia, expunham em uma grande quantidade de outdoors o número de mortos em acidentes e o número de caminhões pesados que passava por ali todos os dias. Vinte minutos mais tarde, aproximaram-se de Compiègne. O trânsito começava a ficar mais denso.

Na saída da cidade, Marc se voltou para Malvina.

— No próximo vilarejo, se a gente vir uma padaria aberta, poderia parar para comer alguma coisa.

Malvina se virou para a traseira do furgão.

— Ah, é? Pensei que você fosse me passar o volante e ir lá para trás, preparar tudo, enquanto eu dirigisse. Crepes, waffles… Igual ao vovô e à vovó.

Ele não respondeu. Não adiantava mais, já havia tomado sua decisão. Estava na hora… Afinal de contas, de certa forma, fora a própria Malvina quem tocara no assunto. Estavam atravessando um pequeno vilarejo chamado Catenoy, cujo centro, igreja, escola e prefeitura tinham sido construídos cautelosamente afastados da estrada nacional. Ele parou o furgão em um grande estacionamento empoeirado. No final do espaço vazio e asfaltado, todas as casas e estabelecimentos comerciais estavam fechados, inclusive o restaurante que expunha com orgulho seu cardápio completo para caminhoneiros por 49 francos. Certificou-se de que o Mauser continuava em seu bolso, tirou a chave da ignição e desceu do Citroën. O estacionamento era margeado por algumas bétulas com as folhas enegrecidas pelo fluxo incessante de caminhões pesados. Ele se afastou

um pouco, foi fazer xixi atrás de uma árvore e voltou para o furgão.

Malvina continuava no mesmo lugar. Ele se aproximou da porta do carona e a abriu. Tirou do bolso de trás da calça jeans cinco folhas de papel arrancadas e as estendeu para ela.

— Tome. Leia isto.

Malvina abriu uns olhos espantados.

— São páginas do famoso caderno do Grand-Duc — explicou ele. — A investigação dele. Leia, é um trecho instrutivo. Depois tenho outra coisa para lhe mostrar.

52

3 DE OUTUBRO DE 1998, 6H13

Mathilde de Carville riscou um fósforo e o aproximou da boca do fogão. Um círculo azul de pequenas labaredas lambeu a panela cheia d'água. Ela se virou, observou pela última vez o exemplar do *L'Est Républicain* de 23 de dezembro de 1980, depois rasgou a primeira página do jornal. Transformou-a em uma vela de papel e aproximou-a da chama. A vela se transformou em tocha. Mathilde só a largou dentro da pia quando o fogo escureceu suas unhas.

Aquela manchete de jornal já não servia mais para nada. Ela encontrara o envelope depositado no hall de entrada, na tarde anterior. O jornal estava dobrado lá dentro conforme ela havia pedido à secretária.

Uma secretariazinha bem esperta, no fim das contas. Mathilde lera o jornal, e em menos de um minuto entendera. Como não entender?

Grand-Duc não estava blefando. Tinha toda razão. A verdade saltava literalmente aos olhos, mas com uma condição, uma só. Abrir o tal jornal dezoito anos mais tarde.

Que ironia!

Assim, eles haviam seguido a pista falsa desde o início.

Pior ainda. Seu marido tinha se comportado como o mais desprezível dos criminosos. Havia matado, por nada. E ela não valia muito mais. Fechara os olhos. Em nome de Lyse-Rose. Tinha aceitado, mesmo sabendo perfeitamente o que estava acontecendo. Eles haviam atingido pessoas inocentes, vítimas iguais a eles. Mais cedo ou mais tarde, a verdade viria à tona. Ela não teria coragem de enfrentar o julgamento dos homens. Já o de Deus…

Mathilde mergulhou o dedo n'água sem qualquer hesitação. Estava morna, nada além disso. Linda estava lá em cima no quarto de hóspedes. Dormindo. Tinha desmaiado no hall após encontrar o cadáver de Léonce. Mal conseguira dar dois passos antes de desabar no chão. Mathilde lhe dera um calmante, e em seguida, um sonífero, a deitara na cama e avisara ao marido da enfermeira que sua mulher iria passar a noite na Roseraie; isso acontecia às vezes, quando Léonce não estava bem. O marido não fizera perguntas: Mathilde pagava bem o bastante para cobrir algumas horas extras.

Ela abriu um armário e pegou um frasco de vidro envolto em jornal. Linda iria acordar. A primeira coisa que faria, é claro, seria correr à polícia. Mathilde não a impediria. O que poderia fazer? Não iria assassinar aquela pobre moça.

Pensando bem, na tarde da véspera, deveria ter aguardado algumas horas, deveria ter esperado Linda voltar para casa. Então teria ficado sozinha com Léonce como todas as noites. Tudo teria sido bem mais simples… mas ela não conseguira se conter! Esperar muitas horas depois de ter recebido aquele jornal, depois de ter entendido. Durante todos aqueles anos, em mil ocasiões havia cogitado fazer justiça com as próprias mãos. *Fazer justiça.*… Que expressão pomposa. O

máximo de que podia se gabar era ter abreviado o sofrimento de um enfermo. A justiça já tinha sido feita por Deus.

Agora era a sua vez de pesar os próprios remorsos.

Então viriam a polícia, o escândalo…

Pouco importava. Já não estaria mais lá para enfrentá-los.

Seu dedo tornou a mergulhar na água que esquentava no fogão. Estava quase fervendo! Ela expirou aliviada. Tudo logo estaria terminado. Desligou o gás, despejou a água fervente dentro de uma grande tigela de terracota ocre, colocou-a sobre uma bandejinha de prata junto com o frasco e uma colherinha e saiu da cozinha.

Subiu lentamente a escada de cerejeira-brava e abriu a primeira porta à sua direita: a do quarto de Lyse-Rose. Contemplou o imenso cômodo abarrotado de brinquedos e embrulhos de presente. Seu valor pouco importava; a cada ano, a cada aniversário, a cada Natal, eles tinham sido como uma mensagem de esperança. Lyse-Rose não estava esquecida. Cada vela frágil representava a pequena chance de ela ainda estar viva. A centelha. Apagada para sempre desde a tarde anterior.

Léonce tinha matado por nada.

Mathilde pôs a bandeja de prata sobre a mesa de cabeceira. Para chegar à cama, tirou do caminho um carrinho azul-celeste debruado de renda e passou cuidadosamente por cima de um serviço de porcelana chinesa em miniatura. Empurrou com delicadeza o grande urso de pelúcia que dormia sobre a cama de menina e que Malvina chamava de Banjo. Deitou-se ali, na cama em que Lyse-Rose deveria ter dormido durante todos aqueles anos e na qual nunca se deitaria. Desatarraxou a tampa do frasco de vidro e despejou todo o conteúdo amarelado dentro da tigela ocre de água fervente.

— Minha favorita — murmurou. — Meu segredo. Minha celidônia guardada a sete chaves dentro da minha estufa, para as grandes ocasiões. A grande ocasião. A última.

Remexeu o conteúdo da tigela com a colherinha de prata. O sumo da celidônia se misturou à água quente, criando um chá que ela sabia ser mortal.

Tinha aprendido que era impossível assassinar alguém com celidônia.

Mesmo seu marido. Parecia que o gosto da planta era intragável. Por esse motivo, os acidentes eram raros: pelo que tinha lido, houvera um único morto, uma vez só, na Alemanha. Por isso a celidônia, a ervadas-verrugas, era desprezada pelos autores de romances policiais.

Mathilde pousou a colher com delicadeza sobre a bandeja de prata. Passou as mãos atrás do pescoço e abriu o fecho do crucifixo.

Mesmo para um suicídio, a celidônia era pouco recomendada… ou então reservada àqueles com uma força de vontade excepcional. Ela sorriu. Não era mulher de se matar engolindo uma caixa de tranquilizantes ou injetando nas próprias veias alguma substância indolor… Um suicídio aconchegante!

O pior dos paradoxos! Que modo horrível e hipócrita de se apresentar ao juízo final!

Mathilde molhou os lábios na tigela com a infusão de celidônia. Fez uma careta, mas continuou a inclinar o recipiente de terracota. Bebeu até o fim.

Era horrível.

Mas não se queixaria.

Em outros tempos, para expiar a própria culpa, teria ordenado que a flagelassem até a morte, que lhe cravassem uma estaca de madeira no coração, que a queimassem viva.

Mathilde se deitou na cama de Lyse-Rose. A cama de uma morta.

Apertou o crucifixo na mão.

Não demoraria muito agora.

53

3 DE OUTUBRO DE 1998, 6H22

Marc andava de um lado para outro no estacionamento enquanto Malvina, sentada no banco do carona do furgão, lia as cinco páginas arrancadas do caderno. Ele havia levado na mochila alguns biscoitos e um suco de caixinha. Devorou os biscoitos e bebeu metade do suco. Uma carreta parou no estacionamento, a mais de 50 metros do Citroën. Um sujeito saltou com uma garrafa térmica na mão.

Café, com certeza. Marc cogitou lhe pedir um pouco.

Malvina pulou do furgão segurando as folhas de papel.

— Já li, está satisfeito? Era isso que você queria? Me deixar angustiada com o acidente do seu vovô?

Que falta de sorte a dele, é verdade… Mas, tirando isso, aonde está querendo chegar? Eu tinha 8 anos na época, mas você deve imaginar que fiquei mais ou menos sabendo. Qual é a sua? Se tiver sido para me alertar que o seu furgão laranja e vermelho é um rabecão, não precisava! Não estava pretendendo passar a noite aí dentro…

Marc deixou passar. Talvez começasse a se acostumar com o senso de humor mórbido de Malvina.

No fundo, aquela era sua única forma de comunicação; devia ser até uma espécie de terapia. Talvez o tratamento de choque também desse certo para ele, ao contrário de todos aqueles anos de silêncio, de coisas não ditas e tabus. Ele subiu no furgão, vasculhou a mochila e pegou o fichário que continha suas anotações da aula de direito constitucional europeu.

— Tome, agora leia isto.

— O quê? Tudo isso?!

— Não, tudo não. Só a aula de 12 de fevereiro sobre a Turquia.

Ela deu um suspiro.

— Antes, me dê um pouco de suco de laranja e alguma coisa para comer.

Marc lhe estendeu os restos de seu café da manhã, que ela devorou avidamente. Se fosse mesmo anoréxica, sabia esconder direitinho.

— Então, que babaquice é essa?

Ela pegou o fichário, abriu na página indicada por Marc e fez uma careta.

— Foi mal, não consigo ler os seus garranchos. Você deve ser péssimo aluno, principalmente se comparado a Lylie. Tenho certeza de que ela só tira notão.

Marc deixou passar. Era brincadeira. Uma brincadeira com virtudes terapêuticas!

— E você, que diploma tirou?

— Recorde mundial de professores particulares. Trinta e sete em quinze anos… O último não durou nem dois dias.

— Então nem adianta tirar sarro com a minha cara.

Malvina começou a rir. Jogou no chão o pacote de biscoitos e a caixinha de suco vazios.

— É, mas no meu caso é porque sou de um tipo especial demais para os professores. Não me encaixo nos moldes deles, sacou? — Ela ergueu os olhos outra vez. — Puta que pariu, não dá para entender nada dessas suas anotações…

— Pode ler só as datas. Isso você consegue, não consegue? Ou também é especial demais para ler as datas?

— Que saco, você…

— Leia logo!

— Não enche… — Mas ela leu mesmo assim: — “Em 29 de outubro de 1923, a Turquia de Atatürk se torna uma república; em 17 de setembro de 1961, o primeiro-ministro Adnan Menderes é executado por violar a Constituição…” Certo, aonde você quer chegar?

— Continue!

— Ai, puta que pariu… “Em 12 de setembro de 1980, golpe de Estado e volta dos militares ao poder; em 7 de novembro de 1982, referendo nacional sobre a volta à democracia…”

— Está bom — interrompeu Marc. — Agora pegue de novo as folhas do diário de Grand-Duc. Leia as primeiras linhas.

— Mas você é um saco mesmo! — Malvina jogou as folhas de papel no chão. — Vamos nessa? Se quiser chegar ao Jura com o seu tanque antes do mês que vem…

Marc se abaixou calmamente, recolheu os papéis e começou a ler: — “Naquele domingo, 7 de novembro de 1982, eu havia passado o fim de semana na costa do Mediterrâneo em Antalya na Riviera turca, onde fazia sol trezentos dias por ano — a convite de um alto funcionário do ministério do Interior da Turquia que me recebeu em sua casa de praia…” Vou pular um trecho. “Vencido pelo cansaço, o alto funcionário em questão acabara me convidando no mesmo fim de semana em que recebia na sua casa toda a nata da segurança nacional turca. Dessa vez Nazim não estava: Ayla insistira que ele voltasse, ela estava doente, se bem me lembro. Para mim isso não foi nada prático, muito pelo contrário, pois passei o fim de semana inteiro sem intérprete, penando para explicar o que eu queria, sobretudo considerando que os outros estavam lá para

curtir o sol com as esposas.

Ninguém estava convencido do caráter prioritário de minhas solicitações. Nem eu, aliás. Eu próprio estava cada vez menos convicto.”

Malvina remexeu nervosamente entre os dedos seu anel marrom e desviou os olhos na direção da carreta parada na outra ponta do estacionamento.

— E agora? — gritou, alto o suficiente para o caminhoneiro da garrafa térmica escutar. — Vamos estacionar este seu furgão de merda e fazer waffles para essa gente gorda?

O homem, que a havia escutado, olhou para Malvina como se ela fosse um bicho engraçado, em seguida deu de ombros e virou as costas, tão irritado quanto se um cachorrinho tivesse latido junto às suas canelas. Marc a encarou. Mais uma vez, a raiva da moça soava falsa. Uma manobra de distração que chegava a dar pena.

— Vou lhe explicar. É só uma questão de agenda que está me incomodando. No caderno, Grand-Duc conta que foi recebido por todos os funcionários do ministério do Interior da Turquia, que eles ficaram se divertindo à beira-mar com mulheres e crianças no dia 7 de novembro de 1982…

— Obrigada. Eu sei ler.

— … só que o dia 7 de novembro de 1982 foi justamente a data do referendo na Turquia. A volta à democracia! O fim dos militares. Um dia histórico. Você não acha que nesse fim de semana os funcionários públicos graduados da Turquia tinham mais o que fazer?

Malvina deu de ombros.

— Grand-Duc se enganou na data. Só isso. Quinze anos depois, afinal…

— Se enganou o caralho! — berrou Marc.

O caminhoneiro, agora apoiado no para-lama da carreta, assistia à cena como se Marc e Malvina fossem as dois protagonistas de uma novela.

— Quer ajuda para escutar? — gritou Malvina para ele.

O homem nem sequer se mexeu. Impassível. Marc prosseguiu: — Vou lhe dizer a verdade, Malvina: Grand-Duc não estava na Turquia no dia 7 de novembro de 1982!

Pelo menos não em uma casa de praia em Antalya. Então por que ele mentiu? Por que inventar um álibi tão fajuto? Porque ele com certeza estava em outro lugar. Sim, mas onde? Onde ele poderia ter se escondido nesse fim de semana de 7 de novembro de 1982? Em que lugar no qual não deveria ter estado? Por que frisar que Nazim estava na França e ele, na Turquia, se não fosse para deixar pairarem suspeitas sobre o colega?

— Você está viajando — falou Malvina. — Decididamente, é mesmo mais louco do que eu.

Marc segurou Malvina pela gola do suéter. Ela não se defendeu. Não tinha mais revólver no bolso.

Nem sequer um seixo.

— E se o bondoso Grand-Duc, o detetive paciente, o minucioso, o honesto Crédule, cara de bule, amigo dos Vitral, perdidamente apaixonado pela minha avó, narrador imparcial de toda essa investigação, o fiel, o puro, o pobre Crédule Grand-Duc… E se o cara não passasse de um mercenário filho da puta? De um escroto a quem o seu avô pediu para eliminar meus avós com a intenção de tomar Lylie de volta? Um escroto que disse "sim"?

Com os dedos contorcidos, Marc deformava o suéter lilás de Malvina. Ela continuou calada. No estacionamento, o homem da garrafa térmica havia tornado a subir no caminhão. O barulho de estática do rádio chegava aos seus ouvidos.

Quase chorando, Marc continuou a falar: — Não havia perigo de ele registrar esse detalhe em seu caderno… Mesmo que todo o resto possa ser verdade, inclusive, talvez, o apego dele à sua família de adoção e à minha avó. É clássico: o carrasco que se apega à vítima da qual não conseguiu dar cabo. O remorso que se transforma em fantasia. É patético, isso sim! E dizer que durante anos nós convidamos esse sujeito para ir à nossa casa… O assassino do meu avô. Pensar que minha avó chegou a…

Largou Malvina bruscamente, deu alguns passos no estacionamento e recolheu do chão, com um gesto mecânico, o pacote de biscoitos e a embalagem de suco de laranja vazios. Andou até a lixeira mais próxima, a 10 metros dali.

— Pode me dizer o que quiser! — gritou ele. — Eu sei que foi isso que aconteceu. Foi Grand-Duc!

Depois de entender isso, toda a leitura daquele caderno mentiroso fica óbvia. Ele é um mercenário. Um sujeito sem alma, que já tinha mostrado sua verdadeira cara…

Marc jogou os restos na lixeira.

— Foi meu avô — disse Malvina.

Marc nunca a ouvira falar com uma voz tão branda. Virou-se na sua direção.

— Foi meu avô — repetiu ela. — Sozinho. Depois do primeiro enfarte. Ele não acreditava na longa investigação da minha avó. Era o tipo de homem que agia depressa. Ele também entrou em contato com Grand-Duc, um pouco depois da minha avó. Pagou muito caro, mais ou menos o preço de uma casa na Butte-aux-Cailles, para você ter uma ideia. Era preciso que tudo parecesse um acidente. Segundo os advogados, se o casal Vitral morresse, o juiz Weber da vara de infância ficaria chateado, mas nós tínhamos todas as chances de ficar com a menina. Grand-Duc não era nenhum santo, meu avô já havia se informado disso. Nesse fim de semana, em novembro de 1982, ele fez uma viagem de ida e volta

à Turquia. Ninguém nunca ficou sabendo. O resto não foi muito difícil para ele.

— Como você descobriu?

— Eu tinha 8 anos. Na época não entendi tudo, mas já espionava todo mundo. Como um pequeno camundongo que faz buraquinhos por toda parte para se esconder. Minha avó também só entendeu tarde demais, depois que Pierre Vitral já estava morto. Nem lhe conto a confusão que isso deve ter causado na consciência dela. Um crime! Como incluir isso nas suas orações ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo?

Meu avô teve o segundo enfarte logo depois. Seu plano tinha fracassado. Minha avó interpretou o fato como justiça divina e ficou de bico calado.

— E você? O que acha disso tudo?

Ela hesitou um instante. Tocou com um gesto nervoso a sola da sapatilha pousada no estribo de alumínio e respondeu: — Que meu avô tinha razão! O que você acha? Poderia ter dado certo. Sem os avós Vitral, pronto…

Lyse-Rose, minha irmãzinha que vocês haviam roubado, voltaria a ocupar o quarto dela. E você iria para um orfanato. Bem feito! Era isso que eu achava.

— E agora? E hoje, o que você acha?

Dessa vez Malvina não hesitou: — A mesma coisa!

Eles seguiram viagem. Malvina tinha mudado a fita no aparelho. Escolhera aleatoriamente, pela cor azul-celeste da capa, *Brothers in Arms*, do Dire Straits. A voz de Mark Knopfler se alternava com os delírios elétricos de sua guitarra. Foi ela quem falou primeiro: — Nada disso muda o fato de que Grand-Duc era um babaca. Ele nunca me suportou, não sei por quê.

Talvez porque tivesse adivinhado que eu sabia.

Marc escutava, distraído. Experimentava um sentimento desagradável de traição. Até que ponto Grand-Duc teria falsificado a verdade em seu diário?

— Quatro dias atrás, ele quis chantagear minha avó — continuou Malvina. — Com aquela história ridícula de reviravolta de última hora. Cento e cinquenta mil francos. O triplo quando ele apresentasse as provas… Não sei quem o matou, mas essa pessoa livrou a terra da porra de uma barata!

Os dedos de Marc tamborilavam no volante ao ritmo das notas do saxofone de “Your Latest Trick”.

Ele repensou nas últimas palavras de Malvina.

“Não sei quem o matou.”

Recordou o momento em que havia encontrado o cadáver de Grand-Duc. O tiro no coração. Malvina descrevendo a cena: a cabeça dentro da lareira, como um ritual macabro. O rosto do cadáver coberto de bolhas e cinzas.

— Sem falar no exame de DNA — continuou Malvina. — Nós dois sabemos que quem está viva é Lyse-Rose. Então esse exame prova mesmo que Grand-

Duc é desonesto até o último fio de cabelo.

Uma dúvida terrível ia surgindo na mente confusa de Marc, uma diminuta centelha atiçada por um vento violento que se propagava em seu cérebro feito um incêndio na mata.

— Além do mais, era um incompetente — concluiu Malvina. — Ganhou 1 milhão e não foi sequer capaz de matar dois velhos dormindo.

As mãos de Marc se retesaram sobre o couro gasto do volante. A guitarra de Mark Knopfler tocou um último riff.

Era só uma brincadeira. Uma brincadeira terapêutica.

54

3 DE OUTUBRO DE 1998, 11H33

Fazia cinco horas que estavam na estrada. O Citroën H laranja e vermelho aguentava o tranco. Tinha alguma dificuldade nos trechos de autoestrada, nos quais rodava no máximo entre 100 e 110 quilômetros por hora. O estoque de fitas cassete já havia se esgotado, um acervo composto por alguns álbuns clássicos dos anos 1980: *Sauver l'amour*, de Daniel Balavoine; *Famous Last Words*, do Supertramp; *Morgane de toi*, de Renaud; *Positif*, de Jean-Jacques Goldman.

Pararam em Vitry-le-François, cidade surgida do nada em meio aos milharais da Champagne, sem nem mesmo um campanário para avisar sobre a sua existência. Almoçaram em um restaurante espremido entre a estrada nacional e o rio Marne. Eram os únicos clientes. Perdido em pensamentos, Marc se contentou com uma omelete e uma salada. Malvina, por sua vez, aproveitou todas as vantagens do especial do dia: prato de frios, fraldinha com echalota e *creme brûlée*.

— Sua amiga tem um apetite e tanto — comentou o dono do restaurante, piscando o olho para Marc. — Onde será que ela armazena isso tudo?

Retomaram a viagem. Saint-Dizier. Chaumont.

As bordas da bacia parisiense se sucediam. As planícies de cultivo de cereais eram margeadas por linhas de encostas, paredões repentinos e abruptos como os degraus de uma escada, antes de atravessarem as depressões ortoclinais arborizadas em seu sopé para depois se transformarem em uma nova planície de cereais. O Citroën ganhava um pouco de embalo ao descer a encosta dos paredões, como se nunca fosse conseguir frear e só lhe restasse esperar um aclive para diminuir a velocidade.

Renaud cantava "En cloque" pela terceira vez. Fazia quase duas horas que Malvina e Marc não diziam nada. Foi ela quem rompeu o silêncio: — Você acha que Lyse-Rose vai querer uma irmã como eu?

Estavam atravessando um vilarejo chamado Fayl-Billot. Marc não respondeu.

— Você a conhece — insistiu Malvina. — Acha que ela vai conseguir entender? Que vai aceitar uma irmã como eu? Feia. Vulgar. Má.

Ele continuou sem dizer nada. Pensando bem, preferia o humor terapêutico de Malvina.

— Eu posso mudar — garantiu ela. — Você diz para ela que eu posso mudar?

— Tem mesmo certeza de que Lylie é sua irmã?

— É claro. Nisso a gente concorda, não é?

Tornaram a se calar. Durante duas horas. Marc invejava a falta de dúvida de Malvina, sua determinação.

Ela parecia viver dentro de uma bolha que nada era capaz de romper. Recebeu o torpedo de Lylie quando tinha acabado de passar por Vesoul. O telefone vibrou dentro de seu bolso. Ele o pegou com uma das mãos, sem parar de dirigir.

Marc, vou entrar na sala de cirurgia amanhã de manhã, às dez. Está tudo certo. Não se preocupe.

Ligo para você em seguida. Vai correr tudo bem. Um beijo, Émilie.

"Amanhã de manhã, às dez." Em menos de 24 horas.

Goldman berrava "Envole-moi!". Por instinto, Marc pisou no acelerador. Apesar de estarem atravessando um leve declive, o furgão não andou mais depressa. Quanto mais quilômetros passavam, mais a louca hipótese que a mente de Marc havia imaginado ganhava corpo e credibilidade, pronta para se impor como uma evidência.

Três horas mais tarde, estavam atravessando Montbéliard. Foi fácil. Os eixos da aglomeração da região da Franche-Comté pareciam superdimensionados para o tráfego acanhado: imensos bulevares, avenidas largas, rotatórias. O tamanho da cidade ainda parecia condizente com o da fábrica da Peugeot no auge de seu funcionamento, com seus mais de quarenta mil funcionários. A maior fábrica da Europa… agora reduzida a menos de um terço do que era.

Marc pôs no colo de Malvina um atlas rodoviário da França na escala de 1 por 200.000 e lhe deu a missão de conduzi-los até o ponto em que o rio Doubs cruzava a fronteira com a Suíça, no sopé do Mont Terrible, e a localidade conhecida como Clairbief; em seguida, de localizar o albergue de Monique Genevez, o mais belo chalé das redondezas segundo o caderno de Grand-Duc.

— Que porra a gente vai fazer lá? — resmungou Malvina. — Está pretendendo recuperar a grana que vovó mandou para o Grand-Duc?

Marc deu de ombros. Verificou discretamente que o Mauser continuava em seu bolso. Será que precisaria usar a arma? Será que tinha razão, e todos eles vinham sendo manipulados desde o início?

Malvina não insistiu e se concentrou no mapa. Foi muito eficiente. Dez quilômetros após Montbéliard, depois de Pont-de-Roide, o valente furgão laranja e vermelho começou a subir as primeiras encostas do Jura: a princípio uma estradinha estreita cercada por paredões que margeava o Doubs até Saint-

Hippolyte, depois a íngreme subida de uma pequena estrada regional. O carro penou, se esfalfou, rangeu, mas mesmo assim conseguiu atravessar até o outro lado da montanha. A vista do longo meandro do rio Doubs, que fazia um laço de uns 30 quilômetros na Suíça antes de voltar como um bom menino para a França, local de seu nascimento, era de uma beleza estarrecedora. O furgão tornou a descer alegremente em direção ao rio por uma floresta de pinheiros enfeitada com o dourado das folhas secas das árvores vizinhas.

Impossível não encontrar a pensão de Monique Genevez. Uma única estrada margeava o Doubs até a fronteira com a Suíça logo em frente. A madeira clara do chalé se refletia nas águas calmas do rio. Marc prendeu a respiração. Preocupado, tocou novamente o Mauser no bolso. Parou o furgão em um estacionamento diante da casa. Uma placa indicando *Albergues da França* confirmou que estavam no lugar certo.

Com exceção do Citroën H, o estacionamento estava deserto. Naquele vilarejo de fronteira no fim do mundo, o tempo parecia ter parado. Marc respirava com dificuldade. E se a sua busca terminasse ali, no fim daquela estrada?

— Bom, vamos lá? — falou Malvina.

— Um instante…

Marc tirou o Mauser L110 do bolso e verificou que estava carregado.

— O que está fazendo com o meu revólver? Pretende ameaçar a dona Genevez?

Marc a encarou por muito tempo. Então disse: — Você se lembra do cadáver do Grand-Duc?

— Claro.

— Do que você se lembra?

— Como assim, do quê?

— Você se lembra de um cadáver que encontrou na casa do Grand-Duc. Que estava usando as roupas do Grand-Duc, os sapatos dele, o relógio…

Malvina empalideceu.

— Um cadáver com a cabeça dentro da lareira — prosseguiu Marc. — Com a cara toda queimada, coberta de bolhas. A ponto de ficar irreconhecível.

Malvina pôs-se a torcer os próprios dedos.

— Aonde está querendo chegar?

— Venha comigo!

Eles saltaram. Monique Genevez já estava na porta do chalé, emoldurada por imensas jardineiras de gerânios.

— Bom dia! — disse Marc. — Aqui é a pensão Genevez?

Não foi uma introdução particularmente audaciosa, uma vez que o nome da

pensão estava gravado em letras garrafais na placa de madeira envernizada.

— Nós… nós somos amigos de Crédule Grand-Duc.

O rosto da mulher se iluminou.

— Sr. Grand-Duc! Sim, eu o conheço, é claro. Há mais de dez anos ele se hospeda aqui em dezembro.

— Ele… ele deveria ter vindo mais cedo este ano, acho.

A dona da pensão fez cara de quem se desculpa.

— Isso, mas vocês não deram sorte: ele foi embora hoje de manhã mesmo.

Marc sentiu o chão se abrir. Ao seu lado, Malvina prendeu a respiração. Sem reparar em como os visitantes tinham ficado abalados, Monique Genevez prosseguiu no mesmo tom: — Ele se hospedou aqui no quarto 12, como sempre faz. Anteontem passou boa parte da manhã no albergue, pois estava esperando o correio chegar antes de sair. De fato, ele recebeu um envelope grande.

Mas hoje de manhã saiu bem cedo, por volta das seis.

Marc conseguiu articular algumas palavras: — E a senhora… a senhora sabe se ele vai voltar?

— Ah, muito me espantaria. Quando ele vem aqui, em geral só passa uma ou duas noites. É a romaria dele, como costuma dizer. Esse seu amigo é um senhor bem curioso. Gentil, educado, quanto a isso não tenho nada a dizer. Ele tem também um apetite e tanto. Mas essa história do Mont Terrible, o desastre, o avião, essa coisa toda dezoito anos depois, sinceramente… Como se não desse para esquecer todo esse infortúnio. Vocês não acham?

Marc permaneceu calado por vários segundos antes de balbuciar: — Ele… ele disse alguma coisa? A senhora sabe para onde ele foi?

Monique arrancou alguns caules secos do gerânio.

— Ah, o Sr. Grand-Duc não é homem de fazer confidências, entendem? Nem mesmo depois de beber um litro de *vin de paille*. E eu não sou de fazer perguntas. Então não, não sei mesmo. Com certeza voltou para Paris. É o que ele faz geralmente, não é?

Marc insistiu um pouco, só para ter certeza. Não conseguiu arrancar mais nada. Ele e Malvina tornaram a subir no furgão.

— Eu disse que esse filho da puta estava querendo foder com a gente desde o começo!

Marc não respondeu. Estava dominado por uma terrível sensação de impotência. Crédule Grand-Duc, vivo, desaparecido… O último fio da investigação acabara de lhe escapar por entre os dedos. Malvina questionou: — Se você adivinhou que ele tinha forjado a própria morte e matado outro homem, o que foi que a gente veio fazer aqui?

— Cale a boca.

Ela bateu palmas.

— Você é mesmo um gênio, Vitral! Dez horas na estrada. Seiscentos quilômetros. Para acabar aqui feito dois babacas… A gente não podia ter telefonado?

— Shh.

— Você poderia pelo menos me pagar um quarto na pensão da Monique. Parece bem chique.

— Cale a boca, já falei!

— Pelo menos uma refeição. Estou bem a fim de tomar um porre de *vin de paille*…

— Você é mesmo uma idiota. Eu deveria matá-la aqui, agora mesmo, jogar seu corpo no Doubs e fugir para a Suíça.

Malvina encarou Marc com uma atenção espantada.

— O fato de o Grand-Duc ser um filho da puta não chega a ser um furo de reportagem. Então qual é o problema? Por que ficou todo nervosinho de uma hora para outra? Tem alguma urgência? Está de casamento marcado amanhã com a minha irmã mais nova? Já encomendou o bolo?

— Nem tente entender, você não vai conseguir. Não tem o diploma necessário.

Nervoso, Marc girou a chave na ignição do Citroën.

— Para onde vamos? — perguntou Malvina. — Voltar, já? Não vamos aproveitar o passeio?

— Cale a boca! Eu lhe prometi a porra de uma romaria. Então a gente vai seguir a via-crúcis até o fim.

55

3 DE OUTUBRO DE 1998, 12H01

Crédule Grand-Duc acompanhou com o binóculo o percurso do carteiro. Impossível não ver a caminhonete. A carroceria pintada de amarelo se destacava a cada curva em meio ao verde monocromático da floresta de pinheiros. O veículo subia sem pressa e parava diante das caixas de correio dos chalés que se sucediam na estradinha, todos situados na encosta mais ensolarada da montanha, orientada para o sul. O carteiro ainda iria demorar uns dez minutos.

O Xantia estava parado a alguns quilômetros de distância, mais ou menos umas trinta curvas mais acima, um pouco antes da entrada de Saint-Hippolyte. O detetive ainda observou por alguns segundos a movimentação do carteiro com sua caminhonete.

Dez minutos.

Seria aquele o carteiro certo? Era o oitavo que ele seguia, sem sucesso. Alguma hora sua sorte acabaria mudando. Aliás, não era uma questão de sorte, mas de método e tenacidade, como sempre. Já fazia três dias que estava no encalço daquela tal Mélanie Belvoir. A moça já não tinha mais relação alguma com a própria família. Seu nome não constava em nenhum catálogo, digital ou não. Ele não conseguira encontrar nenhum indício administrativo da sua existência. Talvez estivesse casada, mas não havia nenhuma Mélanie Belvoir nos registros dos cartórios das redondezas: ele tinha procurado nos 45 municípios da região de Montbéliard. Fora então que tivera a ideia dos carteiros. Se ela tivesse solicitado um número de telefone sem registro no catálogo, se tivesse mudado de nome, talvez mesmo assim continuasse a receber alguma correspondência com o nome antigo. Cartas de alguma amiga de infância, velhas assinaturas de revista… Um carteiro saberia, sobretudo um de zona rural, de uma zona montanhosa como aquela: ele devia conhecer cada um dos endereços.

Só que os sete primeiros carteiros também não conheciam ninguém chamado Mélanie Belvoir.

Paciência. Precisava aguentar firme e continuar procurando. Já havia deparado com outros obstáculos desde o começo daquela investigação. E estava cheio de energia… Nunca havia chegado tão perto da solução.

De que depende a vida? Quatro dias antes, estivera a um minuto de dar um tiro na própria cabeça.

Tornou a apontar o binóculo. A caminhonete já havia subido uma dezena de

curvas.

Apertou o cabo do revólver que carregava no bolso, seu Mateba modelo 6 Unica. Um semiautomático. Desde a falência da fábrica americana, a arma praticamente havia se transformado em uma peça de colecionador. Ele precisava até importar as balas do Canadá a preço de ouro: 40 dólares canadenses a caixa com seis. Não estava nem aí. Agora, mais do que nunca, tinha dinheiro para isso. Na manhã da véspera, recebera, na pensão de Monique Genevez, os 150 mil francos extras enviados por Mathilde de Carville.

Era só uma entrada.

O que mais ele poderia pedir?

Uma consciência tranquila, talvez?

Tornou a pensar em seu caderno; àquela altura, Lylie e Marc já o deviam ter lido. Havia poucas chances de terem ido à sua casa em seguida, de terem encontrado o cadáver. No entanto, ele havia tomado alguns cuidados. Aos olhos dos jovens, ainda era uma vítima, não um assassino. Quanto ao resto… será que fora suficientemente hábil? Será que eles desconfiavam da verdade? Da sabotagem mortal do ridículo tubo de gás naquela noite de novembro de 1982?

Ao longo dos anos, Grand-Duc conseguira se convencer de que tinha sido apenas um instrumento dos Carville, uma simples ferramenta em suas mãos; de que não tivera vontade alguma de assassinar os Vitral. Se houvesse recusado a proposta de Léonce, algum outro subalterno a teria executado, talvez de maneira ainda mais atroz e sem poupar Nicole. Desde então, ele se redimira. Apegara-se aos Vitral, a Nicole e a seus dois netos. Aprendera a conhecê-los, a amá-los, até. Sim, a amá-los. Principalmente Nicole. Desde então, nunca mais os traíra. Decidira prosseguir sua investigação com a maior imparcialidade possível. E anotar tudo para eles naquele caderno da maneira mais fiel que era capaz.

Com exceção da noite no Le Tréport, claro.

Não era nenhum anjo nem jamais fingira ser. Mas fora rigoroso, meticuloso até em relação aos exames de DNA, aqueles malditos exames que o tinham deixado louco até quatro dias antes, que o tinham levado às raias do suicídio.

Tudo isso era passado. O detetive particular fracassado, o solitário atormentado por remorsos. Havia desfeito o emaranhado de nós. Só faltava pôr as mãos na última testemunha.

Mélanie Belvoir.

A caminhonete amarela surgiu na curva e estacionou bem ao lado do Xantia. O carteiro apareceu. Era jovem e tinha uns dreadlocks compridos presos por um lenço vermelho. Um físico de atleta, do tipo capaz de percorrer sua rota de bicicleta, usando as trilhas de caminhada como atalhos.

Grand-Duc se postou bem na sua frente.

— Com licença. Gostaria de fazer uma pergunta ao senhor: poderia me dizer onde mora Mélanie Belvoir?

O carteiro o encarou com ar desconfiado.

— Sinto muito, nosso regulamento proíbe fornecer esse tipo de informação.

Uma resposta clássica. No entanto, sem deixar transparecer nada, Crédule exultou. O carteiro havia reagido ao ouvir o nome “Mélanie Belvoir”. Ele a conhecia! Bingo. Restava fazê-lo falar! O rapaz inseriu três cartas na caixa de correio à sua frente e começou a andar de volta para a caminhonete.

— Um minutinho, rapaz. Estou falando sério. Sou da polícia!

Ele estendeu sua carteirinha de detetive particular juramentado estampada com a bandeira da República Francesa, que funcionava em noventa por cento das ocasiões.

— E daí? — retrucou o carteiro sem sequer olhar para o documento. — Estou trabalhando. No exercício da minha função. Faça um pedido oficial ao meu chefe. É ele quem mexe com a papelada.

Estava diante de um criador de caso. Não devia ter nenhuma atitude brusca, não ainda. Precisava conquistá-lo pelos sentimentos.

Grand-Duc fez cara de delegado de polícia preocupado.

— É urgente. Questão de vida ou morte. Não posso dizer mais nada, porém cada minuto que passa está contra nós.

O carteiro o encarou por vários segundos.

— Não posso dizer nada. Sinto muito, é confidencial. Basta um telefonema para a central, e o senhor descobre.

— Não. Mélanie Belvoir não está no catálogo. Pelo menos não com esse nome.

— Então é porque ela não quer ninguém enchendo o saco.

Crédule estava mesmo diante de um pentelho. Que falta de sorte.

— Ajudar a polícia é sua obrigação, rapaz.

O carteiro assobiou e agitou os dreads.

— Foi mal, amigo. Entregar gente honesta para a polícia não faz muito o meu estilo. Essa época já passou, sabia? Até mais.

Ele virou as costas.

— Está bem. Quanto? — perguntou Grand-Duc.

O carteiro deu um suspiro.

— Quanto o quê?

— Quanto pelo endereço? Cinco mil francos? Dez mil?

— Isso lá é postura de policial? — Ele deu uma gargalhada. — Não dá para acreditar…

Certo, pensou Grand-Duc, vamos parar com a brincadeira.

Daquele jeito não conseguiria arrancar nada do babaca. O carteiro já tinha tornado a subir na caminhonete quando o cano do Mateba encostou em sua têmpora.

— Isso, sim, é postura de policial, entendeu?

O rapaz começou a tremer, como se toda a sua impertinência diante da autoridade houvesse desaparecido de uma vez só. Por instinto, pousou as mãos no volante.

— Calma. Calma aí.

— Então: Mélanie Belvoir?

— Desconhecida. Não sei quem é.

Grand-Duc pressionou o cano com mais força. Seu dedo se contraiu no gatilho. O suor que escorria pela têmpora do carteiro molhou o revólver.

— Já falei, é uma questão de vida ou morte. Agora para você também. Vou lhe contar um segredo: não sou da polícia. Sou um assassino em série. O Matador de Carteiros. Entendeu? Tenho fobia da cor amarela. Mato todo mundo que goza com a minha cara. Então: Mélanie Belvoir?

— Juro para o senhor que…

— Certo, vou começar atirando no seu joelho. Adeus, passeios pela montanha cheia de vaquinhas.

Adeus, esqui cross country, adeus, mountain bike, adeus, escalada, adeus, garotas…

Ele baixou o cano do revólver e apontou bem para o joelho do rapaz.

— Está bem! Está bem! — gritou o carteiro. — Pare com isso. Ela agora usa o nome do marido, ou do cara que mora com ela. Luisans. Mélanie Luisans. Mora em um vale aqui do lado, pegando a D34 depois de sair de Montbéliard, na saída de Dannemarie, o primeiro chalé depois do vilarejo, o único que tem lá, isolado, com umas persianas azul-celeste se não me engano.

— Como você pode ter certeza?

— Ela ainda recebe correspondência em nome de Mélanie Belvoir três ou quatro vezes por ano.

— Viu? Não foi tão difícil.

Grand-Duc agora se regozijava. Tinha encontrado a última testemunha! Era o primeiro, o único a ter conseguido tal proeza. Mesmo que alguma outra pessoa adivinhasse, mesmo que alguém abrisse aquela velha edição do *L'Est Républicain* e entendesse, como poderia chegar até Mélanie Belvoir? Como poderia encontrá-la tão depressa? Não, ele estava tranquilo. Tinha uma boa vantagem.

— O que… o que o senhor quer com Mélanie Belvoir?

— Não precisa se preocupar, rapaz, você é sensível demais. Só quero

conversar com ela sobre os velhos tempos.

56

3 DE OUTUBRO DE 1998, 15H23

Marc dirigia no automático. O furgão aguentou o tranco. Não era hora de pifar! O Citroën H deu o melhor de si para subir com regularidade as curvas até o sopé do Mont Terrible. Marc atravessou Indevillers, em seguida adentrou uma estradinha de cascalho branco margeada por centenas de metros de pedaços de lenha empilhados. Não havia como errar; bastava seguir a direção indicada pelas pequenas flechas de madeira esculpidas na beira do caminho: *Sede da Reserva Natural do Haut-Jura*.

Parou num estacionamento em frente ao prédio da sede, um chalé-museu cercado por um amplo gramado. A fachada estava decorada com um grande mapa do Jura franco-suíço que indicava as diversas trilhas de caminhada. Perto dali, havia uma pequena área de lazer com alguns brinquedos de madeira, barras fixas, escorregas e cordas lisas, decerto destinadas aos aprendizes de alpinista ainda não exauridos pelas caminhadas na montanha com os pais.

— São quatro da tarde — disse ele. — Dá para chegar ao topo bem antes de anoitecer.

Malvina o encarou com uma ironia evidente.

— O que você pretende encontrar lá em cima?

— Nada. Você não é obrigada a ir junto, está bem?

— Você é mesmo um idiota. Por que acha que eu vim até aqui?

Marc entrou na sede da reserva. Comprou um mapa oficial da região em escala 1 por 25.000 e um guia topográfico. Uma moça morena e alta, com longas tranças iguais às de uma índia, operava a caixa registradora. Um sujeito acariciava sua mão como para lhe mostrar quais botões ela devia pressionar.

Com a outra, apertava descaradamente sua bunda.

Devia ser Grégory, pensou ele.

O engenheiro da sede da reserva, o dos olhos de husky siberiano. O homem da floresta, colecionador de jovens estagiárias que tinham acabado de entrar na universidade.

Marc tornou a sair para encontrar Malvina, abriu o mapa sobre a mesa em frente à sede da reserva e localizou rapidamente a trilha a seguir para chegar ao topo do Mont Terrible. Dobrou o mapa outra vez e abriu a porta traseira do furgão. Pegou uma mochila e pôs lá dentro um saco de dormir, uma lanterna, uma garrafa d’água, um salame e alguns pacotes de biscoito.

— Você já estava preparado? A traseira do seu furgão parece a caverna do Ali Babá!

— A casa da minha avó não é muito grande, sabe? Não tem porão nem garagem. Então a gente usa o furgão como depósito.

— Posso pegar o que eu quiser?

— Pode. Não encha demais a mochila, ela não pode ficar mais pesada do que você.

— Quero só ver se não é você quem vai pedir arrego chamando a sua avó antes de chegar lá em cima!

Marc se forçou a rir. Não estava mais com vontade de pensar de maneira racional, de tentar achar uma estratégia. Sentia que aquela viagem não tinha o menor sentido: escalar o Mont Terrible, voltar ao local da tragédia, depois procurar a cabana de Grand-Duc e o túmulo. O detetive poderia estar em qualquer lugar, mas com certeza não lá em cima. Marc estava se deixando tragar por uma espiral de obsessão. A pulseira de ouro, os fragmentos de osso de recém-nascido, os vestígios de um sem-teto testemunha do acidente… tudo isso eram pedrinhas deixadas por Grand-Duc, como um Pequeno Polegar sádico. O que Marc esperava encontrar lá em cima? Um milagre, uma iluminação…

Fez uma careta.

É, na verdade era exatamente isso que esperava.

Começaram a caminhar. Conforme previsto, a escalada durou umas boas duas horas. Marc andava depressa. Malvina ia atrás sem dar o menor sinal de cansaço. A subida não era muito difícil: 500 metros por uma trilha bem marcada no meio da floresta. À medida que avançavam, a vista do vale do Doubs, da Suíça e do vilarejo fortificado de Saint-Ursanne foi se descortinando. No meio do caminho, pararam para beber água. Fazia um calor meio abafado. Marc suava e sentia a camisa encharcada sob a mochila.

Malvina, por sua vez, ainda estava de suéter, e mesmo assim nenhuma gota de suor brotava de sua pele.

Para chegar ao pico do Mont Terrible era preciso atravessar uma densa floresta de pinheiros levemente inclinada.

Marc apertou mais ainda o passo. Malvina o seguiu e acompanhou seu ritmo, chegando a respirar na mesma cadência que ele. Marc se surpreendeu ao pensar que o esforço físico os tornava cúmplices. Que ridículo, corrigiu-se no instante seguinte.

A cena do drama surgiu diante de seus olhos sem qualquer aviso.

De repente, a floresta à sua frente sumiu.

Foi como se uma horda de camponeses desmatadores tivesse subido até ali em cima e limpado um trecho improvável. Com minúcia de agrônomo: a

vegetação fora arrancada em uma tira comprida e estreita. Uma faixa de 40 metros de largura e um quilômetro de comprimento. Jovens pinheiros tinham sido replantados. Ainda não haviam alcançado um metro de altura, e pareciam missionários anões despachados para repovoar um planeta de gigantes. Anões felizes em um pátio de recreação multicolorido, pois o trecho retangular estava coberto de gencianas amarelas e azuis, orquídeas sapatinho-de-dama, pés de arnica em tons alaranjados.

Malvina e Marc pararam lado a lado.

Não restava vestígio algum do desastre. Nenhum monumento, nenhuma placa de mármore, nem sequer um aviso. Melhor assim, pensou Marc. Milhares de flores silvestres. Dali a vinte anos, os jovens pinheiros alcançariam uma altura semelhante à das outras coníferas da floresta, seus galhos iriam se unir feito mãos que se tocam e, progressivamente, por causa da sombra, as flores silvestres deixariam de brotar, sufocadas, enlutadas, e cederiam lugar às samambaias, ao musgo ou, no melhor dos casos, a alguns narcisos.

E tudo seria esquecido.

Ficaram os dois ali, em silêncio. Parados no mesmo lugar, entre a floresta e a clareira retangular, Marc parecia não se atrever a profanar aquele espaço. Malvina se afastou um pouco e caminhou pelo mato. Os caules mais altos lhe chegavam às coxas. Marc sentiu o ritmo cardíaco se acelerar de forma incontrolável. Começou a ter dificuldade para engolir. Conhecia bem demais aqueles primeiros sintomas de uma crise de agorafobia, ainda que ali eles estivessem se manifestando de modo mais lento, talvez por causa da altitude. Aquele maldito medo de ter medo.

Sem dizer nada nem fazer qualquer movimento, contentou-se em respirar mais fundo. Malvina deve ter escutado, ou então não ouviu nada e se espantou, ou talvez tenha até entendido, por que não? Virou-se para ele. O sol que a obrigava a estreitar os olhos podia até dar a impressão de que ela sorria. Uma espécie de sorriso triste, de trégua melancólica, de desespero tranquilo. Marc tossiu. Jamais teria admitido para Malvina, mas estava respirando melhor. Sim: mesmo que sob tortura fosse jurar sempre o contrário, tinha de admitir que, bem lá no fundo, a presença daquela louca o reconfortava, e mais ainda naquele santuário cujo segredo eles dois compartilhavam.

Devem ter passado mais de uma hora ali. O brilho fraco do sol atrás das nuvens já quase tocava o alto da copa das árvores.

— Vamos até a cabana? — perguntou Marc baixinho.

Malvina não respondeu. Contentou-se em segui-lo.

Marc teve de consultar o mapa várias vezes. Eles passaram mais de uma hora vagando pela mata, dando meia-volta em clareiras todas iguais. Era como se

Grand-Duc tivesse inventado a história toda. Malvina não fez nenhum comentário; pelo contrário, tentou até ajudá-lo enquanto ele se esforçava para decifrar o guia topográfico. A noite já começava a cair quando enfim encontraram a famosa cabana. Grand-Duc não tinha mentido! O lugar era igualzinho à descrição que ele fizera em seu caderno: uma cabana de pastor, pedras empilhadas, um telhado desmoronado. Por um segundo, Marc pensou que o detetive estaria lá dentro à sua espera. Num reflexo, deslizou a mão para dentro do bolso e tocou o Mauser.

Não precisava.

A cabana estava vazia. Mais limpa do que na descrição de Grand-Duc, mas o detetive ressaltara ter recolhido em pequenos sacos plásticos quase todos os detritos durante a busca pelo estranho Georges Pelletier.

Será que o fugitivo existia?

Marc tornou a sair e deu a volta na cabana. Nenhum dos detalhes descritos por Grand-Duc estava faltando. Terra revirada, pedras espalhadas por alguns metros, dois pedaços de madeira que poderiam um dia ter sido unidos para formar uma cruz. Existia de fato um túmulo junto àquela cabana e ele o havia profanado, em duas ocasiões, até encontrar, com sua peneira, uma argola de ouro e fragmentos de um recém-nascido humano.

O que isso mudava na situação atual?

Marc olhou as horas.

Eram 19h36.

Não tinha recebido mais nenhum torpedo de Lylie. Sentou-se num tronco de árvore morta a poucos metros da cabana. O sol se punha sobre aquele teto do mundo. O teto do seu mundo, pelo menos. Longe de tudo. Acompanhado apenas por uma louca. Não tão louca assim, aliás, nem tão perigosa ou má.

Havia perdido. Iria se deixar invadir e engolfar pelas lembranças dolorosas. Iria se comprazer naquela mórbida nostalgia para não pensar que, naquele exato instante, Lylie estava dormindo em seu quarto, na clínica, e que dali a algumas horas faria um aborto, porque o fruto de seu amor precisava ser condenado qual um fruto envenenado por causa de um insuportável princípio de precaução. Para não pensar, tampouco, que a única pessoa capaz de ajudá-lo, o assassino do seu avô, estava agora perambulando por algum lugar, solto, e que ele não tinha a menor chance de encontrá-lo ali.

Malvina foi até ele.

— Está na mesa!

Ela havia disposto sobre um canto de toalha a garrafa d’água, os pacotes de biscoito e o salame. Tudo bagunçado.

— Um lanchinho e tanto, não é?

Os dois comeram em silêncio. Agora somente a lua iluminava a cabana, que ganhava ares de casa mal-assombrada no meio de uma floresta de ogros. Ambos tinham consciência de que era tarde demais para descer, de que seriam obrigados a dormir ali em cima, juntos. Sem precisar trocar uma só palavra, concordaram; era para isso que tinham ido até lá.

Uma noite no Mont Terrible.

Dois órfãos perdidos em um cemitério sem túmulos.

Depois de arrumarem tudo, Marc pegou na mochila o caderno verde de Crédule Grand-Duc. Estendeu-o para Malvina.

— Tome. Deve fazer um tempo que você está atrás disso, não? Talvez você seja mais esperta do que eu.

— São as memórias daquele patife?

— Exatamente.

— Obrigada mesmo assim.

Ela pegou o caderno, seu saco de dormir, uma lanterna e entrou na cabana. Marc, por sua vez, afastou-se e saiu andando, iluminando apenas os próprios passos com o facho da lanterna. Passou vários minutos vagando pela floresta, traçando um largo círculo em volta da cabana. Quando voltou, a luz da lanterna de Malvina iluminava debilmente o interior da cabana feito a chama de uma vela dentro de um lampião.

Marc entrou. Ela estava dormindo, encolhida dentro do saco de dormir. Com o caderno de Grand-Duc aberto bem junto à cabeça.

Ele abriu um sorriso involuntário. Aquela moça quatro anos mais velha do que ele, torturada por todo o ódio acumulado dentro de si, o enternecia como outra irmã mais nova que ele tivesse de proteger.

Aproximou-se em silêncio, pegou o caderno verde e saiu da cabana. Voltou a se sentar no tronco e virou as páginas mecanicamente até chegar à última. Às derradeiras linhas.

Registrei neste caderno todos os indícios, todas as pistas, todas as hipóteses. Dezoito anos de investigação. Tudo anotado nestas cem páginas. Se vocês as tiverem lido com atenção, agora sabem tanto quanto eu. Talvez sejam mais perspicazes. Talvez sigam um caminho que negligenciei.

Talvez encontrem a chave, se é que ela existe. Talvez…

Por que não?

Para mim, está acabado.

Dizer que não tenho arrependimentos nem remorsos seria um exagero, mas fiz o melhor que pude.

“Fiz o melhor que pude.”

Nenhuma outra intuição lhe ocorreu. Tentou ligar para Lylie, mas, naquele

canto perdido da montanha, o celular não pegava. Praguejou contra a própria burrice. Ir se enfurnar ali tinha sido a pior ideia que já tivera. Precisou se contentar em ler os torpedos armazenados no telefone. Releu o último, recebido no furgão durante a tarde: *Marc. Vou entrar na sala de cirurgia amanhã de manhã, às dez. Está tudo certo. Não se preocupe. Ligo para você em seguida. Vai correr tudo bem. Um beijo, Émilie*.

No dia seguinte, às dez da manhã.

Ele se sentiu totalmente inútil.

O pio de uma coruja contribuiu para a atmosfera sinistra da noite. Algum tipo de ave de rapina noturna.

Ou um bufo-real, chamado de *grand-duc* em francês, pensou Marc sorrindo. Não tinha conhecimento algum sobre aves de rapina, e de toda forma o pássaro noturno estava escondido em algum lugar entre os galhos, fora de vista.

Apontou a lanterna. Só conseguiu iluminar as folhas.

— Onde você está se escondendo? — perguntou em voz alta. Sua voz se perdeu na montanha. — Está escondido, né? Encolhido no escuro? Quanto tempo faz que você está aqui, no alto deste morro, noite após noite, olhando, espionando? Quando aquele imenso pássaro de ferro se espatifou no seu reino, anos atrás, você já estava aqui, não estava? Georges Pelletier dormindo dentro da cabana, a cova que ele cavou, a pulseira, você viu tudo isso também, não viu? E Grand-Duc, anos depois, bancando o ladrão de túmulos. O que você viu? Hein? Me diga? — Um pio quase alegre lhe respondeu. — Está gozando com a minha cara, não é? Acha mesmo que não tenho mais nenhuma chance? Na verdade você tem razão…

Mas imagina. Imagina só. Minha filha tem 12 anos, estamos os dois sozinhos no meio da natureza, dentro de uma barraca. É de noite. Estou contando a ela sobre as estrelas. Estou dizendo algo como: “Naquela noite, filhinha, eu não estava nada bem, sabia? Estava lá em cima, no alto da montanha, no meio da completa escuridão. Mas precisava encontrar você no dia seguinte às dez da manhã. Sua mãe estava dormindo do outro lado do mundo. Por um triz, filhinha, você nunca teria visto estas estrelas, eu nunca teria escutado o seu riso, nunca teria segurado seus dedinhos. Papai salvou você na última hora, sabia? Ele foi muito esperto naquela noite.”

A lanterna tornou a percorrer os galhos. Uma sombra preta voou. Um bufo-real ou outra ave noturna.

— Tem razão, estou falando merda.

Voltou para a cabana. Estava com frio. Enfiou-se no saco de dormir e deitou-se ao lado de Malvina. De costas, podia ver o céu pelas aberturas do telhado. Como uma série de janelinhas que se abriam para o infinito. Precisava pensar

mais, ser o seu próprio torturador, questionar-se até seu inconsciente, sua memória e seu raciocínio lhe revelarem alguma coisa, qualquer coisa. Uma chave. Precisava usar cada minuto das horas que lhe restavam.

Bem perto dele, Malvina tinha o sono agitado. Mudava com frequência de posição, sem acordar, e de vez em quando dava uns gritinhos. Aos poucos, foi se aproximando dele, buscando instintivamente o calor de seu corpo. Será que já tinha dormido com um homem? Ao lado de um homem?

Já devia passar muito da meia-noite. Marc não havia pregado o olho na noite anterior. Pegou no sono sem perceber.

Exausto.

Dormiu três horas.

Foi o grito de Malvina que o fez acordar sobressaltado. Um grito demente. Ela estava em pé no meio da cabana, trêmula. Seus longos cabelos despenteados lhe davam o aspecto de uma bruxa amedrontada.

Duas pernas magras despontavam do suéter que ela ainda vestia. Seus dois pés saltitavam como se estivessem pisando em brasas.

— Está… está tudo bem? — perguntou Marc com uma voz engasgada.

— Está, sim. Não se preocupe comigo. Estou acostumada.

Ela tornou a se deitar. Marc a observou, preocupado.

— Está tudo bem, já falei!

— Tem certeza?

— Tenho, volte a dormir! Não preciso de babá. Não me encha o saco. Vai dormir, já falei!

— Não sei se vou conseguir.

— Então chupe o dedo. Você também deve ter aprendido a conviver com os próprios pesadelos. Se vire!

Ela lhe deu as costas. Seus dois sacos de dormir encostavam um no outro. Uma estranha intimidade.

Mais uma vez, Marc permaneceu de olhos abertos.

Quatro da manhã. Era agora ou nunca. Tinha de tentar alguma coisa agora, imediatamente. Depois seria tarde demais.

Malvina já tinha pegado no sono outra vez.

Mas tentar o quê? Continuou a encarar a noite. As estrelas surgiam e tornavam a sumir, decerto escondidas por nuvens invisíveis empurradas pelo vento do Jura. Como falsas estrelas cadentes a instigar desejos que não se realizam. Como a luzinha de um avião que, à noite, piscando, se confunde com as constelações. Mais próxima. Efêmera.

Tentar o quê?

Seus pensamentos não paravam de levá-lo de volta às últimas linhas do

caderno verde, ao suicídio abortado.

Será que Grand-Duc havia blefado?

Será que havia mesmo descoberto outra coisa naquela noite, após redigir as memórias e largar a caneta? Às cinco para a meia-noite? Algum fato novo que não tinha anotado no caderno? Marc tentou se lembrar: quais tinham sido as palavras exatas de Malvina no trem, na véspera? Concentrou-se. Diante de seus olhos, as duas únicas constelações que conseguia identificar, Ursa Maior e Vega, tinham acabado de sumir. As palavras de Malvina se imprimiram no breu da sua lembrança: "Crédule Grand-Duc ligou para a minha avó. Anteontem. Ainda estava vivinho da silva. Falou que tinha descoberto alguma coisa. A solução do caso todo, parece. Assim, às cinco para meia-noite do último dia! Bem na hora em que ia dar um tiro na própria cabeça diante da edição de 23 de dezembro de 1980 do *L'Est Républicain*! Ainda precisava de um dia ou dois para reunir as provas, mas afirmou ter certeza do que estava dizendo: tinha solucionado o mistério. E precisava de mais 150 mil francos também."

Marc passou e repassou essas palavras. Se o detetive não estivesse blefando, havia descoberto a solução bem na hora em que ia se matar com um tiro na cabeça no escritório de casa, na Rue de la Butte-aux-Cailles, em frente à lareira onde os arquivos queimavam. Na manhã da antevéspera, Marc tinha vasculhado o escritório nos mínimos detalhes sem nada encontrar. Malvina também… com exceção de um cadáver. O que ele teria deixado passar? Tentou visualizar a cena do suicídio de Crédule.

O cano da arma encostado na têmpora, a tinta do jornal que iria absorver o sangue. O que o levara a interromper o gesto? O que havia escutado? Ou visto?

Ou lido?

A ideia surgiu naturalmente, tão válida quanto outra qualquer: a edição de 23 de dezembro de 1980

do *L'Est Républicain*! O jornal era sem dúvida a última coisa que os olhos de Grand-Duc haviam encarado.

E se a solução estivesse impressa em um jornal de dezoito anos antes? Pensando bem, por que não?

Àquela altura do campeonato… se aquilo não fosse uma pista, pelo menos era um objetivo.

Ele se levantou sem fazer barulho para não acordar Malvina, que continuava a dar gritinhos em seu sono agitado. Jogou às pressas suas coisas dentro da mochila, tirou do bolso uma das páginas rasgadas do diário de Grand-Duc, virou-a e escreveu no verso: *Fui comprar croissants. Marc* Pôs o bilhete no chão, bem junto à cabeça de Malvina. Deixou o guia topográfico ali ao lado. Levaria o mapa. Olhou pela última vez para o corpinho de menina perdido

dentro do saco de dormir azul-acinzentado grande demais para o seu tamanho. Ela conseguiria muito bem se virar sozinha.

O sol ainda não tinha nascido, mas uma leve claridade já permitia entrever ao longe a linha da cresta da montanha. As estrelas iam se apagando uma após a outra. A aurora do último dia. Marc pensou em Lylie dentro de um quarto branco.

E começou a andar.

57

4 DE OUTUBRO DE 1998, 6H05

Seis da manhã. Grand-Duc se espreguiçou dentro do Xantia. Estava parado em uma estradinha de terra batida na qual tufos de grama tentavam sobreviver em meio aos sulcos dos pneus, bem na saída de Dannemarie, algumas dezenas de metros antes do chalé de Mélanie Belvoir. Ou melhor, Mélanie Luisans, sua nova identidade.

A localização do posto de observação era ideal. Ele podia distinguir com facilidade qualquer veículo que subisse de Dannemarie bem antes de ele passar à sua frente. Ver sem ser visto. O bê-á-bá de seu ofício. Fazia muitos anos que não passava uma noite de tocaia. Isso lhe lembrava sua juventude, antes do contrato com os Carville, as noites de vigília em frente aos cassinos do litoral de Nice ou do País Basco. O Xantia de Nazim era quase tão desconfortável quanto os ferros-velhos que ele dirigia na época.

Pegou uma garrafa térmica de café no espaçoso porta-luvas e se serviu em uma xícara de plástico. O contato do líquido ainda fervente lhe provocou uma careta.

Estava com tempo. Mélanie Belvoir só chegaria às nove da manhã. Trabalhava como enfermeira no centro hospitalar de Belfort-Montbéliard. No turno da noite. Havia passado um tempão falando com ela ao telefone, antes do início de seu plantão. E gravara a conversa, claro. Era o reflexo mais básico a se ter, considerando o tempo que levara para conseguir localizá-la. Depois disso, havia passado boa parte da noite na pensão Genevez retranscrevendo tudo em seu computador antes de imprimir.

Deu uma olhada no banco do carona. A cópia do telefonema estava ali ao seu lado, dentro de um envelope. Mélanie Belvoir-Luisans só teria que assinar.

Deu outro gole. O café tinha um gosto de plástico desagradável.

Quanto os Carville estariam dispostos a pagar por aquele envelope? Uma fortuna, sem dúvida. Uma verdadeira fortuna. Pelo menos o equivalente ao seu salário acumulado de dezoito anos…

Não tinha escrúpulo algum: os Carville podiam pagar, tinham recursos ilimitados. Em quanto iria avaliar o preço da própria consciência? Um tonel sem fundo entupido de notas?

Mordeu os lábios. Era a quentura do café. E a dor também. Como um aperto no coração. Poderia ter repartido aquela fortuna em duas partes… se Nazim

estivesse ali com ele. Talvez não duas partes iguais, mas o suficiente para o amigo e Ayla comprarem a casa na Turquia. Só que Nazim não quisera acompanhá-lo. Dessa vez não tivera coragem. “Eu sosseguei”, dizia. Na sua opinião, os Carville já tinham desembolsado o suficiente. O caso estava encerrado. Fim. Crédule sabia que não deveria ter erguido a voz. Nazim era um sujeito encantador, mas tinha o pavio curto.

— Olhe que eu chamo a polícia, Crédule — ameaçara ele. — Se você não parar de me importunar, sou bem capaz. Há tempos é isso que eu quero…

— Como assim, há tempos é isso que você quer? O que está insinuando?

Ele ficou com medo. Nazim raramente falava da boca para fora. Primeiro pediu explicações, garantias, e então a situação fugiu ao controle. Nazim foi o primeiro a sacar a arma. Crédule foi mais rápido no gatilho, só isso. Matar Nazim era a última coisa que poderia ter premeditado; o resto também foi de improviso. Quando a cabeça de Nazim caiu sobre o patamar da lareira, as ideias foram surgindo, e uma puxou a outra. Empurrar um pouco mais a cabeça para dentro da lareira de modo a torná-la irreconhecível, tirá-la só para raspar o que havia sobrado do bigode, vestir o cadáver com as suas roupas, calçá-lo com seus sapatos e pôr no pulso o relógio que sempre usava, só para o caso de Lylie ou Marc resolverem bancar os curiosos. Tampouco tinha previsto matar Ayla, mas a partir daquele momento não tivera mais escolha. Ele a conhecia: ela teria procurado a polícia na hora. Apesar de não ter participado de nada, Nazim sabia do assassinato do casal Vitral, claro, e o cretino devia ter contado tudo à mulher na cama. Por acaso era culpa sua Nazim não ser capaz de deixar Ayla fora de seus assuntos profissionais? Ela lhe telefonara na véspera e deixara recados apavorados. Ele fora obrigado a voltar para Paris. Cinco horas na autoestrada. A segui-la discretamente desde o restaurante no Boulevard Raspail até a Butte-aux-Cailles, depois ao bosque de Coupvray. A acabar com tudo lá, sem premeditação. E depois a voltar para o Jura a 180 quilômetros por hora pela rodovia A39. Para encurralar o carteiro e encerrar aquele caso.

Grand-Duc se forçou a engolir o conteúdo da xícara. Fez outra careta.

Nazim Ozan. Ayla Ozan.

Seus únicos amigos durante todos aqueles anos. Abatidos por sua própria mão.

Quanta ironia!

Sim, os Carville podiam pagar.

Não quisera nada, não decidira nada. Tudo havia acontecido contra a sua vontade. Uma longa engrenagem, e felizmente, agora, um belo prêmio de consolação.

Mélanie Belvoir.

A convidada-surpresa.

Grand-Duc verificou as horas nos números verdes iluminados do relógio retrô no painel do Xantia.

6h15.

Ainda tinha tempo. Estava muito adiantado.

Em relação a todo mundo.

58

4 DE OUTUBRO DE 1998, 6H29

Marc parou o Citroën em um estacionamento do centro de Montbéliard, a menos de 50 metros da sede do *L'Est Républicain*. Tinha levado cerca de uma hora e meia para descer do Mont Terrible, encontrara o furgão à sua espera, obediente, em frente à sede da reserva, e levara mais 45 minutos para chegar a Montbéliard. O garçom do primeiro café a abrir as portas lhe dera o endereço do jornal: Place Jules Viette, número 12.

A redação estava fechada! Lógico. Àquela hora, o que ele esperava?

Avançou alguns passos. Agarrava-se à própria quimera: descobrir uma verdade definitiva antes de Lylie entrar na sala de cirurgia, dali a menos de quatro horas.

À sua frente, uma cortina de ferro o impedia de distinguir qualquer detalhe dentro do escritório. Ele se virou para observar o estacionamento onde havia deixado o furgão. Três caminhões pintados com o logotipo do *L'Est Républicain* estavam parados ali. Pelo visto, àquela hora, a entrega dos jornais da manhã ainda não havia terminado. Nem tudo estava perdido!

Avançou rapidamente pela calçada, seguiu o Boulevard Cuvier e virou na rua sem saída chamada Maurice Deloraine. Deparou com uma grande atividade. Uma caminhonete estava atravessada na rua, e três operários carregavam a traseira com pilhas de jornais embalados em papel celofane. Uma rádio local transmitia bem alto um apresentador cômico que dava o horóscopo do dia.

— Olá — falou. — A redação está fechada?

Mordeu os lábios. Difícil arrumar pergunta mais imbecil. O operário o encarou e respondeu sem nem tirar o cigarro da boca: — Você deu sorte, vou abrir a secretaria daqui a cinco minutos. — Marc foi cegado por um breve clarão de esperança que mal durou o tempo de o operário tornar a falar: — Me dá só um tempinho para vestir uma saia e eu já atendo você.

Os outros dois explodiram em gargalhadas. Marc aguentou firme.

— Volte daqui a três horas, bonitinho. Agora a gente está ocupado, sacou?

Marc não arredou pé da frente dele. Afinal, o rapaz "bonitinho" era uma cabeça e meia mais alta do que o sujeito. Optou por uma estratégia de modéstia.

— Não posso esperar, meu senhor. Estou lhe pedindo esse favor. Não tem mesmo ninguém que possa abrir o escritório para mim? Só preciso de uma informação…

— Ele pode perguntar à mandona — respondeu outro operário do fundo do depósito.

Os três soltaram novas gargalhadas. Marc, não.

— Está bem, rapaz, se você faz mesmo questão…

O operário pressionou o botão de um pequeno interfone.

— Sra. Montaigu? Tem uma pessoa querendo falar com a senhora aqui na entrada do depósito.

Alguns minutos mais tarde, a tal Sra. Montaigu apareceu. A "mandona" era uma mulher pequenina e elegante, vestida com um terninho ajustado em volta de uma cintura de vespa cuja saia, na altura dos joelhos, revelava pernas bronzeadas e pés calçados com escarpins vermelhos; o conjunto era estragado por um rosto severo demais, que exprimia claramente muitos anos de privações para galgar cada degrau da hierarquia da empresa. Usava óculos miúdos na ponta do nariz e estava segurando um maço de listas compridas de computador com uma das mãos e uma caneta com a outra. A mandona…

— Qual é o assunto? — indagou ela, com o semblante fechado.

Marc tentou improvisar um plano. O que poderia dizer? Que pretexto poderia inventar para que a mandona Montaigu aceitasse abrir o arquivo do jornal às sete horas da manhã? Sacar o Mauser L110 e ameaçá-la… Ridículo.

— Então? — insistiu ela, dando uma olhada no relógio de pulso por cima dos óculos.

Marc entrou em pânico.

— Ahn… Escute, eu… Eu preciso consultar uma edição antiga do jornal. Muito antiga, para dizer a verdade. Uma edição específica: a do dia 23 de dezembro de 1980.

A mulher exibiu um pequeno sorriso.

— Pelo estado em que o senhor está, imagino que seja urgente.

— Para não dizer outra coisa…

— Bom, por mais urgente que seja, acho que a situação pode esperar a recepção abrir, às nove horas.

Os três operários, ainda ocupados descarregando as pilhas de jornais, não perdiam nenhuma palavra da conversa. A mulher já estava girando nos saltos altos e finos dos sapatos.

— Não! — gritou Marc.

Ela se virou e conseguiu exibir uma atitude ainda mais irritada. Sem pensar, Marc começou a falar: — Me escute, por favor… Minha mulher está esperando um filho. O nosso filho. Ela vai fazer um aborto daqui a duas horas porque tem uma dúvida em relação à identidade dos seus pais. Eu tenho bons motivos para acreditar que a prova da identidade deles está no jornal desse dia.

Montaigu arregalou os olhos, pasma. Os três operários haviam parado o que estavam fazendo. A mulher os fuzilou com os olhos, e eles retomaram o trabalho na hora. Ela então encarou Marc, exasperada.

— O senhor quer impedir que a sua mulher aborte, é isso? Acha mesmo que…

— Ah, porra! — gritou Marc. — Não me venha com algum comentário feminista de merda! Eu só quero olhar a edição do jornal. Só estou pedindo uma chance à senhora, uma pequena chance. — Pelo menos ele havia conseguido desestabilizá-la. Então prosseguiu: — A senhora se lembra do desastre aéreo no Mont Terrible?

Montaigu fez que não com a cabeça. Claro, pensou Marc; ela não devia ter muito mais de 10 anos na época. Paciência, ele precisava continuar: — Na época, o *L'Est Républicain* foi o único jornal a dar a notícia do acidente: "Libélula, a milagrosa sobrevivente das neves"! É dela que estou falando. É essa edição que quero consultar!

A mulher visivelmente não entendia nada. Estava vendida, e não gostava da situação. Havia aprendido em seu curso de administração que nunca se devia tomar uma decisão antes de ter uma quantidade suficiente de elementos para formar uma ideia precisa sobre a situação.

— Marcel — falou. — Você, que trabalha aqui há quarenta anos, se lembra dessa história de acidente aéreo no Mont Terrible?

Era tudo pelo que Marcel estava esperando. Discretamente, havia cuspido o cigarro no chão.

— É claro que lembro. Foi o maior drama aqui da região. No Natal de 1980. Quase duzentos mortos lá em cima, aqui pertinho.

— E o jornal estava envolvido?

— Mais do que isso! O jornal foi o único a dar a notícia sobre o acidente no mesmo dia.

Principalmente sobre a menina que escapou, a única sobrevivente, uma bebezinha. Todos os canais de TV reproduziram a matéria depois. O jornal ainda passou meses acompanhando o caso. Vou poupar a senhora dos detalhes, mas…

— Você se lembra do nome da sobrevivente? — cortou Montaigu.

— É claro que me lembro. Como poderia esquecer? Era normanda, chamava-se Émilie Vitral.

A mulher se virou para Marc.

— E o senhor, quem é?

— Marc Vitral.

— É marido dela?

Marc hesitou durante um segundo.

— Sou. Ou melhor, não. É… é meio complicado.

Ela não deu atenção ao comentário.

— Para que horas está marcado o aborto da sua mulher?

— Dez da manhã.

— Aqui?

— Não, em Paris.

— Que loucura. O senhor é louco.

— É uma emergência. Só quero consultar o tal jornal. Eu prometo, se conseguirmos salvar o bebê, a senhora vai ser a madrinha!

Ela irrompeu em uma sonora gargalhada.

— Que besteira! Não faça isso: odeio crianças. — Ela deixou passar uma última hesitação. — Bem, venha comigo.

Montaigu o acomodou no subsolo, em um amplo cômodo que funcionava como sala de arquivo. As paredes não eram pintadas e, na falta de janelas, a única iluminação provinha de compridas lâmpadas de néon. A classificação dos documentos era muito simples. Em grandes armários de madeira, as edições do jornal estavam armazenadas na horizontal, organizadas por ano e depois por trimestre.

Marc abriu a gaveta marcada com *1980, setembro-dezembro*. Começou a busca diretamente pelo fundo da pilha e encontrou sem dificuldade a edição de 23 de dezembro. Pousou-a sobre a mesa de trabalho no meio da sala.

Uma imensa fotografia em cores ocupava a primeira página quase inteira: uma carcaça de avião destruída rodeada por árvores em chamas. Uma cena de horror. Neve, fogo e metal pareciam ter se unido para aniquilar toda a vida humana. A esperança era representada por outra imagem, menor, na qual um bombeiro carregava um recém-nascido em frente ao hospital de Belfort-Montbéliard. Lylie.

Algumas linhas comentavam a foto: *Acidente dramático do Airbus 5403 Istambul-Paris na encosta do Mont Terrible, fronteira entre a França e a Suíça, na noite de 22 para 23 de dezembro de 1980. Dos 169 passageiros e tripulantes, 168 morreram na hora ou vítimas do incêndio que consumiu a aeronave. A única e milagrosa sobrevivente foi uma neném de três meses ejetada no momento do impacto, antes que a fuselagem pegasse fogo*.

E só.

Passou vários minutos examinando aquelas fotos, os rostos em segundo plano, a fuselagem, as chamas, cada uma das árvores, as marcas negras na neve. Lendo e relendo as poucas linhas.

Nada. Nada de novo.

Uma pista falsa. Um beco sem saída. Mais um. Dessa vez, definitivo.

Apoiou a cabeça nas mãos, endireitou um pouco as costas e observou as paredes brancas da sala.

Foi então, somente então, que seus olhos recaíram sobre as outras notícias do jornal. Não havia quase nada. A vitória por 3 a 1 do Sochaux contra o Angers no futebol; um protesto dos funcionários da indústria de armações de óculos perto de Morez, no Haut-Jura; detalhes sobre a turnê do Papai Noel pelos municípios da região.

E bem no pé da página, quase um tijolinho, com nove palavras apenas, um alerta de busca.

Mélanie Belvoir. 18 anos. Desaparecida há três semanas.

O alerta estava acompanhado por uma pequena foto colorida. Três centímetros por dois.

Marc quase desmaiou. Não era possível. Só podia ser uma falsificação. Uma montagem.

O rosto daquela moça de 18 anos, Mélanie Belvoir, era o rosto de Lylie.

Não era a foto de uma moça parecida, não. Era ela. Mesmos olhos azul-turquesa, mesmo formato das maçãs do rosto, mesmo sorriso, mesma covinha no meio do queixo. Apenas o penteado era ligeiramente diferente, pois Lylie tinha os cabelos um pouco mais curtos.

O retrato publicado naquele jornal antigo era a cópia exata da foto recente de Lylie, a que estava grampeada em sua carteira de estudante, a que estava colada em seu passe de transporte público, a que Marc guardava preciosamente na carteira.

Que loucura!

Na mesma página de jornal do dia do drama, 23 de dezembro de 1980, uma foto mostrava Lylie aos 3

meses de idade, carregada por um bombeiro em frente ao hospital, e outra a exibia aos 18 anos, bela e sorridente, a mesma de quem Marc havia se despedido dois dias antes, em 2 de outubro de 1998.

Será que estava ficando maluco?

Será que estava tendo um sonho do qual iria acordar, todo suado, ao lado de Lylie?

Ou pior…

Ao lado de Malvina, dentro da cabana no Mont Terrible?

59

4 DE OUTUBRO DE 1998, 7H12

Os raios do sol entravam pelas frestas do telhado da cabana feito lasers no cofre-forte de um banco em um filme policial. Um deles bateu no rosto de Malvina. Ela primeiro saboreou aquele agradável calor na bochecha, em seguida se revirou várias vezes no saco de dormir, e por fim abriu os olhos.

Com um gesto mecânico, tateou o saco de dormir vizinho, o de Marc.

Mas encontrou apenas a terra nua.

Ninguém.

Nenhum saco de dormir, nenhum corpo cálido. Ninguém.

Apenas um recado em uma folha de papel: *Fui comprar croissants. Marc* Babaca! E ainda se achava engraçado.

Junto ao bilhete, o guia topográfico. A mensagem era clara. “Se vire!”

Malvina resmungou e se levantou com um pulo. Que idiota! Deveria ter desconfiado, jamais poderia ter acreditado em um Vitral. Agora estava ali, com cara de idiota, sozinha no alto do Mont Terrible, com um celular sem sinal. Tinha caído como uma criança na armadilha, e agora só lhe restava uma solução: descer a montanha.

Deixou tudo jogado dentro da cabana — saco de dormir, lanterna, os restos da frugal refeição da véspera — e partiu. Nem uma vez sequer durante a descida olhou para o sol nascente que dava às montanhas suíças um aspecto de Himalaia.

Uma hora mais tarde, a sede da reserva natural apareceu. Algumas crianças já se divertiam em volta do parquinho enquanto os pais, alguns metros mais atrás, passavam um tempo interminável amarrando os cadarços dos sapatos de caminhada. Nenhum furgão da Citroën no estacionamento. É claro! Aquele Vitral filho da puta a tinha abandonado mesmo.

Automaticamente, consultou o celular. Enfim estava captando um sinal! Poderia sair daquele fim de mundo. Um pequeno envelope amarelo chamou sua atenção na tela: um recado na caixa postal. Alguém tinha tentado falar com ela entre a noite da véspera e aquela manhã. Decerto sua avó. Quem mais poderia ser? Digitou as teclas do telefone e reprimiu um movimento de surpresa. A mensagem vinha de um número desconhecido.

Marc Vitral? Crédule Grand-Duc?

“Malvina, aqui é Rachel. Rachel de Carville, sua tia-avó.”

Rachel? Sua tia-avó, herdeira da perfumaria Elytis, em La Baule. O que ela

poderia querer? Devia fazer dez anos que as duas não se falavam.

“Malvina, minha pobrezinha, me ligue assim que puder. Aconteceu uma coisa terrível lá na Roseraie, em Coupvray. Querida, meu Deus… Sua avó e seu avô não acordaram. Foram encontrados cada um na sua cama, sem respirar. Eles foram para o céu juntos, meu anjo.”

Malvina desligou o celular. Seu braço caiu como se o aparelho de repente pesasse uma tonelada.

Encarou a floresta escura e se deixou invadir por aquele silêncio das montanhas que lhe era desconhecido. Passou muito tempo assim. Sua mão, então, escorregou em direção à bolsa. Não deveria mais pensar, nem chorar, nem rezar. Precisava agir. Compreender. Vingar-se. Precisava se concentrar em um único objeto, muito real, muito vivo.

Dentro da bolsa, seus dedos apertaram o cabo do Mauser L110. Vitral se achava mais esperto, mas não deveria ter pegado no sono naquela noite; quando ela queria, sabia muito bem bancar a louca e simular um pesadelo. Tinha apenas recuperado o que era seu. De toda forma, aquele Marc Vitral mentiroso teria sido incapaz de usar um revólver.

Ao contrário dela.

60

4 DE OUTUBRO DE 1998, 7H19

— Alô, Jennifer?

Marc ainda não tinha saído da sala de arquivo do *L'Est Républicain*. Sua colega do setor de informações da France Telecom estava de plantão durante todo o fim de semana. Aquele era seu único trunfo, e ele não podia desperdiçá-lo.

— Sou eu de novo. Preciso que você me faça um enorme favor.

— O que você quiser. Você sabe…

— Preciso de um telefone e de um endereço. Mélanie Belvoir. B-E-L-V-O-I-R.

— Onde?

— Procure primeiro nos municípios do Jura e do Doubs. Depois em qualquer lugar da Franche-Comté.

Depois na França inteira…

— Pode deixar.

Pôde ouvir o ruído suave dos dedos de Jennifer digitando em um teclado. Não conseguia desgrudar os olhos da foto na manchete do *L'Est Républicain* de 1980. Daquela semelhança surreal. Quem poderia ser aquela Mélanie Belvoir? Com certeza havia uma explicação racional.

— Sinto muito, Marc — falou Jennifer. — Não encontrei nada. Nenhuma Mélanie Belvoir nem no Jura nem em qualquer outro lugar da França.

— Talvez esteja fora do catálogo.

— Também verifiquei. Nada.

— Porra. Tem mais gente com esse sobrenome na França?

— Peraí.

Mais ruídos de dedos-metralhadora saíram do fone.

— Sim, 348.

— E no Jura?

— Um instante… Ah, diminuiu. Só 23, mas nenhuma Mélanie.

— Porra! Ela pode ter mudado de nome.

— Quem é essa tal de Mélanie?

— A história é comprida demais para eu lhe explicar. Uma história de malucos, mas eu só tenho mais alguns minutos para inventar o fim. Jennifer, você consegue checar se tem alguma solicitação de cancelamento de linha em

nome de Mélanie Belvoir?

— Como é que se faz isso?

— Tem que ser no arquivo. Dá para entrar usando a conta de administrador. Você pode pesquisar as solicitações de cancelamento desde que o sistema foi informatizado, pelo menos os últimos quinze anos.

— Marc, é proibido entrar como administrador. Isso dá demissão por justa causa.

— Que nada! Já entrei umas dez vezes. Por favor, Jennifer, é uma emergência.

— Estou avisando, menino, isso vai lhe custar um jantar a dois. Com estrela do Michelin e tudo o mais a que eu tiver direito.

— Está certo, o que você quiser. Vai.

Tornou a escutar o tamborilar das teclas do computador.

— Jennifer, eu tenho namorada, sabe. Em vez do restaurante, que tal… você não preferiria ser madrinha de um bebezinho que ajudou a salvar?

A resposta foi imediata:

— Está de sacanagem comigo? Não estou nem aí para o seu pirralho! No mínimo duas estrelas, o restaurante. Eu mereço. Achei a tal mulher aqui. Ela cancelou a linha cinco anos atrás, no dia 23 de janeiro de 1993. Na época morava em Belfort, na Rue du Comte de la Suze. Desde então, pufff, sumiu do mapa.

— Jennifer, cheque as solicitações de encaminhamento de chamada!

— O quê?

— Encaminhamento de chamada! Em geral, quando os clientes cancelam uma linha, é porque se mudaram ou foram morar na casa de outra pessoa, então eles pedem que durante alguns meses as ligações para o antigo telefone sejam transferidas para o novo. Isso também está no arquivo, dá para verificar pela conta de administrador.

— Você ficou maluco! Três estrelas, o restaurante. E champanhe à vontade.

— Está bem, com violinistas húngaros e até go-go boys, se você quiser.

— É claro que vou querer!

Marc aguardou na linha. Os segundos lhe pareceram intermináveis.

— Você tinha razão — disse Jennifer por fim. — Mélanie Belvoir solicitou o encaminhamento das chamadas para a residência de Laurent Luisans. Imagino que você vá querer o endereço: ele mora em Dannemarie, no Doubs. Route de Villars, número 456. Você sabe que o que estou fazendo é rigorosamente confidencial, não sabe? O que quer com essa tal de Mélanie? É uma ex sua? Tem alguma coisa a ver com a lista de hospitais que eu lhe passei anteontem?

Marc anotou o endereço com gestos febris no primeiro papel que apareceu na

sua frente: a primeira página do *L'Est Républicain*.

— Você é demais! Ganhou o restaurante. E pode ser que ganhe até umas balas também. Posso lhe pedir um último favor? Você está na internet?

Ela suspirou.

— Estou.

— Entre em um site de mapas e me dê o caminho mais curto para chegar nesse endereço.

— Puta que pariu… Devo ser uma besta mesmo. Sabe onde você pode enfiar as suas balas?

O furgão vermelho e laranja da Citroën galgava lentamente a estrada regional 34. Depois de Montbéliard, ela subia direto em direção à fronteira com a Suíça, 10 quilômetros mais adiante. Marc mantinha o pé afundado no acelerador, mas isso não parecia surtir grande efeito. A urbanização contínua foi rareando à medida que a altitude aumentava. A regional serpenteou um pouco ao pé de um riacho de montanha, depois recomeçou a subir. Os vilarejos foram ficando mais escassos, e apenas alguns chalés espaçados ainda indicavam uma ocupação humana no sopé da cordilheira.

A cidadezinha de Dannemarie se descortinou depois de uma curva. Segundo as instruções de Jennifer, o chalé de Mélanie Belvoir-Luisans ficava logo na saída, subindo mais ainda em direção à Suíça, logo abaixo da linha do cume. O Citroën entrou no vilarejo deserto. Eram oito da manhã. Não havia sequer uma padaria ou café abertos.

Mais uma curva, e ele começou a sair da cidade.

Marc freou. Engatou a ré, e depois de uma complicada manobra estacionou junto à calçada.

Não iria se atirar na boca do lobo outra vez! Sem dúvida alguma, Crédule Grand-Duc também estava procurando Mélanie Belvoir. Em todos aqueles anos de visitas a Dieppe, o detetive tinha aprendido a reconhecer o furgão laranja e vermelho. Seria difícil passar despercebido! Chegar de Citroën na casa de Mélanie era o mesmo que chegar lá tocando uma corneta.

Fazia um pouco de frio. Marc avançou a passos rápidos, tomando cuidado para andar pelo acostamento inclinado, fora da estrada. Viu o Xantia depois da terceira curva. O carro estava dissimulado em uma estradinha de terra que saía da principal. Logo acima, viu um chalé isolado; não havia dúvida: era a casa de Mélanie Belvoir. Subiu um pouco mais o acostamento pela grama úmida de orvalho. Foi em frente.

Mesmo pelo retrovisor do Xantia, não era possível vê-lo se aproximar.

Grand-Duc aguardava tranquilamente, com uma xícara branca na mão, sem desconfiar de nada. Marc continuou a avançar escondido. Sabia que, em caso de

necessidade, poderia sempre usar o Mauser que pegara de Malvina, mas seu plano era outro, se é que se podia chamar aquilo de plano. Mais direto!

Crédule tinha quase 65 anos; Marc tinha 20 e um preparo físico de jogador de rúgbi. Eles iriam acertar as contas de homem para homem.

O detetive não teve tempo de reagir. A porta do Xantia se abriu bruscamente. Uma sombra saída do nada agarrou seu braço, depois o ombro. Ele se viu atirado no chão da estradinha, com a cara na terra.

Ainda não conseguira identificar seu agressor quando um violento chute lhe rasgou as costelas.

Contorceu-se de dor. Um segundo chute o acertou no cóccix.

O detetive urrou.

— Puta que…

O grito interrompido se perdeu na imensidão do silêncio da montanha. Um terceiro chute, na base das costas, obrigou-o a se virar. A sombra assomava diante de seu corpo encolhido.

Era Marc Vitral.

Como o rapaz conseguira ligar os pontos? Como conseguira encontrá-lo? E tão depressa?

— Marc? — balbuciou ele. — Como… como é que você…

Ele cuspiu sangue no chão de terra e tentou se levantar. Marc pisou em seu peito.

— Não se mexa… Não se mexa, senão esmago você feito uma barata.

— Marc, o que é…

— Cale a boca. Não venha de novo com esse seu blá-blá-blá. Faz dois dias que estou tendo de aturar as suas frases de babaca. Sua vida, sua investigação, seus devaneios hipócritas.

Pisou com um pouco mais de força no peito de Grand-Duc. Sem conseguir respirar, o detetive fez uma careta. Marc falou devagar: — Não vamos brincar de gato e rato. Vamos direto ao ponto. Direto ao ponto, lembra? Igual às partidas de futebol que eu via sentado no seu colo, lá em Dieppe. No colo do assassino do meu avô. Da minha avó também, se você tivesse tido sucesso.

— Marc, você não acha que…

Marc apoiou a sola do sapato na cara de Grand-Duc, espremendo ao mesmo tempo o queixo, a boca e o nariz. Sufocado, o detetive se contorceu. Quando Marc retirou o pé, ele cuspiu uma mistura de sangue e lama.

— Não tenho mais tempo para escutar suas mentiras, Crédule, cara de bule. Crédule, dedo-duro, isso sim…

O detetive tornou a cuspir. Parecia estar com dificuldade para respirar.

— Como… como você descobriu? Foi… Foram os Carville que lhe

contaram? Mathilde? Malvina?

— Adivinhei sozinho, veja só… Sozinho, feito gente grande.

— Eu… eu não queria, você tem que acreditar em mim. Só… só fiz o que me mandaram. Me arrependi. Depois disso sempre fui sincero… Eu amava…

O chute dessa vez o acertou na clavícula. O detetive rolou para o lado e tornou a ficar de costas.

Tocou o ombro com a mão ensanguentada.

— Pare, Marc. Pare com isso… por favor.

— Então cale a boca! Me poupe dessa lenga-lenga de remorso, de carrasco apaixonado… Não vim aqui para isso! O que quero é saber a identidade da Lylie. A verdade!

Pela primeira vez, uma espécie de sorriso surgiu no rosto desfigurado de Grand-Duc.

— Quer dizer que você não entendeu? Pelo menos não tudo… Ainda precisa pelo menos um pouco dos serviços do detetive.

Marc tornou a erguer um pé ameaçador.

— Não sei. Cabe a você me provar isso.

— Como conseguiu me encontrar… tão depressa?

— Sou menos lento que você, só isso. Não tente ganhar tempo, não tenho um segundo sequer a perder.

Que história é essa de DNA? E a foto da Lylie naquele jornal?

Grand-Duc tentou sorrir outra vez.

— Sobre o seu avô… alguém me entregou ou você adivinhou mesmo sozinho?

— Adivinhei sozinho, já disse! Já falei para não tentar ganhar tempo.

Outro chute atingiu o detetive nas costelas. Ele deu um berro e rolou de lado. Marc teve vontade de pisoteá-lo. Deu um passo à frente. Contorcendo-se de dor, Grand-Duc esticou o braço junto à perna.

Marc entendeu na hora o que ele estava tentando fazer: pegar uma arma!

Felizmente, havia previsto isso. Mergulhou a mão na mochila para sacar o Mauser e apontá-lo para…

A mochila estava vazia!

O revólver tinha sumido.

Marc viu as imagens passarem diante de seus olhos. Malvina durante a noite, em pé, acordada enquanto ele dormia, fingindo ter tido um pesadelo. Agora era tarde para se lamentar.

Crédule já estava com o Mateba apontado para ele.

— Você se mostrou bem rápido, Marc. Sério, estou impressionado. Mas se deixou levar pelos próprios sentimentos. Clássico. Apesar de ter todas as cartas

na mão, um velho caído aos seus pés e a solução à sua espera no banco do carona daquele Xantia. A continuação e o fim do meu famoso caderno. Um envelope explicando tudo, que espero conseguir vender por uma fortuna. Tudo o que você tinha a fazer era se abaixar para pegar…

O detetive se levantou, titubeante. Seu lábio cortado sangrava bastante. O casaco bege comprido estava sujo de terra e sangue. Não conseguia se apoiar muito bem sobre a perna direita. Marc era incapaz de emitir um som qualquer. Iria fracassar ali tão perto do objetivo… estupidamente.

— Você me detonou direitinho, seu filho da mãe. Não poupou esforços. Enfim, reconheço que mereci.

No seu lugar, teria feito a mesma coisa. Ou pior.

O detetive avançou um pouco e tocou com o braço ileso o ombro dolorido, sem deixar de apontar o revólver para Marc.

— Você não me deixa escolha, Marc. Entende isso? É o único que sabe a verdade sobre o assassinato do seu avô, o único vivo agora, com exceção do mandante, é claro, mas o velho Carville não está em condições de revelar nada. Matar você é a última coisa que eu poderia querer, Marc. Mas como posso agir de outra forma?

Por fim, as palavras se destravaram. Marc falou baixinho, virando os olhos na direção do Xantia.

— Com Nazim Ozan também você não pôde agir de outra forma? O detetive se apoiou com dificuldade na perna machucada.

— A vida é uma caixinha de surpresas, Marc. É difícil nadar contra a corrente. Mais difícil ainda subir uma corredeira. Seis dias atrás, eu estava a ponto de me matar com um tiro na cabeça, de morrer na minha própria casa. Sozinho. Fim de jogo. Foi por poucos minutos. Hoje ganhei a partida, mas, contra a minha própria vontade, tive de assassinar a sangue-frio Nazim e Ayla, as duas pessoas mais importantes do mundo para mim. Agora será a terceira.

Marc batia os dentes. Sentia o corpo inteiro gelado. Três metros o separavam do detetive e do cano do Mateba. Era inútil tentar avançar e desarmar Grand-Duc. Se esboçasse o menor gesto, tinha certeza de que seria abatido. A estrada permanecia desesperadamente vazia, e de toda forma, escondidos como estavam, era quase impossível distingui-los.

— Marc, deixe-me explicar. Me pagaram uma fortuna para assassinar um casal e disfarçar o crime como acidente. Eu já tinha matado várias vezes, nos quatro cantos do mundo, em troca de um salário miserável de mercenário… nada a ver com a fortuna que Léonce de Carville me ofereceu. Ninguém recusa uma proposta assim. Eu por acaso podia prever, na época, que iria me afeiçoar à sobrevivente?

Chega! Grand-Duc não era louco. Nem sequer tinha essa desculpa. As palavras saíram da boca de Marc contra a sua vontade. Será que ele ainda esperava comover aquele homem?

— Lylie está grávida. De mim. Ela vai fazer um aborto daqui a uma hora.

O revólver não tremeu.

— Era óbvio que isso ia acontecer, Marc. Era a sequência lógica dos acontecimentos. Você errou em vir aqui bisbilhotar. Errou feio. Poderia ter tido uma vida feliz com Lylie. Vocês formavam um casal muito bonito. Lylie vai ficar inconsolável. Mas você não me deixa escolha… Vamos logo com isso, não é?

Sem conseguir fazer mais nenhum gesto, ele apontou o Mateba para o coração de Marc. Tudo iria acabar ali. Por mais estranho que fosse, imagens alegres da Rue Pocholle começaram a desfilar pela cabeça do rapaz: a Copa de 1986, o pênalti de Fernández, a camisa de Didier Six, Lylie ao piano.

— Nada disso era para ter acontecido, Marc, toda essa tristeza, toda essa dor. Não é culpa de ninguém.

Talvez de Mélanie Belvoir. Mas ela também pensava estar fazendo a coisa certa.

Preciso me mexer, pensou Marc. Pular nos pés dele…

Como se houvesse adivinhado a sua intenção, Grand-Duc recuou sem soltar o revólver.

— A gente se agarra à vida, Marc, o problema é esse. O único problema, mesmo quando não resta mais esperança. Toda essa guerra entre os Carville e os Vitral foi em vão. Como todas as guerras. Um mal-entendido. Acho que agora você compreendeu a verdade. As duas morreram, Marc, naquela noite no Mont Terrible. Émilie e Lyse-Rose. As duas morreram no acidente. Pode acreditar, Marc, lamento muito por isso.

O dedo de Grand-Duc apertou o gatilho.

No silêncio da manhã branca, o tiro reverberou entre os picos das montanhas. O eco deve ter se propagado até a Suíça.

61

4 DE OUTUBRO DE 1998, 8H14

Crédule Grand-Duc desabou de cara no chão. Uma poça de sangue escorria de suas costas como uma pequena nascente de água rubra.

Malvina surgiu empunhando o Mauser L110 com as duas mãos estendidas em frente ao corpo. Sua voz fina rompeu o silêncio:

— Não vá pensar que atirei para salvar a sua vida, Vitral! É que não suporto que digam que Lyse-Rose morreu.

Ela deixou o Mauser cair no chão a seus pés. Seu corpo todo tremia. Dessa vez não era mais um blefe: tinha atirado. E matado.

— Você… Como…?

— Eu… eu não sou mais burra do que você — respondeu Malvina, nervosa. — Também pensei no jornal. Grégory Morez, o cara da reserva, me levou de 4x4 até a redação do *L'Est Républicain*. Você tinha mastigado o trabalho todo para mim. A edição de 23 de dezembro de 1980 ainda não tinha nem sido guardada, e você inclusive escreveu na manchete o endereço de Mélanie Belvoir. Anotei-o e me joguei dentro de um táxi. Pedi ao motorista para me deixar logo ali embaixo, na saída de Dannemarie.

Marc hesitou. Como deveria agir? Agradecer a Malvina e lhe dar um abraço? Não fazer nada, deixá-

la ali? Chegou mais perto. Ela contraiu o corpo.

— Não toque em mim!

Ela desabou no chão feito um fantoche desarticulado. Começou a soluçar. Marc só conseguiu distinguir fragmentos de palavras irreais.

— A vovó, o vovô… Ontem eles partiram. Foram embora. Embora…

Ele se virou e foi abrir a porta do Xantia. Grand-Duc não tinha mentido: em cima do assento havia um envelope branco. Marc o rasgou para abrir. Encontrou quatro folhas datilografadas. Andou até Malvina. Ainda aos prantos, ela continuava prostrada, encolhida em posição fetal. Ele se sentou ao seu lado. Começou a ler baixinho: "— Vou lhe contar tudo, Sr. Grand-Duc. Afinal de contas, nunca fiz nada de errado e não tenho nada a me recriminar. Já que o senhor me encontrou, está na hora de eu falar. Tinha de fazer isso algum dia.

Digamos que chegou a hora. Fui uma adolescente difícil, como se costuma dizer. Aos 17 anos, já não tinha mais muita relação com meus pais. Já largara a escola fazia tempo. Vivia à toa, como tantos outros. Meus pais conseguiram me

arrastar até a agência nacional de empregos. Fui pulando de estágio em estágio até arrumar um trabalho de reabilitação de algumas semanas no setor de “meio ambiente” da Reserva Natural do Haut-Jura. Consistia principalmente em catar lixo na floresta. Clássico. Com um pequeno grupo de outros estagiários, eu estava sob as ordens de Grégory Morez, engenheiro da reserva responsável pelo Mont Terrible. Ele era um homem incrivelmente bonito e muito carinhoso com as mocinhas que faziam o seu tipo. Tinha uma espécie de dom para tocá-las, para esbarrar nelas sem parecer insistente. Era mais de dez anos mais velho do que eu. Assim como muitas outras, me apaixonei por ele. Fizemos amor pela primeira vez ao ar livre, em meio à vegetação rasteira, dentro daquela floresta que ele conhecia tão bem. Depois disso, repetimos várias outras vezes, todos os dias durante o estágio, e ainda por várias semanas em seguida. Por toda parte, nos lugares mais inacreditáveis. Eu sabia que ele tinha outros casos, mas achava que comigo fosse diferente, que estivesse realmente apaixonado. Quis acreditar nas promessas dele. Um clichê, não é, Sr. Grand-Duc? A jovem ingênua e o sedutor…

— E depois?

— Eu engravidei. Levei tempo para perceber, umas seis semanas. Já tinha começado minha descida rumo ao inferno. Sem trabalho. Uma família que eu evitava cada vez mais. Amigos cada vez menos frequentáveis. Uma obsessão suicida por Grégory Morez. Por seu corpo. Pelo prazer que ele me proporcionava.

— Ele era o pai?

— Era. Nunca dormira com nenhum outro homem. Contei para ele uma noite, depois de transarmos, no quarto de um hotel vagabundo na periferia de Belfort.

— E qual foi a reação dele?

— Típica, Sr. Grand-Duc. Uma reação típica. Me expulsou do quarto dizendo que eu era uma putinha que estava tentando encurralá-lo, que não havia prova alguma de que ele fosse o pai e que o melhor seria eu fazer um aborto.

— Mas a senhora não fez.

— Não… Tampouco cheguei de fato a tomar a decisão de ter o bebê. Simplesmente deixei as semanas passarem, sem reagir. A sétima, a oitava. Tudo aconteceu muito depressa. Grégory continuava a me obcecar. Eu parecia uma louca. Tinha certeza de que conseguiria fazê-lo mudar de ideia, de que conseguiria recuperá-lo. Estava no fundo do poço. Já não tinha mais casa, dormia em qualquer lugar, ia à casa dos meus pais menos de uma vez por semana. Quando a gestação ficou visível demais, não voltei. Só telefonava.

— A senhora deu à luz no hospital?

— Sim. Em Montbéliard, no setor de patologia. Acabara de completar 18 anos. Meu estado era lamentável. O bebê não nasceu muito grande, pouco mais de 2 quilos. No dia 27 de agosto de 1980.

Uma menina. Saí do hospital uma semana depois, com a documentação do registro que ainda não tinha preenchido e que joguei no lixo.

— É simples assim?

— Bem, Sr. Grand-Duc, em uma semana de hospital devo ter cruzado com várias dezenas de enfermeiras diferentes e quase o mesmo número de médicos. O hospital ainda deve ter algum indício, em alguma pasta, do nascimento da minha filha. A prova de que ela existe. Mas quem iria checar se essa criança ainda está comigo, se eu a estou criando? Nenhum membro da minha família nunca soube nada sobre ela.

— E que nome a senhora deu a essa menina?

— Ela nunca teve nome. Estranho, não é? No hospital, eu disse que ainda não tinha decidido, que estava esperando o pai. Fui embora com minha filha. Minha queda foi vertiginosa, em poucas semanas.

Cortei os laços que ainda tinha com meus amigos de infância, minha família. Era verão. Dormia na rua, com a neném pendurada no meu peito o dia inteiro. Vivia exausta. Me encontrava com pessoas que não me julgavam. Bêbados, drogados. Não conseguia mais tomar decisão nenhuma. Não sabia se voltava para casa chorando e caía nos braços dos meus pais. Os dois trabalhavam na Alsthom, na linha de montagem dos trens de alta velocidade em Belfort. Não sabia se procurava Grégory com a criança e tentava convencê-lo. Minha filha já tinha olhos azuis incríveis, um pouco parecidos com os meus, mas sobretudo como os do pai, magníficos olhos claros de cachorro-lobo. Não sabia se ficava e morria ali mesmo, na sarjeta…

— E como tomou a decisão de ir embora?

— Não tive escolha: uma adolescente vagando pelas ruas de Montbéliard com um bebê, as pessoas acabam reparando. Em algumas semanas, o serviço social começou a me importunar. Eu podia até ser maior de idade, mas entendi como aquilo iria acabar. Eles entregariam a criança para adoção e me levariam para casa, em Belfort. Sem perguntar a minha opinião. Preciso confessar, Sr. Grand-Duc, que a essa altura eu já não tinha feito apenas coisas dentro da lei. Tinha vendido drogas, roubado. Tinha vendido o meu próprio corpo também, várias vezes. Acho que o senhor entende que, para sobreviver, eu precisava sair de Montbéliard.

— Foi nessa época que a senhora encontrou Georges Pelletier?

— Foi. Um pobre coitado. Um perdido feito eu, que precisava se afastar de tudo. Da polícia, do serviço social, da família também; todo mundo estava atrás

dele, assim como de mim. Ele gostava de mim, me achava bonitinha, apesar de tudo. Acho que aquele tarado já se via como meu cafetão. Nunca o deixei me tocar. Mas, enfim, nós dois tínhamos interesses em comum. Fugir juntos. O Jura, o Mont Terrible me pareceu uma escolha óbvia. Ficava pertinho de Montbéliard, e ninguém iria nos procurar lá.

Estávamos na primeira semana de dezembro, ainda não fazia muito frio e tínhamos o hábito de dormir ao relento. E, principalmente, lá eu poderia reencontrar Grégory. Cruzar com ele. Ele iria me reconhecer, reconhecer a criança. Os olhos da menina. Não poderia negar que era o pai dela. Sei que pode parecer loucura, Sr. Grand-Duc, mas eu estava louca mesmo. Grégory Morez era minha única tábua de salvação. Eu ainda acreditava em nós dois.

— E a senhora encontrou com ele?

— Eu e Georges fomos morar em uma cabana que tínhamos encontrado lá perto do pico do Mont Terrible. Não fazia calor, mas nós acendíamos fogueiras, tínhamos um teto e, no fim das contas, era quase melhor do que na rua. Já vou responder à sua pergunta, Sr. Grand-Duc. Sim, encontrei com Grégory Morez. Quase todos os dias. O Mont Terrible não é muito alto, a floresta não é muito grande.

Nós nos esbarramos, eu com minha filha no colo. Ele não me reconheceu, Sr. Grand-Duc! Nem sequer olhou para mim. Em poucos meses, eu tinha passado da condição de menina jovem, relativamente gostosa, à de lixo. Tinha engordado. Meus seios não passavam de dois pedaços de carne flácida e caída.

Meus olhos tinham perdido o brilho. Estava irreconhecível.

— E a senhora também não falou com ele?

— O senhor não está entendendo. Me senti humilhada. Profundamente humilhada. Ele nem sequer me reconheceu. Será que eu estava tão feia assim? Será que ele tinha encontrado outras mulheres desde então? Eu entendi, Sr. Grand-Duc, que ele nunca mais iria me tocar. Que nunca mais iria querer saber de mim. Como imaginar, então, que ele pudesse querer saber da minha filha? Minha última esperança havia morrido na encosta do Mont Terrible. Eu não tinha mais nada. Minha filha era como uma bola de chumbo amarrada à minha perna, uma excrescência de mim mesma, e nós duas estávamos afundando juntas. Não vá pensar que eu não amava a menina, Sr. Grand-Duc, que todo o meu instinto materno havia morrido. Ah, não! Muito pelo contrário. Só que eu não tinha mais nada para oferecer a ela. Nem pai. Nem leite eu tinha mais. Nem mesmo um nome. O senhor sabe o que é isso? Foi então que, de repente, a neve começou a cair na montanha. Era a manhã de 22 de dezembro. Nós havíamos nos esquentado o máximo possível durante o dia dentro da cabana, em volta de uma fogueira. Eu precisava cuidar de tudo. Pelletier passava quase o tempo todo

cheirando cocaína, e se eu não estivesse lá teria morrido congelado. Eu tinha de expulsá-lo da cabana para ir catar lenha.

— A noite caiu…

— Sim. E a nevasca dobrou de intensidade. Pelletier estava doidaço. Acho que nem escutou a colisão.

A cabana vibrou com o acidente, parecia um terremoto, como se o mundo estivesse acabando. Da casa dava para ver as árvores queimando a um quilômetro de distância, debaixo da neve. Fiquei fascinada.

Enrolei minha filha em um cobertor e saí. Não estava frio, pelo contrário: por causa daquele enorme braseiro, dava para sentir o calor arder na pele.

— A senhora não sentiu medo?

— Não. Em momento algum. Foi uma cena estranha, irreal. A neve e o fogo. E aquele avião caído ali, no meio da montanha, todo retorcido, as chamas fundindo o aço diante dos meus olhos como se fosse uma borracha qualquer. Eu sabia que era a primeira testemunha do desastre, mas não pensei que o socorro fosse demorar tanto a chegar.

— Foi então que a senhora o viu?

— O bebê, o senhor quer dizer? Sim, foi nessa hora.

— E ele… ele estava…

— Sim, já estava morto. Todo inchado. Tinha morrido com o impacto, vários minutos antes. Nenhum bebê poderia ter sobrevivido sozinho naquele inferno lá em cima. Não sei como as pessoas puderam acreditar nessa fábula… O bebê estava morto, Sr. Grand-Duc. E na mesma hora eu pensei que era uma injustiça.

— Como assim?

— Uma crueldade, se preferir. Uma família inteira iria chorar a morte daquele bebê. Era uma menininha; ela estava de vestido. Haveria luto. Uma vida arruinada. E eu era incapaz de oferecer um futuro à minha própria filha. Minha neném estava viva, e continuaria viva sem ninguém, sem família, tendo apenas a mim, e eu contava muito pouco. Entende o que quero dizer quando falo em "crueldade"?

Em "injustiça"?

— Entendo…

— Sim, não é muito difícil. A bebezinha morta na neve tinha quase a mesma idade da minha filha. Agi sem pensar. Como posso explicar? Pela primeira vez na vida, tive a sensação de estar sendo útil de verdade. De realizar uma espécie de ato de coragem. De salvar uma vida, foi isso que pensei. Salvar uma vida, uma família, salvar minha filhinha também. É um pouco o que devem sentir os médicos, os bombeiros. Foi esse sentimento, que tanto me espantou nessa noite, que me deu vontade de virar enfermeira ou algo do tipo depois, bem depois de

tudo isso. De salvar vidas.

— A senhora despiu o cadáver da neném morta?

— Para salvá-la, Sr. Grand-Duc. Para salvá-la! Eu já lhe disse, o senhor não entendeu? Estava entregando a minha filha sem futuro a uma família amorosa, decerto rica, que jamais ficaria sabendo do meu sacrifício, que iria chorar de alegria com aquele milagre, sem nunca desconfiar de nada. Havia quase um quê de sagrado naquele ato.

— Mas não foi o que aconteceu. Nem de longe.

— Como é que eu poderia ter adivinhado? Como poderia ter adivinhado que havia duas recém-nascidas no avião? Ambas mortas, como todos os outros passageiros. Como poderia ter imaginado as consequências? Nessa noite, pensei estar agindo como uma santa. É, uma santa. Depois acompanhei o caso todo nos jornais. As duas famílias se engalfinhando. O julgamento. O que eu poderia dizer? O que poderia fazer, a não ser ficar calada? Tudo deveria ter sido bem mais simples… Esperei pelo socorro durante quase uma hora com a minha filha no colo, vestida com as roupas novas. Quando ouvi ao longe os primeiros bombeiros se aproximarem, quando vi as lanternas e ouvi os gritos, pus minha filha na neve, suficientemente longe do avião para ser aquecida pelas chamas sem se queimar. Beijei-a pela última vez. Dali a algumas horas ela iria ganhar uma nova família. Fugi pela noite quente carregando o corpinho da neném morta enrolado no cobertor.

— Foi a senhora quem a enterrou ao lado da cabana?

— O que mais eu poderia ter feito? O senhor teria alguma outra sugestão? Pelletier continuava dormindo, ainda cheirado. Cavei o chão feito uma louca, com as mãos, no meio da neve. Fiquei encharcada. Minhas mãos se cobriram de sangue. Passei um tempão cavando. Quando ele chegou por trás de mim, eu já tinha quase terminado. O cadáver da neném já estava dentro do túmulo. Antes de cobri-la com terra, inventei umas preces, porque não sabia rezar. Pelletier quase enlouqueceu, achou que eu tivesse matado minha filha…

— Mas ele entendeu quando viu a pulseira no braço da neném?

— Isso. Na pressa, em momento algum prestei atenção na joia. Uma pulseira gravada. *Lyse-Rose*. Já Pelletier viu a pulseira na hora. Percebeu que era de ouro também. O acordo foi simples. Eu a dava e ele ficava de bico fechado. Arrancou a pulseira do braço da menina e foi embora. Nunca mais o vi. Ainda fiquei ali mais um pouco. Enchi o túmulo com terra molhada de neve. Tateando, catei pedras e pedregulhos e os empilhei por cima. Quase não conseguia mais flexionar os dedos gelados. Demorei uma eternidade para produzir uma cruz com pedaços de madeira. Passei o resto da noite dormindo dentro da cabana, junto às cinzas da fogueira. Ou melhor, não, acho que não dormi nessa noite.

Nem nas noites seguintes.

— A senhora voltou ao túmulo nos anos seguintes?

— Voltei… mas isso o senhor já sabe. Aos poucos, a vida foi entrando nos eixos. Meus pais me procuraram, mandaram publicar aqueles tais alertas de busca nos jornais. Acabei voltando para Belfort.

Retomei os estudos. Virei enfermeira, como já falei. Seis anos atrás, conheci Laurent Luisans. Ele é maqueiro no hospital. Meus pais já tinham certa idade; meu pai morreu faz cinco anos e minha mãe, no ano passado. Eu e Laurent não somos casados, mas quis usar o nome dele. Ele não sabe nada sobre o meu passado. Ninguém sabe, aliás. Laurent quer um filho. Ainda não é tarde demais para mim. Tenho só 36 anos. Mas sei lá… É complicado, entende?

— Entendo sim, Mélanie. Mas a senhora não me respondeu sobre o túmulo.

— Estou chegando lá. Sim, voltei todos os anos. Todo 27 de agosto, dia do nascimento da minha filha.

Era como se fosse a minha própria filha que eu tivesse enterrado ali no Mont Terrible, entende? Minha própria filha, não uma desconhecida. Não aquela tal de Lyse-Rose. Eu ia lá cuidar do túmulo, pôr flores na cruz. Em um determinado ano, já faz muito tempo, em 1987, percebi que alguém tinha remexido as pedras, que as tinha mudado de lugar. Quem poderia ser? Sabia que o caso Vitral-Carville não estava encerrado, sabia, aliás, que jamais estaria, que era impossível isso acontecer.

— Pensou que alguém poderia exumar o cadáver enterrado dentro de um cobertor ao lado da cabana.

Um detetive tenaz, por exemplo.

— Sim. Fiquei com medo. E se, ao exumar aquele cadáver, alguém exumasse o meu passado? Esvaziei o túmulo. Eliminei a última prova.

— E cavou outro túmulo em outro lugar? Mais discreto?

— Isso não é da sua conta, Sr. Grand-Duc. É assunto meu. O que o senhor vai fazer agora?

— Não sei. Podemos nos encontrar?

— Acho que não tenho muita escolha. Estou à sua mercê, como se diz. Quanto antes, melhor. Laurent começa a trabalhar amanhã às cinco da manhã. Eu estou de plantão à noite. Vida de funcionário de hospital não é simples, sabe? Largo às oito da manhã em Montbéliard e vou direto para casa. Pode ser amanhã de manhã às nove, na minha casa? Se o senhor conseguiu me achar depois de todos esses anos, imagino que saberá encontrar o caminho… Conto com a sua discrição, Sr. Grand-Duc. Eu mudei de vida. Não foi simples, mas consegui esquecer. Não quis fazer mal nenhum naquela noite, lá no alto do Mont Terrible. Muito pelo contrário. Não podia prever…

— Prever o quê?

— …

— Prever o que, Mélanie?

— … que a minha filha se pareceria tanto comigo aos 18 anos.”

Passava um pouco das nove da manhã. A leve bruma junto às encostas da cordilheira do Jura começava a se dissipar em véus em direção aos cumes. Marc foi o primeiro a ver o carrinho branco algumas curvas mais abaixo, bem antes de Dannemarie. Um Fiat Panda. O automóvel se aproximou devagar, passou por eles e foi estacionar alguns metros mais acima, bem em frente ao chalé de persianas azul-celeste. Marc reparou no adesivo com um símbolo de enfermagem colado no vidro traseiro. A motorista, de quem eles só puderam distinguir os cabelos louros, permaneceu imóvel diante do volante por vários segundos. Por fim, os faróis do carro se apagaram.

A porta, ao se abrir, revelou o sorriso cansado de um rosto estranho e conhecido.

62

20 DE MAIO DE 1999

MATERNIDADE DE AUBÉPINES, DIEPPE

Tom dormia a sono solto no bercinho de plástico transparente. Seu peito subia e descia devagar. Tudo o que dava para distinguir era um rosto pequenino, bochechudo, e cabelos louros surpreendentemente compridos para um bebê de 4 dias.

Marc segurava a mão de Lylie. Ela estava cansada. Seus olhos se fechavam sem que conseguisse controlá-los. Ela saboreou aquela calma. Finalmente estava sozinha com Marc e Tom. Inspirou o silêncio como se fosse um ar fresco rarefeito antes que alguma enfermeira entrasse no quarto como um furacão.

Nicole tinha acabado de sair. Com delicadeza, Lylie a fizera entender que precisava descansar. Sua avó teria sido capaz de passar o dia e a noite inteiros ali, velando o sono do pequeno Tom. Toda Dieppe já estava a par da notícia. Ela primeiro fizera uma visita a Pierre no cemitério de Janval, mas depois havia recuperado as pernas dos 20 anos e fora de comerciante em comerciante anunciar o nascimento.

Um bisneto! Por pouco não tinha distribuído panfletos. Marc aguardava, angustiado, a hora em que Dieppe inteira, do prefeito ao diretor do porto comercial, iria aparecer com um buquê na mão.

A cabeça de Lylie pendeu sobre o ombro de Marc, sentado ali na beira da cama. Ele não se atreveu a fazer mais nenhum movimento. Com a pontinha dos dedos, pegou o pequeno cartão enviado por Mélanie Belvoir, que chegara grampeado em um enorme buquê de rosas. Três vezes maior do que o comprado pelo próprio Marc.

Boa sorte para o pequeno Tom. Lylie, não soube ser sua mãe. Peço mais uma vez que me perdoe por isso. Quem sabe você me aceita como avó? Tentarei recuperar como puder o tempo perdido, tudo o que desperdicei com o meu silêncio. Acho que não é tarde ainda, se você quiser. Por Tom, pelo menos. Quem nunca sonhou em ter uma vovó de 36 anos?

Cuide bem de Marc.
Mélanie

Até então, Lylie não quisera encontrar a mãe. Mélanie não insistira. Lylie não tinha coragem, precisava de tempo. Tom seria o vínculo entre as gerações. Mal fazia três minutos que ela estava descansando quando uma enfermeira entrou no quarto.

Impossível ter paz, pensou Marc.

Mas era por um bom motivo! A mulher entrou carregando com dificuldade um imenso embrulho de presente.

— Um mensageiro acabou de entregar — explicou. — Felizmente, nem todo dia recebemos presentes deste tamanho! O cartão para o papai, o embrulho para a mamãe.

A enfermeira saiu. Lylie arregalou os olhos diante do presente. Dois metros de altura por um de largura!

— Abra! — falou Marc.

— Parece um presente do Smurf Joca — comentou Lylie. — Tem certeza de que não vai explodir?

— Depende de quem tiver mandado.

Enquanto ele abria o pequeno envelope branco, Lylie começou a desembrulhar o presente, rasgando as grandes tiras de papel colorido que envolviam o papelão.

Marc reconheceu na hora a caligrafia miúda e quase ilegível.

Malvina.

Foi tomado por uma sensação de plenitude.

— De quem é? — perguntou Lylie, ainda tentando abrir o presente.

— De uma amiga — respondeu Marc baixinho. — Uma amiga muito querida.

— Ah, é?

Ela terminou de arrancar o papel. Então, rasgou o papelão com as duas mãos. Um imenso urso de pelúcia marrom e amarelo saiu da caixa. Ela deu um grito de alegria: — Meu Deus! Que lindo!

Marc conseguiu decifrar no cartão os garranchos de Malvina: *Para o moleque*.

É melhor ele cuidar bem do presente.

Não pôde reprimir um sorriso. Apertou com muita força a mão de Lylie, em seguida se virou para o urso.

— Oi, grandão. Você estava esperando esta hora chegar faz tempo, não é? A

hora de conhecer a nossa Lylie!

A jovem mãe arregalou os olhos.

— Lylie, esse é o Banjo.

MICHEL BUSSI



Michel Bussi (1965) nasceu em Louviers, na França, está entre os 10 autores mais vendidos em seu país. Já ganhou 15 prêmios literários e foi finalista de outras 9 premiações, tornando-se um dos mais prestigiados escritores de policiais. Quando não escreve, é professor de Geografia na Universidade de Rouen e comentarista político.

